ASSASSIN'S
CREED®
REVELAÇÕES
OLIVER BOWDEN
GALERA

Obras do autor publicadas pela Editora Record

Série Assassin's Creed

Renascença
Irmandade
A cruzada secreta
Renegado
Revelações

OLIVER BOWDEN

ASSASSIN'S CREED

REVELAÇÕES

Tradução de
Domingos Demasi

1ª edição

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bowden, Oliver
B782r Revelações [recurso eletrônico] / Oliver Bowden ; tradução de Domingos Demas. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013. recurso digital (Assassin's creed)

Tradução de: Assassin’s Creed: Revelations
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sequência de: A cruzada secreta
ISBN 978-85-01-40293-6 (Recurso Eletrônico)

1. Assassinos - Ficção. 2. Ficção inglesa. 3. Livros eletrônicos. I. Demas, Domingos. II.Título. III. Série.

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Título original em inglês:
Assassin’s Creed®: Revelations

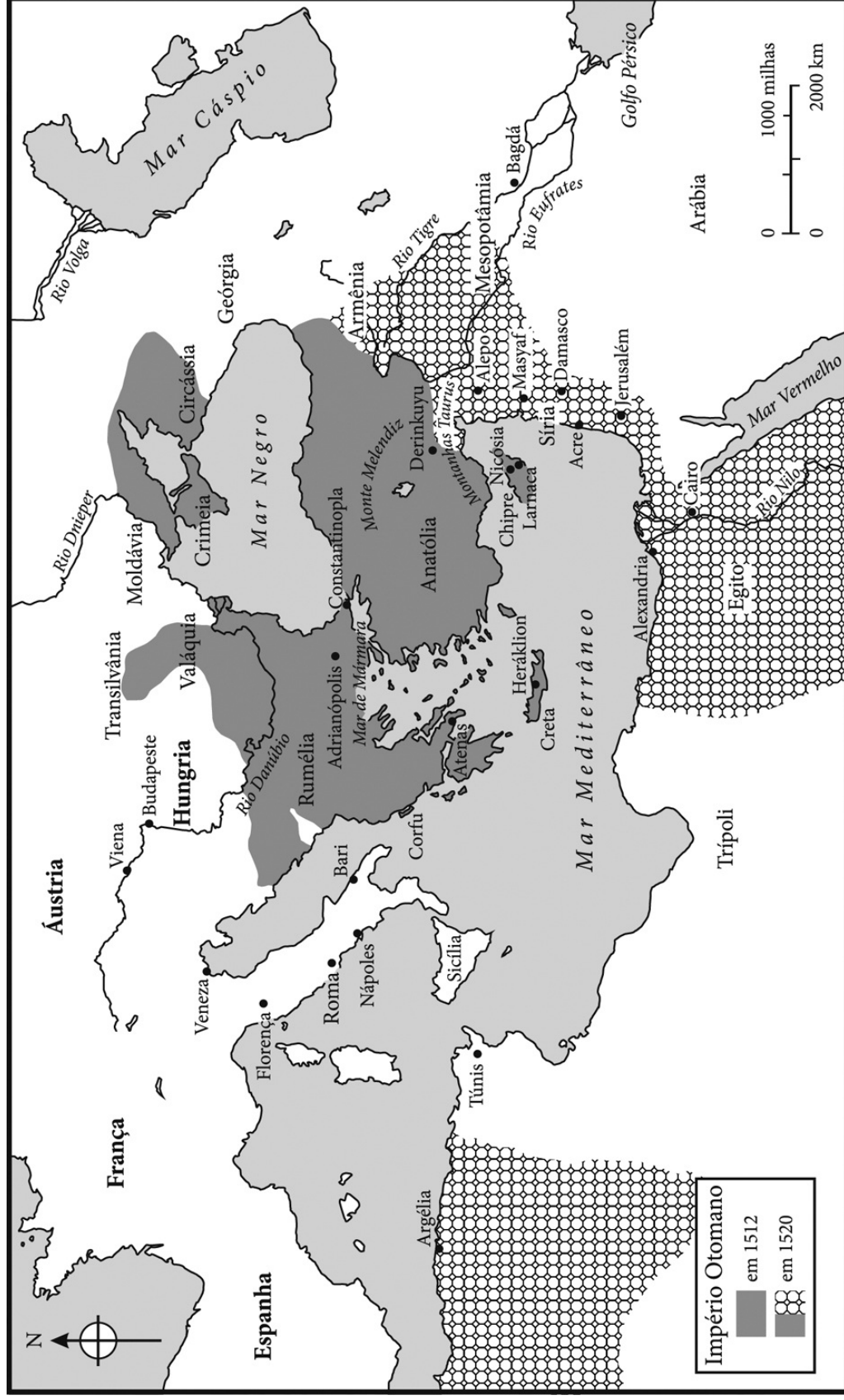
Primeiramente publicado na Grã-Bretanha em inglês por Penguin Books Ltd.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu’s System

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40293-6

O Império Otomano no século XVI

Parte Um

Quando eu me encontrava na metade do caminho da vida,
Me vi em meio a uma selva escura:
Perdi o rumo, desviado do caminho certo.
É difícil descrever aquela selva cruel —
Que ainda agora a lembrança renova o medo —

— Dante, *Inferno*

I

No céu firme e claro, uma águia planava alto.

O viajante, empoeirado, castigado pela estrada, desviou os olhos dela, pôs-se de pé, pulou um muro baixo e tosco e ficou imóvel por um momento, vasculhando o cenário com olhos astutos. As montanhas escarpadas com os picos cobertos de neve cercavam o castelo, protegendo-o e confinando-o, enquanto se erguia em seu cume elevado a torre de menagem abobadada refletindo o domo menor da torre-prisão vizinha. Rochas férreas prendiam-se como garras às bases de suas muralhas completamente cinzentas. Não era a primeira vez que ele o via — um dia antes havia tido um primeiro vislumbre, no crepúsculo, a partir de um penhasco que havia escalado a um quilômetro e meio a oeste. Construído como se por feitiçaria naquele terreno impossível, em harmonia com rochas e penhascos que com ele uniam forças.

Finalmente tinha chegado ao seu destino. Após doze exaustivos meses de viagem. Durante uma jornada tão longa — os caminhos difíceis e o clima severo.

Agora agachado, por precaução, e mantendo-se quieto enquanto instintivamente checava as armas, o viajante permanecia atento. A qualquer sinal de movimento. Qualquer um.

Nenhuma alma nas ameias. Flocos de neve rodopiavam em um vento cortante. Mas nenhum sinal de alguém. O lugar parecia deserto. Exatamente como esperava, de acordo com o que havia lido a respeito. A vida, porém, lhe ensinara que era sempre melhor se certificar. Permaneceu quieto.

Nenhum som, a não ser o do vento. Então — algo. Um som de algo arranhando? Diante dele, um punhado de cascalhos deslizou por um declive a

sua esquerda. Ele ficou tenso, levantou-se depressa, com a cabeça recuada entre ombros abaixados. Então a flecha golpeou seu ombro direito, atravessando a armadura.

Ele cambaleou um pouco, fazendo uma careta de dor enquanto a mão foi até a flecha, levantando a cabeça, olhando firme para o amontoado de uma elevação nas rochas — um pequeno precipício, talvez com uns seis metros de altura —, que se erguia diante do castelo e servia como uma muralha externa natural. Em seu cume apareceu agora um homem em uma sombria túnica vermelha com vestes cinzentas e armadura. Carregava a insígnia de capitão. A cabeça, descoberta, era completamente raspada, e uma cicatriz marcava o rosto, atravessando de cima para baixo, da direita para a esquerda. Ele abriu a boca em uma expressão que era parte rosnado, parte sorriso de triunfo, exibindo dentes podres e irregulares, marrons como as lápides de um cemitério abandonado.

O viajante puxou a haste da flecha. Embora a ponta tivesse perfurado a armadura, atravessando apenas o metal, mal havia furado a pele. Quebrou a haste ao meio e jogou-a para o lado. Ao fazer isso, avistou cem ou mais homens armados, vestidos de modo semelhante, alabardas e espadas prontas, enfileirados ao longo do cume de ambos os lados do capitão com a cabeça raspada. Elmos com proteção para o nariz escondiam seus rostos, mas as insígnias com a águia negra nas túnicas diziam ao viajante quem eram, e ele sabia o que poderia esperar daqueles homens se o pegassem.

Estaria ficando velho, por cair em uma armadilha tão simples? Mas tomara todas as precauções.

E isso nunca havia acontecido.

Recuou, pronto para enfrentá-los, enquanto se precipitavam abaixo para a plataforma de terreno escarpado em que se encontrava, espalhando-se para cercá-lo, mantendo o comprimento de suas alabardas entre eles e sua presa. Podia sentir que, apesar de estarem em maior número, o temiam. Sua reputação era conhecida, e tinham razão em serem cautelosos.

Ele avaliou as pontas das alabardas. Duplas: machado e pique.

Flexionou os braços e, dos punhos, saltaram duas finas, cinzentas e mortais lâminas ocultas. Firmando-se, desviou o primeiro golpe, sentindo que este fora hesitante — queriam tentar pegá-lo vivo? Então começaram a atacá-lo de todos os lados com suas armas, tentando fazer com que se ajoelhasse.

Ele girou e, com dois movimentos precisos, partiu os cabos das alabardas mais próximas. Quando a ponta de uma delas voou, ele recolheu uma das lâminas ocultas e agarrou a cabeça da alabarda quebrada antes que ela caísse no chão. Segurando o toco do cabo, enterrou a lâmina do machado no peito de seu antigo dono.

Então, apertaram o cerco, e ele teve tempo apenas de se curvar quando uma rajada de ar assinalou a passagem do giro de uma alabarda que se movimentava como uma foice sobre ele, errando suas costas curvadas por poucos centímetros. Ele se virou de modo brutal e liberou a lâmina esquerda, que talhou fundo as pernas do agressor que se encontrava a sua frente. Com um uivo, o homem desabou.

O viajante pegou a alabarda caída, que um momento antes quase tinha acabado com sua vida, e girou-a no ar, cortando fora as mãos de outro de seus atacantes. As mãos arquearam pelo ar, os dedos dobrados como se implorassem misericórdia, uma pluma de sangue como a curva de um arco-íris vermelho seguindo atrás deles.

Isso os deteve por um momento, mas aqueles homens tinham visto coisas piores, e o viajante teve apenas um segundo de intervalo antes de avançarem novamente. Ele rodou a alabarda e deixou que a lâmina penetrasse fundo no pescoço de um homem que, um instante antes, havia feito um movimento para derrubá-lo. Largou o cabo e recolheu a outra lâmina oculta a fim de liberar as mãos para segurar um sargento que brandia uma espada de folha larga, atirando-o em cima de um grupo de seus soldados e arrancando-lhe a espada. Avaliou o peso do objeto, sentindo o bíceps enrijecer ao segurá-lo com as duas mãos e erguê-lo bem a tempo de partir o elmo de outro alabardeiro, dessa vez aproximando-se pela retaguarda, do lado esquerdo, esperando pegá-lo desprevenido.

A espada era boa. Melhor para esse trabalho do que a leve cimitarra a seu lado, adquirida na viagem, ou as lâminas ocultas para ação a curta distância. Elas nunca o decepcionaram.

Mais homens agora surgiam do castelo. Quantos seriam necessários para subjugar esse único homem? Amontoaram-se a seu redor, mas ele rodopiou e saltou para confundi-los, procurando se livrar da pressão deles ao se arremessar nas costas de um dos homens. Depois se levantou, apoiando-se, desviando um

golpe de espada com a dura braçadeira de metal do punho esquerdo e virando-se para enfiar a própria espada na lateral do atacante.

Mas então — uma calma momentânea. Por quê? O viajante parou, recuperando o fôlego. Houve um tempo em que não precisaria recuperar o fôlego. Ele ergueu a vista. Ainda cercado por soldados em cota de malha.

Entre eles, porém, o viajante avistou subitamente outro homem.

Outro homem. Caminhando entre eles. Despercebido, calmo. Um jovem de branco. Fora isso, vestido como ele, e usando o mesmo capuz sobre a cabeça, o capuz pontudo, como o seu, terminando à frente em uma ponta pronunciada, como o bico de uma águia. Os lábios do viajante abriram-se admirados. Tudo parecia silencioso. Tudo parecia parado, exceto pelo jovem de branco, caminhando. Firme, calma, destemidamente.

O jovem parecia caminhar em meio ao combate como um homem caminharia por uma plantação de milho — como se nada daquilo de modo algum o atingisse ou o afetasse. Seria aquela fivela que segurava seu equipamento igual à que o viajante usava? Com a mesma insígnia? A que tinha sido marcada na consciência e na vida do viajante por cerca de trinta anos — tão certamente quanto, muito tempo atrás, fora marcada em seu dedo anular?

O viajante pestanejou e, quando abriu os olhos, a visão — se é que tinha sido isso mesmo — desaparecera, e o ruído, os cheiros e o perigo haviam retornado, por toda a volta, fechando-se sobre ele, fileira após fileira de um inimigo que ele sabia não poder superar ou dele escapar.

Mas, de algum modo, não se sentiu tão sozinho.

Não havia tempo para pensar. Agora o fechavam mais opressivamente, tão assustados quanto furiosos. Choveram golpes, demais para serem rechaçados. O viajante lutou arduamente, derrubou mais cinco, dez. Combatia, no entanto, uma hidra com mil cabeças. Um espadachim grandalhão aproximou-se e baixou sobre ele uma lâmina com dez quilos. Ele ergueu o braço esquerdo para desviá-la com a braçadeira, virando-se e, ao fazer isso, baixando a própria espada pesada a fim de fazer as lâminas ocultas entrarem em ação. Mas o atacante tinha sorte. O *momentum* do golpe dele foi desviado pela braçadeira, mas, ainda assim, foi poderoso demais para ser repelido completamente. A espada deslizou na direção do pulso esquerdo do viajante e fez contato com a lâmina oculta do lado esquerdo, fazendo com que ela saltasse com um estalido. No mesmo instante,

desequilibrado, o viajante cambaleou sobre uma pedra solta aos pés e torceu o tornozelo. Não conseguiu evitar cair de cara no chão pedregoso. E ali ficou.

Acima dele, o círculo de homens se fechou, mantendo entre eles e a presa a distância de suas alabardas, ainda tensos, ainda temerosos, ainda não ousando triunfar. Mas as pontas de seus piques faziam contato com as costas do viajante. Um movimento e estaria morto.

E ele não estava pronto para isso, ainda.

O triturar de pedras sob botas. Um homem se aproximou. O viajante virou ligeiramente a cabeça para ver o capitão de cabeça raspada parado acima dele. A cicatriz lívida no rosto. Curvou-se próximo o bastante de modo a fazer com que sentisse seu hálito.

O capitão puxou para trás o capuz do viajante, o suficiente para ver seu rosto. Sorriu ao ter sua expectativa confirmada.

— Ah, o Mentor chegou. Ezio Auditore da Firenze. Estávamos a sua espera... como, sem dúvida, deve ter percebido. Deve ter sido um choque e tanto, para você, ver a antiga fortaleza de sua Irmandade em nossas mãos. Mas isso fatalmente aconteceria. Apesar de todos os seus esforços, estávamos prestes a triunfar.

O capitão endireitou-se, virou-se para os soldados que cercavam Ezio, duzentos homens fortes, e vociferou uma ordem.

— Levem-no para a cela da torre-prisão. Antes, coloquem grilhões nele, e apertados.

Colocaram Ezio de pé e, apressada e nervosamente, prenderam-no firme.

— Apenas uma curta caminhada e uma porção de degraus — disse o capitão. — Então é melhor você rezar. Nós o enforcaremos pela manhã.

Muito acima deles, a águia continuava a busca por uma presa. Ninguém se importou com ela. Com sua beleza. Sua liberdade.

2

A águia continuava a dar voltas no alto. Em um céu azul-claro, a cor enfraquecida pelo sol, embora ele agora estivesse um pouco mais baixo. A ave de rapina, com uma silhueta escura, girava e girava, mas agora com uma finalidade. Sua sombra pairou sobre as rochas bem lá embaixo, denteando-se ao passar por elas.

Ezio observava pela janela estreita — não mais do que um talho na pedra grossa — e seus olhos estavam tão agitados quanto os movimentos da ave. Seus pensamentos também estavam agitados. Teria viajado para tão longe e por tanto tempo apenas para tudo acabar assim?

Cerrou os punhos e seus músculos sentiram a ausência das lâminas ocultas, que durante tanto tempo lhe serviram muito bem.

Mas tinha uma ideia de onde haviam guardado suas armas, após o terem emboscado, subjugado e levado para ali. Um sorriso sombrio se formou em seus lábios. Aqueles soldados, o antigo inimigo, como se surpreenderam por aquele velho leão ainda ter tanto poder de combate.

E ele conhecia aquele castelo. De mapas e desenhos. E os estudou tão bem que estavam impressos em sua mente.

Mas ali estava ele, na cela em uma das torres mais altas da grande fortaleza de Masyaf, a cidadela que um dia tinha sido o baluarte dos Assassinos, havia muito tempo abandonada, e agora capturada pelos Templários. Ali estava ele — sozinho, desarmado, faminto e sedento, com as roupas sujas e rasgadas, esperando a qualquer momento o som dos passos dos carrascos. Mas sem intenção de ir calmamente. Sabia por que os Templários estavam ali; tinha de

detê-los.

E ainda não o tinham matado.

Mantinha os olhos na águia. Conseguia enxergar cada pena, cada asa, o abanar da cauda pintada de castanho-escuro e branco, como sua própria barba. O branco puro das pontas das asas.

Lembrou-se do passado. Rastreou a rota que o levara até o local onde estava... Para a situação em que se encontrava.

Outras torres, outras ameias. Como as de Viana, de onde tinha lançado Cesare Bórgia para a morte. Isso tinha sido no Ano de Nosso Senhor de 1507. Havia quanto tempo atrás? Quatro anos. Bem que poderiam ter sido quatro séculos, de tão distante que parecia agora. E, nesse meio-tempo, outros vilões, outros supostos donos do mundo, tinham entrado e saído de cena, na busca pelo Mistério, na busca pelo Poder, e, para ele, feito enfim prisioneiro, a batalha para se opor a eles havia continuado.

A batalha. Sua vida inteira.

A águia dava voltas e girava, os movimentos agora concentrados. Ezio a observava, sabendo que ela havia localizado uma presa e estava focada nela. Que vida poderia haver lá embaixo? Mas a aldeia que sustentava o castelo, encurvada e infeliz em sua sombra, teria gado e até mesmo um pedacinho de terra cultivada em algum lugar ali perto. Talvez um bode lá embaixo entre a confusão de pedras cinzentas que entulhavam as colinas circundantes; ou um jovem, inexperiente demais, ou um velho, cansado demais, ou então alguém que tinha sido ferido. A águia voava contra o sol, a silhueta momentaneamente eclipsada pela luz incandescente. Então, estreitando sua órbita, ficou parada, suspensa finalmente, pairando ali na vasta arena azul, antes de mergulhar, estrepitando pelo ar como um raio... e fora de vista.

Ezio se afastou da janela e olhou em volta da cela. Uma cama, de madeira escura e dura, sem colchão — apenas tábuas sobre ela —, e também um banquinho e uma mesa. Nenhum crucifixo na parede, e nada mais, exceto a concha e a tigela simples de peltre que continha o ainda intocado mingau de aveia que tinham dado a ele. Aquilo e uma caneca de madeira com água também intocada. Apesar da fome e da sede, Ezio temia drogas que pudessem enfraquecê-lo, deixá-lo sem forças quando chegasse o momento. E era plenamente possível que os Templários tivessem drogado a comida e a bebida que lhe deram.

Deu uma volta na estreita cela, mas as ásperas paredes de pedra não lhe forneceram nem consolo nem esperança. Nada havia ali que pudesse usar para escapar. Suspirou. Havia outros Assassinos, outros na Irmandade, que sabiam de sua missão, que quiseram acompanhá-lo, apesar de sua insistência em viajar sozinho. Talvez, quando não recebessem notícias, compreendessem o desafio. Mas então, talvez, seria tarde demais.

A pergunta era, quanto os Templários já sabiam? Quanto do segredo já estava em posse deles?

Sua missão, que agora havia chegado a uma parada tão abrupta no momento de sua execução, começara logo após o retorno a Roma, onde ele se despedira dos companheiros, Leonardo da Vinci e Nicolau Maquiavel, no seu aniversário de 48 anos, dia do solstício de verão, quatro anos antes. Nicolau voltaria para Florença, e Leonardo, para Milão. Leonardo havia falado em aceitar uma oferta urgente de patrocínio, de que precisava muito, de Francisco, herdeiro legítimo do trono da França e residente em Amboise, no rio Loire. Pelo menos, foi o que suas cartas revelaram a Ezio.

O Assassino sorriu ao se lembrar do amigo, Leonardo, cuja mente vivia fervilhando com novas ideias, embora sempre levasse algum tempo para concretizá-las. Pensou com tristeza na lâmina oculta, que se quebrou na luta quando o emboscaram. Leonardo — como sentia sua falta! — era o único homem em quem realmente confiaria para consertá-la. Mas pelo menos o amigo havia lhe enviado o projeto de um mecanismo que tinha feito, que chamou de paraquedas. Ezio mandara construir o artefato em Roma e este fora guardado com seu equipamento, e ele duvidava que os Templários fizessem alguma ideia do que se tratava. Ele o usaria assim que tivesse uma chance.

Se tivesse uma chance.

Afastou os pensamentos sombrios.

Mas não havia nada a fazer, nenhum meio de fuga, até virem buscá-lo para o enforcamento. Teria de planejar como agir nessa ocasião. Imaginou que, como tinha acontecido com frequência no passado, precisaria improvisar. Enquanto isso, tentaria descansar. Havia se certificado de que ainda estava em condições de ter um treinamento antes daquela viagem, mas a própria viagem o endurecera. No entanto, estava contente — mesmo naquelas circunstâncias — com a chance

de descansar após aquela luta.

* * *

Tudo tinha começado com uma carta.

Sob o olhar benevolente do papa Júlio II, que o ajudou a vencer a família Bórgia, Ezio havia reconstruído e reestruturado a Irmandade dos Assassinos em Roma, e instalado ali sua base de poder.

Até então, pelo menos por algum tempo, os Templários deram uma pausa em suas atividades, e Ezio deixou a direção das operações nas capacitadas mãos de sua irmã Claudia. Mas os Assassinos permaneciam vigilantes. Sabiam que os Templários se reagrupariam, secretamente, em outra parte, insaciáveis em sua busca pelos instrumentos através dos quais pudessem finalmente controlar o mundo, de acordo com seus princípios sombrios.

Por enquanto, fracassaram, só que o mal não estava exterminado.

Ezio extraiu consolo e satisfação do fato — e compartilhou esse conhecimento sombrio apenas com Maquiavel e Leonardo — de a Maçã do Éden, que havia caído sob seus cuidados e que causara tanta aflição e morte na luta pela sua posse, estar profundamente enterrada nas câmaras debaixo da catedral de San Nicola in Carcere. Escondida em um aposento secreto lacrado, cuja localização haviam marcado apenas com os símbolos sagrados da Irmandade — os quais apenas um futuro Assassino seria capaz de distinguir e, mais do que isso, decifrar. O mais importante Pedaço do Éden estava escondido em segurança das garras ambiciosas dos Templários — como Ezio esperava, para sempre.

Após o dano causado pelos Bórgia à Irmandade, houve muita coisa a ser recuperada, muito a ser colocado em ordem, e Ezio se dedicou pessoalmente a essa tarefa, docilmente, embora fosse muito mais inclinado ao ar livre e à ação do que a estudar papeladas em arquivos empoeirados. Esse era um trabalho mais adequado ao secretário de seu falecido pai, Giulio, ou ao erudito Maquiavel; mas Nicolau estava ocupado naqueles dias comandando a milícia florentina, e Giulio morrera havia muito tempo.

Entretanto, refletiu Ezio, se não tivesse tomado para si a responsabilidade do

que achava ser uma tarefa tediosa, talvez nunca tivesse encontrado a carta. E se outra pessoa a tivesse encontrado, poderia não ter percebido sua importância.

A carta, encontrada em uma bolsa de couro, quebradiça pela idade, era do pai de Ezio, Giovanni, para o irmão Mario, o homem que ensinou a Ezio a arte da guerra e o iniciou na Irmandade três longas décadas antes. Mario. Ezio estremeceu com a lembrança. Mario, que morrera covardemente nas mãos cruéis de Cesare Bórgia às vésperas da batalha de Monteriggioni.

Mario fora vingado havia muito tempo, mas a carta que Ezio encontrou abriu um novo capítulo, e seu conteúdo lhe ofereceu a chance de uma nova missão. Era 1509 quando a encontrou, e ele tinha acabado de fazer 50 anos; sabia que a chance de novas missões raramente surgia para homens de sua idade. Além disso, a carta lhe ofereceu a esperança e o desafio de fechar para sempre os portões da oportunidade para os Templários.

Palazzo Auditore
Firenze
iv febbraio MCDLVIII

Querido irmão

As forças contra nós estão se intensificando, e há um homem em Roma que assumiu o comando de nossos inimigos, o qual talvez detenha o maior poder que você e eu teremos de enfrentar. Por esse motivo, partilho com você, sob o selo do extremo sigilo, a seguinte informação. Se o destino me levar, garanta — com sua vida, se necessário — que essa informação jamais caia nas mãos de nossos inimigos.

Existe, como você sabe, um castelo chamado Masyaf, na Síria, que um dia foi a sede de nossa Irmandade. Ali, há mais de dois séculos, o então nosso Mentor, Altaïr ibn-La'Ahad, o maior de nossa Ordem, montou uma biblioteca bem abaixo da fortaleza.

Nada mais direi por enquanto. A discrição impõe que o que mais eu tenha a lhe dizer deverá ser conversado pessoalmente e nunca por escrito.

Essa é uma missão que eu mesmo desejaria realizar, mas agora não há mais tempo. Nossos inimigos nos pressionam e não temos tempo para mais nada, a não ser contra-atacar.

Seu irmão
Giovanni Auditore

Com a carta, havia outra folha de papel — um fragmento perturbador,

claramente na caligrafia de seu pai, mas igualmente nada claro para ele. Era a tradução de um documento muito mais antigo, com a mesma letra, escrito em um pergaminho bem parecido com aqueles nos quais as páginas originais do códex, descobertas por Ezio e seus companheiros quase trinta anos antes, tinham sido redigidas:

> *Passei dias com o artefato. Ou teriam sido semanas? Meses? Os outros vêm de tempos em tempos, oferecendo comida ou distração; e, embora saiba em meu coração que devo me afastar desses estudos sombrios, sinto cada vez mais e mais dificuldade em assumir minhas obrigações diárias. Malik tem me dado apoio, mas vejo agora aquele antigo nervosismo retornar à sua voz. Contudo, meu trabalho precisa continuar. A Maçã do Éden precisa ser compreendida. Sua função é simples. Até mesmo elementar. Domínio. Controle. Mas o processo... os métodos e meios que ela emprega... são FASCINANTES. É a tentação encarnada. Aos que se submetem a seu brilho é assegurado tudo que desejam. Ela pede apenas uma coisa em troca: completa e total obediência. E quem é realmente capaz de recusar? Lembro-me de meu próprio momento de fraqueza, quando fui confrontado por Al Mualim, meu Mentor, e minha confiança foi abalada por suas palavras. Ele, que tinha sido como um pai, revelava-se então meu maior inimigo. A mais breve piscadela de dúvida foi tudo de que ele precisou para rastejar para minha mente. Mas derrotei seus fantasmas, recuperando a autoconfiança, e mandei-o embora deste mundo. Livrei-me de seu controle. Mas agora me pergunto, isso é verdade? Pois estou aqui sentado, desesperado para entender aquilo que pretendi destruir. Sinto que ela é mais do que uma arma, um instrumento de manipulação da mente humana. Ou não? Talvez esteja apenas seguindo o objetivo para o qual foi projetada: mostrar-me o que desejo mais. Conhecimento... Sempre pairando no limite de sua expansão. Simplesmente fora do alcance. Chamando. Prometendo. Tentando...*

O velho manuscrito se desmanchava ali, o resto perdido; aliás, o pergaminho estava tão quebradiço pelo tempo que suas margens se desfaziam ao toque.

Ezio não entendeu muito, mas parte daquilo era tão familiar que, diante da recordação, sua pele, e até mesmo o couro cabeludo, se arrepiou. Voltou a acontecer agora, quando se lembrou do pergaminho, sentado ali em sua cela na torre-prisão em Masyaf, observando o sol se pôr... no que talvez fosse seu último dia na Terra.

Visualizou o antigo manuscrito. Foi, mais do que qualquer coisa, o que o convenceu a viajar para o leste, para Masyaf.

A escuridão caiu rapidamente. O céu era azul-cobalto. Estrelas já o pontilhavam.

Sem qualquer motivo, os pensamentos de Ezio se voltaram para o jovem de branco. O homem que pareceu ter visto no intervalo do combate. Que havia

surgido e sumido tão misteriosamente como uma visão, mas que foi, de algum modo, *real* e que havia, de algum modo, se *comunicado* com ele.

3

Preparativos para a viagem tinham ocupado Ezio até o fim daquele ano, ocupando-o também no começo do seguinte. Ele cavalgou em direção ao norte para Florença e consultou Maquiavel, mas não lhe disse tudo o que sabia. Em Óstia, visitou Bartolomeo d'Alviano, que o fartou de muito boa comida e bom vinho e que continuava feroz como nunca, embora fosse agora um homem de família. Ele e Pantasilea haviam tido três filhos e, um mês antes, uma filha. O que ele dissera?

— Está na hora de você mudar, Ezio! Nenhum de nós está ficando mais jovem.

Ezio sorrira. Barto era mais sortudo do que imaginava.

Ezio lamentava por não ter tempo para estender a viagem mais ao norte, para Milão, mas mantivera o armamento em boas condições — as lâminas, a pistola, a braçadeira —, e não havia tempo também para persuadir Leonardo a encontrar ainda mais meios de aperfeiçoá-las. Sem dúvida, o próprio Leonardo tinha dito, após a última vez que inspecionara as armas, um ano antes, que não havia mais o que melhorar nelas.

Isso estava para ser verificado, quando fossem testá-las da próxima vez.

Maquiavel lhe dera outra notícia em Florença, uma cidade em que ainda pisava com tristeza, tão soterrado que estava de lembranças de sua família perdida e de sua herança devastada. E também de seu amor perdido — o primeiro e, pensava, talvez o único verdadeiro de sua vida — Cristina Calfucci. Doze anos... Teria mesmo se passado tanto tempo assim desde que ela morrera nas mãos dos fanáticos de Savonarola? E agora outra morte. Maquiavel falara a

respeito disso com hesitação. A infiel Caterina Sforza, que arruinara a vida de Ezio tanto quanto Cristina a havia abençoado, acabara de morrer, uma velha mulher debilitada aos 46 anos, esquecida e pobre, com sua vitalidade e confiança havia muito tempo aniquiladas.

À medida que envelhecia, Ezio começou a pensar que a melhor companhia que já tivera realmente era a sua própria.

Mas não teve tempo de lamentar ou remoer. Os meses voaram, e em pouco tempo era Natal, ainda havia muita coisa para fazer.

Finalmente, no início do ano-novo, na festa de Santo Hilário, ele estava pronto, e foi estabelecido um dia para sua partida de Roma, via Nápoles, para o porto sul de Bari, com uma escolta organizada por Bartolomeo, que cavalgaria a seu lado.

Em Bari, pegaria um navio.

4

— Vá com Deus — desejou-lhe Claudia em sua última manhã em Roma. Eles levantaram antes da alvorada. Ezio partiria assim que amanhecesse.

— Precisa cuidar das coisas aqui, na minha ausência.

— Você duvida de mim?

— Não mais. Você ainda não me perdoou por aquilo?

Claudia sorriu.

— Existe um grande animal na África chamado de elefante. Dizem que ele nunca esquece. É o mesmo com as mulheres. Mas não se preocupe, Ezio. Cuidarei das coisas até você voltar.

— Ou até necessitarmos de um novo Mentor.

Claudia não respondeu. A expressão de seu rosto mostrava preocupação.

— Essa missão. Por que você vai sozinho? Por que falou tão pouco da importância dela? — disse a irmã.

— "Viaja mais depressa quem viaja sozinho" — citou Ezio como resposta. — Quanto aos detalhes, deixei os documentos de nosso pai aos seus cuidados. Abra-os se eu não voltar. E lhe disse tudo que você precisava saber sobre Masyaf.

— Giovanni também era meu pai.

— Mas foi a mim que ele confiou essa responsabilidade.

— Você se apropriou dela, irmão.

— Eu sou Mentor — disse ele simplesmente. — É minha responsabilidade.

Ela o olhou.

— Bem, viaje em segurança. Escreva.

— Escreverei. Em todo o caso, não terá de se preocupar comigo na viagem

até Bari. Barto estará comigo por todo o caminho.

Ela ainda parecia preocupada. Ezio ficou comovido por sua irmã ter crescido e se tornado uma mulher forte, mas ainda assim guardar um lugar afetuoso para ele em seu coração. Sua viagem por terra o levaria pelos territórios do sul da Itália, controlados pela Coroa de Aragão. Mas o rei Fernando não havia esquecido sua dívida para com Ezio.

— Se estou em busca de ação — disse Ezio à irmã, lendo os pensamentos dela —, não conseguirei nenhuma até começar a navegar. E minha rota passa bem longe ao norte para eu ter de me preocupar com corsários bárbaros. Vamos nos manter perto da costa grega após Corfu.

— Preocupa-me mais você completar aquilo que está partindo para fazer. Não que eu esteja preocupada com você pessoalmente...

— Ah, é mesmo? Obrigado por isso.

Ela sorriu ironicamente.

— Você sabe o que quero dizer. Por tudo que você disse, e que Santa Verônica seja testemunha de que me disse muito pouco, um bom resultado é importante para nós.

— É por isso que estou indo agora. Antes que os Templários consigam recuperar força.

— Toma a iniciativa?

— Mais ou menos isso.

Ela tocou o rosto dele com as mãos. Ele a olhou uma última vez. Aos 49 anos, ainda era uma mulher de uma beleza notável, o cabelo ainda escuro, e a natureza indomável. Às vezes lamentava o fato de Claudia não ter encontrado outro homem após a morte do marido, mas era dedicada aos filhos e ao trabalho, e não escondia o fato de que adorava viver em Roma, que, sob o papado de Júlio, novamente se tornara uma cidade internacional sofisticada e uma meca artística e religiosa.

Abraçaram-se e Ezio montou o cavalo, à frente da pequena cavalaria que o acompanhava — 15 cavaleiros armados sob o comando de Barto, que já estava montado, seu pesado cavalo pateando o pó, impaciente para ir embora, e uma carroça para carregar os suprimentos. Para si mesmo, tudo de que Ezio necessitava estava em dois alforjes de couro preto.

— Eu vou procurar provisões durante a viagem— disse para Claudia.

— Você é bom nisso — retrucou ela, com um sorriso irônico.

Erguendo a mão ao se instalar na cela, Ezio girou o cavalo e, quando Barto emparelhou com o dele, seguiram caminho pelo lado leste do rio, afastando-se do quartel-general dos Assassinos na ilha Tiberina, em direção ao portão da cidade e à longa estrada para o sul.

Levaram 15 dias para chegar a Bari, e, uma vez lá, Ezio despediu-se rapidamente de seu velho amigo, a fim de não perder a primeira maré alta disponível. Tomou um navio da frota mercante turca, administrada por Piri Reis e sua família. Uma vez instalado na cabine de popa do enorme sambuco de vela latina, o *Anaan* — um cargueiro no qual era o único passageiro —, Ezio aproveitou a oportunidade para checar, mais uma vez, o equipamento essencial que levava consigo. Duas lâminas ocultas, uma para cada punho, a braçadeira para o antebraço esquerdo, para desviar golpes de espada, e a pistola acionada por mola que Leonardo fizera para ele, com todos os outros armamentos especiais, baseados nos desenhos antigos encontrados nas páginas do códex dos Assassinos.

Ezio viajava com pouca bagagem. Na verdade, esperava encontrar Masyaf, se tivesse sucesso em alcançá-la, deserta. Ao mesmo tempo, admitia para si mesmo que estava inquieto com a escassez de informações sobre a movimentação dos Templários naqueles dias de aparente, ou, pelo menos, relativa paz.

Quanto ao segundo trecho da viagem, que o levaria a Corfu, sabia que tinha pouco a temer. Piri Reis era um importante capitão entre os otomanos, e ele mesmo tinha sido um pirata, portanto, seus homens saberiam como lidar com eles, se apenas o medo causado pelo nome de Piri não os mantivesse à distância. Ezio se perguntou se algum dia se encontraria com esse grande homem. Se o encontrasse, esperava que Piri, que não era conhecido por sua natureza condescendente, tivesse se esquecido da época em que a Irmandade fora obrigada a "liberar" de Piri alguns de seus preciosos mapas.

Os próprios otomanos agora dominavam a Grécia e grande parte do Leste europeu; aliás, seus territórios quase alcançavam os de Veneza no oeste. Nem todos estavam contentes com a situação, ou com a presença de tantos turcos na Europa, mas Veneza, após um impasse, continuara a comercializar com os vizinhos muçulmanos, e *la* Sereníssima continuava a ter o controle de Corfu, Creta e Chipre. Ezio não conseguia ver uma situação duradoura, pois os

otomanos já haviam feito avanços inamistosos em Chipre, mas, por enquanto, a paz era mantida, e o sultão Bayezid estava muito preocupado com brigas familiares internas para causar qualquer problema no oeste.

O navio de boca larga com a grande vela de lona branca atravessava a água mais como uma espada de folha larga do que como uma faca, mas fizeram um bom tempo, apesar dos ventos adversos, e a curta viagem pela foz do Adriático levou pouco mais de cinco dias.

Após as boas-vindas do governador de Corfu, um italiano gordo chamado Franco, que gostava de ser chamado de Spiridon, em honra ao santo padroeiro local, e que claramente abandonara, havia muito tempo, a política pela letargia, Ezio teve uma conversa com o capitão do navio. Estavam em uma sacada de frente para a *villa* do governador e olhavam as palmeiras do porto, abrigadas sob um céu de veludo azul. Em troca de outra bolsinha de *soldi* veneziano, combinaram que Ezio deveria continuar até Atenas.

— Esse é o nosso destino — disse-lhe o capitão. — Navegaremos perto da costa. Já fiz essa viagem umas vinte vezes, não haverá nenhum problema, nenhum perigo. E de lá será fácil pegar uma embarcação com destino a Creta e até mesmo a Chipre. Aliás, vou te apresentar ao meu cunhado Ma'Mun, quando chegarmos a Atenas. É agente marítimo. Ele cuidará de você.

— Eu agradeço — respondeu Ezio.

Esperava que a confiança do homem fosse certeira. O *Anaan* levava uma importante carga de especiarias para transferência em Atenas, e Ezio se lembrava bem dos tempos antigos, quando seu pai era um dos maiores banqueiros de Florença, para saber que essa carga tornava o *Anaan* um alvo tentador para qualquer pirata, não importava quão grande fosse o temor que o nome de Piri Reis pudesse lhes causar. Para se lutar em um navio, é preciso ser capaz de se movimentar com rapidez e leveza.

* * *

Na cidade, na manhã seguinte, ele foi a um armeiro e comprou uma cimitarra de aço bem temperado, barganhando com o homem até fechar em 100 *soldi*.

— Segurança — disse a si mesmo.

No outro dia, ao amanhecer, a maré estava alta o suficiente para iniciarem a viagem, e tiraram vantagem dela e do forte vento do norte, que enfunou rapidamente a vela. Navegaram pela costa para o sul, mantendo a margem a cerca de um quilômetro e meio a bombordo. O sol cintilava nas ondas azul acinzentadas e a brisa quente tocava seus cabelos. Só que Ezio não conseguia relaxar o suficiente.

Tinham alcançado um ponto logo ao sul da ilha de Zante, quando aconteceu. Avançaram mar adentro para tirar o máximo de vantagem do vento, e a água tinha se tornado mais escura e revolta. O sol mergulhava na direção do poente e não se podia ver qualquer coisa sem que se mantivesse os olhos semicerrados. Os marinheiros jogavam uma barquilha a estibordo para medir a velocidade, e Ezio os observava.

Depois, não saberia dizer o que atraíra sua atenção. Talvez uma ave marinha, mergulhando ao longo da lateral do navio, tenha atraído seu olhar. Mas não era uma ave. Era uma vela. Duas velas. Duas galeras de alto-mar, saindo do sol, pegando-os de surpresa e já em cima deles. Os corsários haviam emparelhado quase antes de o capitão ter tido tempo de chamar a tripulação às armas e aos postos de combate. Os piratas jogaram arpéus presos a cordas sobre a lateral do *Anaan* e logo subiram a bordo, ao mesmo tempo que Ezio corria em direção à popa para se armar. Felizmente, tinha a cimitarra pronta a seu lado, e conseguiu submetê-la ao seu primeiro teste, cortando caminho através de cinco marinheiros berberes, enquanto lutava para alcançar seu objetivo.

Estava ofegante enquanto prendia depressa a braçadeira e apanhava a pistola. A essa altura tinha confiança suficiente na cimitarra para dispensar as lâminas ocultas, que guardou rapidamente em um esconderijo na cabine. Julgava que a braçadeira e a pistola eram as melhores armas para aquele combate.

Saltou para o meio da confusão, e a sua volta percebeu o familiar estrépito de armas e o já presente cheiro de sangue. Um incêndio havia começado adiante, e o vento, que escolhera aquele momento para rondar, agora ameaçava arrastá-lo em direção à popa por toda a extensão do navio. Gritando para que dois marinheiros otomanos pegassem baldes, ordenou que fossem até o reservatório de água do navio. Naquele momento, um pirata atirou-se do cordame para os ombros de Ezio. Um dos marinheiros o avisou com um grito. Ezio girou, flexionou os músculos do punho direito, e sua pistola saltou do mecanismo preso ao

antebraço para sua mão. Com rapidez, sem tempo para mirar, disparou e recuou imediatamente para permitir que o corpo que ainda caía passasse por ele e desabasse no convés.

— Encham depressa e apaguem as chamas antes que se espalhem — berrou. — Perderemos o navio se as chamas atingirem o casco.

Abriu caminho a golpes de espada por entre três ou quatro berberes que haviam corrido em sua direção, já percebendo que era o único homem a bordo a ser detido para que o ataque deles fosse bem-sucedido. Então encontrou-se enfrentando o capitão corsário, um brutamontes com um alfanje inglês em cada mão — um butim, sem dúvida, de alguma infeliz vítima anterior.

— Renda-se, cão veneziano — rosnou o homem.

— Seu primeiro erro — retrucou Ezio. — Nunca insulte um florentino confundindo-o com um veneziano.

A resposta do capitão foi desferir um golpe brutal com a mão esquerda armada zumbindo na direção da cabeça de Ezio, que o aguardava, logo erguendo o braço esquerdo e deixando que a lâmina do alfanje deslizasse inofensivamente pela extensão da braçadeira até o vazio. O capitão não esperava aquilo e se desequilibrou. Ezio lhe deu uma rasteira e o arremessou de cabeça no reservatório do porão abaixo.

— Socorro, *effendi*! Não sei nadar! — gorgolejou o capitão ao emergir.

— Então é melhor aprender — disse-lhe Ezio, virando-se para golpear mais dois piratas que estavam quase em cima dele. Com o canto do olho, pôde ver que seus dois marinheiros tinham conseguido baixar os baldes com cordas para o reservatório e, agora, com mais companheiros que tinham se juntado para ajudar, equipados do mesmo modo, começavam a controlar o incêndio.

A luta mais feroz, porém, tinha se mudado para a parte de trás do navio, e ali os otomanos estavam levando a pior. Ezio percebeu que os berberes não queriam que o *Anaan* se incendiasse, pois o perderiam como posse no futuro; portanto, estavam deixando que os marinheiros de Ezio continuassem a apagar as chamas enquanto se concentravam na tomada do navio.

Sua mente agiu depressa. Estavam em uma grande desvantagem numérica, e Ezio sabia que os tripulantes do *Anaan*, por mais corajosos que fossem, não eram combatentes treinados. Dirigiu-se à pilha de tochas que ainda não tinha sido acesa, armazenada sob uma escotilha na proa. Saltando e pegando uma das

tochas, enfiou-a nas chamas quase extintas do incêndio e, assim que pegou fogo, jogou-a com toda a força no mais distante dos dois barcos berberes que permaneciam lado a lado. Então pegou outra tocha e repetiu o gesto. Quando os berberes a bordo do *Anaan* se deram conta do que estava acontecendo, cada um de seus navios estava em chamas.

Foi um risco calculado, mas valeu a pena. Em vez de lutar pelo controle de sua presa, e percebendo que o capitão não estava em qualquer lugar à vista, os piratas entraram em pânico e recuaram para a amurada ao mesmo tempo que os otomanos, enchendo-se de ânimo, renovaram os próprios esforços e lançaram um contra-ataque, investindo com paus, espadas, machadinhas, malaguetas e o que mais estivesse à mão.

Quinze minutos depois, tinham empurrado os berberes de volta aos seus próprios navios e se afastaram, cortando as cordas dos ganchos com machados e usando estacas para empurrar para longe as galeras em chamas. O capitão otomano vociferou um grande número de ordens rápidas, e, em pouco tempo, o *Anaan* estava livre. Assim que a ordem foi restabelecida, a tripulação se dedicou a limpar o sangue dos conveses com esfregões e empilhar os corpos dos mortos. Ezio sabia que era contra a religião deles jogar um cadáver no mar. Só esperava que o restante da viagem não demorasse muito.

O capitão berbere era um amontoado encharcado e foi içado do reservatório. Ele ficou no convés, desprezível e gotejante.

— É melhor mandar desinfetar aquela água — sugeriu Ezio ao capitão do *Anaan*, enquanto o chefe dos piratas era levado em grilhões.

— Temos água potável suficiente para as nossas necessidades nos barris... Ela vai durar até Atenas — respondeu o capitão. Então tirou uma bolsinha do malote a seu lado. — Isto é para você.

— O que é?

— Estou devolvendo o preço de sua passagem — disse o capitão. — É o mínimo que posso fazer. E, quando chegarmos a Atenas, farei com que seu feito seja comentado. Quanto a sua viagem dali em diante, fique certo de que tudo será providenciado para você.

— Não devíamos ter relaxado — observou Ezio.

O capitão olhou para ele.

— Você está certo. Talvez nunca se deva relaxar.

— Tem razão — concordou Ezio, tristemente.

5

Atenas prosperou sob o domínio dos turcos, embora, ao caminhar pelas ruas, visitar os monumentos e templos da Idade de Ouro da Grécia, na época redescoberta e reverenciada em sua terra natal, e ver com os próprios olhos as estátuas e edifícios que inspiraram seus amigos Michelangelo e Bramante em Roma, Ezio compreendesse algo do altivo ressentimento que brilhava inconfundivelmente nos olhos de vários homens e mulheres da população local. Mas foi festejado por Ma'Mun, o cunhado do capitão otomano, e sua família, que o cobriram de presentes e insistiram para que ficasse.

De qualquer modo, sua estada foi maior do que tinha desejado, pois tempestades fora da estação agitaram o Egeu a norte de Serifos, assolando o arquipélago ao sul de Atenas e de fato fechando o porto de Pireu por um mês ou mais. Tais tempestades nunca tinham sido vistas naquela época do ano. Profetas de rua inevitavelmente murmuraram sobre o fim do mundo, um tema bastante debatido por ocasião da metade do milênio em 1500. Nesse meio-tempo, não tendo interesse nessas coisas e beirando a irritação por causa da demora, Ezio meditava diante dos mapas e anotações que trouxera consigo, e, em vão, tentou obter alguma informação sobre os movimentos dos Templários na área e nas regiões sul e leste da Grécia.

Em uma comemoração em sua homenagem, conheceu uma princesa da Dalmácia e teve um caso com ela, mas não passou disso, um caso, e seu coração permaneceu tão isolado quanto estivera por tanto tempo. Disse a si mesmo que parara de procurar por amor. Um lar todo seu, um lar de verdade, e uma família — essas coisas não tinham lugar na vida de um Mentor Assassino. Ezio tinha lido

algo, e compreendido vagamente, sobre a vida de seu remoto ancestral na Irmandade, Altaïr ibn-La'Ahad. Ele pagou caro por ter uma família. E, embora o próprio pai de Ezio tivesse conseguido isso, no final também pagara um preço amargo.

Enfim, mas não tão cedo para o impaciente Ezio, os ventos e os mares ficaram moderados e foram substituídos pelo excelente tempo de primavera. Ma'Mun tinha feito todos os arranjos para sua ida para Creta, e o mesmo navio o levaria além — até Chipre. A embarcação era um navio de guerra, um *kogge* de quatro mastros, o *Qutaybah*, com um dos conveses inferiores armados com uma fileira de dez canhões de cada lado, e mais armas nas plataformas de proa e de popa. Além das velas latinas, o navio era dotado de velas redondas, ao estilo europeu, nos mastros principal e da mezena; e havia um convés para remadores abaixo dos canhões, com trinta remos de cada lado.

Acorrentado a um deles estava o capitão berbere com quem Ezio havia se envolvido no *Anaan*.

— Neste navio, você ficará livre da necessidade de se defender, *effendi* — observou Ma'Mun para Ezio.

— Fiquei maravilhado. Ele tem algo do desenho europeu.

— Nosso sultão Bayezid admira muito o que é gracioso e útil em sua cultura — retrucou Ma'Mun. — Se tentarmos, podemos aprender muito um com o outro.

Ezio concordou com a cabeça.

— O *Qutaybah* leva o nosso enviado de Atenas para uma reunião em Nicósia, e aportará em Larnaca dentro de vinte dias. O capitão só vai parar em Heráklion para pegar água e suprimentos. — Fez uma pausa. — E tenho uma coisa para você...

Estavam sentados, bebendo *sharbat*, no escritório de Ma'Mun no porto. O turco agora foi até um enorme baú revestido de ferro que ficava contra a parede mais distante e dele tirou um mapa.

— Este é precioso, como todos os mapas são, mas é um presente especial para você. Trata-se de um mapa de Chipre desenhado pelo próprio Piri Reis. Você terá tempo lá. — E ergueu as mãos quando Ezio começou a objetar, o mais educadamente possível. Quanto mais se viaja para leste, menos urgência parece haver em relação ao tempo. — Eu sei! Estou ciente de sua impaciência em chegar

à Síria, mas o *kogge* só o levará até certo ponto, e precisamos providenciar seu transporte para além de Larnaca. Não tema. Você salvou o *Anaan*. Nós agradeceremos a você por esse ato de um modo conveniente. Ninguém o levará a seu destino mais depressa do que nós.

Ezio desenrolou o mapa e o examinou. Era um excelente trabalho, bem detalhado. Ele achava que se fosse realmente obrigado a passar um tempo naquela ilha, já sabia — por indícios que obteve nos arquivos do pai — que Chipre não era sem interesse para os Assassinos em sua eterna luta contra os Templários e que poderia muito bem ser ali que encontraria pistas que talvez o ajudassem.

Faria muito bom uso de seu tempo em Chipre, mas esperava não se demorar demais ali, pois a ilha era efetivamente controlada pelos Templários, ainda que as aparências indicassem o contrário.

Porém, foi uma viagem mais longa do que qualquer um poderia ter previsto. Mal haviam zarpado para Creta, após a breve parada em Heráklion — não mais de três dias —, e os ventos recomeçaram a se enfurecer. Dessa vez, ventos do sul, violentos e continuamente quentes desde a longa viagem do norte da África. O *Qutaybah* os combateu bravamente, mas pouco a pouco era açoitado de volta ao norte do Egeu, batendo em retirada pelo emaranhado de ilhas do Dodecaneso. Demorou uma semana antes de as tempestades se abrandarem, mas não sem reclamarem a vida de cinco marujos e de inúmeros prisioneiros das galés, que se afogaram junto aos remos. Por fim, o barco seguiu em direção a Quios para reparos. Ezio secou a engrenagem e limpou todos os equipamentos para evitar ferrugem. O metal de suas armas especiais nunca havia revelado o menor sinal de oxidação em todos aqueles anos que ele as tivera. Era uma das muitas misteriosas propriedades que tinham, que Leonardo havia tentado em vão lhe explicar.

Três preciosos meses foram perdidos até que o *Qutaybah* finalmente entrasse com dificuldade no porto de Larnaca. O enviado, que perdera uns dez quilos na viagem em função de enjoos e vômitos, e que havia muito tempo tinha perdido a reunião a que se dirigia, tomou providências imediatas para seguir de volta a Atenas pela rota mais direta, viajando o máximo possível por terra.

Ezio não perdeu tempo em procurar o agente em Larnaca, Bekir, cujo nome lhe fora dado por Ma'Mun. Bekir foi receptivo e até mesmo respeitoso. Ezio Auditore da Firenze. O famoso salvador de navios! Ele já era o assunto de

Larnaca. O nome do *effendi* Auditore estava em todos os lábios. Ah — a questão da passagem para Tortosa. O mais próximo porto continental para Masyaf, na Síria. *Sim, sim, é claro. Providências serão tomadas imediatamente — neste mesmo dia! Se o* effendi *tiver paciência, enquanto as engrenagens são postas em movimento... As melhores acomodações possíveis estarão à sua disposição...*

Os aposentos providenciados para Ezio eram de fato esplêndidos — um amplo e claro apartamento em uma mansão construída em uma colina baixa acima da cidade, com vistas para ela e para o mar cristalino adiante. Mas, após muito tempo ter se passado, sua paciência estava se esgotando.

— São os venezianos — explicou o agente. — Eles toleram a presença de um otomano aqui, mas apenas por civilidade. As autoridades militares daqui, infelizmente, nos veem com cautela. Eu sinto que — o homem baixou a voz —, se não fosse pelo conceito do nosso sultão, Bayezid, cuja autoridade se estende para longe e cujo poder é imenso, talvez não fôssemos tolerados de modo algum. — Animou-se. — Talvez *você* possa ajudar em sua própria causa, *effendi*.

— De que modo?

— Penso que, talvez, como você é um veneziano...

Ezio mordeu o lábio.

Mas ele não era um homem de passar o tempo ociosamente. Enquanto esperava, estudou o mapa de Piri Reis, e uma coisa, uma leve lembrança de algo que ele havia lido, o levou a alugar um cavalo e ir até a costa para Limassol.

Uma vez ali, encontrou-se vagando pela fortificação de madeira sobre o morro do castelo deserto de Guy de Lusignan, construído durante as Cruzadas, mas agora descuidado, como alguma ferramenta que já tinha sido útil e que o dono se esqueceu de jogar fora. Ao caminhar pelos corredores ermos e expostos a correntes de ar e olhar as flores silvestres que cresciam nos pátios e a budleia que pendia de seus despedaçados baluartes, lembranças — pelo menos pareciam lembranças — o impeliram a explorar mais profundamente, sondar as entranhas da torre de menagem, e as câmaras abaixo dela.

Ali, em meio à penumbra do crepúsculo, encontrou as desertas ruínas do que fora antes, sem dúvida, um amplo arquivo. Suas solitárias pegadas ecoaram no escuro labirinto de estantes vazias, apodrecidas. Os únicos ocupantes agora eram ratos velozes, cujos olhos brilhavam desconfiados para ele dos cantos escuros quando saíam correndo, dando-lhe olhares maldosos. E eles nada poderiam lhe

contar. Ezio fez a busca mais completa possível, mas não restara nenhum indício do que estivera ali.

Desanimado, retornou à luz do sol. A presença de uma biblioteca ali o lembrava daquela que procurava. Algo o impelia, embora não conseguisse perceber o que era. Por teimosia, permaneceu dois dias no castelo. Os habitantes da cidade olhavam estranhamente para o forasteiro moreno e grisalho que perambulava pelas ruínas.

Então Ezio se lembrou. Três séculos antes, Chipre tinha sido propriedade dos Templários.

6

As autoridades venezianas, ou alguém por trás delas, estavam claramente obstruindo sua passagem para seguir adiante. Isso se tornou óbvio assim que as enfrentou. Florentinos e venezianos podiam ser rivais, podiam olhar uns aos outros como inferiores, mas tinham o mesmo país e a mesma língua em comum.

Mas isso não cortou completamente o gelo com o governador de lá. Domenico Garofoli era como um lápis — comprido, fino e cinzento. Seu manto negro, contudo, primorosamente recortado no damasco mais caro, pendia dele como trapos de um espantalho. Os pesados anéis de ouro, incrustados com rubis e pérolas, retiniam, frouxos, em seus dedos ossudos. Os lábios eram tão estreitos que mal se conseguia ver se estavam realmente ali e, quando a boca se fechava, não dava para se ver onde estavam em seu rosto.

Ele era, é claro, infalivelmente cortês — o ato de Ezio fizera muito para animar as relações otomano-venezianas na região —, mas parecia claramente sem vontade de fazer qualquer coisa. Além das cidades costeiras que se agarravam às margens do Mediterrâneo como as pontas dos dedos de um homem pendurado em um precipício, a situação para leste do continente estava repleta de perigo. A presença otomana na Síria era forte, e suas ambições em direção oeste, muito temidas. Qualquer missão não sancionada pela diplomacia oficial poderia desencadear um incidente internacional das mais horrendas proporções. Pelo menos, era essa a desculpa de Garofoli.

Não havia meio de Ezio conseguir ali aliados entre seus conterrâneos.

Sentado educadamente com as mãos sobre os joelhos, ele cansou de ouvir o governador falar monotonamente em um tom de voz indiferente. E decidiu

resolver a questão por seus próprios meios.

Naquela mesma noite fez o primeiro reconhecimento das docas. Havia uma profusão de navios ancorados ali, sambucos da Arábia e do Norte da África trombavam com *vaporettos* e *roccafortes* venezianos, galeras e caravelas. Um filibote holandês parecia promissor, e havia homens trabalhando a bordo, carregando grossos fardos de seda sob uma guarda armada. Mas, assim que Ezio reconheceu a carga, soube que o filibote iria para casa e não para fora, e ele precisava de um navio seguindo para leste.

Perambulou mais um pouco, mantendo-se nas sombras, uma forma escura ainda tão flexível, veloz e leve como um gato. Sua busca, porém, nada lhe rendeu.

Passou vários dias e noites nesse reconhecimento. Geralmente, levava consigo todo o equipamento básico, no caso de ter sorte e poder partir no mesmo instante. Mas cada incursão terminava com o mesmo resultado. A notoriedade o havia marcado, e Ezio não media esforços para manter em segredo sua identidade. Mesmo quando tinha sucesso, descobria que nenhum capitão de navio seguia exatamente na mesma direção que queria, ou então que, por algum motivo, não estavam dispostos a levá-lo, não importava quanto suborno fosse oferecido. Ezio pensou em recorrer a Bekir, mas, enfim, resistiu. Bekir já sabia demais sobre suas intenções.

Na quinta noite estava novamente nas docas. Agora havia menos navios e, fora os zeladores da noite e os tripulantes, que passavam raramente, com as lanternas balançando em longas estacas e as espadas ou porretes sempre prontos, não havia mais ninguém por lá. Ezio seguiu para as áreas mais distantes do cais, onde estavam amarradas as embarcações menores. A distância para o continente não era tão grande assim. Talvez, se conseguisse... adquirir... um barco para si, pudesse navegar sozinho a distância de 75 léguas.

Cautelosamente, pisou em um quebra-mar de madeira, as tábuas negras brilhando com a água do mar, ao longo do qual estavam enfileirados cinco pequenos sambucos de um mastro. Pelo cheiro eram todos barcos pesqueiros mas robustos, e, pelo que Ezio podia ver, dois estavam com todo o equipamento estivado a bordo.

Então os pelos de sua nuca se arrepiaram.

Tarde demais. Antes que tivesse tempo de se virar, Ezio foi atingido no rosto pelo peso do homem que se jogara sobre ele. Um homem pesado, pelo tanto que

pôde sentir. Muito pesado. Ele prendia Ezio ao chão apenas com o tamanho do corpo; era como lutar sob um edredom muscular maciço. Ezio libertou a mão direita com um puxão, para poder acionar a lâmina oculta, mas seu pulso foi instantaneamente imobilizado por um forte aperto. Com o canto do olho, ele notou que a mão que segurava seu punho tinha uma algema da qual pendiam dois elos de corrente quebrada.

Reunindo sua força, Ezio girou violenta e subitamente para a esquerda, enfiando com força o cotovelo em uma parte do edredom que achava que era macia. Deu sorte. O homem que o prendia grunhiu de dor e relaxou um pouco o aperto. Foi o suficiente. Prosseguindo, Ezio deslocou o corpo do outro com o ombro e, rolando, conseguiu livrar o seu. Como um raio, ergueu-se sobre um joelho e a mão esquerda foi para a garganta do homem, a direita pronta para atacar.

O momento de triunfo de Ezio foi curto. O homem afastou sua mão direita com um golpe, e a algema de ferro da mão, também adornada com dois elos de corrente, atacou dolorosamente o pulso de Ezio, apesar da proteção da couraça da lâmina oculta. Ezio descobriu então seu pulso esquerdo preso por outro terrível aperto, parecido com o de um torno, que, lenta mas inexoravelmente, forçou seu aperto na garganta do homem a afrouxar.

Eles rolaram, cada qual tentando levar a melhor sobre o outro, desferindo socos onde conseguiam isso, mas, apesar de corpulento, seu agressor era rápido, e a lâmina de Ezio nunca encontrava um alvo. Finalmente, eles se separaram e ficaram de pé, grunhindo, resfolegando, encurvados, encarando um ao outro. O homem estava desarmado, mas as algemas de ferro podiam causar muitos danos se usadas como armas.

Então, de uma curta distância dali, veio o clarão da luz de uma lanterna e um grito.

— A sala de vigia! — disse o homem. — Abaixe-se!

Instintivamente, Ezio seguiu a recomendação, enquanto mergulhavam para o sambuco mais próximo, deitando-se no fundo. A mente de Ezio disparava. No clarão de luz, ele tinha visto o rosto do homem e o reconhecido. Como era possível?

Mas não havia tempo agora para se preocupar com isso. Podiam ouvir as passadas correndo da sala de vigia em direção ao quebra-mar.

— Eles nos viram, que Alá os cegue — desejou o homem. — É melhor cuidarmos deles. Está pronto?

Aturdido, Ezio concordou silenciosamente com a cabeça na escuridão.

— Eu vou acabar com *você*, assim que acabarmos com *eles* — acrescentou o homem.

— Eu não apostaria nisso.

Não houve mais tempo para conversa, pois os cinco homens da sala de vigia já estavam em cima deles. Felizmente, hesitaram antes de se lançarem abaixo no tanque escuro do barco onde estavam agora Ezio e seu improvável aliado, e se contentaram em ficar no quebra-mar, agitando as armas e gritando ameaças.

O grandalhão olhou para eles.

— É moleza — disse ele. — Mas é melhor cuidarmos deles antes que atraiam muita atenção.

Em resposta, Ezio firmou o corpo, se agachou e saltou para o quebra-mar, agarrando-se na beirada e erguendo-se em um só movimento, que naqueles dias já não era tão fluido. No momento em que recuperou o fôlego, três dos zeladores estavam sobre ele, derrubando-o no chão com pesados porretes, enquanto um quarto se aproximava, girando uma espada curta que parecia perversa. Ele a ergueu para o golpe de misericórdia, mas, naquele instante, seu corpo foi suspenso por trás, pelo pescoço, jogado uivando para cima, e pousou com um repugnante ruído bem mais distante no quebra-mar, onde permaneceu gemendo, com vários ossos quebrados.

Como seus outros três atacantes estavam distraídos, Ezio se pôs de pé e liberou a lâmina oculta, cortando dois deles com rápidos e eficientes golpes. Enquanto isso, o grandalhão estava lutando contra o homem que portava a lanterna, outro gigante, que havia jogado sua estaca para o lado e sacado uma pesada damasquina, que movimentava ameaçadoramente sobre a cabeça do oponente, que, por sua vez, o mantinha dominado por um golpe de luta romana. Ezio podia perceber que a qualquer momento a grossa lâmina desceria direto nas largas costas do grandalhão. Ele se amaldiçoou por não ter carregado a pistola, mas agora era tarde demais. Pegou um porrete caído no chão, empurrando para o lado com o cotovelo o vigia restante, e jogou-o na cabeça do homem da lanterna.

Sua pontaria, graças a Deus!, foi certeira. O porrete atingiu em cheio o

homem da lanterna entre os olhos, e ele cambaleou para trás, caindo de joelhos. Então Ezio sentiu uma dor aguda na lateral do corpo. O sobrevivente da vigilância havia sacado uma adaga e o esfaqueara. Ele caiu e, antes que seu mundo escurecesse, viu o grandalhão correndo em sua direção.

7

Quando voltou a si, Ezio estava deitado de costas em algum lugar, e o mundo girava abaixo dele. Não de forma violenta, mas firme. Era quase reconfortante. Permaneceu por um momento onde estava, com os olhos ainda fechados, sentindo a brisa no rosto, sem querer voltar exatamente a qualquer que fosse a realidade que esperava confrontá-lo, sentindo o ar marinho.

O ar marinho?

Abriu os olhos. O sol estava alto e ele conseguia ver uma vastidão ininterrupta de céu azul. Então uma forma escura surgiu entre o céu e ele. Uma cabeça e ombros. Um rosto preocupado, olhando-o.

— Você voltou. Bom — disse o grandalhão.

Ezio começou a se sentar e, ao fazê-lo, foi atingido pela dor do ferimento. Ele gemeu e colocou a mão na lateral do corpo. Sentiu ataduras.

— Ferimento superficial. Não foi muito profundo. Nada que mereça estardalhaço.

Ezio ergueu-se. O pensamento seguinte foi sobre seu equipamento. Olhou rapidamente em volta. Ali estava ele, perfeitamente acondicionado em sua bolsa de couro, e parecia intocado.

— Onde estamos? — perguntou ele.

— Onde você acha? No mar.

Dolorosamente, Ezio se levantou e olhou ao redor. Estavam em um daqueles sambucos pesqueiros, atravessando calmamente o mar, a vela acima de sua cabeça enfunada de vento. Virou-se e pôde ver Larnaca, um pequeno ponto na costa de Chipre, no distante horizonte atrás deles.

— O que aconteceu?

— Você salvou minha vida. Eu salvei a sua.

— Por quê?

— É a lei. Que pena. Depois do que fez comigo, você teria de pagar.

O homem estivera de costas para Ezio, trabalhando na cana do leme, mas agora se virou para ele. Pela primeira vez, Ezio deu uma boa olhada em seu rosto, e o reconheceu instantaneamente.

— Você destruiu o meu navio, maldito seja. Passei dias espreitando o *Anaan*. Aquela pilhagem me levaria de volta ao Egito como um homem rico. Em vez disso, graças a você, eles me tornaram escravo de galera. Eu! — O grandalhão estava indignado.

— Egito? Então você não é um berbere?

— Que se danem os berberes. Eu sou um mameluco, embora possa não parecer, vestido com estes trapos. Assim que chegarmos lá, vou ofertar a mim mesmo uma mulher, um decente prato de *kofta* e um belo conjunto de roupas.

Ezio olhou novamente a sua volta, cambaleou e logo recuperou o equilíbrio, quando uma onda inesperada atingiu a proa de modo enviesado.

— Você não leva jeito para marujo, não é mesmo?

— Gôndolas fazem mais o meu gênero.

— Gôndolas? Bah!

— Se você quis me matar...

— Pode me culpar por isso? Foi o único motivo que me levou a ficar por ali naquele esgoto de porto veneziano depois de eu ter escapado. Não pude acreditar na minha sorte, quando vi você. Já tinha quase desistido... e procurava um meio de partir.

Ezio deu um riso irônico.

— Não o culpo por isso.

— Você me enfiou em um tanque e me deixou lá para me afogar!

— Você sabia nadar muito bem. Qualquer idiota podia ver isso.

Foi a vez de o grandalhão sorrir ironicamente.

— Ah! Eu deveria saber que não podia apelar para sua compaixão, fingindo que não sabia.

— Você pagou a dívida que tinha comigo, salvou minha vida. Mas por que me trouxe com você?

O grandalhão abriu os braços.

— Você estava ferido. Se eu o tivesse deixado, eles o pegariam e não teria durado até a noite. E que desperdício teria sido dos meus esforços. Além disso, você pode ser útil nesta banheira, por mais marinheiro de água doce que seja.

— Eu posso cuidar de mim mesmo.

O olhar do grandalhão ficou sério.

— Eu sei que pode, *effendi*. Talvez eu apenas quisesse sua companhia... Ezio Auditore.

— Sabe o meu nome.

— Você é famoso. Conquistador de piratas. Não que isso o salvasse após matar uma turma de vigias e tentar escapar.

Ezio pensou a respeito. Então perguntou:

— Como chamam você?

O grandalhão se levantou. Sua dignidade camuflava os trapos de escravo de galera que ainda usava.

— Eu sou al-Scarab, o flagelo do Mar Branco.

— Ah — disse Ezio com uma careta. — Desculpe.

— Temporariamente em desvantagem — acrescentou com pesar al-Scarab. — Mas não por muito tempo. Quando chegarmos lá, terei um novo navio e uma nova tripulação em uma semana.

— Quando chegarmos aonde?

— Eu não lhe disse? O porto mais próximo que vale alguma coisa, e que também está em mãos mamelucas... Acre.

8

O momento havia chegado.

Era difícil partir, mas a missão era imperativa, e exigia urgentemente a presença de Ezio mais adiante. Sua passagem por Acre havia sido para descansar e se recuperar, forçando-o a ser paciente enquanto o ferimento cicatrizava, pois sabia que a missão não daria em nada se não estivesse em perfeitas condições. E encontrar al-Scarab, por mais desastroso que pudesse ter sido se as coisas tivessem acontecido de maneira diferente, mostrou-lhe que, se existiam anjos da guarda, ele tinha um.

O corpulento pirata, a quem havia derrotado na batalha a bordo do *Anaan*, se revelou mais do que um salva-vidas. Al-Scarab tinha uma enorme família em Acre, que acolheu Ezio como o salvador de seu primo e seu irmão de armas. O pirata não comentou sobre sua derrota no incidente do *Anaan* e proibiu Ezio de dizer, sob pena de haver em seguida uma inenarrável desforra. A fuga de Larnaca, porém, foi ampliada para uma luta de proporções épicas.

— Havia cinquenta deles... — começava ele a narrar, e o número de pérfidos agressores venezianos contra os quais foram obrigados a lutar havia chegado a dez vezes esse número durante a décima vez que relatou a história.

Boquiabertos e de olhos arregalados, seus primos ouviam fascinados, e nunca sussurravam uma só palavra sobre quaisquer inconsistências que se insinuavam. Pelo menos ele não inventou um monstro marinho, pensou Ezio sarcasticamente.

Mas não eram invenções os alertas que vieram dos familiares de al-Scarab sobre os perigos para os quais Ezio teria de estar preparado durante o resto de

sua viagem. Tentaram muito convencê-lo a levar uma escolta armada, mas Ezio rejeitou energicamente. Cavalgaria sozinho. Não submeteria outros aos perigos que ele sabia que enfrentaria.

Logo após sua chegada a Acre, Ezio aproveitou a oportunidade para escrever uma carta por muito tempo adiada para sua irmã. Escolheu as palavras com cuidado, ciente de que essa poderia ser a última vez que se comunicaria com ela.

Acre

xx novembre MDX

Minha querida irmã Claudia

Já estou há uma semana em Acre, a salvo e animado, mas preparado para o pior. Os homens e mulheres que têm me alimentado e abrigado aqui também me alertaram que a estrada para Masyaf é infestada de mercenários e bandidos que não são nativos desta terra. O que isso significa, eu temo supor.

Quando parti de Roma, dez meses atrás, tinha um único propósito: descobrir o que nosso pai não conseguiu. Na carta que você conhece, escrita um ano antes do meu nascimento, ele faz uma única menção de uma biblioteca escondida debaixo dos andares do antigo castelo de Altaïr. Um santuário repleto de sabedoria incalculável.

Mas o que encontrarei quando chegar? Quem me saudará? Um bando de ávidos Templários, como receio fortemente? Ou nada, a não ser o assobio de um vento frio e solitário? Masyaf não é o lar dos Assassinos há quase trezentos anos. Será que ainda se lembram de nós? Ainda somos bem-vindos?

Ah, estou farto dessa batalha, Claudia... Farto não porque estou cansado, mas porque nossa luta parece seguir apenas um rumo... em direção ao caos. Hoje tenho mais perguntas do que respostas. É por isso que cheguei tão longe: para encontrar clareza. Encontrar a sabedoria deixada para trás pelo Grande Mentor, para que eu possa entender melhor o propósito de nossa luta, e o meu lugar nela.

Se alguma coisa me acontecer, querida Claudia... se minhas habilidades me abandonarem, ou minha ambição me desviar do caminho, não procure vingança ou retribuição em minha memória, mas lute para continuar a busca pela verdade a fim de que todos possam se beneficiar. Minha história é uma de muitos milhares, e o mundo sofrerá se ela terminar cedo demais.

Seu irmão,
Ezio Auditore da Firenze

Al-Scarab, durante o processo de se preparar para suas novas aventuras, também providenciara para que Ezio fosse atendido pelos melhores médicos, os

melhores alfaiates, os melhores *chefs* e as melhores mulheres que Acre podia fornecer. Suas lâminas foram afiadas e apontadas, seu equipamento foi completamente limpo, consertado, substituído onde fora necessário e totalmente inspecionado.

Ao se aproximar o dia da partida de Ezio, al-Scarab o presenteou com dois excelentes cavalos:

— Um presente do meu tio, ele os cria, mas no meu ramo de negócios não tenho muito o que fazer com eles.

Eram pequenos árabes resistentes, com macios arreios de couro e uma excelente sela alta toda equipada. Ezio continuou a recusar qualquer escolta, mas aceitou suprimentos para a viagem que o levaria por terra através do que, muito tempo atrás, fora o Reino Cruzado de Jerusalém.

E então chegara o momento da partida. A última etapa de uma longa jornada, e, se ela seria completada ou não, Ezio não tinha como dizer. Mas, para ele, havia *somente* a jornada. E ela tinha de ser feita.

— Vá com seu deus, Ezio.

— *Baraq Allah feeq*, meu amigo — respondeu Ezio, segurando a mão do pirata.

— Nós voltaremos a nos encontrar.

— Sim.

Ambos os homens se perguntaram em seus corações se estavam dizendo a verdade, mas as palavras os consolaram. Não importava. Olharam-se nos olhos e souberam que, de modos diferentes, compartilhavam valores.

Ezio montou no maior dos dois cavalos, a égua baia, e virou seu focinho para outra direção.

Sem um olhar de relance para trás, seguiu para fora da cidade, para norte.

9

Masyaf ficava, em linha reta, a 320 quilômetros de Acre. A terra deserta aparentemente pacífica que fica entre os dois pontos estava longe de ser pacífica. O grande avanço otomano para o exterior desde seu núcleo original prosseguira incansavelmente por mais de duzentos anos, e culminara com a tomada de Constantinopla em 1453 pelo sultão Mehmed II, de 20 anos. Mas os tentáculos turcos ainda se estenderam, atingindo o oeste até a Bulgária e para além dela, e ao sul e a leste para a Síria e também ao que fora antes a Terra Santa. A faixa litorânea oriental do Mar Branco, com seus portos vitais e o acesso por água para oeste, era uma joia na coroa, e o controle otomano sobre ela ainda era frágil. Ezio não tinha ilusões sobre que batalhas teria de enfrentar ao seguir seu solitário caminho para o norte. Percorreu a costa durante a maior parte do caminho, mantendo à vista o mar cintilante à esquerda, cavalgando pelos altos rochedos e as despedaçadas terras com vegetação rasteira que os cobriam, viajando durante as horas do amanhecer e do anoitecer, escondendo-se durante quatro horas, quando o sol estava em seu ponto mais alto, e descansando novamente por quatro horas sob as estrelas.

Viajar sozinho tinha suas vantagens. Podia despistar muito mais facilmente do que seria possível se tivesse uma escolta, e seus olhos aguçados distinguiam pontos de perigo adiante bem o bastante para se desviar deles ou esperar até que tivessem passado. Aquela era uma região de bandidos, por onde perambulavam quadrilhas semidisciplinadas de mercenários desempregados, matando viajantes e uns aos outros para o que pudessem conseguir, sobrevivendo, pelo que parecia a Ezio, apenas para isso, em uma região campestre ainda vacilante devido a

séculos de guerra. Homens viravam selvagens, deixando de pensar, deixando de ter esperança ou medo; homens que haviam perdido qualquer senso de consciência. Cruéis e indiferentes, e tão desumanos quanto impiedosos.

Houve lutas, quando não puderam ser evitadas, e cada uma delas sem sentido, deixando mais alguns mortos para os abutres e corvos, as únicas criaturas que realmente se desenvolviam naquela terra devastada, esquecida por Deus. Certa vez, Ezio salvou um amedrontado aldeão de saqueadores, e outra vez, uma mulher de ser torturada, violentada e morta. Mas por quanto tempo? E o que aconteceria com essas pessoas após ter passado por elas? Ele não era Deus, não podia estar em todo lugar, e aqui, onde um dia Cristo pisara, Deus não demonstrara evidências de cuidar do Seu filho.

Quanto mais Ezio cavalgava para o norte, mais pesado seu coração se tornava. Somente o fogo da missão o mantinha no caminho. Amarrava mato nas caudas de seus cavalos para apagar suas pegadas por onde passava e, à noite, espalhava galhos com espinhos sobre os quais deitava, para nunca dormir profundamente. A eterna vigilância não era apenas o preço da liberdade, mas da sobrevivência. Apesar de o passar dos anos ter lhe roubado parte da força, isso era compensado pela experiência. E o fruto do treinamento, inculcado por Paola e Mario havia tanto tempo em Florença e Monteriggioni, jamais havia apodrecido. Embora às vezes sentisse que não conseguia prosseguir, Ezio prosseguia.

Trezentos e vinte quilômetros em linha reta. Aquele, porém, era um inverno rigoroso, e houve muitos desvios e atrasos ao longo do caminho.

O Ano de Nosso Senhor de 1511 já havia começado, e era novamente a festa de Santo Hilário quando avistou as montanhas à sua frente.

Inspirou profundamente o ar frio.

Masyaf estava perto.

Três semanas depois, agora a pé e acompanhado apenas de sua consciência, pois os cavalos haviam morrido nos desfiladeiros congelados que ficaram para trás, tendo sido companheiros mais corajosos e leais do que muitos homens, Ezio parou diante da visão de seu objetivo.

No céu firme e claro, uma águia planava alto.

Castigado pela viagem, Ezio desviou os olhos da ave, levantou-se e pulou um

muro baixo e forte, e ficou imóvel por um momento, vasculhando o cenário com olhos astutos.

Masyaf. Após doze exaustivos meses na estrada; uma longa jornada — durante os quais enfrentou caminhos difíceis e o clima severo.

Agora agachado, por precaução, e mantendo-se quieto enquanto instintivamente checava as armas, Ezio permanecia atento. A qualquer sinal de movimento. Qualquer um.

Nenhuma alma nas ameias. Rajadas de neve rodopiavam em um vento cortante. Mas nenhum sinal de alguém. O lugar parecia deserto. Como havia esperado, de acordo com o que lera a respeito. A vida, porém, lhe ensinara que era sempre melhor se certificar. Permaneceu quieto.

Nenhum som, a não ser o do vento. Então — algo. Um som de algo arranhando? Diante dele, um punhado de cascalhos deslizou por um declive a sua esquerda. Ele ficou tenso, ergueu-se ligeiramente, cabeça recuada entre ombros abaixados. Então a flecha golpeou seu ombro direito, atravessando a armadura.

10

O amanhecer foi frio e cinzento. Em meio ao silêncio, Ezio livrou-se de suas lembranças e desviou toda a concentração para o presente, o pisar das botas dos guardas no pavimento, aproximando-se de sua cela. Aquele era o momento.

Ele fingiu estar fraco, e isso não foi muito difícil. Estava mais sedento do que já havia estado em um longo tempo, e mais faminto, mas a caneca e a comida permaneciam intocadas sobre a mesa. Estava deitado de bruços no chão, o capuz puxado sobre o rosto.

Ouviu a porta de sua cela se abrir com um estrondo, e os homens entraram. Eles o seguraram por baixo dos ombros e o ergueram, arrastaram-no pelo desprovido corredor de pedra cinzenta do lado de fora. Olhando para o chão, enquanto era arrastado, Ezio viu marcado nele, disposto em uma pedra mais escura, o grande símbolo dos Assassinos, sua insígnia desde tempos imemoriais.

O corredor deu lugar finalmente a um espaço mais amplo, uma espécie de saguão, aberto de um dos lados. Ezio sentiu um penetrante ar fresco no rosto, e isso o reanimou. Levantou ligeiramente a cabeça e viu que, mais além dele, havia altas aberturas demarcadas por estreitas colunas, e, depois delas, uma ampla paisagem das impiedosas montanhas. Ainda estavam no alto da torre.

Os guardas puxaram-no para colocá-lo de pé, e ele se sacudiu para se livrar. Eles ficaram ligeiramente mais atrás, alabardas prontas, abaixadas mas apontadas para Ezio. Diante dele, de costas para o vazio, estava o capitão do dia anterior. Tinha um laço de forca na mão.

— Você é um homem obstinado, Ezio — disse o capitão. — Percorrer todo esse caminho para olhar de relance o interior do castelo de Altaïr. Isso mostra

coragem.

Ele fez um gesto para seus homens ficarem mais afastados, deixando Ezio parado sozinho. Então, prosseguiu:

— Mas você agora é um velho cão de caça. É melhor acabar com sua desgraça do que vê-lo choramingar em um fim triste.

Ezio se virou um pouco a fim de se dirigir diretamente ao homem. O pequeno movimento, notou, para sua satisfação, foi o bastante para fazer os alabardeiros tremerem e firmarem as armas em direção a ele.

— Algumas últimas palavras antes que eu o mate? — perguntou Ezio.

O capitão era feito de material mais duro do que o de seus homens. Permaneceu firme e riu.

— Fico imaginando: quanto tempo levarão os abutres para bicar sua carne e limpar seus ossos enquanto seu corpo estiver pendurado nestes parapeitos?

— Há uma águia em algum lugar lá em cima. Ela os manterá afastados.

— Isso vai lhe adiantar muito. Aproxime-se, ou está com medo de morrer? Não quer ser arrastado para a morte, não é mesmo?

Ezio avançou lentamente, todos os sentidos atentos.

— Isso é bom — comentou o capitão, e Ezio imediatamente sentiu que ele relaxou ligeiramente. Estaria o homem pensando que ele estava cedendo? Seria tão convencido assim? Tão estúpido? Se fosse, tanto melhor. Mas talvez, afinal de contas, aquele homem feio, que cheirava a suor e carne assada, tivesse razão. O momento da morte acabaria tendo de vir.

Mais além da ampla janela entre as colunas, uma estreita plataforma de madeira projetava-se sobre o vazio, talvez com uns três metros de comprimento e um metro e vinte de largura, construída com seis pranchas toscas. Parecia antiga e perigosa. O capitão fez uma reverência com um gesto irônico, convidando-o. Ezio avançou novamente, esperando seu momento, mas, ao mesmo tempo, se perguntando se este chegaria. As pranchas rangeram terrivelmente sob seu peso, e o ar era frio à sua volta. Olhou para o céu e para as montanhas. E avistou a águia deslizando a quinze ou trinta metros abaixo dele, as pontas das asas brancas estendidas e, de algum modo, isso lhe deu esperança.

Em seguida, algo mais aconteceu.

Ezio notou outra plataforma semelhante, projetando-se da torre no mesmo nível, cerca de cinco metros à sua direita. E agora, sobre ela, sozinho,

caminhando destemidamente adiante, estava o jovem encapuzado de branco que ele havia vislumbrado na batalha. Enquanto Ezio observava, prendendo a respiração, o homem pareceu virar-se na sua direção, para fazer o início de um gesto...

E então, novamente, a visão se desfez, e não havia mais nada além do vento e da ocasional dispersão das rajadas de neve. Até mesmo a águia havia desaparecido de vista.

O capitão se aproximou, o laço na mão. Ezio notou rapidamente que havia uma grande parte frouxa da corda que ele arrastava atrás do laço.

— Não há nenhuma águia à vista — observou o capitão. — Aposto como os abutres não levarão mais de três dias.

— Eu o avisarei — rebateu Ezio, calmamente.

Um grupo de guardas havia se formado atrás do capitão, mas foi o próprio capitão, parado bem atrás de Ezio, quem puxou para baixo seu capuz, passou o laço por cima de sua cabeça e o apertou em volta do pescoço.

— Agora! — disse o capitão.

Agora!

No exato momento em que sentiu as mãos do capitão em seus ombros, prestes a empurrá-lo para o vazio, Ezio ergueu o braço direito, dobrou-o e empurrou violentamente o cotovelo para trás. Quando o capitão caiu de costas com um grito, tropeçando em seus companheiros, Ezio curvou-se e pegou a parte frouxa da corda no trecho onde ela ainda estava sobre as pranchas e, esquivando-se por entre os três homens, girou e laçou a corda em volta do pescoço do cambaleante capitão. Então saltou da plataforma para o vazio.

O capitão tentara desenrolar a corda; tarde demais. Foi atirado com força para as pranchas, com o impacto da queda do corpo de Ezio. As pranchas estremeceram quando a cabeça dele ficou entalada nelas. A corda deu um estalido, ao se retesar, quase quebrando o pescoço do capitão ao fazê-lo. Ficando azul, suas mãos foram para o pescoço enquanto esperneava e lutava contra a morte.

Proferindo todas as pragas que conheciam, os guardas sacaram as espadas e avançaram a toda a velocidade, golpeando a corda para soltar seu oficial. Quando a corda fosse cortada, o maldito Ezio Auditore mergulharia para a morte nas pedras a 150 metros abaixo, e, desde que morresse, que importaria o modo?

Na ponta da corda, rodopiando no espaço, Ezio tinha as mãos entre o laço e o pescoço, esforçando-se para evitar que a corda cortasse sua traqueia. Examinou a cena abaixo dele. Estava balançando perto dos muros. Tinha de haver algo em que ele pudesse segurar para deter a queda. Mas, se não houvesse, aquele seria um meio melhor de encontrar a morte do que fazê-lo obedientemente.

Acima, na plataforma que balançava de modo perigoso, os guardas, enfim, conseguiram cortar a corda, que agora arrancava sangue do pescoço do capitão. E Ezio se viu caindo, caindo...

Nesse momento, porém, sentiu a corda se afrouxar e balançou o corpo para mais perto dos muros do castelo. Masyaf fora construída por Assassinos para Assassinos. Ela não o abandonaria. Tinha visto um pedaço quebrado de um andaime projetando-se do muro cerca de quinze metros abaixo. Guiou o corpo na direção dele, enquanto mergulhava verticalmente. Agarrou-o, tremendo de dor quando seu braço foi quase arrancado da junta. Mas o andaime o conteve, e ele se conteve, trincando os dentes por causa do esforço, e foi erguendo o corpo até conseguir um apoio com as mãos.

Mas ainda não tinha acabado. Os guardas, inclinando-se para o lado de fora, viram o que havia acontecido e começaram a pegar qualquer coisa que pudessem jogar para desalojá-lo. Pedras e pedregulhos e pedaços de madeira quebrada choveram sobre ele. Ezio olhou em volta desesperadamente. À esquerda uma escarpa seguia até o muro, talvez a uns seis metros de onde estava agora. Se conseguisse se balançar do andaime e alcançar impulso suficiente para se lançar através dessa distância, havia uma ligeira chance de que pudesse rolar pela escarpa abaixo. A seus pés, via a beirada do cume de um despenhadeiro, da qual uma ponte de pedra em pedaços se estendia sobre um abismo por onde um estreito caminho se agarrava ao lado da montanha oposta.

Encolhendo-se para se proteger da chuva de destroços lá de cima, Ezio começou a se balançar para a frente e para trás, as mãos escorregando na madeira alisada pela neve do andaime; mas elas aguentaram, e ele não demorou a obter impulso. O momento surgiu quando sentiu que não conseguia mais se segurar e teria de se arriscar. Reuniu toda a energia em um último forte movimento para trás, arremessando-se no espaço quando seu corpo foi novamente levado para a frente e abriu-se como uma águia no ar enquanto voava em direção à escarpa.

Pousou pesada e deploravelmente, e isso o deixou sem fôlego. Antes que tivesse tempo de recuperar o equilíbrio estava tombando encosta abaixo, quicando pelo terreno irregular, mas conseguindo guiar aos poucos o corpo machucado basicamente na direção da ponte. Sabia que aquilo era vital, pois, se não acabasse exatamente no lugar certo, seria lançado além da beira do despenhadeiro sabia Deus a que vazio lá embaixo. Ia rápido demais, mas não tinha controle sobre a velocidade. De algum modo manteve a calma e, finalmente, parou — a três metros da própria ponte instável.

Um súbito pensamento o atingiu: quantos anos tinha aquela ponte? Era estreita, com um único vão, e longe, bem longe, lá embaixo, ele conseguia ouvir o bater de águas furiosas sobre pedras, invisíveis nas profundezas do escuro abismo abaixo. O choque de seu peso lançado sobre a ponte a sacudiu. Quanto tempo havia que alguém a atravessara? Sua obra de cantaria já se desintegrava, enfraquecida com a idade, a argamassa apodrecida. Ao se pôr de pé, para seu horror, viu uma fenda se abrir com um estalo, de um lado a outro, pouco mais de um metro e meio atrás dele. A fenda logo aumentou e a alvenaria em ambos os lados começou a desabar, caindo loucamente no abismo escuro.

Enquanto Ezio observava, o próprio tempo parecia diminuir a velocidade. Agora não havia como recuar. Ele se deu conta do que ia acontecer imediatamente. Virando-se, começou a correr, convocando cada músculo do corpo cansado para aquele último esforço. Correu para o outro lado da ponte, a estrutura rachando e desabando atrás dele. Faltando vinte metros — dez — podia sentir as pedras da construção se precipitarem assim que seus pés as deixavam. Finalmente, com o peito praticamente se rasgando por causa do esforço da respiração, estava de pé contra a rocha cinzenta da encosta da montanha, a face pressionada contra ela, os pés seguros no caminho estreito, incapaz de pensar ou de fazer qualquer coisa, escutando os sons das pedras da ponte à medida que caíam na correnteza lá embaixo, escutando os sons diminuírem até não haver nada, nenhum som a não ser o do vento.

11

Gradualmente, a respiração de Ezio se acalmou e estabilizou, e as dores nos músculos, esquecidas na crise, começaram a voltar. Mas havia muita coisa a fazer antes que permitisse ao corpo o descanso de que precisava. O que tinha de fazer era alimentá-lo. Ele não havia comido nem bebido nada em quase 24 horas.

Enfaixou o melhor que pôde as mãos esfoladas, usando um lenço cortado em dois, tirado da túnica. Com a mão em concha, colheu um filete de água que saía da rocha contra a qual pressionava o seu rosto. Parcialmente satisfeito, afastou-se da superfície em que estivera apoiado e checou o corpo. Não havia ossos quebrados, apenas uma leve distensão do lado esquerdo, onde tinha sido ferido, porém nada mais, nada sério.

Avaliou a situação. Não parecia que o tinham perseguido, mas certamente viram sua queda abaixo e sua corrida pela ponte desabando — talvez não tivessem notado que ele escapara, talvez simplesmente tenham deduzido que não o tivesse. Mas não podia descartar a possibilidade de terem enviado grupos de busca, no mínimo para resgatar seu corpo. Os Templários iam querer ter toda a certeza de que o Mentor de seus arqui-inimigos estava realmente morto.

Olhou para a encosta da montanha a seu lado. Era melhor escalar do que usar o caminho. Não sabia aonde este levava, e era estreito demais para lhe permitir espaço para manobrar, se tivesse de lutar. Parecia dar para escalar. Pelo menos poderia alcançar alguns bolsões de neve e saciar de fato sua sede. Sacudiu-se, grunhiu e se dedicou à tarefa.

Ficou contente por estar vestido com cores escuras, pois não teve necessidade de qualquer esforço para se misturar com a face da rocha que estava escalando. A

princípio, apoios para mãos e pés foram fáceis de encontrar, mas houve ocasiões em que teve de se esticar bastante, ocasiões em que seus músculos chiaram em protesto e, uma vez, um pedaço quebrado de pedra resvalou em sua mão, quase levando-o a desabar de volta os cerca de trinta metros que já havia escalado. A pior coisa — e a melhor — era o fino mas constante fluxo de água que caía sobre ele lá de cima. Pior, porque a rocha molhada era escorregadia; melhor, porque uma queda-d'água significava um riacho, ou pelo menos um córrego lá em cima.

Meia hora de escalada, porém, levou-o ao topo do que se revelou ser não uma montanha, mas um despenhadeiro, tendo em vista que o solo para o qual finalmente se arrastara era plano e coberto com trechos de touceiras irregulares de capim. Quase um tipo de prado alpino, margeado dos dois lados por mais paredes de pedra preta e cinzenta, mas de certo modo se abrindo na direção oeste — tanto quanto a vista de Ezio conseguia alcançar. Um desfiladeiro, exceto pelo fato de que, atrás dele, este levava a lugar nenhum. Talvez, muito tempo atrás, levasse. Um antigo terremoto devia ter criado os despenhadeiros que tinha acabado de escalar e a garganta na qual a ponte havia caído.

Ezio apressou-se até um lado do pequeno vale para fazer um reconhecimento. Onde havia desfiladeiros, havia água, e poderia também haver pessoas. Esperou, praticamente imóvel, por mais meia hora antes de se aventurar adiante, sacudindo os músculos para mantê-los aquecidos — tinham começado a endurecer por causa do longo tempo de imobilidade. Estava molhado, começava a sentir frio. Não podia se permitir ficar ali fora por muito tempo. Uma coisa foi escapar dos Templários, mas seu esforço seria desperdiçado se agora caísse vítima da natureza.

Aproximou-se mais do riacho, localizando-o pelo gorgolejo de sua água. Parando à sua margem, bebeu o máximo que ousou sem se saturar. Seguiu seu curso. Alguns arbustos lenhosos começaram a aparecer em suas margens e logo ele chegou a um mirrado matagal ao lado de um lago. Ali, fez uma pausa. Seria um milagre se houvesse alguma coisa viva por ali, tão distante da aldeia que se espalhava abaixo do castelo de Masyaf, qualquer animal que pudesse apanhar e comer; mas, se havia um lago, também havia a leve chance de haver peixe.

Ajoelhou-se e examinou as profundezas da água escura. Parado como uma garça, ele se impôs ser paciente. Então, finalmente, uma marola, uma bem suave, que desapareceu assim que agitou a superfície da água, mas o suficiente para lhe

mostrar que havia algo vivo ali dentro. Continuou sua vigília. Pequenos insetos pairavam baixo sobre o poço. Alguns se afastaram de lá e o atormentaram, atraídos pelo calor de seu corpo. Sem se atrever a afugentá-los, aguentou suas cócegas e suas minúsculas e desagradáveis picadas.

Então ele avistou — um corpo grande, rechonchudo, da cor de um cadáver, movimentando-se preguiçosamente a uns dez centímetros abaixo da superfície. Melhor do que ousara esperar — parecia talvez uma carpa, ou alguma coisa bem parecida. Enquanto observava, outro peixe, mais escuro, juntou-se ao primeiro, depois um terceiro, as escamas de cobre dourado.

Ezio aguardou que fizessem o que ele esperava — colocar a boca para fora da superfície e inalar ar. Esse seria o momento. Com toda a atenção concentrada, tensionou o corpo e endureceu as mãos.

O peixe escuro movimentou-se, bolhas irromperam quando a boca gorda apareceu.

Ezio saltou.

E caiu para trás, todo feliz, o enorme peixe retorcendo-se freneticamente em suas mãos, mas incapaz de escorregar para fora. Colocou-o no chão a seu lado e matou-o com uma pedra.

Não havia como assar aquilo. Teria de comê-lo cru. Então olhou novamente para a pedra que usara para matá-lo e lembrou-se do fragmento que havia resvalado em sua mão durante a escalada. Pederneira! Com sorte, poderia fazer uma fogueira — para secar as roupas e também cozinhar. Peixe cru não incomodava — além do mais, tinha lido que em algum lugar, em um inimaginável país muito distante do leste, havia pessoas que até mesmo consideravam isso uma iguaria. Mas roupas molhadas eram uma coisa diferente. Quanto à fogueira em si, ele arriscaria. Pelo que tinha visto, provavelmente era o primeiro ser humano naquele vale em mil anos, e as altas laterais o escondiam da vista por quilômetros.

Juntou alguns gravetos do matagal e, após alguns momentos de experiência, conseguiu iniciar uma pequena incandescência vermelha em um punhado de capim. Cuidadosamente, colocou-o debaixo de uma tenda de gravetos que havia preparado, queimando-se quando sua fogueira resplandeceu imediatamente. Ela queimou bem, produzindo pouca fumaça, que era fina e leve, transformada imediatamente em nada pela brisa.

Pela primeira vez desde quando avistara Masyaf, Ezio sorriu.

Apesar do frio, para poupar tempo, tirou as roupas para secá-las ao fogo sobre armações rudimentares feitas com galhos, ao mesmo tempo que o peixe assava e borbulhava em um simples espeto. Menos de uma hora depois, com a fogueira pisada e seus vestígios espalhados, ele sentiu a barriga aquecida e conseguiu, logo depois, vestir as roupas que, embora não recém-lavadas, estavam quentes e suficientemente secas para serem vestidas com conforto. Acabariam de secar em seu corpo. Quanto ao cansaço, teria de aguentar. Resistira ao desejo de dormir junto à fogueira e ao lago, uma luta tão dura quanto qualquer outra que tivera durante a viagem, mas agora foi recompensado por um segundo vento.

Sentiu o mesmo sobre a tarefa de voltar ao castelo. Precisava de seu equipamento, e também precisava desvendar os segredos do lugar para sua missão significar alguma coisa.

Ao refazer o caminho de volta, notou, pouco antes de chegar ao despenhadeiro que havia escalado, que, do lado sul do vale, outro caminho levava acima ao longo da face da rocha. Quem havia lavrado esses caminhos? Homens da aurora dos tempos? Ezio não tinha tempo para refletir sobre isso, mas agradeceu por aquilo estar ali. O caminho erguia-se de modo íngreme para o leste na direção de Masyaf. Ezio começou a subir.

Após uma escalada de cerca de 150 metros, o caminho terminava em um estreito promontório, onde algumas pedras fundamentais indicavam a presença, tempos atrás, de uma torre de vigia, de onde guardas podiam esquadrinhar a região em volta e dar ao castelo um alerta antecipado sobre qualquer exército ou caravana que se aproximasse. Olhando na direção leste e para baixo, o grande complexo de Masyaf, com as muralhas traseiras e torres abobadadas, espalhava-se debaixo dele. Ezio focalizou bem, e seus olhos, aguçados como os de uma águia, passaram a captar detalhes que, por seu lado, o ajudariam.

Bem distante, lá embaixo, distinguiu uma ponte de corda através do mesmo abismo sobre o qual antes se estendia a de pedra que ele atravessou correndo. Perto dela, um posto de sentinela. Pelo que podia ver, não havia outro acesso ao castelo de onde ele estava, porém, no lado mais distante da ponte, o caminho para o castelo era relativamente livre. A descida para a ponte, nesse lado, era outra questão. Praticamente uma abrupta cascata de rocha preta — o suficiente para desanimar o mais seguro cabrito montês. E ficava totalmente à vista do

posto de sentinela do lado da ponte do castelo.

Ezio olhou para o sol. Agora já tinha passado do apogeu. Calculou que levaria de quatro a cinco horas para alcançar o castelo. Precisava estar dentro antes de cair a escuridão.

Deixou o promontório e começou a descida, fazendo isso lentamente, tomando cuidado para não desalojar a confusão de pedras soltas, pois poderiam tombar pela encosta e alertar os Templários que vigiavam a ponte. Era um trabalho delicado, mas o sol iria se pôr atrás dele e, portanto, aos olhos de quem observasse lá de baixo, e Ezio estava grato pela sua proteção. Estaria lá embaixo antes de ele se pôr.

Finalmente chegou à segurança e ao esconderijo de um vasto afloramento em terreno horizontal cerca de quinze metros do lado oeste da ponte. Ficara mais frio, e o vento estava aumentando. A ponte — de corda preta embebida em alcatrão, com estreitas ripas de madeira como passagem — balançava e chocalhava. Enquanto Ezio observava, dois guardas saíram do posto e caminharam um pouco para lá e para cá, mas não se aventuraram sobre a ponte propriamente dita. Estavam armados com bestas e espadas.

A luz agora era fraca e sombria, e era difícil avaliar distâncias. Mas a luz reduzida era vantajosa para Ezio, e ele se misturou facilmente com o ambiente. Como uma sombra, agachado, foi até mais perto da ponte, mas não haveria proteção quando estivesse nela, e estava desarmado.

Parou mais uma vez, cerca de três metros de distância, observando os guardas. Pareciam indiferentes e entediados, notou Ezio com satisfação — não estariam alerta. Nada mais tinha mudado, exceto que alguém acendera um lampião no interior do posto, e ele ficou sabendo que havia mais do que dois deles.

Precisava de algum tipo de arma. Durante a descida e a aproximação final, estava preocupado demais em não revelar sua posição para procurar por alguma coisa, mas não esquecera que a pedra da montanha era pederneira, e havia muitos fragmentos soltos a seus pés. O preto das pedras cintilava sob a luz que definhava. Escolheu uma delas, uma lasca com forma de lâmina medindo cerca de quinze centímetros de comprimento e cinco de largura. Apanhou-a e, ao se movimentar, foi apressado demais, fazendo com que as outras pedras tinissem. Gelou. Mas não houve reação. A ponte tinha trinta metros de comprimento. Ele

conseguiria facilmente chegar à metade antes que os guardas o notassem. Mas teria de agir agora. Apoiou-se, levantou-se e arremessou-se adiante.

Não foi fácil avançar assim que estava na ponte. Ela sacudia e rangia de forma alarmante no vento selvagem daquele momento, e ele tinha de segurar nas cordas de apoio para manter o equilíbrio. Tudo isso leva tempo. E os guardas o tinham visto. Deram gritos de alerta, o que deu a Ezio um ou dois segundos a mais, porém, vendo-o avançar, soltaram seus arcos, encaixaram flechas e dispararam. Ao fazerem isso, mais cinco guardas, os arcos já carregados, saíram correndo do posto.

A luz fraca afetou a pontaria deles, mas chegou bem perto, e Ezio teve de se agachar e se desviar. Em determinado ponto, no meio da ponte, um prancha velha quebrou debaixo dele e seu pé ficou preso, mas conseguiu soltá-lo com um puxão antes que a perna afundasse toda no buraco — e, então, ele estaria perdido. De todo modo, teve a sorte de conseguir evitar mais de um disparo enquanto uma flecha lhe acariciou a nuca e rasgou a parte de trás do capuz. Sentiu o calor dela na pele.

Eles agora pararam de atirar e estavam fazendo alguma outra coisa. Ezio se esticou para ver.

Guinchos.

Tinham bastante folga de corda nos guinchos e estavam se preparando para soltá-la, liberando-a assim que destravassem os guinchos e os deixassem rodar livremente. Poderiam, depois, içar novamente a ponte, após tê-lo derrubado no abismo abaixo.

Merda, pensou Ezio, meio correndo, meio cambaleando adiante. Duas vezes em um dia! Faltando cinco metros para acabar, jogou-se no ar, enquanto a ponte sumia debaixo de seus pés, indo à frente e pousando sobre um guarda, derrubando outro com uma pancada, enfiando a lâmina de pederneira no pescoço do primeiro homem e tentando puxá-la às pressas, mas ela quebrou onde estava, bloqueada talvez por um osso. Pondo-se de pé e girando, puxou o segundo guarda, que ainda não havia se recuperado, violentamente em sua direção e, sacando com rapidez a espada do homem, empurrou-a de volta e transpassou-o com ela.

Os outros três tinham abandonado os arcos e sacado as espadas, forçando-o a ficar de costas para o precipício. Ezio pensou depressa. Não vira mais nenhum

homem por perto, ninguém tinha ido dar o alarme, teria de liquidar aqueles três e entrar no castelo antes que qualquer coisa fosse descoberta. Os homens, porém, eram enormes e não tinham montado guarda; estavam bem-dispostos e descansados.

Ezio avaliou o peso da espada em sua mão. Olhou de um rosto para o outro. Mas o que foi que viu agora nos olhos deles? Medo? Seria *medo*?

— Seu cão Assassino — vociferou um deles, mas a voz saiu meio trêmula. — Você deve ser aliado do diabo.

— Se o diabo é aliado de alguém, deve ser de vocês — rosnou Ezio, jogando-se à frente, sabendo que poderia tirar vantagem do temor dos guardas de que ele estava, de algum modo, repleto de uma força sobrenatural. *Se solo!*

Então se aproximaram, gritando pragas tão alto que Ezio precisou se apressar para acabar com eles, para silenciá-los. Os golpes foram a esmo e em pânico, e o serviço foi feito rapidamente. Arrastou os corpos para dentro do posto de guarda, mas não havia tempo de içar a ponte de volta, além disso, seria um trabalho impossível para um homem só. Pensou por um breve momento em mudar de roupas com um dos guardas, mas haveria perda de um tempo precioso, e a escuridão que aumentava estava a seu lado.

Ezio subiu o caminho que levava ao castelo, agradecido às sombras que haviam começado a se concentrar em ambos os lados. Chegou ao pé do ponto fraco de sua muralha, sem ser incomodado. O sol havia quase se posto, apenas um brilho vermelho aparecia agora atrás dos despenhadeiros e montanhas distantes do lado oeste. Fazia frio e o vento era insistente. O castelo, por ser velho, tinha pedras descoradas pelo tempo, e, para um escalador que sabia o que fazia, elas forneciam muitos apoios para mãos e pés. Ezio, mantendo em mente a imagem de uma planta da fortaleza, que estudara em Roma, reuniu as últimas reservas de energia e começou a subida. Trinta metros, calculou, e então estava dentro do salão externo sagrado. Depois disso, sabia onde ficavam os portões de ligação que davam para as fortificações internas, as torres e a masmorra.

A escalada foi mais difícil do que pensara. Braços e pernas doíam, e ele desejou ter algum tipo de instrumento que o ajudasse a aumentar seu alcance e que fosse capaz de agarrar rigidamente os apoios, aumentando o poder das mãos. Mas seguiu acima com determinação e, quando os últimos raios de sol se desvaneceram atrás das negras fortificações da montanha, dando lugar às

primeiras pálidas estrelas, Ezio desceu em uma passarela que percorria alguns metros abaixo das ameias da muralha externa. A cinquenta metros de cada lado dele ficavam as torres de vigia, mas os guardas em seu interior olhavam para fora e para baixo — havia uma agitação, levemente ouvida, vindo da direção da casa de guarda junto à ponte.

Ezio ergueu os olhos para a torre de menagem. Eles deviam ter guardado seu equipamento — os preciosos alforjes com as armas — no seguro depósito do porão abaixo dela.

Saltou da passarela para o chão, sempre se mantendo nas sombras. Rumou para a esquerda, na direção onde sabia que o portão dava acesso ao terreno da torre de menagem.

12

Caminhando suavemente como um puma e sempre buscando as rotas mais escuras, Ezio atingiu seu objetivo sem outros confrontos. Melhor assim, pois a última coisa que queria era outra luta ruidosa. Se o encontrassem novamente, não protelariam, não lhe dariam a mínima chance de escapar — eles o matariam no ato, o espetariam como a um rato. Havia poucos guardas por ali — todos os que tinha visto estavam nas ameias. Todos deviam estar fora, procurando por ele na pálida e incerta luz fornecida pela miríade de estrelas — e a briga no posto de guarda devia tê-los feito redobrar os esforços, pois aquilo lhes dera uma prova, sem qualquer dúvida, de que Ezio não estava morto.

Havia dois guardas Templários mais velhos sentados à mesa rústica de madeira, perto da entrada do depósito do porão. Sobre a mesa havia um grande jarro de peltre do que parecia ser vinho tinto e duas canecas de madeira. Ambos os guardas tinham as cabeças e os braços sobre a mesa. Roncavam. Ezio aproximou-se com extrema cautela, tendo visto a argola com chaves pendendo na cintura de um dos homens.

Ele não esquecera suas habilidades de batedor de carteiras que a Assassina *madame* Paola lhe ensinara em Florença quando era jovem. Muito cuidadosamente, tentando evitar que as chaves retinissem — pois o menor som poderia acordar os homens e significar seu fim —, levantou a argola e, com a outra mão, desamarrou desajeitadamente a tira de couro que a prendia ao cinturão do sujeito. Em determinado momento, o nó desfeito encontrou um obstáculo e se prendeu e, nas tentativas de soltá-lo, Ezio puxou forte demais e o homem se mexeu. Ezio tornou-se uma estátua, observando atentamente com as

mãos ocupadas, e incapaz de fazer um movimento para a arma de um dos dois guardas. O homem, porém, simplesmente bufou e continuou dormindo, enrugando preocupadamente a testa, talvez por causa de algum sonho.

Finalmente a argola com as chaves estava nas mãos de Ezio, que se arrastou furtivamente pela passagem iluminada por tochas que havia depois dos guardas, olhando para as pesadas portas de madeira revestidas de ferro que se estendiam por ambos os lados.

Tinha de agir depressa, mas era um trabalho demorado checar que chave da grande argola de aço cabia em que fechadura, e, ao mesmo tempo, cuidar para que as chaves não fizessem nenhum ruído enquanto as manipulava. Na quinta porta, teve sorte. Ela abriu para um verdadeiro arsenal, armas de vários tipos, todas bem arrumadas em prateleiras que corriam pela extensão das paredes.

Ele havia tirado uma tocha de seu suporte perto da porta e, com essa luz, não demorou a encontrar seus alforjes. Uma rápida inspeção indicou que nada havia sido tirado ou mesmo, pelo que podia perceber, tocado. Soltou um suspiro de alívio porque aquelas eram as últimas coisas em que ele iria querer que os Templários colocassem as mãos, pois havia algumas boas mentes trabalhando para eles, e teria sido desastroso se tivessem conseguido copiar o sistema de lâminas ocultas.

Fez uma breve verificação em tudo. Viajara com o que considerava ser seu equipamento essencial, e descobriu, após uma dupla checagem, que tudo que trouxera estava definitivamente no lugar. Afivelou a cimitarra, sacando-a para se certificar de que a lâmina ainda estava afiada, então a enfiou de volta em sua bainha, empurrando-a fortemente até o fim. Prendeu a braçadeira no braço esquerdo e a lâmina oculta que estava intacta no punho esquerdo. A lâmina quebrada e seu mecanismo ele guardou nas bolsas — não ia deixá-la para os Templários, mesmo naquele estado, e sempre haveria a chance de mandar consertá-la. Cuidaria disso quando surgisse a oportunidade. Guardou a pistola acionada por mola com a munição, e, demorando mais tempo do que deveria, tirou e checou o paraquedas, e viu que não tinha sido danificado. O paraquedas era uma novidade, uma invenção de Leonardo que ele ainda não havia usado em ação. Mas os saltos experimentais que dera com ele haviam mais do que provado seu potencial. Dobrou meticulosamente a estrutura em forma de barraca e devolveu-a ao resto do equipamento, jogando as bolsas nos ombros, prendendo-

as firmemente, e voltou pelo caminho por onde tinha ido, passando pelos guardas que ainda dormiam. Uma vez lá fora, começou a escalar.

Localizou um ponto de observação afastado em uma torre de menagem. Escolheu o local porque tinha vista para o jardim dos fundos de Masyaf, sob o qual, se sua pesquisa feita na planta estivesse correta, os Templários estariam concentrando seus esforços para localizar a biblioteca do grande Mentor Assassino Altaïr, que havia dirigido dali a Irmandade havia três séculos. Era a lendária biblioteca dos Assassinos, e fonte de todo seu conhecimento e poder, se fosse acreditar na carta de seu pai.

Ezio atualmente não tinha qualquer dúvida de que nada menos do que uma investigação sobre isso explicaria a presença dos Templários naquele lugar.

Na beira da pequena torre da muralha externa, olhando abaixo para o jardim, ficava a enorme estátua de pedra de uma águia, com as asas fechadas, mas tão natural que parecia estar prestes a alçar voo e mergulhar sobre alguma presa insuspeita. Ele testou a estátua. Apesar de todo o seu peso, ela balançou ligeiramente quando lhe aplicou uma pressão.

Perfeito.

Tomou posição junto à águia e se preparou para descansar durante a noite, sabendo que nada aconteceria antes do amanhecer. Se não aproveitasse aquela oportunidade para descansar, não seria capaz de agir com eficiência quando chegasse o momento. Talvez os Templários o tomassem por uma espécie de meio-diabo, mas sabia muito bem que era apenas um homem, igual a qualquer outro.

Mas, antes de descansar, uma dúvida repentina o assaltou, e esquadrinhou o jardim abaixo. Não havia sinais de escavações. Seria possível que tivesse se enganado?

Recorrendo às lições que aprendera e aos poderes que desenvolvera em treinamento, focou os olhos para que estes adotassem o poder dos de uma águia, e examinou minuciosamente o chão abaixo dele. Concentrando-se bastante, finalmente conseguiu perceber um brilho fraco que emanava de uma parte do chão de mosaico do que foi um dia um caramanchão ornamental, agora tomado pela vegetação, imediatamente abaixo. Satisfeito, sorriu e relaxou. O mosaico representava uma imagem da deusa Minerva.

O sol mal tinha chegado às ameias do lado leste quando Ezio, revigorado pelo curto sono e alerta, acocorado junto à águia de pedra, soube que o momento havia chegado. Também sabia que tinha de agir depressa — cada momento que passava ali aumentava o risco de ser descoberto. Os Templários ainda não haviam desistido dele. E foram inflamados pelo ódio — sua fuga, quando o tinham na própria garra da morte, os havia deixado uivando por vingança.

Ezio avaliou distâncias e ângulos e, quando ficou satisfeito, colocou a bota contra a águia de pedra e deu um bom empurrão na estátua. Ela balançou no seu pedestal e caiu para longe por cima do parapeito, girando várias vezes em direção ao distante chão de mosaico lá embaixo. Ezio observou-a somente por um segundo, apenas para verificar seu curso antes de dar um Salto de Fé. Havia algum tempo desde que executara um desses, e agora a antiga vibração estava de volta. E os dois caíram, a águia primeiro, Ezio mergulhando na mesma trajetória cinco metros acima dela. Na direção do que parecia um chão bastante maciço.

Ezio não tinha tempo de rezar para que não tivesse cometido nenhum erro. Se tivesse cometido, o tempo para rezar para qualquer coisa logo se esgotaria.

A águia pousou primeiro, no centro do mosaico.

Por uma fração de segundo, pareceu que águia se desfizera em pedaços, mas era o mosaico que se despedaçara, revelando abaixo uma grande fenda profunda na terra, através da qual a águia e Ezio caíram. Ele foi colhido imediatamente em um tubo que se inclinava cerca de 45 graus solo adentro. Deslizou com os pés à frente, guiando-se com os braços, ouvindo a águia estrondear seu caminho adiante dele, até que, com um forte esguicho, tombou em um enorme lago subterrâneo. Ezio foi atrás.

Quando veio à tona, pôde verificar que o lago ficava no meio de uma espécie de grande antecâmara. Uma antecâmara, porque seu foco arquitetônico era uma porta. Uma porta de pedra verde-escura, lustrosa, alisada pelo tempo.

Ezio não estava sozinho. Um grupo de cinco Templários sobre a barragem de granito do lago perto da porta tinha se virado à visão e ao som da estrondeante intrusão, e estava à sua espera, aos berros, com espadas prontas. Com eles estava um homem em roupas de operário, um empoeirado avental de lona em volta da cintura e uma bolsa de couro com ferramentas no cinturão. Um pedreiro, pela aparência. Um martelo e um grande cinzel pendiam de suas mãos, enquanto observava, boquiaberto.

Ezio ergueu-se para a barragem e os guardas correram à frente, desferindo uma chuva de golpes, mas ele os rechaçou pelo tempo suficiente para se pôr de pé. Então se firmou e os enfrentou.

Novamente, sentiu o medo deles, e tirou vantagem de sua momentânea hesitação de atacar primeiro. Sacou com firmeza a cimitarra com a mão direita e soltou a lâmina oculta por baixo da esquerda. Com dois golpes rápidos para a esquerda e para a direita, derrubou os homens que estavam mais perto. Os outros o cercaram, fora de alcance, revezando-se para aplicar golpes repentinos contra ele, como víboras atacando, na tentativa de desorientá-lo. Seus esforços, porém, não eram suficientemente ajustados. Ezio conseguiu empurrar o ombro contra um deles, lançando-o no lago. Ele afundou quase imediatamente, as águas negras eliminando seu aflito grito de socorro. Girando e mantendo-se abaixado, Ezio derrubou um quarto homem de costas sobre o granito. O elmo voou para longe e seu crânio estalou com um ruído igual ao disparo de uma pistola contra uma pedra dura.

O sobrevivente, o quinto homem, um cabo Templário, vociferou uma ordem desesperada para o operário, mas este nada fez, petrificado demais para se mexer. Então, vendo Ezio dirigir-se a ele, o cabo recuou, com a boca cheia de saliva, até a parede atrás dele deter sua retirada. Ezio se aproximou, pretendendo simplesmente deixar o Templário inconsciente. O cabo, que esperava uma chance, desferiu um traiçoeiro golpe de adaga na direção da virilha de Ezio. Ele desviou o corpo para o lado e agarrou o sujeito pelo ombro, perto da garganta.

— Eu o teria poupado, amigo. Mas você não me deixa escolha. — Com um rápido golpe de sua cimitarra afiada como uma navalha, Ezio separou do corpo a cabeça do homem. — *Requiescat in pace* — disse ele baixinho.

Então, virou-se para o pedreiro.

13

O homem tinha mais ou menos a idade de Ezio, mas tendia a engordar e não se encontrava na melhor das formas. No momento, tremia como um álamo de tamanho fora do comum.

— Não me mate, senhor! — implorou, curvando-se. — Sou um operário, só isso. Apenas um pobre ninguém com família para cuidar.

— Tem um nome?

— Adad, senhor.

— Que tipo de serviço executa para essas pessoas? — Ezio baixou-se para limpar as lâminas na túnica do cabo morto e embainhá-las. Adad descontraiu um pouquinho. Continuava segurando o martelo e o cinzel, e Ezio mantinha nele um olhar cauteloso, mas o pedreiro parecia ter esquecido que estavam em suas mãos.

— Principalmente cavar. É um terrível trabalho duro, senhor. Levei um ano só para encontrar esta câmara. — Adad observou o rosto de Ezio, mas, se procurava compaixão, não a encontrou. Após um momento de silêncio, prosseguiu. — Nos últimos três meses venho tentando abrir caminho através dessa porta.

Ezio afastou-se do homem e examinou a porta.

— Não fez muito progresso — comentou ele.

— Nem mesmo um arranhão! Essa pedra é mais dura que aço.

Ezio passou a mão pela pedra lisa como vidro. A seriedade de sua expressão aumentou.

— Duvido que você consiga. Esta porta guarda objetos mais valiosos do que

todo o ouro do mundo.

Agora que a ameaça de morte era passado, os olhos do homem cintilaram involuntariamente.

— Ah! Quer dizer... pedras preciosas?

Ezio olhou-o de modo irônico. Então voltou o olhar para a porta e a examinou cuidadosamente.

— Há buracos de chaves aqui. Cinco deles. Onde estão as chaves?

— Eles me revelam pouca coisa. Mas sei que os Templários acharam uma delas debaixo do palácio do sultão otomano. Quanto às outras, suponho que o livrinho deles lhes dirá.

Ezio olhou-o severamente.

— O palácio do sultão Bayezid? E que livro é esse?

O pedreiro deu de ombros.

— Uma espécie de diário, acho eu. Aquele capitão feio, o tal com cicatriz no rosto, carrega-o aonde quer que ele vá.

Os olhos de Ezio estreitaram-se. Pensou rápido. Então pareceu relaxar e, tirando da túnica uma bolsinha de linho, jogou-a para Adad. Ela retiniu quando o sujeito a pegou.

— Vá para casa — disse Ezio. — Procure outro serviço... com gente honesta.

Adad pareceu contente, mas hesitante.

— Não sabe o quanto eu gostaria disso. Adoraria deixar este lugar. Mas esses homens... eles me matarão se eu tentar.

Ezio virou-se ligeiramente, olhando para o túnel atrás de si. Um fraco raio de luz descia por ele.

Virou-se de volta para o pedreiro.

— Empacote suas ferramentas — ordenou. — Não terá nada a temer agora.

14

Mantendo-se nas escadarias e nos corredores menos frequentados do castelo, Ezio voltou sem ser visto às altas ameias, sua respiração emplumando o ar frio. Seguiu caminho por elas até um ponto que dava vista para a aldeia de Masyaf, agachando-se à sombra do castelo. Sabia que não haveria como deixar o castelo por qualquer um de seus dois bem vigiados portões, mas precisava rastrear o capitão com cicatriz e cabeça raspada. Supunha que o sujeito estaria do lado de fora, supervisionando a busca pelo Assassino que havia escapado. Templários deviam estar vasculhando a zona rural em volta, o que explicava a relativa ausência de homens dentro dos confins da fortaleza. Em todo caso, Ezio sabia que a etapa seguinte de sua missão estava do outro lado dos muros de Masyaf, mas, antes, teria de deixar aquele lugar.

Assim que obteve uma visão clara da aldeia, viu que os guardas Templários faziam suas rondas por lá, interrogando os habitantes. Cuidando para que o sol ficasse às suas costas, obscurecendo qualquer visão clara de baixo para cima, soltou as bolsas e retirou o paraquedas, desdobrando-o e montando-o com o máximo de velocidade que a precaução permitia, pois sua vida dependia dele. A distância era muito grande e a descida perigosa demais, mesmo para o mais audacioso Salto de Fé.

O paraquedas tomou a forma de uma tenda triangular, ou pirâmide, de uma seda resistente mantida no lugar por suportes de aço fino. Ezio prendeu as cordas de cada um de seus quatro cantos em um arreio de soltura rápida que afivelou em volta do peito, em seguida, parando para aferir o vento e se certificar de que ninguém lá embaixo estava olhando para cima, arremessou-se no ar.

Teria sido uma sensação arrebatadora, se ele tivesse tido tempo livre para desfrutar aquilo, mas estava concentrado em guiar o dispositivo, usando da melhor maneira possível as correntes de convecção e térmicas, imitando uma águia, e conseguiu pousar em segurança cerca de dez metros do prédio mais próximo. Acondicionando rapidamente o paraquedas, seguiu caminho para a aldeia.

Certamente os Templários estavam muito ocupados perturbando os aldeões, empurrando-os e socando-os sem piedade se revelassem qualquer sinal de não responder clara e instantaneamente. Ezio misturou-se com o povo da aldeia, ouvindo e observando.

Um velho pedia piedade enquanto um criminoso Templário vigiava de perto sua forma curvada.

— Ajudem-me, por favor! — implorava a quem o ouvisse, mas ninguém o ouvia.

— Fale, cão! — bradou o Templário. — Onde está ele?

Em outro lugar, um homem mais jovem estava sendo espancado por dois bandidos, embora implorasse que parassem. Outro gritou "Sou inocente!" ao cair no chão depois de ser golpeado com um porrete.

— Onde ele está escondido? — vociferavam os agressores.

Não eram apenas homens que estavam sendo cruelmente tratados. Dois outros Templários covardes seguravam uma mulher e um terceiro a chutava impiedosamente, abafando seus gritos enquanto ela se debatia no chão, suplicando que parassem de modo comovente.

— Eu não sei de nada! Por favor, me perdoem!

— Traga-nos o Assassino, e você não será mais molestada — escarneceu seu torturador, levando o rosto para perto do dela. — Caso contrário...

Ezio observava, ansioso para ajudar, mas forçando-se a se concentrar na busca pelo capitão. Chegou ao portão dianteiro da aldeia bem a tempo de avistar o objeto de sua procura, subindo em uma carroça puxada a cavalo. O capitão estava com tanta pressa de partir que arremessou o condutor de seu assento para o chão.

— Saia do meu caminho — bradou. — *Fíye apó brostá mou!* — Agarrando as rédeas, o capitão olhou em volta para os soldados. — Nenhum de vocês vai embora até o Assassino estar morto — rosnou. — Entenderam?! Encontrem-no!

Ele estivera falando grego, percebeu Ezio. Em tempos passados, ouvira principalmente italiano e árabe. Seria o capitão um bizantino entre aquela turma de Templários? Um descendente daqueles forçados ao exílio quando Constantinopla caiu diante da espada do sultão Mehmed, 65 anos antes? Ezio sabia que os exilados tinham se estabelecido logo depois no Peloponeso, mas, mesmo após terem sido aniquilados lá pelos triunfantes otomanos, bolsões deles ainda sobreviveram na Ásia Menor e no Oriente Próximo.

Deu um passo à frente, expondo-se.

Os soldados olharam para ele, nervosamente.

— Senhor! — chamou um dos sargentos mais arrojados. — Parece que ele nos encontrou.

Em resposta, o capitão tirou o chicote de seu suporte junto ao assento do condutor e açoitou para seus cavalos avançarem, gritando:

— Vamos! Vamos!

Ezio, vendo isso, explodiu em uma corrida. Soldados Templários tentaram impedi-lo, mas, sacando sua cimitarra, ele abriu impacientemente o caminho por entre eles. Jogando-se na carroça que desaparecia rapidamente, por pouco deixou de agarrá-la, e, em vez disso, conseguiu alcançar uma corda que vinha sendo arrastada. A carroça estacou por um instante, em seguida lançou-se à frente, arrastando Ezio junto.

Com dor, começou a impelir o corpo adiante, uma das mãos após a outra pela corda em direção à carroça, enquanto, atrás de si, ouvia o ruído de cascos trovejantes. Uma dupla de soldados, por conta própria, havia montado em cavalos e, agora, estava nos calcanhares de Ezio, espadas erguidas, esforçando-se para chegar perto o bastante para cortá-lo fora. Enquanto cavalgavam, gritavam alertas ao capitão, que chicoteava os próprios cavalos para um galope ainda mais violento. Ao mesmo tempo, outra carroça, mais leve, tinha saído em perseguição, e rapidamente se aproximava.

Estrondeando contra o áspero terreno, Ezio continuava a içar o corpo pela corda. Estava cerca de meio metro da tampa traseira da carroça, quando os dois cavaleiros que vinham atrás se aproximaram. Ele baixou a cabeça, à espera de uma pancada, mas os cavaleiros foram muito apressados, ao se concentrar mais na presa do que em como cavalgavam. Suas montarias chocaram-se a irritantes centímetros atrás dos calcanhares de Ezio e caíram em um pandemônio de

cavalos relinchando, cavaleiros xingando e poeira.

Esticando-se ao máximo, ele forçou os braços doloridos a fazerem um último esforço. Respirando fortemente, deu um puxão violento, em vez de se arrastar os últimos centímetros até a carroça, onde permaneceu imóvel por um momento, com a cabeça zonza, recuperando o fôlego.

Enquanto isso, a segunda carroça já se encontrava lado a lado com a primeira, e o capitão gesticulava freneticamente para que os homens a bordo a trouxessem mais perto. Assim que o fizeram, o capitão pulou de sua carroça para a deles, empurrando o condutor para fora de seu lugar. Com um leve grito, o homem caiu do veículo em velocidade para o chão, batendo em uma pedra e ricocheteando dela com um horrível baque surdo, antes de permanecer inerte, a cabeça torcida em um ângulo anormal.

Assumindo o controle dos cavalos que se precipitavam adiante, o capitão afastava-se com rapidez. Ezio, por sua vez, arrastou-se para a frente da carroça em que estava e agarrou as rédeas, seus músculos gritando em protesto quando as puxaram para controlar sua própria parelha. Os dois cavalos espumavam, estavam com os olhos desvairados e com o sangue se concentrando nos freios em suas bocas, mas mesmo assim continuavam seu galope, e Ezio continuou na perseguição. Vendo isso, o capitão virou na direção de um velho portão aberto, do outro lado da estrada, sustentado por colunas de tijolos desintegrando-se. Conseguiu bater lateralmente em uma delas sem retardar o progresso de sua corrida, e a coluna se espatifou no chão em um emaranhado de alvenaria bem diante de Ezio. Ele movimentou as rédeas, desviando sua parelha no momento exato, e a carroça deu um tranco e saiu ruidosamente para a terra coberta de vegetação rasteira que beirava a estrada. Lutou para levar os cavalos de volta para a esquerda, a fim de alcançar o caminho danificado. Pó e pedrinhas voavam para todos os lados, arranhando o rosto de Ezio e fazendo com que apertasse os olhos para protegê-los, e para manter o alvo à vista.

— Vá para o inferno, seu maldito! — guinchou o capitão por cima do ombro.

E agora Ezio podia ver os soldados, pendurados precariamente na traseira da outra carroça, preparando granadas para jogar nele. Ziguezagueando o melhor possível, conseguia evitar as explosões, que surgiam em ambos os lados e atrás dele, e lutava com dificuldade para controlar os cavalos apavorados que, agora, debandavam. As bombas, porém, fracassaram em encontrar seu alvo, e ele se

manteve na pista.

O capitão tentou uma tática diferente... e também perigosa.

De repente, diminuiu a velocidade, ficando para trás, a fim de que Ezio, antes de realizar um movimento contrário, se emparelhasse com ele. Imediatamente, o capitão fez sua parelha dar uma guinada para que sua carroça batesse de lado na de Ezio.

O Assassino pôde ver o branco dos olhos semienlouquecidos do capitão, a cicatriz lívida através de seu rosto fatigado, quando se encararam em meio ao ar em redemoinho.

— Morra, miserável! — bradou o capitão.

Então olhou à frente. Ezio acompanhou seu olhar e avistou uma torre de vigia e, depois dela, outra aldeia. Essa aldeia era maior do que a de Masyaf e parcialmente fortificada. Uma fortaleza remota dos Templários.

O capitão conseguiu induzir mais uma explosão de velocidade de seus cavalos, e, ao seguir adiante com um grito de triunfo, seus homens jogaram mais bombas. Dessa vez, uma delas explodiu debaixo da roda traseira do lado esquerdo da carroça de Ezio. A explosão jogou-a parcialmente para cima. Ezio foi lançado para fora, enquanto os cavalos gemiam como *banshees* e mergulhavam na vegetação rasteira, arrastando atrás de si os restos da carroça destroçada. O terreno tinha uma queda súbita à direita da estrada, e Ezio foi arremessado seis metros abaixo em uma ravina onde um enorme afloramento de arbustos espinhosos amorteceu sua queda e o ocultou.

Ele permaneceu de bruços, olhando a implacável terra cinzenta a centímetros do rosto, incapaz de se mexer, incapaz de pensar, mas sentindo que cada osso do corpo tinha se quebrado. Fechou os olhos e esperou pelo fim.

15

Ezio ouviu vozes, bem distantes, enquanto permanecia em uma espécie de sonho. Pensou ter visto novamente o jovem de branco, mas não tinha certeza. Que não o ajudara nem o atrapalhara, mas que pareceu estar do seu lado. Outros vieram à sua mente e se foram: seus irmãos havia muito tempo mortos, Federico e Petruccio; Claudia, seu pai e sua mãe; e o — não solicitado e não desejado — belo e cruel rosto de Caterina Sforza.

As visões sumiram, mas as vozes permaneceram, agora mais fortes, enquanto os outros sentidos retornavam. Provou o solo com a boca e cheirou a terra contra a qual estava seu rosto. As dores e o sofrimento em seu corpo também retornaram. Ele achava que nunca mais conseguiria se mexer.

As vozes eram indistintas, vindas de cima. Imaginou os Templários curvados à beira do pequeno despenhadeiro no qual havia caído, mas percebeu que não podiam vê-lo. Os densos arbustos deviam estar ocultando seu corpo. Como ele havia sumido de vista, os Templários organizaram uma equipe de busca. Mais tarde, para raiva do capitão, a equipe voltou sem nada conclusivo para informar.

Ele esperou um pouco, até as vozes finalmente recuarem e o silêncio cair. Em seguida, de modo hesitante, flexionou as mãos e os pés, depois braços e pernas, ao mesmo tempo que, grato, cuspiu na terra. Nada parecia quebrado. Lenta, dolorosamente, rastejou seu caminho para fora dos arbustos e se pôs de pé. Então, cautelosamente, e usando a proteção disponível, escalou de volta para a estrada.

Foi bem a tempo de ver o capitão atravessar o portão dos muros da aldeia fortificada a cerca de duzentos metros de distância. Mantendo-se do lado da

estrada onde cresciam os arbustos que podiam escondê-lo, ele se limpou e começou a caminhar em direção à aldeia, mas parecia que cada um de seus músculos protestava.

— Isto costumava ser tão fácil — murmurou tristemente para si mesmo. Mas determinou-se a ir em frente e, margeando o muro, encontrou um local apropriado para escalar.

Projetando a cabeça para além do parapeito a fim de verificar se não estava sendo observado, impulsionou o corpo e saltou para o interior da aldeia. Descobriu-se em um curral, vazio exceto por uma dupla de novilhos, que se puseram de lado, observando-o cautelosamente. Esperou um pouco, para o caso de haver cachorros, mas, após um minuto, passou pela cancela do curral e, acompanhando o som de vozes que se erguiam, seguiu caminho pela aldeia aparentemente deserta em direção a elas. Aproximando-se da praça da aldeia, avistou o capitão, e saiu de vista indo para trás de um galpão. O capitão, de pé no topo de uma torre baixa em um dos cantos da praça, repreendia severamente dois infelizes sargentos. Mais além deles, os aldeões reunidos observavam em silêncio. As palavras do capitão eram pontuadas pelo chop-chop de uma roda-d'água do outro lado, acionada pelo riacho que atravessava a aldeia.

— Parece que sou o único aqui com cabeça para pensar — dizia o capitão. — Desta vez, até termos *certeza* de que ele está *morto*, ordeno que não baixem a guarda um só momento. Entenderam?

— Sim, senhor — responderam os homens sombriamente.

— Quantas vezes vocês fracassaram em matar esse homem, hein? — prosseguiu o capitão raivosamente. — Ouçam, e ouçam bem: se eu não vir a cabeça dele rolando pela poeira diante dos meus pés em uma hora, as de vocês tomarão o lugar da dele!

O capitão ficou em silêncio e, virando-se, observou a estrada de sua posição privilegiada. Ezio pôde perceber que ele estava nervoso. Seus dedos tamborilavam a alavanca do gatilho da besta.

O Assassino seguira por dentro do aglomerado de aldeões durante o discurso do capitão, misturando-se com eles da melhor maneira possível, o que, devido à sua aparência abatida e estropiada, não foi difícil. Mas, agora, a multidão se dispersava e voltava ao trabalho. O clima entre as pessoas era de nervosismo, e, quando um homem à sua frente deu um tropeção e colidiu com outro, o segundo

virou-se irritado para ele e vociferou:

— Ei, sai do meu caminho... olhe por onde anda!

Com a atenção atraída pela perturbação, o capitão vasculhou a multidão e, em um instante, seus olhos alcançaram os de Ezio.

— *Você!* — gritou. No momento seguinte, havia armado o arco, encaixado uma seta e disparado.

Ezio desviou-se dela com habilidade, a seta passou por ele e foi se enterrar no braço do homem que havia vociferado.

— *Uuui!* — uivou ele, agarrando o bíceps despedaçado.

Ezio atirou-se para uma proteção, enquanto o capitão recarregava.

— Não deixará este lugar vivo! — berrou o capitão, disparando novamente. Dessa vez, a seta prendeu-se inofensivamente no caixilho de madeira de uma porta que Ezio invadira. Mas havia pouca coisa de errado com a pontaria do capitão. Até então, tivera sorte. Precisava dar o fora, e depressa. Mais duas setas passaram raspando por ele.

— Não há escapatória — berrou o capitão atrás dele. — É melhor você virar e me enfrentar, seu cão desprezível. — Disparou novamente.

O Assassino inspirou fundo e saltou para agarrar outra verga de porta, balançando-se de modo a conseguir alcançar o telhado plano de barro de uma residência. Correu para o outro lado, quando outra seta passou assobiando pelo seu ouvido.

— Reaja para morrer — gritou o capitão. — Seu tempo acabou, e precisa aceitar isso, mesmo estando longe do seu canil miserável em Roma! Portanto, venha e enfrente seu matador!

Ezio podia ver que soldados corriam para os fundos da aldeia, a fim de impedir sua rota de fuga. Mas deixaram o capitão isolado, exceto pelos dois sargentos, e a aljava das setas estava vazia.

Os aldeões tinham se dispersado e desaparecido havia muito tempo.

Foi para trás do muro baixo que cercava o telhado, soltou as bolsas das costas e enfiou o coldre da pistola no punho direito.

— Por que não desiste? — bradou o capitão, ao sacar a espada.

Ezio levantou-se.

— Eu nunca aprendi isso — gritou de volta, em uma voz clara, erguendo sua arma.

O capitão olhou a arma erguida em pânico e medo momentâneos, então guinchou para seus ajudantes:

— Saiam do meu caminho!

Empurrou-os para o lado e saltou da torre para o solo. Ezio disparou e acertou-o em meio ao salto, a bala atingindo-o no joelho esquerdo. Com um gemido de dor, o capitão caiu no chão, batendo a cabeça em uma pedra afiada, e rolou por ali. Os sargentos fugiram.

Ezio atravessou a praça deserta. Nenhum soldado retornou. Ou temiam Ezio, ou ele os tinha convencido de que era realmente um ser sobrenatural, ou o amor deles pelo capitão nunca fora muito grande. Havia silêncio, exceto pelo contínuo ruído da roda-d'água e pela lamúria do capitão agonizante.

O capitão olhou nos olhos de Ezio, quando este se aproximou.

— Ah, seu maldito — exclamou. — Bem, o que está esperando? Vamos... mate-me!

— Você possui algo que eu quero — disse-lhe Ezio calmamente, recarregando a arma para que ambos os canos ficassem prontos. O capitão olhou para a arma.

— Vejo que o velho cão ainda morde — observou ele por entre dentes trincados. Escorria sangue de seu joelho e do ferimento mais sério na têmpora esquerda.

— O livro que você carrega. Onde está?

O capitão deu-lhe um olhar ardiloso.

— Refere-se ao velho diário de Niccolò Polo? Sabe a respeito disso? Você me surpreende, Assassino.

— Sou cheio de surpresas — rebateu Ezio. — Entregue-o a mim.

Vendo que não havia remédio para ele, o capitão, grunhindo, tirou do colete um velho livro encadernado em couro, com cerca de 30 x 15 cm. Sua mão tremia e o deixou cair no chão. Olhou para Ezio, com uma gargalhada que morreu, gorgolejante, em sua garganta.

— Pegue-o — disse ele. — Nós já reunimos todos os seus segredos, e já encontramos a primeira das cinco chaves. Quando tivermos as restantes, o Grande Templo e todo seu poder serão nossos.

Ezio olhou-o compassivamente.

— Você foi enganado, soldado. Não existe templo antigo em Masyaf. Apenas

uma biblioteca, repleta de sabedoria.

O capitão olhou para ele.

— Seu ancestral Altaïr teve a Maçã do Éden sob seu controle durante sessenta anos, Ezio. Ele obteve muito mais do que você chama de sabedoria. Ele aprendeu... *tudo!*

Ezio pensou rapidamente sobre isso. Sabia que a Maçã estava enterrada em segurança na cripta de uma igreja em Roma — ele e Maquiavel haviam providenciado isso. Sua atenção, porém, foi atraída imediatamente de volta pelo arfar de dor do capitão. O sangue escorrera de seus ferimentos abertos durante todo o tempo em que conversaram. Agora o homem estava com a palidez da morte. Uma expressão curiosamente pacífica tomou conta de seu rosto, e estendeu o corpo, quando um último e demorado suspiro escapou dele.

Ezio observou-o por um momento.

— Você foi um verdadeiro *bastardo* — comentou. — Mas... apesar disso... *Requiescat in pace*.

Inclinou-se à frente e, delicadamente, fechou os olhos do sujeito com a mão enluvada.

A roda-d'água continuava a martelar. Fora isso, havia silêncio.

Ezio apanhou o livro e o revirou nas mãos. Na capa, viu um símbolo em relevo, seu dourado desbotara havia muito tempo. Era o emblema da Irmandade dos Assassinos. Sorrindo ligeiramente, abriu na folha de rosto.

LA CROCIATA SEGRETA
Niccolò Polo
MASYAF, giugno, MCCLVII
CONSTANTINOPOLI, gennaio, MCCLVIII

Ao ler, Ezio inspirou fundo.

Constantinopla, pensou. *Claro*...

16

A brisa tornou-se mais fresca, e Ezio ergueu a vista do livro de Niccolò Polo aberto em seu colo. Ele estava debaixo de um toldo no convés de ré do enorme e bojudo *baghlah* branco, enquanto este rasgava as claras águas azuis do Mar Branco, com as velas latinas e a bujarrona abertas para tirar toda a vantagem de um vento favorável.

A longa viagem desde Latakia, na costa síria, o tinha levado primeiro de volta a Chipre. A escala seguinte tinha sido em Rodes — onde sua atenção fora atraída pela chegada a bordo de uma nova passageira, uma bela mulher de talvez 30 anos usando um vestido verde que combinava perfeitamente com seu cabelo dourado acobreado. Então, através do norte do Dodecaneso em direção aos Dardanelos e, finalmente, o mar de Mármara.

Agora a viagem se aproximava do fim. Marinheiros gritavam uns para os outros, e os passageiros se enfileiravam ao longo da amurada para observar, enquanto, a um quilômetro e meio de distância, cintilando sob a luz do sol, a grande cidade de Constantinopla erguia-se a bombordo. Ezio tentou identificar partes da cidade pelo mapa que havia comprado no porto sírio antes do embarque. Perto dele se encontrava um jovem ricamente vestido, provavelmente ainda na adolescência, um otomano, mas também claramente familiarizado com a cidade, com quem ele mantinha um relacionamento apenas superficial. O rapaz estava ocupado com um astrolábio, tomando medidas e fazendo anotações em uma caderneta com capa de marfim, que pendia de uma corda de seda de seu cinto.

— O que é aquilo? — perguntou Ezio, apontando. Queria conhecer o

máximo possível do local antes de atracar. A notícia de sua fuga em Masyaf não devia estar muito distante às suas costas, e precisava agir depressa.

— Aquilo é o Quarteirão de Bayezid. A grande mesquita que consegue ver foi construída pelo sultão uns cinco anos atrás. E depois dela, você pode ver os telhados do Grande Bazar.

— Entendi — disse Ezio, semicerrando os olhos ao sol para focalizar e desejando que Leonardo tivesse resolvido inventar aquele instrumento do qual sempre falava, uma espécie de tubo extensível com lentes, que faria as coisas distantes parecerem mais próximas.

— Cuidado com sua bolsa quando for ao Bazar — alertou o jovem. — Há todo tipo de gente por lá.

— Como em qualquer *souk*.

— *Evet.* — O rapaz sorriu. — Bem ali, onde se encontram as torres, fica o distrito imperial. Aquela cúpula cinzenta que consegue ver daqui é da velha Basílica de Santa Sofia. Agora é uma mesquita, claro. E, para além dela, está vendo aquele comprido prédio baixo amarelo... na verdade, mais um complexo de prédios... com duas cúpulas baixas juntas e um pináculo? Aquilo é o Palácio Topkapi. Um dos primeiros prédios que erigimos após a conquista, e no qual ainda continuamos trabalhando.

— O sultão mora lá?

O rosto do jovem obscureceu ligeiramente.

— Ele deveria... mas não... não mora. Não no momento.

— Preciso visitar o palácio.

— É melhor providenciar um convite primeiro!

O vento diminuiu e as velas ondularam. Os marinheiros recolheram a bujarrona. O comandante fez a proa do navio virar ligeiramente, trazendo à vista outro ângulo da cidade.

— Está vendo aquela mesquita ali? — prosseguiu o rapaz, como se estivesse ansioso para desviar a conversa do Palácio Topkapi. — Aquela é a Fatih Camii... a primeira coisa que o sultão Mehmed construiu para celebrar sua vitória sobre os bizantinos, uma mesquita. Não que tivessem restado muitos quando ele chegou aqui. O império deles já se extinguira havia muito tempo. Mas o sultão quis que sua mesquita superasse a Basílica de Santa Sofia. Como pode ver, não conseguiu completamente.

— Não por não tentar — observou Ezio diplomaticamente, enquanto seus olhos vasculhavam a magnífica edificação.

— Mehmed ficou ressentido — continuou o jovem. — Diz a história que ele mandou cortar o braço do arquiteto como castigo. Mas, claro, isso é apenas uma lenda. Sinan era um arquiteto bom demais para Mehmed querer perdê-lo.

— Você disse que o sultão não está no palácio — lembrou Ezio delicadamente.

— Bayezid? Não. — O ar preocupado do jovem retornou. — Um grande homem, o sultão, embora o fogo de sua juventude tenha sido substituído por tranquilidade e devoção. Mas, infelizmente, está em desacordo com um de seus filhos... Selim... e isso tem significado uma guerra entre eles, que vem esquentando há anos.

O *baghlah* agora velejava ao longo das paredes do lado sul da cidade, e não demorou a virar no canto norte para o estreito de Bósforo. Pouco depois, uma grande barra se abriu a bombordo, e o navio dirigiu-se a ela, passando pela imensa corrente que pendia através de sua embocadura. Ela agora estava baixada, mas podia ser erguida para fechar o porto em momentos de emergência ou guerra.

— A corrente entrou em desuso desde a conquista — comentou o jovem. — Afinal, ela não deteve Mehmed.

— Mas é uma medida de segurança útil — rebateu Ezio.

— Chamamos isso de o Haliç — disse o rapaz. — O Corno de Ouro. E ali, do lado norte, fica a Torre de Gálata. Seus conterrâneos genoveses a construíram cerca de 150 anos atrás. Veja só, eles a batizaram de a Torre de Cristo. Mas é o que fariam mesmo, não é? Você é realmente de Gênova?

— Sou florentino.

— É, não tem mesmo jeito.

— É uma boa cidade.

— *Affedersiniz*. Não conheço o suficiente de sua parte do mundo. Embora muitos de seus conterrâneos ainda vivam aqui. Há séculos temos italianos aqui. Seu famoso Marco Polo... o pai dele, Niccolò, negociou por aqui há bem mais de duzentos anos, com o irmão. — O jovem sorriu, observando o rosto de Ezio. Então voltou a atenção para a Torre de Gálata. — Deve haver um meio de levar você ao topo. O pessoal da segurança pode ser persuadido. De lá, você tem uma

vista da cidade de tirar o fôlego.

— Isso seria... muito gratificante.

O rapaz olhou para ele.

— Você provavelmente ouviu falar de outro famoso conterrâneo seu, que ainda está vivo, creio. Leonardo da Vinci?

— O nome agita algumas lembranças.

— Menos de uma década atrás, *Sayin* da Vinci *bey* teve um pedido de nosso sultão para que construísse uma ponte através do Corno.

Ezio sorriu, lembrando que Leonardo, certa vez, o mencionara de passagem. Pôde imaginar o entusiasmo do amigo por tal projeto.

— O que aconteceu? — perguntou. — Não vejo nenhuma ponte ali.

O rapaz abriu os braços.

— Disseram-me que o projeto era belíssimo, mas, infelizmente, o plano nunca foi aceito. Ambicioso demais, concluiu finalmente o sultão.

— *Non mi sorprende* — disse Ezio, meio para si mesmo. Em seguida apontou para outra torre. — Aquilo é um farol?

O jovem seguiu seu olhar na direção de uma baía perto da popa.

— Sim. E muito antigo. Onze séculos ou mais. É chamado de o Kiz Kulesi... Que tal o seu turco?

— Fraco.

— Então traduzirei. Você a chamaria de a Torre da Donzela. Nós a chamamos assim por causa da filha de um sultão que morreu ali de picada de cobra.

— Por que ela morava em um farol?

O rapaz sorriu.

— A intenção era... evitar cobras — observou ele. — Olhe, agora dá para ver o Aqueduto de Valens. Está vendo aquela fila dupla de arcos? Os romanos sabiam mesmo como construir. Quando criança, eu adorava subir ali.

— É uma escalada e tanto.

— Sua expressão é a de quase como se quisesse experimentar.

Ezio sorriu.

— Nunca se sabe — disse ele.

O rapaz abriu a boca para dizer alguma coisa, mas mudou de ideia e voltou a fechá-la. Sua expressão, ao olhar para Ezio, não foi descortês. E Ezio sabia

exatamente o que ele estava pensando: um velho tentando fugir dos anos.

— De onde você vem? — perguntou Ezio.

O rapaz pareceu mostrar indiferença.

— Ah... Terra Santa — disse ele. — Isto é, a *nossa* Terra Santa. Meca e Medina. Todo bom muçulmano deve fazer essa viagem uma vez na vida.

— Você foi cedo.

— Pode-se dizer que sim.

Observaram a cidade passar em silêncio enquanto subiam o Corno para a ancoragem.

— Não há uma cidade na Europa com um horizonte como este — comentou Ezio.

— Ah, mas este lado *está* na Europa — retrucou o jovem. — Ali — gesticulou para o leste, do outro lado do Bósforo —, *aquele* lado é a Ásia.

— Há algumas fronteiras que nem mesmo os otomanos conseguem mover — observou Ezio.

— Muito poucas — rebateu rapidamente o jovem, e Ezio achou que ele ficou na defensiva. Então mudou de assunto. — Você diz que é italiano... de Florença — prosseguiu. — Mas suas roupas desmentem isso. E... perdoe-me... parece que você está dentro delas há bastante tempo. Está viajando há muito tempo?

— *Sì, da molto tempo*. Deixei *Roma* há um ano à procura de... inspiração. E essa busca me trouxe aqui.

O jovem olhou de relance o livro na mão de Ezio, mas não disse nada. O próprio Ezio não queria revelar algo mais de seu intento. Apoiou-se na amurada e observou os muros da cidade e os outros navios de todos os países do mundo apinhando os ancoradouros, enquanto o *baghlah* passava lentamente por eles.

— Quando eu era criança, meu pai me contou histórias sobre a queda de Constantinopla — disse Ezio finalmente. — Aconteceu seis anos antes do meu nascimento.

O rapaz guardou cuidadosamente o astrolábio em um estojo de couro que pendia de um cinto em volta de seu ombro.

— Nós chamamos a cidade de Kostantiniyye.

— Não significa a mesma coisa?

— Nós a dominamos agora. Mas tem razão. Kostantiniyye, Bizâncio, Nova Roma, a Maçã Vermelha... que diferença realmente isso faz? Dizem que Mehmed

quis rebatizá-la de Islam-bul... Onde Floresce o Islã... mas essa derivação é apenas outra lenda. No entanto, as pessoas estão até usando esse nome. Embora, é claro, os educados entre nós saibam que deveria ser Istan-bol... Para a Cidade. — O jovem fez uma pausa. — Que histórias seu pai contava? Cristãos corajosos sendo derrotados por turcos malvados?

— Não. De modo algum.

O rapaz suspirou.

— Suponho que a moral de qualquer história se equipara ao temperamento do homem que a conta.

Ezio ergueu-se. A maioria de seus músculos havia se recuperado durante a longa viagem, mas ainda havia dores na lateral do corpo.

— Nisso nós concordamos — disse ele.

O jovem sorriu calorosa e genuinamente.

— *Güzel!* Alegro-me! Kostantiniyye é uma cidade para todas as classes e todos os credos. Até mesmo os bizantinos remanescentes. E estudantes como eu, ou... viajantes como você.

A conversa foi interrompida por um jovem casal seljúcida, que caminhava pelo convés e passou por eles. Ezio e o rapaz fizeram uma pausa para bisbilhotar a conversa deles — na verdade, Ezio, porque qualquer informação que pudesse obter sobre a cidade lhe seria útil.

— Meu pai não pode enfrentar todo esse crime — dizia o marido. — Terá de fechar a loja, se isso continuar.

— Vai passar — rebateu a esposa. — Talvez quando o sultão voltar.

— Ah! — exultou o homem sarcasticamente. — Bayezid é fraco. Faz vista grossa para os levantes bizantinos, e olhe qual foi o resultado... *kargasha!*

A mulher fez um gesto para ele se calar.

— Você não deve dizer essas coisas!

— Por que não? Falo apenas a verdade. Meu pai é um homem honesto, e ladrões o estão roubando de modo irracional.

Ezio os interrompeu.

— Com licença... não pude evitar ouvir.

A mulher disparou um olhar para o marido: *está vendo?*

O homem, porém, virou-se para Ezio e lhe disse:

— *Affedersiniz efendim*. Vejo que é um viajante. Se ficar na cidade, por favor,

visite a loja do meu pai. Seus tapetes são os melhores de todo o Império, e ele lhe fará um bom preço. — Fez uma pausa. — Meu pai é um bom homem, mas ladrões quase destruíram seu negócio.

O marido teria dito mais, porém sua esposa o arrastou apressadamente dali.

Ezio trocou um olhar com seu companheiro, que acabara de aceitar um copo de *sharbat* levado até ele pelo que parecia ser um criado. Ele ergueu o copo.

— Você aceita um? É muito refrescante e ainda vai demorar um pouco até atracarmos.

— Seria excelente.

O jovem fez um sinal com a cabeça para o criado, que se retirou.

Um grupo de soldados otomanos passou por eles, de volta para casa após uma viagem a serviço no Dodecaneso, falando sobre a cidade para onde estavam retornando. Ezio cumprimentou-os e se juntou a eles por um momento, enquanto o rapaz virava o rosto para o outro lado e permanecia indiferente, fazendo anotações em seu livro com capa de marfim.

— O que eu quero saber é o que esses assassinos bizantinos estão querendo? — perguntou um dos soldados. — Eles tiveram sua chance. Quase destruíram a cidade.

— Quando o sultão Mehmed chegou, havia menos de 40 mil pessoas vivendo aqui... e vivendo na miséria — lembrou outro.

— *Aynen oyle* — concordou um terceiro. — Exatamente! E agora veja a cidade. Trezentos mil habitantes, e prosperando novamente pela primeira vez em séculos. Nós fizemos a nossa parte.

— Tornamos esta cidade forte outra vez. Nós a reconstruímos! — observou o segundo soldado.

— Sim, mas os bizantinos não veem dessa maneira — disse o primeiro. — Eles causam problemas a cada chance que têm.

— Como posso reconhecê-los? — perguntou Ezio.

— Simplesmente afaste-se de quaisquer mercenários que você vir usando uma vestimenta rústica avermelhada — explicou o primeiro soldado. — São bizantinos. E não são nada amáveis.

Os soldados então seguiram adiante, chamados por um suboficial para se prepararem para o desembarque. O jovem companheiro de Ezio estava a seu lado. No mesmo momento, o criado reapareceu com o *sharbat* de Ezio.

— Como vê — comentou o rapaz. — Apesar de toda a sua beleza, Kostantiniyye não é, afinal de contas, o lugar mais perfeito do mundo.

— E algum é? — retrucou Ezio.

17

O navio deles entrou na doca, e passageiros e tripulação se embaralharam, ficando uns no caminho dos outros, enquanto os cabos de atracação eram jogados para homens no cais e pranchas eram baixadas.

Ezio havia retornado à sua cabine para apanhar os alforjes — tudo que ele carregava. Sabia como conseguir o que precisava, assim que estivesse em terra. O criado de seu jovem companheiro levara para o convés três baús revestidos de couro, e estavam à espera de carregadores para colocá-los em terra. Ezio e seu novo amigo se prepararam para a despedida.

O rapaz suspirou.

— Tenho muito trabalho à minha espera... mas, mesmo assim, é bom estar em casa.

— Você é jovem demais para se preocupar com trabalho, *ragazzo*!

Seu olhar foi distraído pelo surgimento da mulher ruiva vestida de verde. Ela se atrapalhava com um grande pacote, que parecia pesado. O rapaz seguiu o olhar de Ezio.

— Quando eu tinha sua idade, meus interesses eram... eram principalmente... — Ezio interrompeu-se, observando a mulher. Observando o modo como ela se movimentava no vestido. Ela ergueu a vista e ele achou que fizera contato visual. — *Salve!* — cumprimentou.

Mas ela não o tinha notado, e Ezio virou-se de volta para o jovem companheiro, que o estivera olhando com uma expressão divertida.

— Incrível — disse o jovem. — Estou surpreso por você não ter conseguido nada.

— Minha mãe também ficaria. — Ezio sorriu de volta, com certo pesar.

Finalmente, o portão da amurada abriu-se e a multidão de passageiros que esperava lançou-se adiante.

— Foi um prazer conhecê-lo, *beyfendi* — disse o jovem, fazendo uma mesura para Ezio. — Espero que encontre algo que prenda seu interesse enquanto estiver aqui.

— Tenho fé que encontrarei.

O rapaz seguiu em frente, mas Ezio ficou mais um tempo, observando a mulher lutar para levantar o pacote — o qual não desejava confiar a nenhum carregador — ao começar a desembarcar. Estava para se adiantar para ajudá-la, quando viu que o jovem havia se adiantado a ele.

— Posso ajudá-la, minha senhora? — perguntou-lhe.

A mulher olhou para o rapaz e sorriu. Ezio achou aquele sorriso mais mortal do que qualquer flecha de besta. Mas não foi apontada para ele.

— Obrigada, caro rapaz — disse ela, e o jovem, gesticulando para afastar seu criado, ergueu pessoalmente o pacote para o ombro e a seguiu escada abaixo até o cais.

— Um erudito e *também* um cavalheiro — gritou Ezio para ele. — Você é cheio de surpresas.

O jovem virou-se e sorriu novamente.

— Muito poucas, meu amigo. Muito poucas. — Ergueu a mão. — *Allaha ismarladik!* Deus o abençoe.

Ezio observou a mulher, seguida pelo jovem, ser engolida pela multidão. Ele notou um homem, parado um pouco mais afastado, olhando-o. Um homem forte, em meio à casa dos 30 anos, usando um manto branco com uma faixa vermelha na cintura e calças escuras enfiadas em botas amarelas. Tinha um longo cabelo escuro e barba, e quatro facas de arremesso presas no alto do ombro esquerdo. Também usava uma cimitarra, e seu antebraço direito tinha uma guarda de aço de blindagem tripla. Ezio ficou tenso e, ao olhar mais atentamente, achou, mas não teve certeza, que pôde detectar o mecanismo de uma lâmina oculta logo abaixo da mão direita do homem. O manto era encapuzado, mas o capuz estava baixado e o cabelo rebelde do sujeito era mantido sob controle por uma larga bandana amarela.

Ezio avançou lentamente pela prancha abaixo até o cais. E o homem se

aproximou. Quando estavam a dois passos um do outro, o homem parou, sorriu cautelosamente e fez uma profunda mesura.

— Bem-vindo, Irmão! A não ser que a lenda seja mentira, você é o homem que sempre desejei conhecer. Renomado Mestre e Mentor... Ezio Auditore da... — interrompeu-se, e sua dignidade o abandonou. — La-la-lá! — terminou.

— *Prego?* — Ezio achou divertido.

— Perdoe-me, sinto dificuldades em fazer minha língua pronunciar italiano.

— Sou Ezio da Firenze. A cidade do meu nascimento.

— O que me torna... Yusuf Tazim *da* Istambul! Gostei!

— Istambul. Ah... então é assim que *vocês* chamam esta cidade.

— É o termo favorito dos habitantes locais. Venha, senhor... deixe-me levar sua bagagem.

— Não, obrigado.

— Como queira. Bem-vindo, Mentor! Alegro-me por, finalmente, ter chegado. Vou lhe mostrar a cidade.

— Como soube que deveria me esperar?

— Sua irmã escreveu de Roma para alertar a Irmandade aqui. E tomamos conhecimento de seus feitos por um espião instalado em Masyaf. Por isso, vigiamos as docas durante semanas, na esperança e na expectativa de sua chegada. — Yusuf podia notar que Ezio continuava desconfiado. E pareceu receoso. — Sua irmã, *Claudia*, escreveu... viu? Sei o nome dela. E posso lhe mostrar a carta. Tenho-a aqui comigo. Eu sabia que não era um homem de aceitar as aparências.

— Vejo que usa uma lâmina oculta.

— Quem mais, além de um membro da Irmandade, teria acesso a uma delas?

Ezio descontraiu, ligeiramente. O comportamento de Yusuf ficou repentinamente solene.

— Venha.

Colocou a mão sobre o ombro de Ezio e o conduziu através da multidão em polvorosa. Cada lado das apinhadas ruelas por onde passavam estava repleto de barracas vendendo todo o tipo de mercadorias debaixo de um caleidoscópio de toldos coloridos. As ruelas também estavam aparentemente repletas de pessoas de todas as nações e de todas as raças da Terra. Cristãos, judeus e muçulmanos ocupavam-se em fazer escambo uns com os outros, pregões em turco se

misturavam com outros em grego, em frâncico e em árabe. Com relação ao italiano, Ezio reconhecera os sotaques de Veneza, Gênova e Florença antes de ter percorrido todo um quarteirão. E havia outras línguas que conhecia mais ou menos ou conseguia apenas adivinhar — armênio, búlgaro, sérvio e persa. E uma língua gutural falada por homens altos, de pele clara, que usavam a barba e o cabelo ruivos desgrenhados e longos, que ele não reconheceu.

— Bem-vindo ao distrito de Gálata — anunciou radiante Yusuf. — Por séculos, tem sido um lar para órfãos da Europa e da Ásia. Não encontrará mais diversidade em qualquer outro lugar da cidade. E, por esse excelente motivo, nós, os Assassinos, temos aqui o nosso quartel-general.

— Mostre-me.

Yusuf assentiu, ansioso.

— *Kesinlikle*, Mentor. Agora mesmo! A Irmandade aqui está impaciente para conhecer o homem que liquidou o Bórgia! — Soltou uma gargalhada.

— Todo mundo na cidade já sabe que estou aqui?

— Enviei um menino na frente, assim que avistei você. E, em todo caso, sua luta na Terra Santa com os Templários não passou despercebida. Não precisamos de espião para isso!

Ezio pareceu pensativo.

— Quando comecei, a violência estava longe de minha mente. Buscava apenas sabedoria. — Olhou para seu novo tenente. — O conteúdo da biblioteca de Altaïr.

Yusuf riu novamente, embora com menos segurança.

— Não levou em conta que ela estava lacrada por dois séculos e meio?

Ezio riu um pouco.

— Não. Tomei por certo. Mas admito que não esperava encontrar Templários vigiando-a.

Yusuf agora ficou sério. Estavam chegando a ruas menos populosas e diminuíram o ritmo das passadas.

— É muito perturbador. Cinco anos atrás, a influência dos Templários aqui era mínima. Apenas uma pequena facção com sonhos de restituir o trono a Bizâncio.

Chegaram a uma pequena praça, e Yusuf conduziu Ezio a um lado e apontou para um grupo de quatro homens aglomerados em um canto escuro. Estavam

vestidos com armadura cor de chumbo sobre túnicas e coletes de lã vermelha.

— Ali está um grupo deles — disse Yusuf, baixando a voz. — Não olhe em sua direção. — Deu uma olhada em volta. — Eles crescem em número, dia após dia. E sabem o que todos nós sabemos, que o sultão Bayezid está de saída. Estão de olho, à espera do momento deles. Creio que talvez tentem algo dramático.

— Mas não há um herdeiro ao trono otomano? — indagou Ezio, surpreso.

— Esse é o problema... existem dois. Dois filhos raivosos. É um padrão conhecido dessa realeza. Quando o sultão tosse, os príncipes sacam as espadas.

Ezio meditou a respeito, lembrando-se do que o jovem no navio lhe dissera.

— Entre os Templários e os otomanos, você deve se manter ocupado — observou ele.

— Ezio, *efendim*, digo-lhe a verdade, eu mal tenho tempo de lustrar minha espada!

Nisso, um tiro soou, e uma bala incrustou-se no muro a poucos centímetros à esquerda da cabeça de Yusuf.

18

Yusuf se jogou atrás de uma fila de barris de especiarias, com Ezio logo atrás.

— Fui falar no demônio, e olhe ele aí! — exclamou Yusuf, com os lábios comprimidos, ao erguer a cabeça apenas o suficiente para ver o atirador recarregando do outro lado da praça.

— Parece que nossos amigos bizantinos ali não gostam que se olhe para eles.

— Eu cuidarei do homem com o mosquete — avisou Yusuf, medindo a distância entre ele e o alvo, ao enfiar a mão para trás e soltar uma das facas de arremesso da bainha às suas costas. Em um hábil movimento, lançou a faca e ela atravessou a praça, girando três vezes antes de encontrar seu alvo, enterrando-se bem fundo na garganta do homem, no instante em que ele erguia a arma para disparar novamente. Enquanto isso, seus amigos já corriam na direção dos Assassinos, as espadas desembainhadas.

— Não há para onde fugir — disse Ezio, sacando a cimitarra.

— Um batismo de fogo para você — comentou Yusuf. — E acaba de chegar. *Çok üzüldüm*.

— Nem pense nisso — rebateu Ezio, se divertindo. Ele já havia captado o suficiente de turco para saber que seu colega de armas estava dizendo "sinto muito".

Yusuf sacou a espada e, juntos, saltaram do esconderijo para enfrentar o inimigo que se aproximava. Estavam vestidos mais levemente do que os três oponentes, o que os deixava com uma proteção pior, porém com mais mobilidade. Ezio logo percebeu, ao enfrentar o primeiro bizantino, que lutava contra um combatente altamente treinado.

Yusuf continuava com seus gracejos enquanto lutavam. Mas já estava acostumado àquele inimigo, e era uns quinze anos mais novo do que Ezio.

— A cidade toda se agita para lhe dar as boas-vindas... Primeiro os regentes, como eu... e agora os ratos!

Ezio concentrava-se no manejo da espada. Esta, no começo, parecera estar contra ele, que, no entanto, logo se adaptou à espada leve e flexível que estava usando, e descobriu que sua lâmina em curva melhorava incrivelmente o balanço. Uma ou duas vezes, Yusuf, olhando para seu Mentor, gritou instruções úteis, mas acabou por lhe dar um admirado olhar com o canto dos olhos.

— *Inanilmaz!* Um mestre trabalhando!

Ele, porém, permitira que sua atenção fosse distraída por um segundo demorado demais e um dos bizantinos conseguiu cortar o material de sua manga esquerda e abrir um talho em seu antebraço. Ao recuar involuntariamente e seu atacante aproveitar sua vantagem, Ezio empurrou violentamente o adversário para o lado e foi em auxílio do amigo, enfiando-se entre Yusuf e o bizantino, e evitando, com a braçadeira esquerda, o que teria sido o golpe fatal seguinte. Esse movimento fez o bizantino perder o contrapé tempo suficiente para que Yusuf recuperasse seu equilíbrio e, por sua vez, desviasse o golpe de outro mercenário que se aproximava das costas de Ezio, desferindo-lhe um golpe mortal ao mesmo tempo que Ezio acabava com o segundo homem. O bizantino restante, um homem grande com o queixo semelhante a uma pedra, pareceu vacilar pela primeira vez.

— *Tesekkür ederim* — disse Yusuf, ofegante.

— *Bir sey degil.*

— Não há limites para seus talentos?

— Bem, pelo menos aprendi "obrigado" e "de nada" a bordo daquele *baghlah*.

— Cuidado!

O imenso bizantino se abatia sobre eles, rosnando, com uma enorme espada em uma das mãos e a maça na outra.

— Por Alá, pensei que ele tinha fugido — declarou Yusuf, desviando para o lado e dando-lhe um tropeção, de modo que, levado pelo peso do próprio impulso, o sujeito disparou adiante e se chocou pesadamente contra um dos barris de condimento, mergulhando de cabeça em um monte aromático de pó

amarelo onde permaneceu imóvel.

Após olhar em volta, Ezio limpou a espada e a embainhou. Yusuf fez o mesmo.

— Você tem uma técnica curiosa, Mentor. Só finta, nada de luta. Aparentemente. Mas quando ataca...

— Penso como um mangusto... meu inimigo é a cobra.

— Expressão notável.

— Eu tento.

Yusuf olhou novamente em volta.

— É melhor irmos embora. Creio que já basta de diversão por hoje.

As palavras mal tinham saído de sua boca quando outro pelotão de mercenários bizantinos, atraídos pelo som da luta, chegou agitado à praça.

Ezio ficou instantaneamente alerta, sacando a espada outra vez.

Mas então o outro lado da praça se encheu de mais soldados, usando um uniforme diferente — túnica azul e chapéu cônico de feltro escuro.

— Um momento... espere! — gritou Yusuf, quando os recém-chegados se movimentaram para atacar os mercenários, fazendo com que recuassem e perseguindo-os até sumirem de vista, longe da praça.

— Eram soldados otomanos normais — explicou Yusuf em resposta ao olhar interrogativo de Ezio. — Não são janízaros... mas um regimento de elite; você reconhece só de ver. Mas todos os soldados otomanos têm uma aversão especial a esses bandidos bizantinos, o que é uma vantagem para os Assassinos.

— Qual o tamanho dessa vantagem?

Yusuf abriu os braços.

— Ora, bem pequena. Eles o matarão se você olhar de uma maneira que não gostem, como os bizantinos. A diferença é que, depois, os otomanos vão se sentir mal por terem feito isso.

— Que comovente.

Yusuf sorriu.

— De fato, não é tão mal assim. Pela primeira vez em muitas décadas, nós, os Assassinos, temos uma forte presença aqui. Nem sempre foi assim. Na época dos imperadores bizantinos, éramos caçados e mortos no ato.

— É melhor me contar sobre isso — pediu Ezio, ao partirem novamente em direção ao quartel-general da Irmandade.

Yusuf coçou o queixo.

— Bem, o antigo imperador, Constantino... o décimo primeiro com esse nome... teve um reinado de apenas três anos. O nosso sultão Mehmed providenciou isso. Mas, segundo todos os relatos, Constantino não era muito mau. Ele foi o último dos imperadores romanos, uma linhagem que vinha de um milênio.

— Poupe-me da lição de história — interrompeu Ezio. — Quero saber contra o que lutamos agora.

— Acontece que, quando Mehmed tomou a cidade, não restava quase nada dela... ou do antigo Império Bizantino. Dizem até mesmo que Constantino ficou tão quebrado que teve de substituir as pedras preciosas de seu manto por cópias de vidro.

— Meu coração sangra por ele.

— Ele foi um homem corajoso. Recusou a oferta de sua vida em troca da rendição da cidade, e continuou combatendo. Seu espírito, porém, não foi transmitido para seus dois sobrinhos. Um deles está morto há algum tempo, mas o outro... — Yusuf parou de falar e ficou pensativo.

— Ele é contra nós?

— Ah, pode apostar nisso. E é contra os otomanos. Bem, pelo menos os governantes.

— Onde ele está atualmente?

Yusuf pareceu incerto.

— Quem sabe? Exilado em algum lugar? Mas, se ainda vive, deve estar tramando alguma coisa. — Fez uma pausa. — Dizem que, em certa época, foi muito íntimo de Rodrigo Bórgia.

Ezio enrijeceu diante do nome.

— O espanhol?

— O próprio. O tal que você, finalmente, apagou.

— Foi o próprio filho dele o autor do feito.

— Bem, eles nunca foram exatamente a Sagrada Família, não é mesmo?

— Prossiga.

— Rodrigo também era íntimo de um seljúcida chamado Cem. Era tudo muito secreto, até mesmo os Assassinos só souberam disso muito tempo depois.

Ezio assentiu. Ele tinha ouvido as histórias.

— Se bem me recordo, Cem era um pouco aventureiro.

— Era um dos irmãos do atual sultão, mas estava de olho no trono para si mesmo, então Bayezid o mandou embora. Acabou em uma espécie de prisão domiciliar na Itália, e ele e Rodrigo se tornaram amigos.

— Eu me lembro — disse Ezio, continuando a história. — Rodrigo achou que podia usar as ambições de Cem para tomar Constantinopla para si mesmo. Mas a Irmandade conseguiu assassinar Cem em Cápua cerca de quinze anos atrás. E isso pôs fim àquele pequeno plano.

— Não que tenhamos recebido muitos agradecimentos por isso.

— Nosso trabalho não é feito para recebermos agradecimentos.

Yusuf curvou a cabeça.

— Sou disciplinado, Mentor. Mas deve admitir que foi um belo golpe.

Ezio ficou em silêncio e, após um momento, Yusuf continuou.

— Os dois sobrinhos que mencionei eram filhos de outro irmão de Bayezid, Tomas. Também foram exilados, com o pai.

— Por quê?

— Acredite... Tomas também estava atrás do trono otomano. Isso lhe parece familiar?

— O nome dessa família não seria Bórgia, seria?

Yusuf deu uma risada.

— É *Palaiologus*. Mas tem razão... na essência, é quase a mesma coisa. Após a morte de Cem, ambos os sobrinhos se estabeleceram na Europa. Um deles permaneceu lá, tentando formar um exército para ele mesmo tomar Constantinopla... fracassou, é claro, e morreu, como eu disse, sete ou oito anos atrás, sem um herdeiro e sem um centavo. Mas o outro... bem, ele voltou, renunciou a qualquer ambição imperial, foi perdoado e até mesmo esteve na Marinha por algum tempo. Depois, aparentemente, acomodou-se em uma vida de luxo e mulheres.

— Mas anda desaparecido?

— Com certeza está fora de vista.

— E não sabemos seu nome?

— Ele usa muitos nomes... e não fomos capazes de pegá-lo.

— Mas tem tramado alguma coisa.

— Sim. E tem conexões com Templários.

— Um homem a ser vigiado.

— Se ele aparecer, saberemos.

— Quantos anos ele tem?

— Dizem que nasceu no ano da conquista de Mehmed, o que tornaria apenas um punhado de anos mais velho do que você.

— Então ainda dispõe de muita energia.

Yusuf olhou para ele.

— Se for como você, tem muita. — Olhou em volta. A caminhada os levou às profundezas do coração da cidade. — Estamos quase chegando — avisou. — Por aqui.

Viraram outra esquina — para uma rua estreita, escura, fria e sombria apesar da luz do sol, que tentava, e fracassava, penetrar no estreito espaço entre as edificações de cada lado. Yusuf parou diante de uma porta pintada de verde e de aparência inexpressiva e ergueu sua aldrava de latão. Bateu um código tão suavemente que Ezio ficou imaginando se alguém lá dentro teria ouvido. Segundos depois, porém, a porta foi aberta por uma moça de ombros largos e cintura fina que usava o emblema dos Assassinos na fivela do cinturão de sua túnica.

Ezio encontrou-se em um espaçoso pátio, com trepadeiras verdes pendendo das paredes amarelas. Nele estava reunido um pequeno grupo de jovens mulheres e homens. Olharam com admiração para Ezio, enquanto Yusuf, com um gesto teatral, virou-se para ele e disse:

— Mentor... cumprimente a extensão da sua família.

Ezio deu um passo adiante.

— *Salute a voi, Assassini*. É uma honra encontrar amigos leais tão longe de casa. — Para seu horror, descobriu que se comoveu até as lágrimas. Talvez as tensões das últimas horas o tivessem alcançado; e ainda estava cansado da viagem.

Yusuf dirigiu-se aos colegas membros da sede da Irmandade dos Assassinos em Constantinopla.

— Estão vendo, amigos? Nosso Mentor não tem medo de chorar abertamente diante de seus pupilos.

Ezio enxugou o rosto com a mão enluvada e sorriu.

— Não se preocupem... não tornarei isso um hábito.

— O Mentor está apenas há algumas horas em nossa cidade, e já temos notícias — prosseguiu Yusuf, o rosto sério. — Fomos atacados, vindo para cá. Parece que os mercenários estão novamente a caminho. Por isso... — indicou três homens e duas mulheres — Vocês, Dogan, Kasim, Heyreddin; e vocês, Evraniki e Irini, quero que façam agora uma varredura na área!

Os cinco se levantaram silenciosamente e, ao saírem, fizeram uma mesura para Ezio.

— O resto de vocês... de volta ao trabalho — ordenou Yusuf, e os Assassinos restantes se dispersaram.

Ao ficarem sozinhos, Yusuf virou-se para Ezio, com um olhar preocupado no rosto.

— Meu Mentor. Suas armas e sua armadura parecem precisar de renovação... e suas roupas... perdoe-me... estão em estado deplorável. Nós o ajudaremos. Mas temos muito pouco dinheiro.

Ezio sorriu.

— Não tenha receio. Não precisarei de nenhum. E prefiro cuidar de mim mesmo. Está na hora de eu explorar a cidade sozinho, para senti-la no meu sangue.

— Não vai descansar primeiro? Tomar algo refrescante?

— O momento de descansar é quando a tarefa está completa. — Ezio fez uma pausa. Soltou as bolsas e retirou a lâmina quebrada. — Há algum ferreiro ou armeiro habilidoso e suficientemente confiável para consertar isto?

Yusuf examinou o dano, então, lentamente, e com pesar, balançou a cabeça.

— Isto, eu sei, é uma das lâminas originais fabricadas de acordo com as instruções de Altaïr no códex que seu pai reuniu; e o que pede pode ser impossível de se conseguir. Mas, se não conseguirmos, cuidaremos para que não saia sem ter armas disponíveis. Deixe as suas comigo... as que não precisa levar consigo agora... e farei com que sejam limpas e afiadas. E haverá roupas limpas para você vestir, quando retornar.

— Sou grato por isso. — Ezio seguiu para a porta. Ao se aproximar dela, a jovem porteira loura baixou os olhos recatadamente.

— Azize será sua guia, se quiser que ela vá junto, Mentor — sugeriu Yusuf.

Ezio virou-se.

— Não. Vou sozinho.

19

Na verdade, Ezio ansiava por ficar sozinho. Precisava organizar os pensamentos. Foi a uma taverna no quarteirão genovês, onde o vinho estava disponível, e se refrescou tomando uma garrafa de Pigato e um simples *maccaroin in brodo*. Passou todo o resto da tarde familiarizando-se com o distrito de Gálata e evitando problemas, misturando-se com a multidão sempre que encontrava patrulhas otomanas ou bandos de mercenários bizantinos. Sua aparência era igual a de muitos outros peregrinos sujos de viagem perambulando pelas coloridas, desordenadas, caóticas e excitantes ruas da cidade.

Assim que se satisfez, voltou ao quartel-general, justo quando os primeiros lampiões eram acesos nos escuros interiores das lojas, e arrumavam as mesas nos *lokantas*. Yusuf e alguns de sua turma estavam à espera de Ezio.

O turco imediatamente foi até ele, parecendo contente consigo mesmo.

— Louvado seja o céu, Mentor. Fico feliz em vê-lo outra vez... e a salvo. Receávamos que o tivéssemos perdido para os vícios da cidade grande!

— Você é melodramático — disse Ezio, sorrindo. — E, quanto a vícios, contento-me com os meus, *grazie*.

— Espero que aprove as providências que tomamos em sua ausência.

Yusuf conduziu Ezio a um compartimento interno, onde um novo equipamento completo fora arrumado para ele. Ao lado, primorosamente arrumadas sobre uma mesa de carvalho, estavam suas armas, afiadas, lubrificadas e lustradas, reluzindo como novas. Uma besta fora adicionada ao conjunto.

— Colocamos a lâmina quebrada em um lugar seguro — avisou Yusuf. — Mas notamos que não tem uma lâmina gancho, e providenciamos uma para

você.

— Lâmina gancho?

— Sim. Veja. — Yusuf arregaçou a manga para revelar o que Ezio havia a princípio pensado se tratar de uma lâmina oculta. Mas, quando Yusuf a ativou e ela saltou adiante, ele viu que era uma variante mais complexa. A nova arma, com uma lâmina de segmentos encaixáveis tipo telescópio, terminava em um gancho curvo de aço bem temperado.

— Fascinante — disse Ezio.

— Nunca tinha visto uma? Eu cresci usando-as.

— Mostre-me.

Yusuf pegou a lâmina gancho de um dos Assassinos assistentes, que a apanhara prontamente, e a jogou para Ezio. Transferindo sua lâmina oculta do punho direito para o esquerdo, embaixo da braçadeira, Ezio prendeu a lâmina gancho no punho direito. Sentiu seu peso estranho e praticou, soltando-a e recolhendo-a. Gostaria que Leonardo estivesse ali para ver aquilo.

— É melhor você fazer uma demonstração.

— Agora mesmo se você estiver pronto.

— Como sempre estarei.

— Então me siga e olhe com atenção o que eu faço.

Foram para fora e desceram a rua sob a luz de fim de tarde até um espaço deserto entre um conjunto de prédios altos de tijolos. Yusuf escolheu um, cujas paredes altas eram decoradas com carreiras horizontais salientes de ladrilhos em intervalos de uns três metros. Saiu correndo em direção ao prédio escolhido, pulando sobre alguns barris de água colocados próximos a ele. Ao saltar, liberou a lâmina gancho e usou-a para segurar a primeira carreira de ladrilhos salientes, puxando o corpo para cima com o gancho e usando o impulso para enganchar a carreira seguinte até chegar ao telhado do prédio. A operação toda levou menos de poucos segundos.

Inspirando fundo, Ezio fez o mesmo. Conseguiu as duas primeiras operações sem dificuldade, e até mesmo achou a experiência divertida, mas quase errou ao agarrar a terceira fileira e balançou perigosamente por um momento para fora até se corrigir sem perder o impulso e acabou logo depois no telhado ao lado de Yusuf.

— Não pare para pensar — disse-lhe Yusuf. — Use seus instintos e deixe o

gancho fazer o trabalho. Posso ver que, mais duas subidas dessas e você dominará isso. Você é um aprendiz rápido, Mentor!

— Tive de ser.

Yusuf sorriu. Estendeu novamente sua lâmina e mostrou o detalhe a Ezio.

— A lâmina gancho padrão otomana tem duas partes, veja... o gancho e a lâmina... para que possa usar uma ou a outra independentemente. Um desenho elegante, não?

— Uma pena eu não ter tido uma dessas no passado.

— Talvez, na época, não tivesse tido necessidade de uma. Venha!

Ele saltou pelos telhados, Ezio seguindo-o, recordando os dias distantes quando correra atrás de seu irmão Federico pelos telhados de Florença. Yusuf conduziu-o a lugares onde poderia praticar um pouco mais, fora da vista de olhos curiosos. Assim que Ezio havia completado outras três escaladas, com crescente confiança, Yusuf virou-se para ele e disse, com um brilho nos olhos:

— Ainda resta bastante luz do dia. Que tal um desafio maior?

— *Va bene*. — Ezio sorriu. — Vamos.

Yusuf partiu, correndo novamente, pelas ruas que ficavam vazias, até chegarem ao pé da Torre de Gálata.

— Em tempos de paz, eles não colocam guardas enquanto as tochas não são acesas nos parapeitos. Não seremos perturbados. Vamos.

Ezio olhou para a grande altura da torre, acima, e engoliu em seco.

— Você vai se sair bem. Siga minha direção, corra para a torre e solte-se. Basta se jogar nela. E... de novo... deixe o gancho fazer o serviço duro. Há muitos recessos e fendas na construção de pedra... você vai até ter dificuldade de escolher onde se enganchar.

Com uma gargalhada despreocupada de incentivo, Yusuf partiu. Seu habilidoso manuseio da lâmina fazia parecer que estava caminhando — até mesmo correndo — torre acima. Momentos depois, ofegando mas triunfante, Ezio juntou-se a ele no telhado e olhou à sua volta. Como dissera o jovem no navio, as paisagens da cidade eram deslumbrantes. Ezio não tivera de esperar permissão de algum burocrata para admirá-las. Identificou todos os pontos de referência que o jovem lhe havia mostrado do convés do *baghlah*, e usou a oportunidade para se familiarizar ainda mais com o desenho da cidade. Outra parte de sua mente simplesmente se embriagou com aquela beleza à luz

vermelho-dourada do pôr do sol. A luz lembrou-lhe a cor do cabelo da bela mulher que tinha sido sua colega de viagem e que o havia ignorado deliberadamente.

— Bem-vindo a Istambul, Mentor — disse Yusuf, olhando para seu rosto. — A chamada Encruzilhada do Mundo.

— Vejo agora por que a chamam assim.

— Muitas gerações de homens já governaram esta cidade, mas nunca a conquistaram. Seja qual for o jugo que coloquem em seu pescoço, seja qual for a negligência ou pilhagem que a castigue, ela sempre se recupera.

— Parece um excelente lugar para se chamar de lar.

— E é.

Após um ou dois minutos, Yusuf foi à beirada da torre e olhou para baixo. Dirigiu-se novamente a Ezio.

— Uma corrida até lá embaixo? — perguntou e, sem esperar resposta, lançou-se do parapeito em um surpreendente Salto de Fé.

Ezio observou-o mergulhar como um falcão arremessando-se e pousar em segurança em uma carroça de transporte de feno que ele já havia escolhido, uns cinquenta metros abaixo. Ezio suspirou, ficou parado mais um momento para olhar maravilhado a cidade que se espalhava abaixo dele. A Grande Cidade. A Primeira Cidade. A herdeira da Roma Antiga. Constantinopla tinha mil anos de idade e havia sido o lar, ao mesmo tempo, de centenas de milhares de cidadãos, em um passado não tão distante, quando, por comparação, Roma e Florença eram meras aldeias. Tinha sido saqueada e arrasada, e ele sabia que a lendária beleza do passado sumira para sempre, mas ela sempre causara admiração a seus agressores e àqueles que procuravam degradá-la; e, como dissera Yusuf, Constantinopla nunca tinha sido verdadeiramente subjugada.

Ezio olhou em volta uma última vez, vasculhando todo o horizonte com os olhos aguçados. Lutou contra a profunda tristeza que enchia seu coração.

Então, por sua vez, fez seu Salto de Fé.

20

Na manhã seguinte, Ezio e Yusuf estavam sentados no pátio do quartel-general da Irmandade dos Assassinos, estudando cuidadosamente as plantas espalhadas em uma mesa, planejando a próxima ação. Não havia dúvidas em suas mentes de que mensageiros dos Templários em Masyaf chegariam em breve, se já não tivessem chegado, e que um ataque combinado por parte deles devia ser antecipado.

— É como uma hidra, a organização dos Templários — meditou Ezio. — Corta-se uma cabeça e surgem duas no lugar.

— Não em Roma, Mentor. Você tem cuidado disso.

Ezio ficou calado. Com o polegar, experimentou a ponta da lâmina gancho que estava lubrificando.

— Estou mesmo impressionado com esta arma, Yusuf. Meus irmãos em Roma se beneficiariam em tê-la como parte de seu equipamento.

— Não é um projeto difícil de ser copiado — retrucou Yusuf. — Apenas deem crédito a quem é devido.

— Preciso praticar mais — anunciou Ezio, sem imaginar que, em breve, faria isso, pois, naquele momento, a porta da rua abriu-se violentamente antes que Azize tivesse tempo de alcançá-la, e Kassim, um dos tenentes de Yusuf, entrou apressado, com os olhos perturbados.

— Yusuf *bey*... venha depressa!

Yusuf se levantou em um instante.

— O que está havendo?

— Um ataque em duas frentes! Nossos esconderijos no Gálata e no Grande

Bazar.

— Isso não para nunca — disse Yusuf raivosamente. — Todos os dias, as mesmas más notícias. — Virou-se para Ezio. — Seria esse o grande ataque que você temia?

— Não tenho como saber, mas temos de cuidar disso.

— Claro. Que tal seu apetite para uma luta de espadas?

— Creio que saiba minha resposta. Faço o que for preciso.

— Bom homem! Está na hora de usar de verdade sua lâmina gancho! Vamos!

21

Em pouco tempo, estavam correndo pelos telhados em direção ao Esconderijo do Gálata. Ao se aproximarem, desceram para a rua a fim de atrair menos atenção dos bizantinos com suas bestas. Mas encontraram o caminho bloqueado por uma unidade de mercenários fortemente armados, os quais lhes ordenaram, ameaçadoramente, que voltassem. Eles fingiram recuar alguns passos, enquanto conversavam.

— Use sua lâmina gancho, Mentor — sugeriu Yusuf. — Há um meio seguro de se passar por esses criminosos com o máximo de velocidade e o mínimo de estardalhaço.

— Para mim parece ótimo.

— Observe. Chamamos isso de gancho e mortal.

Sem mais conversa, Yusuf virou-se para a fila de homens atravessada na rua, encarando-os. Escolheu um e correu em sua direção em grande velocidade. Antes que o homem ou qualquer de seus companheiros conseguisse reagir, saltou no ar imediatamente diante de seu alvo, projetando o corpo para a frente com a lâmina gancho expandida e o braço direito encaixando abaixo para prender o gancho na parte de trás do cinto do sujeito. Em seguida, deu um salto mortal por cima do homem, ao mesmo tempo que soltava a lâmina, e se afastava com rapidez dos mercenários atônitos. Antes que tivessem tempo de se reagrupar totalmente, Ezio seguiu o exemplo de Yusuf. Ao dar o salto mortal sobre o homem que escolheu, conseguiu agarrá-lo pelo pescoço e dar-lhe um violento puxão para o solo. Pousou alguns centímetros atrás de seu companheiro e correu para se juntar a ele.

Havia, porém, mais guardas adiante para enfrentarem e, ao fazer isso, Ezio aprendeu outra técnica de seu amigo seljúcida. Dessa vez, Yusuf moveu o gancho por baixo, inclinando-o ao se aproximar do alvo, e envolveu a arma em um dos tornozelos do oponente, derrubando-o, ao levá-lo de roldão. Mais uma vez, Ezio copiou seus movimentos, e logo alcançou o Líder dos Assassinos de Istambul.

— E é isso que chamamos de gancho-e-corrida — disse Yusuf sorrindo. — Mas vejo que isso é inato em você. Excelente trabalho.

— Quase tropecei ali atrás. Preciso melhorar.

— Cuidado, aí vêm mais deles!

Estavam no cruzamento de quatro esquinas, agora vazio — a luta tinha feito com que os cidadãos fugissem para dentro dos prédios e fechassem as portas após entrarem. Mas Yusef e Ezio estavam encurralados — grandes unidades de bizantinos trovejavam na direção deles, vindos de cada quarteirão.

— E agora? — perguntou Ezio, desembainhando a espada e liberando a lâmina oculta do braço esquerdo.

— Guarde isso, Mentor. Quando se cansa de correr, um Assassino por aqui toma ar.

Ezio rapidamente seguiu Yusuf quando este escalou a parede mais próxima, usando o gancho para ajudá-lo, com crescente habilidade. Assim que estavam de novo nos telhados, Ezio notou que, naquela área, muitos estavam em nível acima de robustos postes de madeira, dos quais se estendiam cordas esticadas cobertas com alcatrão. Estas levavam acima e abaixo para outros pilares em outros telhados, ligados por uma série de roldanas e moitões e guinchos. Havia um poste desses no telhado deles, perto de onde se encontravam.

— Nós adotamos esse sistema para transportar mercadorias, de armazém para armazém, de armazém para lojas — explicou Yusuf. — Isso pode ser encontrado em vários distritos por toda a cidade. É muito mais rápido do que usar as ruas, que são muito estreitas e normalmente abarrotadas. E é muito mais rápido para nós também.

Ezio olhou abaixo para onde os bizantinos tentavam arrombar o prédio onde eles estavam. Pesadamente vestidos com armaduras, resolveram chegar até os dois pelo interior.

— É melhor nos apressarmos.

— Use também sua lâmina gancho para isso — disse Yusuf. — Basta

enganchá-la em uma corda, pendurar-se e deslizar... é claro que só funciona para baixo!

— Começo a perceber por que vocês desenvolveram essa arma... é perfeita para Constantinopla.

— Com certeza. — Yusuf, por sua vez, deu uma olhada para a rua lá embaixo. — Mas tem razão... temos de nos apressar. — Em um relance, vasculhou os telhados em volta. Cerca de noventa metros de distância, no telhado de um prédio menos elevado do que aquele em que estavam, avistou um vigia bizantino, de costas para os dois, observando a cidade que se estendia abaixo.

— Vê aquele homem? — indagou Yusuf.

— Sim.

— E há outro bem ali, à esquerda... no telhado ao lado.

— Já vi.

— Vamos pegá-los. — Yusuf estendeu a lâmina gancho e encaixou-a na corda. Ergueu a mão em um alerta, quando Ezio estava para fazer o mesmo. — Não me siga imediatamente. Deixe-me mostrar como se faz.

— Alegro-me em aprender os costumes do país.

— Chamamos isso de tirolesa. Observe.

Yusuf esperou até o segundo vigia estar olhando para outra direção, depois deixou a corda sustentar seu peso. Esta se esticou ligeiramente, mas se manteve firme. Ele, então, deu um impulso no corpo e, em um instante, estava deslizando silenciosamente pela corda em direção ao primeiro vigia desatento. No último momento, desprendeu o gancho e caiu os últimos centímetros sobre seu alvo, girando a espada para golpear o flanco do homem. Agarrou o corpo do vigia, que caía, e pousou-o delicadamente no chão, antes de se movimentar rapidamente para trás da proteção de um pequeno anexo existente no telhado. Dali, emitiu um grito sufocado. Isso alertou o segundo vigia, que se virou rapidamente para olhar na direção de onde saíra o som.

— Socorro, companheiro! Assassinos! — gritou Yusuf em grego, em um tom aflito.

— Aguente firme! Estou indo! — gritou de volta o segundo vigia, correndo pelo telhado para ir em auxílio do colega.

Nesse momento, Yusuf acenou com a cabeça para Ezio, que, por sua vez, disparou abaixo pela corda, a tempo de fatalmente cair sobre o segundo vigia,

que, nesse instante, estava ajoelhado ao lado do corpo do companheiro caído.

Yusuf juntou-se a ele próximo aos dois corpos.

— Você nem mesmo suou — comentou Yusuf, com uma risadinha. Então ficou imediatamente sério, e continuou. — Vejo que pode cuidar de si mesmo, portanto creio que está na hora de nos separarmos. É melhor eu seguir para o Bazar, para ver o que está acontecendo ali no nosso Esconderijo. Você vai para o Gálata, ajudá-los lá.

— Mostre-me o caminho.

Yusuf apontou do outro lado dos telhados.

— Está vendo aquela torre?

— Estou.

— O Esconderijo é ali. Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas agora que você está aqui, não preciso estar. Graças a Alá você veio, Mentor. Sem sua ajuda...

— Você tem feito tudo até agora.

Yusuf segurou-lhe a mão.

— *Haydi rastgele*, Ezio. Boa sorte!

— Boa sorte para você também.

Yusuf foi para o sul, enquanto Ezio corria pelos telhados com telhas avermelhadas até encontrar outro sistema de cordas. Deslizando rapidamente e sem oposição, de poste para poste, e viajando muito mais rápido do que teria feito a pé, rapidamente seguiu seu caminho em direção à base da torre, e à sua batalha seguinte.

22

Ezio chegou durante uma pausa na luta e conseguiu entrar no Esconderijo sem ser visto. Ali foi saudado por Dogan, um dos tenentes Assassinos com o qual se encontrara brevemente antes.

— Mentor, é uma honra. Yusuf não está com você?

— Não... eles desferiram outro ataque... no nosso Esconderijo do Grande Bazar. Ele agora está a caminho de lá. — Ezio fez uma pausa. — Como está a situação aqui?

Dogan enxugou a testa.

— Rechaçamos a vanguarda, mas só recuaram para esperar reforços.

— Seus homens estão prontos para eles?

Dogan deu a Ezio um sorriso amarelo, encorajado pelo entusiasmo e pela confiança do Mentor.

— Agora que você está aqui, eles estão!

— De onde virá provavelmente o próximo ataque?

— Do lado norte. Eles acham que é o mais fraco.

— Então é melhor cuidarmos para ser o mais forte!

Dogan mudou as posições de seus Assassinos de acordo com as instruções de Ezio e, quando os Templários lançaram seu contra-ataque, todos estavam prontos para eles. A luta foi tão violenta quanto curta, deixando quinze mercenários Templários mortos na praça junto à torre onde o Esconderijo estava localizado. A tropa Assassina teve dois homens e uma mulher feridos, mas nenhuma morte. Tinha sido uma derrota com fuga desordenada para os Templários.

— Não voltarão tão cedo — comentou Dogan para Ezio, quando tudo acabou.

— Vamos esperar que sim. Pela minha experiência com os Templários, sei que não gostam de ser superados.

— Bem, se tentarem novamente por aqui, terão de se acostumar a isso.

Ezio sorriu e deu um tapinha no ombro de Dogan.

— Esse é o tipo de conversa que gosto de ouvir!

Preparou-se para sair.

— Aonde você vai agora? — perguntou Dogan.

— Vou me juntar a Yusuf, no Esconderijo do Grande Bazar. Mande me avisar lá, se os Templários se reagruparem.

— Nesse caso improvável, você será o primeiro a saber.

— E trate de seus feridos. Aquele seu sargento levou um golpe feio na cabeça.

— Ele está sendo tratado enquanto conversamos.

— Posso chegar ao Bazar pela tirolesa?

— Até alcançar a margem sul do Corno. Mas terá de atravessá-lo de balsa. É o modo mais rápido para a travessia peninsular.

— Balsa?

— Deveria haver uma ponte, mas, por algum motivo, nunca foi construída.

— Ah, sim — fez Ezio. — Lembro-me de alguém mencionar isso. — Estendeu a mão. — *Allaha ismarladik* — disse ele.

— *Güle güle*. — Dogan sorriu.

O Esconderijo que Ezio precisava alcançar não ficava muito longe do Bazar, no distrito imperial, entre o próprio Bazar e a antiga Basílica de Santa Sofia, agora convertida pelos otomanos em mesquita. A luta, porém, acontecia em um local a curta distância a sudoeste, perto das docas no litoral meridional da cidade. Ele parou um momento em um telhado, observando a batalha, que seguia com toda a força nas ruas e nos cais abaixo dele. Uma corda de um poste de madeira junto a ele se estendia abaixo até um ponto onde podia ver Yusuf, com as costas para as águas das docas, no centro da luta. Ele rechaçava uma meia dúzia de corpulentos mercenários, e os companheiros estavam ocupados demais para ir em seu auxílio. Ezio enganchou a corda e precipitou-se abaixo, saltou da corda a uma altura de quatro metros e esticou braços e pernas, a lâmina oculta do lado

esquerdo exposta, para pousar nas costas de dois dos atacantes de Yusuf, fazendo com que se estatelassem no chão. Estavam mortos antes que pudessem reagir, e Ezio parou em cima deles, enquanto os quatro restantes de seu grupo viravam-se para enfrentá-lo, dando uma boa folga para que Yusuf girasse para o flanco deles. Ezio mantinha a lâmina gancho estendida.

Quando os quatro soldados Templários caíram rugindo sobre Ezio, Yusuf atacou-os pelo lado, a lâmina oculta aparecendo e rapidamente entrando em ação. Um enorme soldado estava quase em cima de Ezio, após fazer com que recuasse contra a parede de um armazém, quando ele se lembrou da técnica do gancho-e-mortal e a usou para escapar do oponente e derrubá-lo, perfurando o corpo convulsivo do sujeito com sua lâmina oculta para lhe dar o golpe de misericórdia. Enquanto isso, Yusuf havia despachado dois dos outros, ao mesmo tempo que os sobreviventes fugiam.

Em outra parte, a luta violenta diminuía à medida que a brigada de Yusuf levava a melhor com os Templários, que finalmente fugiram, praguejando, para as profundezas do norte da cidade.

— Que bom que você chegou a tempo de conhecer meus novos colegas de brincadeira — disse Yusuf, limpando e embainhando a espada e recolhendo a lâmina oculta, enquanto Ezio fazia o mesmo. — Você lutou como um tigre, amigo, como um homem atrasado para o próprio... casamento.

— Não quis dizer funeral?

— Você não se importaria de chegar atrasado para isso.

— Bem, já que estamos falando de casamento, já estou 25 anos atrasado. — Ezio afastou o habitual humor sombrio e ergueu os ombros. — Cheguei a tempo de salvarmos o Esconderijo do Bazar?

Yusuf deu de ombros pesarosamente.

— Infelizmente, não. Só conseguimos salvar nossas próprias peles. O Esconderijo do Bazar foi tomado. Lamentavelmente, cheguei tarde demais para retomá-lo. Estavam muito bem entrincheirados.

— Não se desespere. O Esconderijo do Gálata está salvo. Os Assassinos de lá poderão se juntar a nós aqui.

Yusuf animou-se.

— Com meu “exército” dobrado em tamanho, tomaremos juntos o Bazar de volta! Venha! Por aqui!

23

Seguiram por ruas do mercado e pelo enorme e resplandecente labirinto do próprio *souk*, o esplêndido, frenético Grande Bazar dourado e vermelho, com suas miríades de vielas de lojinhas vendendo de tudo, de fragrâncias a especiarias, de peles de ovelha a caríssimos tapetes persas de Isfahan e Cabul, mobília de cedro, espadas e armaduras, bules de café de latão e prata com bicos de serpente e gargalos alongados, copos em formato de tulipa para chá e outros maiores e mais delgados para *sharbat* — uma cornucópia vendendo de tudo que um homem possa imaginar ou desejar, em meio a uma babel de vozes de comerciantes projetando-se em pelo menos uma dúzia de línguas diferentes.

Assim que passaram pelo lado nordeste, saíram nas ruas mais próximas do Esconderijo. Ali, a presença dos Templários era forte. Suas bandeiras pendiam dos prédios, e os comerciantes que ali negociavam, Ezio pôde perceber, não raramente eram incomodados ou intimidados por valentões bizantinos.

— Como pode ver — dizia-lhe Yusuf —, quando tomam conta de um distrito, os Templários gostam de alardear isso. É uma luta constante manter uma distância segura deles, pois adoram esfregar em nossos narizes cada vitória que conseguem.

— Por que o sultão não faz nada? Esta cidade é dele!

— O sultão Bayezid está longe. Não há recursos otomanos suficientes para o governador daqui manter as coisas sob controle. Se não fosse por nós... — Yusuf interrompeu-se, então continuou, seguindo outra linha de raciocínio. — O sultão está em guerra com o filho Selim a muitos quilômetros a noroeste da cidade. Está longe há anos, pelo menos desde o terremoto de 1509, e, mesmo antes disso,

quase sempre estava ausente. Está cego para todo esse tumulto.

— O terremoto? — Ezio lembrou-se de notícias sobre ele terem chegado a Roma. Mais de cem mesquitas foram reduzidas a escombros, com outros mil prédios, e 10 mil cidadãos perderam a vida.

— Você deveria ter visto. Nós o chamamos de o Dia do Julgamento Menor. As ondas imensas fizeram com que o mar de Mármara quase derrubasse as muralhas do lado sul. Os olhos do sultão permaneceram fechados, mesmo para esse aviso.

— Ah, mas os seus olhos estão abertos, *sì*?

— Como duas luas cheias. Pode acreditar.

Haviam chegado a um grande *karesi* aberto, lotado de mercenários Templários, que começaram a olhá-los com desconfiança quando atravessaram a praça.

— São muitos para um enfrentamento direto — alegou Yusuf. — É melhor usarmos uma destas.

Ele enfiou a mão na bolsa a seu lado e retirou uma bomba.

— O que é isso... uma bomba de fumaça? — indagou Ezio. — Humm. Não creio que isso nos ajude aqui.

Yusuf riu.

— Bomba de fumaça? Caro Ezio... Mentor... está mesmo na hora de vocês, italianos, entrarem no século XVI. Estas bombas não obscurecem... elas distraem. Observe.

Ezio recuou enquanto Yusuf jogava a bomba a alguma distância dele. Ela explodiu inofensivamente, mas enviou uma chuva, que aparentava ser de moedinhas de ouro, sobre os mercenários. A atenção deles foi imediatamente desviada de Ezio e Yusuf, ao correrem para apanhar as moedas, afastando com os ombros os civis que tentavam se juntar a eles.

— O que foi aquilo? — quis saber Ezio, surpreso, ao continuarem seu caminho, agora sem temor de serem molestados.

Yusuf sorriu astutamente.

— Aquilo foi o que chamo de Bomba de Ouro. Está cheia de moedas feitas de pirita... parecem exatamente com moedas de ouro, mas são muito baratas para se produzir.

Ezio observou os soldados se dispersarem, esquecidos de tudo menos do

Ouro dos Tolos.

— Viu? — disse Yusuf. — Não conseguem resistir. Mas vamos embora antes que recolham todas.

— Você hoje está cheio de surpresas.

— Produzir explosivos é nosso novo passatempo, um que pedimos emprestado aos chineses. Nós nos apropriamos desse hábito com grande paixão.

— Obviamente, estou ficando enferrujado. Mas um amigo meu, certa vez, muito tempo atrás, fez para mim algumas granadas na Espanha, portanto conheço alguma coisa do assunto. Você terá de me ensinar as novas técnicas.

— Com prazer... mas quem é o Mentor aqui, Ezio? Começo a me perguntar.

— Já chega desse seu descaramento, Assassino! — Ezio sorriu e deu um tapinha no ombro de Yusuf.

A rua estreita pela qual passavam agora saía em outra praça, e ali, novamente, naquele distrito infestado de Templários, havia outro grande grupo de mercenários bizantinos. Eles tinham ouvido a agitação do *karesi* contíguo e pareciam inquietos. Yusuf apanhou um punhado de pequenas bombas da bolsa e entregou-as a Ezio.

— Sua vez — anunciou ele. — Deixe-me orgulhoso. O vento está atrás de nós, portanto ficaremos bem.

Os bizantinos já estavam indo para os dois Assassinos, sacando as espadas. Ezio puxou os pinos das três bombas em suas mãos e jogou-as na direção dos mercenários que se aproximavam. Explodiram ao baterem no chão, com um pequeno e inofensivo ruído de estouro, *pop*, e, por um momento, pareceu que nada mais havia acontecido. Mas os soldados Templários hesitaram e olharam uns para os outros, em seguida começaram a ter ânsia de vômito e tentavam limpar os uniformes passando as mãos neles, que estavam cobertos por um fétido líquido viscoso. Rapidamente, bateram em retirada.

— Lá vão eles — observou Yusuf. — Vão se passar dias até que suas mulheres os aceitem de volta nas camas delas.

— Outra de suas surpresas?

— Bombas de óleo de gambá. Muito eficazes, se você avaliar o momento exato e ficar longe da corrente de vento!

— Obrigado pelo aviso.

— Que aviso?

— Exatamente.

— Vamos depressa. Estamos quase chegando.

Atravessaram o *karesi* para outra rua, dessa vez mais larga, porém enfileirada com o que pareciam lojas fechadas com pedaços de tábuas. Yusuf parou diante de uma delas e empurrou cautelosamente a porta, que se abriu. Mais além, havia um pátio normal com alguns barris e caixotes empilhados ao longo da parede mais distante. No meio, havia um alçapão aberto, com degraus de pedra que conduziam para baixo. Uma torre erguia-se à esquerda nos fundos do pátio.

— Como imaginava — disse Yusuf. Virou-se para Ezio e falou urgentemente. — Este é um dos nossos Esconderijos subterrâneos. Parece deserto, mas, lá embaixo, os Templários o mantêm bem vigiado. Entre a multidão, há um capitão Templário. Posso lhe pedir que o procure e o mate?

— Conseguirei esse abrigo de volta para você.

— Ótimo. Quando terminar, suba naquela torre e acenda o sinalizador que encontrará lá. É outra de nossas bombas, e ela emite uma cópia das chamas que os Templários usam para sinalizar uma retirada.

— E você?

— Não levará muito tempo para os Templários que estão na praça perceberem o que aconteceu, portanto vou voltar e procurar um meio de evitar que nos sigam até aqui e tentem reforçar seus amigos. Tenho umas duas bombas de fósforo presas ao cinto de minha túnica. Elas resolverão tudo.

— Quer dizer que usa *mesmo* as antiquadas cortinas de fumaça?

Yusuf concordou com a cabeça.

— Sim, mas essas são repelentes, por isso... — Ele levou um lenço à boca e ao nariz. — E, antes de eu ir, mais um pequeno truque que tenho na manga para tirar esses coelhos da toca... eu não iria querer descer ao Esconderijo e lutar contra esses bandidos na semiescuridão. Assim que subirem, você poderá pegá-los sem muito problema. — Da bolsa, retirou um artefato explosivo em forma de granada e a avaliou por um momento. — Vou jogar esta agora e seguir meu caminho. Temos de neutralizar ambos os grupos de Templários simultaneamente ou estaremos perdidos. Tape seus ouvidos... esta é uma bomba cheia de enxofre, por isso fará um ruído igual a um trovão. Ela fará com que eles saiam lá de dentro, mas não quero que você estoure seus tímpanos.

Ezio fez o que lhe foi mandado, recuando para uma posição estratégica do

lado da sombra do pátio, com uma boa vista do alçapão. Trocou a lâmina oculta da mão esquerda para o coldre adaptado de pistola, preferindo manter a lâmina gancho para o combate próximo. Yusuf, perto da rua, jogou sua bomba para o lado mais distante do pátio e desapareceu em seguida.

Houve um ruído tão alto quanto o Peido do Diabo, e Ezio, embora tivesse coberto firmemente os ouvidos por baixo do capuz, mesmo assim sentiu o choque do abalo em sua cabeça. Sacudiu-a para limpá-la e, ao fazer isso, dez Templários, liderados por um capitão de nariz vermelho, irromperam do alçapão para a luz do dia, olhando em volta em pânico. Ezio movimentou-se rapidamente e abateu três antes que tivessem tempo para reagir. Usando a lâmina gancho, conseguiu matar mais três no minuto seguinte do combate. Três outros fugiram, ao ouvirem o barulho de mais duas explosões, seguidas logo depois pelo leve cheiro de fumaça no ar.

— *Timing* perfeito, Yusuf — murmurou Ezio para si mesmo.

O capitão da tropa permaneceu e enfrentou Ezio. Um homem musculoso, estrábico, com uma armadura de ombros negra bem gasta sobre a túnica vermelho-escura. Segurava uma pesada damasquina na mão direita e uma adaga curva de aparência terrível, com a ponta farpada, na esquerda.

— Furo e rasgo — disse o capitão em uma voz rouca. — Prendo você com a adaga e corto sua garganta com a espada. Pode se considerar morto, Assassino.

— Já passou da hora de vocês, Templários, entrarem no século XVI — rebateu Ezio, erguendo o braço esquerdo e fazendo a pistola saltar para a mão. Disparou, achando que, àquela distância, não poderia errar, mesmo com a mão esquerda, e, certamente, a bala afundou no osso bem entre os olhos do capitão.

Ele ainda caía de joelhos, quando Ezio atravessou correndo o pátio, saltou por cima de um dos barris como ponto de apoio e usou a lâmina gancho para subir até o topo da torre.

O sinalizador de que Yusuf havia lhe falado não fora descoberto nem mexido. Havia um pequeno morteiro, e Ezio carregou nele o sinalizador. Um momento depois, esse artefato riscou alto o céu, deixando um vívido rastro de chama e fumaça violeta.

No instante em que retornou ao pé da torre, Yusuf estava à sua espera.

— Não admira que você seja o nosso Mentor — comentou o Assassino seljúcida. — Não poderia ter cronometrado isso melhor. — Sorriu triunfante. —

Os Templários estão se retirando em todas as frentes.

24

O Esconderijo do Bazar era espantosamente limpo e arrumado, apesar da recente ocupação pelos Templários.

— Algum dano? — perguntou Ezio a Yusuf, enquanto o colega turco olhava para o teto.

— Não que eu consiga ver. Os Templários bizantinos podem ser péssimos anfitriões, mas são inquilinos decentes. Assim que capturam um local, gostam de mantê-lo intacto.

— Só porque pretendem ficar?

— Exatamente. — Yusuf esfregou as mãos. — Precisamos tirar vantagem de nossas pequenas vitórias para preparar você ainda mais para a luta contra nossos amigos gregos — disse ele. — Eu lhe mostrei como usar algumas de nossas bombas, mas será ainda melhor se aprender a fazê-las.

— Há alguém aqui que pode me ensinar?

— Claro! O mestre em pessoa! Piri Reis.

— Piri Reis é... um dos nossos?

— De certo modo. Ele gosta de se manter distante. Mas, certamente, está do nosso lado.

— Pensei que ele fosse mais um cartógrafo — observou Ezio, lembrando-se do mapa de Chipre que lhe fora dado por Ma'Mun.

— Cartógrafo, marujo, pirata... embora atualmente esteja galgando rapidamente os postos da Marinha otomana... Ele é um homem com muitas e excelentes aptidões. E conhece Istambul... Kostantiniyye... como a palma da mão.

— Ótimo... porque há uma coisa que gostaria de perguntar sobre a cidade,

que ele deve saber... independentemente de como fazer bombas. Quando posso me encontrar com ele?

— Nada melhor do que o tempo presente. E não temos nenhum a perder. Você está bem, após essa pequena luta? Precisa de um descanso?

— Não.

— Ótimo! Vou levá-lo a ele agora. Sua sala de trabalho não fica longe daqui.

Piri Reis — almirante Piri — possuía um pequeno conjunto de salas sem divisórias, em um segundo andar do lado norte do Grande Bazar, cujas janelas altas lançavam uma luz clara e fria sobre o punhado de mesas para mapas ordenadamente dispostas sobre os assoalhos de teca de um gabinete atulhado. Do mesmo modo ordenadamente espalhados pelas mesas havia mapas em número e variedade maiores do que Ezio jamais tinha visto e, sentados diante deles, um punhado de assistentes trabalhava diligentemente em silêncio. As paredes ocidental e meridional da sala de trabalho estavam adornadas com mais mapas, todos caprichosamente pregados e paralelos uns aos outros. Cinco grandes globos, um em cada canto e um no centro da sala, completavam o cenário. Os globos também eram obras em progresso, e áreas recentemente marcadas a tinta mostravam o acréscimo das mais recentes descobertas.

A parede ocidental também estava coberta por detalhados desenhos técnicos, executados habilidosamente — mas esses, como Ezio percebeu de relance, eram projetos de bombas. Conseguiu ler o suficiente, à medida que atravessava a sala até onde Piri estava sentado, para ver que as bombas estavam divididas em categorias: Letal, Tática, Diversiva e Invólucros Especiais. Um recuo na parede era grande o suficiente para conter uma mesa de trabalho e, atrás dela, arrumadas com precisão, havia, em prateleiras, uma grande quantidade de ferramentas para trabalho em metal.

Isso era um contraste e tanto com o caos no qual Leonardo adorava trabalhar, pensou Ezio, sorrindo consigo mesmo diante da lembrança do amigo.

Yusuf e Ezio encontraram o próprio Piri trabalhando em uma enorme prancheta diretamente abaixo das janelas. Seis ou sete anos mais novo do que Ezio, ele era a figura de um homem robusto, saudável, de pele olivácea, usando um turbante de seda azul, debaixo do qual um rosto forte, na ocasião exibindo uma expressão de intensa concentração, inspecionava o trabalho através de

perfurantes olhos cinza-claro. Sua luxuriante barba castanha era caprichosamente cortada, embora comprida, cobrindo a gola da túnica com brocados prateados e colarinho alto. Calças folgadas azuis e tamancos simples de madeira completavam seu traje.

Deu a Ezio um olhar avaliador, que este retribuiu, quando Yusuf fez as apresentações.

— Como é mesmo seu nome? — perguntou Piri.

— Ezio. Ezio Auditore da Firenze.

— Ah, sim. Pensei que Yusuf tivesse dito “Lothario”. Não ouvi a diferença. — Olhou para Ezio, e este poderia ter jurado que houve um cintilar em seus olhos. Teria a reputação de Ezio, pelo menos em uma área de interesse, o precedido? Ele achou que ia gostar daquele homem.

— Conheço seu trabalho... seus mapas, pelo menos — começou Ezio. — Tenho uma cópia do mapa que fez de Chipre.

— É mesmo? — reagiu o marujo de forma brusca. Claramente não tinha gostado de ter seu trabalho interrompido. Ou pelo menos era a impressão que queria dar.

— Mas é pelo outro aspecto de sua perícia que vim hoje pedir sua orientação.

— Foi um bom mapa, o tal de Chipre — comentou Piri, ignorando a observação de Ezio. — Mas eu já o aperfeiçoei desde então. Mostre-me o seu.

Ezio hesitou.

— Não tenho mais — confessou. — Dei-o... a um amigo.

Piri ergueu a vista.

— Muita generosidade sua — disse ele. — Sabe quanto valem meus mapas?

— Certamente. Mas devia minha vida a esse homem. — Ezio hesitou novamente. — Ele é um marujo, como você.

— Humm. Como se chama? Talvez eu tenha ouvido falar nele.

— É um mameluco. Atende pelo nome de al-Scarab.

Piri irradiou-se subitamente.

— Aquele velho patife. Bem, espero que faça um bom uso dele. Pelo menos ele sabe que não adianta tentar nada contra nós. — Dirigiu o olhar para Yusuf. — Yusuf! O que faz ainda parado aí? Não tem nada melhor para fazer? Pode ir embora e deixe seu amigo comigo. Cuidarei para que ele tenha tudo que precisar. Qualquer amigo de al-Scarab é amigo meu!

Yusuf sorriu e se preparou para sair.

— Eu sabia que deixaria você em boas mãos — disse.

Quando ficaram sozinhos, Piri tornou-se mais sério.

— Eu sei quem você é, Ezio, e faço uma boa ideia de por que está aqui. Deseja tomar algo? Temos café, se desejar.

— Finalmente, adquiri gosto por isso.

— Ótimo! — Piri bateu as mãos para um dos seus assistentes, que assentiu e foi até os fundos da sala, e voltou logo depois com uma travessa de latão contendo um bule de cerâmica, com pequenas xícaras, e um prato de frutas cristalizadas e macias cor de âmbar que Ezio nunca havia provado.

— Lembro-me de al-Scarab dos meus tempos de corsário — comentou Piri. — Lutamos lado a lado em ambas as batalhas de Lepanto, há uns 12 anos, sob a bandeira do meu tio Kemal. Sem dúvida, ouviu falar dele.

— Sim.

— Os espanhóis lutaram contra nós como tigres, mas não penso o mesmo dos genoveses ou dos venezianos. Você é florentino, não é mesmo?

— Sou.

— Então é um marinheiro de água doce.

— Minha família era de banqueiros.

— Na superfície, sim! Porém, sob uma perspectiva mais profunda, algo mais nobre.

— Como sabe, o negócio bancário não corre no meu sangue como a navegação corre no seu.

Piri riu.

— Bem dito! — Deu um gole no café, retraindo-se ao queimar os lábios. Então saltou do banco, endireitou os ombros e pousou a pena. — Chega de conversa à toa. Vejo que já olhou meus desenhos. Fazem algum sentido?

— Posso ver que não são mapas.

— Você está atrás de mapas?

— Sim e não. Há uma coisa que quero lhe perguntar... a respeito da cidade... antes de falar sobre qualquer outra coisa.

Piri estendeu as mãos.

— Vá em frente.

Ezio tirou o livro de Niccolò Polo, *A cruzada secreta*, de sua bolsa e mostrou-

o a Piri.

— Interessante — disse o marujo. — Claro que sei tudo sobre os Polo. Li o livro de Marco. Exagera um pouco, se quer saber minha opinião.

— Tirei isso de um Templário em Masyaf. Yusuf sabe dele e conhece seu conteúdo.

— Masyaf? Então esteve lá.

— O livro menciona as cinco chaves para a biblioteca de Altaïr. Pelo que li, Altaïr confiou as chaves a Niccolò, que as trouxe para cá e as escondeu.

— E os Templários sabem disso? Então é uma corrida contra o tempo.

Ezio concordou com a cabeça.

— Eles já encontraram uma, escondida nos porões do Palácio Topkapi. Preciso recuperá-la e encontrar as outras quatro.

— Então... por onde vai começar?

— Conhece o lugar do antigo comércio dos Polo aqui?

Piri olhou para ele.

— Sei lhe dizer exatamente onde ficava. Venha até aqui. — Conduziu-o aonde um enorme e imensamente detalhado mapa de Constantinopla pendia da parede em uma simples moldura dourada. Examinou-o por um instante, então bateu em um ponto com o dedo indicador. — Aqui. Logo a oeste da Basílica de Santa Sofia. Não fica longe daqui. Mas por quê? Existe alguma ligação?

— Tenho um palpite e quero segui-lo.

Piri olhou-o.

— Este é um livro valioso — falou lentamente.

— Sim. Muito valioso, se eu estiver certo.

— Bem, cuide para que não caia em mãos erradas. — Ficou em silêncio por um longo momento, pensando. — Cuidado, quando encontrar o antigo local de comércio dos Polo — alertou. — Pode encontrar mais do que espera lá.

— Esse comentário leva a uma pergunta?

— Se leva, é uma pergunta para a qual não tenho resposta. Só peço que seja cauteloso, meu amigo.

Ezio hesitou antes de confiar ainda mais em Piri.

— Creio que minha busca começará naquele lugar. Tenho certeza de que há algo escondido lá que me dará a minha primeira pista.

— É possível — disse Piri, sem nada revelar. — Mas fique atento ao meu

alerta.

Em seguida, animou-se, esfregando vigorosamente as mãos, como se afugentasse demônios.

— E agora que resolvemos essa questão, em que mais posso ajudá-lo?

— Sei que já deve ter adivinhado. Estou aqui em uma missão dos Assassinos, talvez a mais importante que já houve, e Yusuf me disse que você estaria disposto a me mostrar como preparar bombas. As especiais que você tem desenvolvido aqui.

— Ah, esse Yusuf tem a língua comprida. — Piri voltou a parecer sério. — Não posso comprometer minha posição, Ezio. Sou Navegador Sênior na Marinha do Sultão, e esse é o meu projeto atual. — Abanou as mãos para os mapas. Em seguida, deu uma piscada. — As bombas são uma ocupação secundária. Mas gosto de ajudar meus amigos de verdade em uma causa justa.

— Pode contar com a minha discrição. Como espero contar com a sua.

— Ótimo. Siga-me.

Dizendo isso, Piri indicou o caminho para o espaçoso recuo na parede ocidental.

— As bombas, na verdade, também fazem parte do meu projeto de pesquisa naval — continuou. — Em minha vida militar, desenvolvi o gosto por artilharia e explosivos e estes têm servido muito bem aos Assassinos. Isso nos dá uma vantagem.

Acenou com a mão para os desenhos técnicos.

— Tenho desenvolvido muitos tipos de bombas, e algumas são reservadas somente para o uso de sua Irmandade. Como pode ver, são divididas em quatro categorias principais. Claro que são dispendiosas, mas a Irmandade sempre tem entendido isso.

— Yusuf me disse que os Assassinos aqui são carentes de fundos.

— A maioria das boas causas geralmente o é — retrucou Piri. — Mas Yusuf também é diligente. Imagino que sabe como usar essas armas.

— Fiz um curso relâmpago.

Piri olhou-o intensamente.

— Ótimo. Bem, como Yusuf evidentemente lhe prometeu, se você quiser fazer suas próprias bombas, posso lhe mostrar.

Ele deu a volta na mesa e apanhou dois pedaços de metal de aparência

estranha que estavam sobre ela. Ezio, inclinando-se curiosamente à frente, apanhou um terceiro.

— Ah, ah, ah! Não toque nisso — alertou Piri. — Um movimento errado e BANG! O prédio vem abaixo.

— Fala sério?

Piri deu uma gargalhada.

— A expressão do seu rosto! Vou lhe mostrar.

Durante as poucas horas seguintes, Piri Reis conduziu Ezio pelas etapas básicas relativas à construção de cada tipo de bomba e lhe explicou os materiais envolvidos.

Ezio aprendeu que cada bomba ou granada continha um ingrediente fundamental, a pólvora, mas que nem todas eram projetadas para serem letais. Ele já havia experimentado granadas letais quando atacara a esquadra de Cesare Bórgia em Valência, quatro anos antes. Yusuf lhe mostrara como usar bombas diversivas que criavam cortinas de fumaça, estrondos, odores terríveis e aparentes chuvas de moedas. Piri agora lhe mostrava novas aplicações. Entre as bombas de efeito letal estavam as que usavam pó de carvão, que aumentava o poder de explosão da pólvora, e bombas de fragmentação, cujos estilhaços causavam uma suja matança em um amplo raio em volta. Bombas contendo bolsinhas com sangue de ovelha dispersavam os oponentes, fazendo com que pensassem que estavam feridos, deixando-os em pânico. Outro tipo de granada não letal, útil em retardar perseguidores, era a bomba de estrepe, que fazia chover inúmeros pregos torcidos no caminho do inimigo que se aproximava. As mais desagradáveis talvez fossem as bombas que usavam pó de estramônio ou a letal beladona.

— Estramônio e beladona são duas das chamadas ervas das bruxas, juntamente com meimendro e mandrágora — explicou Piri, com o rosto solene. — Não gosto de usá-las, exceto em casos de grande necessidade e perigo. Quando explode no meio do inimigo, o estramônio causa delírio, perturbação no cérebro e morte. É talvez a pior de todas. Beladona produz um gás venenoso que é igualmente mortal.

— Os Templários não hesitariam em usá-las contra nós, se pudessem.

— Esse é um dos paradoxos morais com os quais a humanidade terá de lutar até o dia em que se tornar realmente civilizada — retrucou Piri. — É um mal usar

o mal para combater o mal? Concordar com essa argumentação é meramente uma simples justificativa para algo que nenhum de nós faria realmente?

— Por enquanto — alegou Ezio —, não há tempo livre para se ponderar sobre essas questões.

— Você encontrará os ingredientes para essas bombas em locais na cidade que Yusuf lhe indicará — informou Piri. — Portanto, mantenha os olhos abertos e o nariz dirigido para o chão enquanto perambular por essas ruas.

Ezio levantou-se para ir embora. Piri estendeu a mão de cor olivácea.

— Volte sempre que precisar de mais ajuda.

Ezio apertou a mão dele e não se surpreendeu com a firmeza do aperto.

— Espero que voltemos a nos encontrar.

— Ah — fez Piri com um sorriso enigmático. — Disso eu não tenho a menor dúvida.

25

Seguindo as instruções de Piri, Ezio percorreu mais uma vez o Bazar, ignorando as insistentes adulações dos comerciantes, até chegar ao quarteirão a oeste da enorme Basílica de Santa Sofia. Ele quase se perdeu no labirinto de ruas e becos em torno dela, mas chegou finalmente ao local, tinha certeza, que Piri indicara no mapa.

Uma livraria. E um nome veneziano na porta.

Entrou e, para sua surpresa e um mal contido prazer, descobriu-se cara a cara com a jovem mulher com quem se encontrara na viagem. Ela o cumprimentou calorosamente, mas, de imediato, ele percebeu que estava apenas sendo bem recebido como um cliente em potencial. Não havia sinal de reconhecimento no rosto dela.

— *Buon giorno! Merhaba!* — disse ela, mudando automaticamente de italiano para turco. — Por favor, entre.

Agitou-se em meio ao estoque, e, por causa disso, derrubou uma pilha de livros. Com uma olhada, Ezio percebeu que aquela loja era a antítese do bem-arrumado estúdio de Piri Reis.

— Ah! — fez a mulher. — Desculpe a desordem. Desde minha viagem, não tenho tido tempo para fazer uma arrumação.

— Você velejou desde Rhodes, *no*?

Ela olhou-o surpresa.

— *Si*. Como sabe?

— Estávamos no mesmo navio. — Ele fez uma ligeira mesura. — Meu nome é Auditore, Ezio.

— E o meu é Sofia Sartor. Nós fomos apresentados?

Ezio sorriu.

— Estamos sendo agora. Posso dar uma olhada?

— *Prego*. A propósito, meus melhores volumes estão lá nos fundos da loja.

Sob o pretexto de olhar os livros, empilhados em um aparente caos de um labirinto de oscilantes estantes de madeira, Ezio adentrou ainda mais nos escuros confins da loja.

— É agradável encontrar outro italiano neste distrito — comentou Sofia, seguindo-o. — A maioria de nós se mantém no distrito veneziano e no de Gálata.

— Também é bom conhecê-la. Mas creio que a guerra entre Veneza e o Império Otomano deva ter afugentado a maioria dos italianos. Afinal, foi há apenas sete ou oito anos.

— Mas Veneza manteve o controle de suas ilhas no Mar Branco, e todo mundo entrou em um acordo — rebateu ela. — Pelo menos, por enquanto.

— Por isso você ficou?

Ela deu de ombros.

— Vivi aqui com meus pais, quando era menina. É verdade, quando a guerra começou, fomos forçados a ir embora, mas sempre soube que voltaria. — Ela hesitou. — De onde você é?

— Florença.

— Ah.

— É algum problema?

— Não, não. Conheço florentinos encantadores.

— Não havia necessidade de parecer tão surpresa.

— Perdoe-me. Se tiver alguma dúvida sobre os livros, é só perguntar.

— *Grazie*.

— Há ainda muito mais variedade no pátio dos fundos, se estiver interessado. — Ela pareceu um pouco pesarosa. — Para ser honesta, mais do que pareço conseguir vender.

— O que a levou a Rhodes?

— Os Cavaleiros de Rhodes estão inquietos. Sabem que os otomanos não desistiram da ideia de tomar a ilha. Acham que é apenas uma questão de tempo. Phillippe Villiers de l’Isle Adam está vendendo parte da biblioteca deles. Portanto, foi uma viagem de compras, se quer saber. Mas também não muito

bem-sucedida. Os preços que estavam pedindo!

— De l'Isle Adam é um excelente Grão-Mestre e um homem corajoso.

— Você o conhece?

— Apenas por reputação.

A mulher olhou-o enquanto ele esquadrinhava em volta.

— Olhe, por mais agradável que seja conversar com você... tem certeza de que não posso ajudar? Você parece meio perdido.

Ezio decidiu ser honesto.

— Na verdade, não estou olhando para comprar alguma coisa.

— Bem — retrucou ela, um tanto incisiva. — Eu não dou nada de graça, *messer*.

— Perdoe-me. Aguente-me um pouco mais. Eu a compensarei.

— Como?

— Estou trabalhando nisso.

— Bem, devo dizer que...

Ezio silenciou-a com um gesto. Tinha movido uma estante da parede dos fundos do pátio coberto. A parede era mais grossa do que as demais, ele conseguiu ver isso, e notou uma rachadura que não era de modo algum uma rachadura.

Era parte de uma verga de porta, engenhosamente ocultada.

— *Dio mio!* — exclamou Sofia. — Quem colocou isso aí?

— Alguém alguma vez mudou essas estantes de lugar?

— Nunca. Elas estão aí desde antes de meu pai ter comprado a loja, e também antes disso, pois ela não foi usada durante anos... até mesmo décadas.

— Entendo.

Ezio afastou da porta o pó e o entulho acumulados aparentemente havia muito mais de décadas, mas não encontrou maçaneta ou qualquer outro meio de abri-la. Então, lembrou-se da porta secreta que levava à câmara em Monteriggioni, na fortaleza de seu tio, e apalpou em volta à procura de uma lingueta escondida. Em pouco tempo a porta se abriu para dentro. No interior da parede, degraus levavam para baixo em meio à escuridão.

— Isso é incrível — afirmou a mulher, olhando por cima do ombro de Ezio. Ele sentiu o suave cheiro de seu cabelo, sua pele.

— Com sua permissão, descobrirei aonde leva isso — disse ele com firmeza.

— Vou conseguir alguma luz. Uma vela.

Voltou em momentos, com uma vela e um acendedor.

— Quem é você, *messer*? — perguntou, olhando nos olhos dele.

— Apenas o homem mais interessante em sua vida.

Ela sorriu ligeiramente.

— Ah! *Presuntuoso!*

— Fique aqui. Não deixe ninguém entrar na loja. Estarei de volta antes que perceba.

Deixando-a, ele desceu os degraus para o túnel que levava de sua base para as profundezas da Terra.

26

Ezio descobriu-se em um sistema de cisternas subterrâneas. Com a fraca luz da vela, conseguiu distinguir tetos de abóbadas semicilíndricas sustentados por filas e mais filas de estreitas colunas, decoradas, em seus capitéis, com uma variedade de símbolos, entre os quais Ezio distinguiu olhos. Algumas, em suas bases, bizarramente exibiam cabeças invertidas de monstruosas górgonas.

Ezio reconheceu o lugar onde devia estar — o Yerebatan Sarnici. O grande sistema de cisternas construído debaixo de Constantinopla. Em seu livro, Niccolò Polo o menciona. Fora construído por Justiniano como um sistema de filtragem de água mil anos antes. Saber disso, porém, não o tornava menos sinistro. Contudo, não se sentiu intimidado com o vasto e cavernoso espaço à sua volta, o qual avaliou, pelos ecos causados por seus movimentos, ser tão grande quanto uma catedral. Mas lembrou-se de que Niccolò dera algumas indicações, em *A cruzada secreta*, sobre onde uma chave poderia ser encontrada. As orientações tinham sido obscuras de propósito, mas Ezio resolveu tentar segui-las, concentrando-se enquanto se obrigava a lembrar dos detalhes.

Era difícil não fazer qualquer ruído que fosse enquanto seguia pela água rasa que cobria o chão da cisterna, mas, experimentando, conseguiu reduzi-lo ao mínimo. Além disso, qualquer som que fazia logo era sufocado pelo ruído das pessoas insuspeitas que ouvia mais adiante. Evidentemente, não estava sozinho nessa busca, e lembrou-se de que, antes de se apossar do livro, este estivera com os Templários.

Havia também luzes mais adiante. Ezio apagou a vela e foi sorrateiramente na direção delas. Em pouco tempo, distinguiu as formas de dois soldados de

infantaria, Templários, sentados diante de uma pequena fogueira em uma passagem escura. Ezio aproximou-se. Seu grego era bom o bastante para captar a maior parte do que diziam.

O que falava estava de mau humor e não tinha medo de demonstrar. Aliás, parecia à beira da histeria.

— *Ti distihìa!* — dizia em um tom aflitivo. — Que desgraça! Sabe há quanto tempo andamos procurando por essa cisterna imunda?

— Eu estou aqui há algumas semanas — respondeu seu amigo mais calmo.

— Isso não é nada! Eu estou há treze *meses*! Desde quando nosso Grão-Mestre encontrou aquela maldita chave! — Acalmou-se um pouco. — Mas ele não tem ideia do que está fazendo. Tudo que sabe — o tom do soldado tornou-se sarcástico — é que elas estão "em algum lugar da cidade".

Ouvindo isso, a preocupação do outro soldado também cresceu, e pareceu arrasado com a perspectiva diante deles.

— Esta é uma cidade enorme...

— Eu sei! Foi o que disse a mim mesmo... à meia-voz.

Foram interrompidos pela chegada de um sargento.

— Vão trabalhar, seus vagabundos! Pensam que são pagos para ficar o dia todo sentados sobre os traseiros?

Resmungando, os homens retomaram o serviço. Ezio seguiu-os, na esperança de obter mais informações. Aos dois juntou-se um punhado de outros soldados, do mesmo modo sujos e descontentes. Mas Ezio tinha de ser cauteloso. Por mais cansados e descontentes que pudessem estar, os soldados eram bem-treinados e vigilantes.

— Petros! — chamou um deles. — Providencie tochas suficientes para a escavação. Estou cansado de dar tombos no escuro.

Ezio aguçou os ouvidos, ao escutar a palavra "escavação", mas, ao avançar novamente, a bainha de sua espada roçou em uma das colunas, e os tetos abobadados ecoaram e amplificaram o leve som.

O homem chamado Petros olhou para trás.

— Tem mais alguém aqui embaixo além de nós — cochichou. — Fiquem de olhos abertos e com as mãos firmes.

Os soldados ficaram instantaneamente em alerta, urgentemente avisando uns aos outros com a voz baixa.

— Vê alguma coisa?

— Vasculhem cada canto!

Ezio recuou ainda mais para as sombras e esperou pacientemente que o pânico cessasse. Ao mesmo tempo, fez uma anotação mental para ter um cuidado extra consigo mesmo naquela acústica exagerada.

Os guardas retomaram a busca aos poucos. Enquanto observava, podia perceber que os atos deles pareciam ser a esmo e que sabiam disso. Mas ele continuou a observação, na esperança de detectar um padrão, enquanto ouvia aquela conversa incoerente.

— Fede aqui embaixo.

— O que você esperava? É um esgoto.

— Queria um pouco de ar.

— Paciência! O turno acaba em três horas.

— Você, fale mais baixo! — berrou o sargento, aproximando-se outra vez. — E fiquem com os ouvidos abertos. Sabe lá o Senhor Jesus por que escolheram gente como vocês para uma missão delicada como esta.

Ezio foi em frente, passou pelos homens, até chegar a um dique de pedra, sobre o qual dois suboficiais estavam parados diante de um braseiro. Ouviu a conversa deles.

— Estamos um passo adiante dos Assassinos, é tudo que sei — dizia um para o outro.

— O Grão-Mestre ordenou que nos apressássemos. Eles podem estar mais perto do que imaginamos.

— Ele deve ter seus motivos. Qual é aparência dessas chaves, afinal?

— Como a que encontramos debaixo do Topkapi. É o que suponho.

O outro tenente estremeceu.

— Oito horas nesta sujeira. *Apistefto!*

— Concordo. Nunca senti tanto tédio na minha vida.

— Sim. Mas estamos prestes a encontrar as chaves.

— Vá sonhando.

Mas o primeiro tenente que havia falado, de repente olhou à sua volta.

— O que foi isso?

— Provavelmente um rato. Sabe o Salvador quantos deles há por aqui.

— Todas as sombras parecem se mexer.

— É apenas a luz do fogo.

— Há alguém aqui perto. Posso sentir.

— É melhor tomar cuidado. Ou vai enlouquecer.

Ezio passou bem perto dele, movimentando-se o mais devagar possível, apesar de querer correr, pois não ousava fazer com que a água em volta de suas panturrilhas provocasse uma ondulação. Finalmente, encontrou-se muito além dos dois oficiais e do resto dos Templários, tateando o caminho ao longo da parede de um úmido corredor, muito mais baixo e estreito do que os salões sustentados por colunas para os quais a passagem conduzia. De algum modo aquilo parecia seguro. Assim que a luz e o ruído dos Templários haviam cessado às suas costas, sentiu-se seguro o suficiente para reacender a vela, e tirou-a da bolsa lateral com o acendedor, rezando para não deixar cair nenhum dos dois, enquanto fazia malabarismos no intuito de provocar uma centelha e acendê-la.

Finalmente estava pronto. Parou por um momento, a fim de se certificar de que não estava sendo seguido, e continuou pelo corredor que serpeava e, para sua consternação, se dividia em duas passagens alternativas. Ocasionalmente, pegou o lado errado e acabou diante de uma parede vazia. Refazendo o caminho, encontrou o rumo certo de novo, e começou a pensar se não estava em uma espécie de labirinto. Foi cada vez mais fundo e mais no escuro, rezando para lembrar-se do caminho de volta e para que pudesse confiar na proprietária da livraria, e foi recompensado por um leve brilho adiante. Não era mais do que o brilho de um vaga-lume, porém o suficiente para guiá-lo.

Seguiu pela passagem até ela se abrir para uma pequena câmara circular, seu teto cupular quase perdido nas sombras acima. Meias-colunas situavam-se ao longo das paredes em intervalos regulares, e não havia qualquer som fora o de água pingando.

No centro da câmara havia uma pequena tribuna de pedra e, sobre ela, repousava um mapa dobrado. Ezio abriu e descobriu que era uma planta de Constantinopla com infinitos detalhes, e o antigo entreposto comercial dos irmãos Polo claramente marcado em seu centro. Quatro linhas dividiam o mapa e cada seção demarcada mostrava um ponto de referência da cidade. Em volta das margens do mapa, estavam escritos os nomes de 12 livros, mas, desses 12, os títulos de quatro estavam colocados, cada um deles, próximo a cada seção dividida do mapa. Esses quatro livros tinham os títulos em iluminuras em verde,

azul, vermelho e preto.

Cuidadosamente, Ezio dobrou o mapa e colocou-o em sua bolsa. Então voltou sua atenção ao que estava localizado no centro da tribuna de pedra.

Era um disco de pedra entalhada, não mais do que dez centímetros de diâmetro. O disco era fino, afilando em direção às bordas, e era feito de uma pedra que poderia ser obsidiana. Estava furado no centro por um buraco circular exato com cerca de um centímetro e meio de diâmetro. A superfície era coberta por desenhos, alguns dos quais Ezio reconhecia das páginas do códex que estiveram na coleção de seu pai e na de seu tio: um sol cujos raios terminavam em mãos esticadas que se estendiam em direção a um mundo; estranhas criaturas humanoides de sexo indeterminado, com olhos, lábios, testas e barrigas exagerados; o que pareciam incompreensíveis símbolos e cálculos matemáticos.

Daquilo emanava o brilho de vaga-lume.

Com cuidado, quase reverentemente, Ezio tomou-o em suas mãos. Ele não vivenciava tal sensação de admiração desde que manipulara a Maçã pela última vez, e já parecia saber o que era aquilo que estava segurando.

Ao virar o objeto em suas mãos, o brilho intensificou-se.

Che sucede?, pensou Ezio. *O que está acontecendo?*

Enquanto observava, o brilho tornou-se um raio de sol, contra o qual teve de proteger os olhos, enquanto a câmara explodia em um furacão de luz.

27

De algum modo, Ezio estava e não estava lá. Não tinha certeza se dormia ou se tinha entrado em alguma espécie de transe. Mas sabia exatamente quando e onde estava —séculos antes de seu próprio nascimento —, perto do final do século XII. A data do Ano de Nosso Senhor de 1189 flutuava em sua consciência, enquanto caminhava, ou flutuava, através de nuvens em redemoinho e errantes raios de luz sobrenatural, que finalmente se separaram para revelar — à distância — uma imensa fortaleza. Ezio reconheceu de imediato o local: Masyaf. As nuvens pareciam carregá-lo para mais perto. Havia sons de uma batalha feroz. Ezio avistou cavaleiros e infantaria, todos envolvidos em um combate mortal. Então ouviu o ruído de cascos de um cavalo ao se aproximar a todo galope. Um jovem Assassino, vestido de branco, encapuzado, cavalgava furiosamente pela cena.

Ezio observou — e, enquanto observava, parecia perder a si mesmo — sua própria personalidade... Estava acontecendo algo que podia meio que reconhecer, meio que lembrar; uma mensagem de um passado do qual nada sabia, mas com o qual estava totalmente familiarizado...

O jovem de branco avançou, com a espada desembainhada, através do portão para o meio do combate. Dois corpulentos Templários estavam prestes a dar o golpe de misericórdia em um Assassino ferido. Inclinando-se da sela, o jovem abateu o primeiro soldado com um golpe certeiro antes de frear o cavalo e saltar da montaria dentro de um redemoinho de poeira. O segundo Cruzado tinha virado o corpo para enfrentá-lo. Em um segundo, o jovem sacou uma faca de arremesso e mirou no Cruzado, lançando-a com precisão mortal, de modo que ela se enterrou no pescoço do sujeito, logo abaixo do elmo. O homem caiu de

joelhos, depois com o rosto no chão.

O jovem partiu para ajudar o companheiro, que havia desabado contra uma árvore. A espada do homem ferido escorregara de sua mão, e ele estava inclinado à frente com as costas apoiadas no tronco da árvore, segurando o tornozelo e fazendo careta.

— Onde está ferido? — perguntou com urgência o jovem.

— Pé quebrado. Você chegou no momento exato.

O jovem curvou-se para o companheiro e ajudou-o a se levantar, colocou um dos braços em volta dos ombros dele e o conduziu até um banco junto à parede de um anexo de pedra.

O Assassino ferido ergueu a vista para ele.

— Qual é seu nome, irmão?

— Altaïr, filho de Umar.

O rosto do Assassino ferido iluminou-se em reconhecimento.

— Umar. Um excelente homem, que morreu do modo como viveu... com honra.

Um terceiro Assassino veio cambaleando na direção deles, tendo saído da parte principal da batalha, ensanguentado e exausto.

— Altaïr — gritou. — Fomos traídos! O inimigo ocupou o castelo!

Altaïr ibn-La'Ahad terminou de fazer o curativo na ferida do companheiro caído. Deu-lhe um tapinha no ombro, tranquilizando-o.

— Você vai viver. — Então, virou-se para se dirigir ao recém-chegado. Não houve uma troca de olhar amistoso entre eles. — Uma grave notícia, Abbas. Onde está Al Mualim?

Abbas balançou a cabeça.

— Ele estava lá dentro, quando os Cruzados invadiram. Não podemos fazer nada por ele agora.

Altaïr não retrucou imediatamente, mas virou-se para olhar o castelo que se erguia entre os penhascos rochosos a algumas dezenas de metros adiante. Ele estava pensando.

— Altaïr! — interrompeu-o Abbas. — Precisamos recuar!

Calmamente, Altaïr virou-se outra vez para ele.

— Escute. Quando eu me aproximar do portão, flanqueie as unidades dos Cruzados na aldeia e force-as para o interior da garganta a oeste.

— Que imprudência — grunhiu Abbas raivosamente. — Você não tem qualquer chance!

— Abbas! — retrucou Altaïr duramente. — Apenas... não cometa erros.

Montando novamente, cavalgou em direção ao castelo. Ao trotar ao longo da pista familiar, ficou angustiado com as cenas de destruição diante de seus olhos. Aldeões vagavam ao longo das margens do caminho. Um deles ergueu a cabeça ao passar e berrou:

— Malditos sejam esses Cruzados! Que caiam diante de sua espada, cada um deles!

— Deixe as rezas para os padres, minha irmã.

Altaïr esporeou o cavalo, embora avançasse com dificuldade por causa de bandos de Cruzados empenhados em saquear e vitimar os cidadãos de Masyaf que tentavam recuperar a aldeia da fortaleza sitiada. Por três vezes tivera de gastar preciosos tempo e energia para defender seu povo das depredações daqueles rudes francos que se intitulavam Soldados de Cristo. Mas as palavras de gratidão e encorajamento ressoavam em seus ouvidos à medida que avançava, e incentivavam seu propósito.

— Bendito seja, Assassino!

— Eu certamente teria sido morto! Obrigado!

— Expulse esses Cruzados de volta para o mar, de uma vez por todas!

Enfim alcançou o portão. Estava completamente aberto. Olhando para cima, Altaïr pôde ver um colega Assassino movimentando loucamente a manivela do mecanismo na casinhola do porteiro, cerca de trinta metros acima. Um pelotão de infantaria dos Assassinos estava agrupado ao pé de uma das torres próximas.

— Por que o portão continua aberto? — gritou Altaïr para ele.

— Ambas as manivelas estão emperradas. O castelo está fervilhando de inimigos.

Altaïr olhou para o pátio e viu um grupo de Cruzados seguindo em sua direção. Ao tenente encarregado do pelotão disse:

— Mantenha essa posição.

Embainhando a espada e desmontando, começou a escalar a parede externa da casinhola de guarda, e em pouco tempo estava ao lado do companheiro que agia para liberar as manivelas. Freneticamente, os dois trabalharam nelas, e a força combinada de ambos levou a melhor — pelo menos o suficiente para

liberar parcialmente o portão, e este desceu pouco mais de um metro, sacudindo e rangendo.

— Está quase — disse Altaïr através de dentes rangendo.

Seus músculos se dilataram, e ele e o companheiro Assassino lutaram para deslocar a engrenagem da segunda manivela. Finalmente, ela cedeu, e o portão começou a baixar estrondeando em meio ao combate entre Assassinos e Cruzados que ocorria abaixo. Os Assassinos conseguiram saltar em segurança, mas o pelotão dos Cruzados foi dividido pelo portão em queda, alguns permanecendo no interior do castelo e outros agora presos do lado de fora.

Altaïr desceu os degraus de pedra que levavam do topo da casinhola ao pátio central de Masyaf. Os corpos espalhados dos Assassinos comprovavam a luta feroz que ocorrera ali pouco antes. Ao olhar em volta, vasculhando os baluartes e as ameias, uma porta se abriu na grande Torre de Menagem, e dela emergiu um grupo de pessoas que o fez inspirar fortemente. Um grupo de soldados de elite da infantaria dos Cruzados cercava o Mentor da Irmandade — Al Mualim. O velho estava semiconsciente. Vinha arrastado por dois guardas de aparência brutal. Com eles estava uma figura com uma adaga, a quem Altaïr reconheceu. Um homem grande, cruel, com olhos negros indecifráveis e uma grande e desfiguradora cicatriz no queixo. Seu cabelo ralo estava amarrado para cima por uma fita preta.

Haras.

Havia muito tempo que Altaïr imaginava onde estava a verdadeira lealdade de Haras. Um experiente Assassino. Ele nunca pareceu satisfeito com o posto que lhe foi designado dentro da Irmandade. Era um homem que buscava um caminho fácil para o topo, em vez daquele que recompensava o mérito. Apesar de ser um homem com uma merecida reputação como guerreiro, era tipo camaleão, e sempre conseguiu se insinuar na confiança de outras pessoas adaptando sua personalidade para combinar com as delas. Suas ambições tinham claramente levado a melhor e, ao ver uma oportunidade, arriscou traiçoeiramente sua sorte com os Cruzados. Agora, usava até mesmo um uniforme dos Cruzados.

— Para trás, Altaïr! — berrou. — Mais um passo e seu Mentor morre!

Ao som da voz, Al Mualim reanimou-se, ficou de pé orgulhosamente e ergueu a própria voz.

— Mate esse patife, Altaïr! Eu não temo a morte!

— Não deixará este lugar vivo, traidor! — gritou Altaïr para Haras.

Haras riu.

— Não. Você entendeu mal. Não sou traidor. — Pegou o elmo que pendia de seu cinturão e colocou-o. Um elmo de Cruzado! Haras riu novamente. — Está vendo? *Eu nunca poderia trair aqueles a quem nunca amei de verdade.*

Haras começou a caminhar em direção a Altaïr.

— Pois é duplamente um desgraçado — afirmou Altaïr —, porque tem sido uma mentira viva.

Então as coisas aconteceram rapidamente. Haras sacou a espada e arremeteu para Altaïr. Ao mesmo tempo, Al Mualim conseguiu se livrar de seus guardas e, com uma força que desmentia sua idade, arrancou a espada de um deles e o abateu. Aproveitando-se da distração momentânea de Haras, Altaïr soltou sua lâmina oculta e atacou o traidor. Mas Haras contorceu-se para fora do caminho e desferiu um golpe covarde com sua espada enquanto Altaïr estava desequilibrado. Altaïr rolou para um lado, saltando para se levantar outra vez, enquanto um bando de Cruzados corria em defesa de Haras. Com o canto do olho, ele podia ver Al Mualim lutando contra outro grupo.

— Matem o canalha! — rugiu Haras, saindo do caminho do perigo.

Altaïr experimentou a fúria. Arremeteu adiante, cortando as gargantas de dois Cruzados que atacavam. Os outros recuaram de medo, deixando Haras isolado e petrificado. Altaïr o encurralou onde duas paredes se encontravam. Ele tinha de se apressar e terminar o serviço para ir ao auxílio de seu Mentor.

Haras, vendo-o momentaneamente distraído, foi depressa em sua direção, rasgando o pano de sua túnica. Altaïr atacou de volta em retaliação e enfiou a lâmina oculta diretamente na base do pescoço de Haras, logo acima do esterno. Com um grito estrangulado, o traidor caiu para trás, estrondeando contra a parede. Altaïr parou acima dele.

Haras ergueu a vista para a figura de Altaïr que bloqueava o sol.

— Você põe muita fé nos corações dos homens, Altaïr — disse ele, mal conseguindo pronunciar as palavras enquanto o sangue borbulhava de seu peito. — Os Templários sabem *o que é verdade*. Os seres humanos são fracos, desprezíveis e mesquinhos. — Ele não sabia que poderia estar descrevendo a si mesmo.

— Não, Haras. Nosso Credo é a prova do contrário. Tente voltar para ele, mesmo agora, em sua hora final. Imploro que tenha a compaixão de se redimir.

— Você vai aprender, Altaïr. E aprenderá pelo meio mais difícil. — Ainda assim Haras fez uma pausa para pensar por um momento e, mesmo enquanto a luz de seus olhos se apagava lentamente, forçou a fala. — Talvez eu não seja suficientemente sensato para entender, mas suspeito que o contrário do que você acredita seja verdade. Pelo menos sou esperto demais para acreditar nas asneiras em que você acredita. — Então seus olhos tornaram-se como de mármore, e o corpo se inclinou para um lado, um demorado suspiro matraqueante escapando dele ao descontrair na morte.

A dúvida que Haras plantou na mente de Altaïr não criou raízes imediatamente. Tinha muito a ser feito para haver tempo para pensar. O jovem girou o corpo e juntou-se ao seu Mentor, e lutaram ombro a ombro até o bando de Cruzados ser derrotado, estendidos no chão ensanguentado ou em fuga.

Em volta deles, os sinais eram de que a batalha tinha virado a favor dos Assassinos. O exército Cruzado batia em retirada do castelo, embora a luta fora dele continuasse. Mensageiros logo chegaram para confirmar isso.

Recuperando-se do esforço que fizeram, Altaïr e Al Mualim pararam para um momento de descanso sob uma árvore ao lado do portão da Torre de Menagem.

— Aquele homem... aquele patife, Haras... você lhe ofereceu uma última chance de recuperar sua dignidade, para que ele visse o erro de seus modos. Por quê?

Lisonjeado pelo fato de o Mentor ter perguntado sua opinião, Altaïr respondeu:

— Nenhum homem deveria ir embora deste mundo sem conhecer alguma bondade, alguma chance de redenção.

— Mas ele recusou o que você lhe ofereceu.

Altaïr deu ligeiramente de ombros.

— Era direito dele.

Al Mualim olhou intensamente o rosto de Altaïr por um momento, então sorriu e assentiu. Juntos, passaram a caminhar em direção ao portão do castelo.

— Altaïr — começou Al Mualim —, observei você crescer de menino para homem em um curto espaço de tempo... e tenho a dizer que isso me enche tanto

de tristeza quanto de orgulho. Mas uma coisa é certa: você poderia substituir perfeitamente Umar.

Altaïr ergueu a cabeça.

— Eu não o conheci como pai. Apenas como Assassino.

Al Mualim pousou a mão em seu ombro.

— Você, também, nasceu nesta Ordem... nesta Irmandade. — Fez uma pausa. — Existem ocasiões em que você... se arrepende disso?

— Mentor... como posso me arrepender da única vida que tive?

Al Mualim assentiu sabiamente, olhando brevemente acima para fazer um sinal para um vigia Assassino posicionado no parapeito da muralha.

— Você pode encontrar outro caminho a tempo, Altaïr. E, se essa ocasião chegar, estarei a seu lado para escolher o caminho que preferir.

Em resposta ao sinal de Al Mualim, os homens da casinhola passaram a acionar novamente as manivelas para erguer o portão.

— Venha, meu rapaz — chamou o homem mais velho —, e prepare sua espada. Esta batalha ainda não está vencida.

Juntos, caminharam em direção ao portão aberto, para a brilhante luz do sol adiante.

Brilhante luz do sol, uma luz tão forte, tão envolvente, que Ezio ficou ofuscado. Piscou para livrar o olhar das formas multicoloridas que apareciam à sua frente, sacudindo vigorosamente a cabeça para escapar de qualquer que fosse a visão que o havia dominado. Fechou os olhos bem apertados. Quando os abriu, as batidas de seu coração começavam a voltar ao ritmo normal, e ele se viu novamente na câmara subterrânea, a luz suave retornando. Percebeu que ainda segurava o disco de pedra, e agora não tinha mais dúvida nenhuma do que era.

Ele havia encontrado a primeira chave.

Olhou para a vela. Pareceu ter estado distante por um longo tempo, entretanto a chama queimava imutável e havia consumido apenas um pouco da cera.

Guardou a chave com o mapa na bolsa, e virou-se para seguir em direção à luz do dia, e a Sofia.

28

Animada, Sofia largou o livro que tentava ler e correu para ele, mas evitou abraçá-lo.

— Ezio! *Salve!* Pensei que tivesse sumido para sempre!

— Eu também — disse Ezio.

— Encontrou alguma coisa?

— Sim, encontrei. Uma coisa que talvez lhe interesse.

Caminharam até uma grande mesa, de cima da qual Sofia afastou uns livros, enquanto Ezio apanhava o mapa que havia encontrado e o abria.

— *Mio Dio*, que lindo! — exclamou ela. — E, olhe... a minha loja. No meio.

— Sim. Este é um lugar muito importante. Mas olhe as margens.

Ela pegou um par de óculos e, curvando-se, examinou de perto os títulos dos livros.

— São livros raros. E o que são esses símbolos em volta deles?

— É isso que espero descobrir.

— Alguns desses livros são de fato extremamente raros. E alguns não são vistos... bem... há mais de um milênio! Devem valer uma fortuna!

— Sua loja está no local exato do comércio antes dirigido pelos irmãos Polo... Niccolò e Maffeo. Niccolò escondeu esses livros por toda a cidade. Este mapa deverá nos dizer onde, se descobrirmos como interpretá-lo.

Ela tirou os óculos e olhou para ele, intrigada.

— Hummm. Você está começando a me interessar. Vagamente.

Ezio sorriu e inclinou-se à frente. Apontou para o mapa.

— Pelo que posso ver, dentre os títulos, preciso encontrar primeiro esses três.

— E quanto aos outros?

— Ainda precisam ser vistos. Podem ser distrações propositais, para despistar. Mas estou convencido de que devo me concentrar nesses. Eles podem conter pistas sobre as localizações do resto *destas coisas*.

Tirou a pedra redonda da bolsa. Ela colocou os óculos outra vez e observou-a atentamente. Então recuou, balançando a cabeça.

— *Molto curioso*.

— É a chave para uma biblioteca.

— Não parece uma chave.

— Trata-se de uma biblioteca especial. Outra chave já foi encontrada... sob o Palácio Topkapi. Mas, se Deus quiser, ainda há tempo de as outras serem encontradas.

— Encontradas... por quem?

— Por homens que não leem.

Sofia sorriu diante disso. Mas Ezio permaneceu sério.

— Sofia... acha que consegue decifrar esse mapa? E me ajudar a encontrar esses livros?

Ela examinou novamente o mapa por alguns minutos, em silêncio. Então, endireitou-se e olhou para Ezio, sorrindo, com um brilho no olho.

— Existem muitos livros de referência nesta livraria. Com a ajuda deles, creio que posso desvendar esse mistério. Mas com uma condição.

— Sim?

— Posso pegar os livros emprestado quando você os encontrar?

Ezio pareceu se divertir.

— Suponho que possamos trabalhar juntos.

Ele saiu. Ela observou-o ir embora, depois fechou a livraria, encerrando o expediente naquele dia. Retornando à mesa, após apanhar alguns volumes nas estantes próximas para ajudá-la, e um caderno de anotações e penas, puxou a cadeira e sentou-se imediatamente para examinar o mapa com mais profundidade.

29

No dia seguinte, Ezio se reuniu com Yusuf perto do Hipódromo na região sudeste da península. Encontrou-o conversando com um grupo de colegas mais jovens diante de um mapa que analisavam. O encontro foi encerrado com a chegada de Ezio, e Yusuf dobrou o mapa.

— Saudações, Mentor — disse ele. — Se não estou enganado, há uma agradável surpresa reservada. E se amanhã a essa hora eu não estiver morto, deveremos ter boas histórias para trocar.

— Há alguma chance de você estar morto?

— Farejamos um plano que os bizantinos estão organizando. Agora que o jovem príncipe Suleiman voltou do *hajj*, planejam se infiltrar no Palácio Topkapi. Escolheram esta noite para entrar em ação.

— O que há de especial na noite de hoje?

— Há uma distração no palácio. Um evento cultural. Uma mostra de pinturas... gente como os irmãos Bellini... e artistas seljúcidas também. E haverá música.

— E qual é seu plano?

Yusuf olhou-o com gravidade.

— Meu irmão, essa luta não é sua. Não há necessidade de você se envolver nos assuntos otomanos.

— Topkapi tem a ver comigo. Os Templários encontraram uma das chaves da biblioteca de Altaïr debaixo dele e eu gostaria de saber como.

— Ezio, nosso plano é proteger o príncipe e não interrogá-lo.

— Confie em mim, Yusuf. Apenas me mostre aonde ir.

Yusuf não pareceu convencido, mas disse:

— O encontro é no portão principal do palácio. Planejamos nos disfarçar como músicos e entrar com os artistas de verdade.

— Encontrarei vocês lá.

— Vai precisar de uma roupa. E de um instrumento.

— Eu costumava tocar alaúde.

— Veremos o que podemos fazer. E é melhor colocar você com os músicos italianos. Você não parece turco o suficiente para se passar por um de nós.

Ao anoitecer, Ezio, Yusuf e seu seleto grupo de Assassinos, todos vestidos com roupas formais, haviam se reunido perto do portão principal.

— Gostou do seu traje? — perguntou Yusuf.

— É ótimo. Mas as mangas são muito apertadas. Não há espaço para nenhuma arma oculta.

— Não dá para tocar alaúde com mangas frouxas. E é isso que você é... tocador de alaúde. Não foi isso que quis?

— Verdade.

— E nós estamos armados. Indique quaisquer alvos e deixe que cuidaremos deles. Eis seu instrumento. — Apanhou um excelente alaúde com um de seus homens e entregou-o a Ezio, que fez uma tentativa de tocá-lo.

— Por Alá, você terá de tirar um som melhor do que esse — queixou-se Yusuf.

— Já faz muito tempo.

— Tem certeza de que sabe tocar essa coisa?

— Aprendi alguns acordes, quando era jovem.

— Você já foi mesmo jovem?

— Muito tempo atrás.

Yusuf se contorceu dentro do próprio traje, uma peça de cetim verde e amarelo.

— Eu me sinto ridículo nesta roupa. Eu pareço ridículo!

— Você parece exatamente como os outros músicos, e é isso que importa. Agora, vamos... a orquestra está se reunindo.

Atravessaram para onde vários instrumentistas italianos andavam a esmo, impacientes para conseguir acesso ao palácio. Yusuf e seus homens estavam

equipados como músicos turcos, com tamburas, *ouds*, saltérios e *kuduns*, todos os instrumentos que conseguiam tocar sofrivelmente. Ezio observou-os sendo conduzidos através de uma entrada lateral.

Ele achou agradável estar novamente entre seus conterrâneos, e se envolveu em conversas com eles.

— Você é de Florença? Bem-vindo! Este vai ser um bom espetáculo — disse-lhe um.

— Você acha que vai ser? — intrometeu-se um tocador de viola bastarda. — Vocês deviam ver como se toca na França! Eles têm todos os melhores. Não faz seis meses que estive lá e ouvi o *Qui Habitat* de Josquin. É o mais belo coral que já ouvi. Conhece a obra dele, Ezio?

— Um pouco.

— Josquin — disse o primeiro músico, um tocador de sacabuxa. — Sim, ele é um tesouro. Certamente não existe um homem na Itália que se iguale em talento.

— Nossa ocasião chegará.

— Vejo que é tocador de alaúde, Ezio — disse-lhe um homem que carregava um violão. — Ultimamente, tenho experimentado com afinações alternativas. É maravilhoso despertar novas ideias. Por exemplo, tenho afinado minha quarta corda para um tom menor da terceira. Isso fornece um som melancólico. A propósito, você trouxe cordas extras? Devo ter quebrado umas seis este mês.

— A música de Josquin é experimental demais para mim — comentou um tocador de cistre. — Podem acreditar, a polifonia jamais se tornará popular.

— Lembrem-me — pediu o violonista, ignorando o comentário do colega. — Eu gostaria de aprender algumas afinações orientais antes de irmos embora.

— Boa ideia. Devo dizer que este é um ótimo lugar para se trabalhar. As pessoas daqui também são gentis. Ao contrário de Verona. Hoje em dia, mal se consegue atravessar uma rua de lá sem ser assaltado — declarou um músico que carregava uma charamela.

— Quando nós iremos? — perguntou Ezio.

— Não vai demorar — respondeu o tocador de cistre. — Olhe, já estão abrindo o portão.

O homem com a viola bastarda tangeu criticamente suas cordas e então pareceu satisfeito.

— É um dia esplêndido para música, não acha, Ezio?

— Espero que sim — devolveu Ezio.

Seguiram para o portão, onde oficiais otomanos checavam as pessoas que entravam.

Infelizmente, quando chegou a vez de Ezio, um deles o parou.

— Toque uma melodia — pediu ele. — Adoro o som de alaúde.

Ezio olhou impotentemente seus colegas músicos passarem.

— *Perdonate, buon signore*, mas faço parte do divertimento do príncipe Suleiman.

— Qualquer *gerzek* velho pode carregar um instrumento, e não nos lembramos de você fazer parte desse conjunto em particular. Portanto, toque uma melodia.

Inspirando fundo, Ezio começou a tanger uma *ballata* simples que se lembrou de ter aprendido quando ainda possuíam o *palazzo* da família em Florença. Ele tocou horrivelmente.

— Isso... desculpe-me... é terrível! — disse o funcionário. — Ou está envolvido em alguma nova música experimental?

— Parece até que você está arranhando uma tábua de lavar roupa, em vez de cordas, pela barulheira que faz — comentou outro, aproximando-se, divertindo-se.

— Seu instrumento soa como um gato moribundo.

— Não consigo trabalhar nessas circunstâncias — alegou Ezio, ofendido. — Deem-me uma chance de eu me aquecer.

— Está bem! E consiga uma melodia afinada depois disso.

Ezio decidiu se concentrar, e tentou novamente. Após alguns tropeços iniciais, dessa vez ele conseguiu, sem parar, uma razoável dedilhada de uma antiga peça de Landini. Foi bastante comovente e, no final, os oficiais até aplaudiram.

— *Pekala* — disse aquele que primeiro o havia desafiado. — Pode entrar, e incomode os convidados com aquele barulho.

Uma vez lá dentro, Ezio se descobriu no meio de uma grande multidão. Um amplo pátio de mármore, parcialmente coberto, como um átrio, reluzia com luzes e cores debaixo de galhos de tamarindeiras. Convidados perambulavam por ali enquanto criados seguiam pelo meio deles com bandejas repletas de frutas cristalizadas e bebidas refrescantes. Havia muitos membros da pequena nobreza

otomana presentes, como também diplomatas e conhecidos artistas e empresários da Itália, da Sérvia, do Peloponeso, da Pérsia e da Armênia. Era difícil detectar qualquer possível infiltração bizantina naquela sofisticada aglomeração.

Ezio decidiu que seu melhor modo de ação seria tentar se juntar à trupe musical italiana com quem conversara, mas não se apressou, sondando o terreno para observar as coisas.

Os guardas reais, porém, estavam vigilantes e, em pouco tempo, um deles aproximou-se de Ezio.

— Com licença, senhor, está perdido?

— Não.

— É músico, não? Bem, está sendo pago para tocar e não para socializar!

Ezio ficou furioso, mas teve de conter a raiva para não revelar o disfarce. Felizmente, foi salvo por um grupo de habitantes locais de aparência endinheirada, quatro homens lisonjeiros e quatro lindas mulheres de fazer parar o coração.

— Toque algo para nós — pediram, formando um círculo à sua volta.

Ezio atacou novamente o Landini, lembrando-se de outras peças do compositor e rezando para que a plateia não as achasse muito antiquadas. Mas o grupo ficou enlevado. E, à medida que sua confiança aumentava, Ezio animava-se com o fato de que a habilidade musical também progredia. Até mesmo ousou improvisar um pouco. E cantar.

— *Pek güzel!* — comentou um dos homens, ao final de um número.

— De fato... muito bonito — concordou sua companheira, em cujos olhos de um profundo violeta Ezio teria morrido com prazer.

— Humm. A técnica não é o que poderia ser — observou um dos outros homens.

— Ora, Murad, você é tão pedante. Considere a expressão. Isso é o principal.

— Ele toca quase tão bem quanto se veste — disse uma segunda mulher, encarando-o.

— Um som tão belo quanto uma queda-d'água — declarou uma terceira.

— De fato, o alaúde italiano, em tudo por tudo, é tão adorável quanto o nosso *oud* — concedeu Murad, afastando a companheira de Ezio. — Mas agora, infelizmente, temos de manter contato com os outros convidados.

— *Tesekkür ederim, efendim* — gorjearam as mulheres ao partir.

Com as credenciais confirmadas, Ezio, de agora em diante, foi deixado em paz pelos guardas e conseguiu entrar em contato com Yusuf e seus homens.

— Brilhante, Mentor — disse Yusuf, quando fizeram contato. — Mas não deixe que o vejam conversando conosco... parecerá suspeito. Tente seguir para o segundo pátio... o pátio interno... por aqui. Eu encontrarei você.

— Bem pensado — concordou Ezio. — Mas o que poderemos esperar lá?

— O círculo interno. O séquito do príncipe. E, se tivermos sorte, o próprio Suleiman. Mas fique alerta, Mentor. Lá também pode haver perigo.

30

Estava consideravelmente mais tranquilo no segundo pátio, mas a decoração, a comida, a bebida e a qualidade tanto da música quanto da arte eram um pouquinho mais suntuosas.

Ezio e Yusuf, mantendo-se ao fundo, examinavam os convidados.

— Não vejo o príncipe Suleiman — disse Yusuf.

— Espere! — alertou-o Ezio.

A orquestra começou a tocar uma fanfarra, e todos os convidados viraram-se esperançosos na direção do portão, no centro da parede drapejada com ricas tapeçarias nos fundos do pátio. Caros tapetes de seda de Isfahan tinham sido espalhados no chão diante dela. Momentos depois, emergiu um pequeno grupo de pessoas, reunidas em torno dos dois homens que as conduziam — cada qual vestido com trajes de seda branca e turbantes; um cravado com broches de diamantes, o outro com esmeraldas. Os olhos de Ezio foram atraídos para o mais jovem deles, e seus lábios se separaram ao reconhecê-lo.

— O jovem? — perguntou ao companheiro.

— É o príncipe Suleiman — disse-lhe Yusuf. — Neto do sultão Bayezid e governador de Kefe. E tem apenas 17 anos.

Ezio deleitou-se.

— Eu o conheci no navio, na viagem para cá. Ele *me* disse que era um estudante.

— Ouvi dizer que ele gosta de viajar incógnito. É também uma medida de segurança. Ele estava voltando do *hajj*.

— Quem é o outro homem? O tal com esmeraldas no turbante?

— O tio dele, príncipe Ahmet. O filho favorito do sultão. Ele está se arrumando para a sucessão agora mesmo enquanto falamos.

Os dois príncipes ficaram parados, enquanto convidados favorecidos lhes eram apresentados. Depois aceitaram copos de um líquido cor de rubi.

— Vinho? — indagou Ezio.

— Suco de cranberry.

— *Serefe! Sagliginiza!* — exclamou Ahmed, erguendo a voz com o copo, brindando aos presentes.

Após os brindes formais, Yusuf e Ezio continuaram a vigiar, à medida que convidados e anfitriões ficavam mais descontraídos. No entanto, enquanto Suleiman se misturava ao pessoal, Ezio notou que seus guardas continuavam discretamente atentos. Esses guardas eram altos e nenhum deles parecia turco. Vestiam um uniforme característico de manto branco, e na cabeça usavam um alto chapéu cônico branco, como o de um dervixe. Todos, igualmente, tinham bigode. Nenhum usava barba ou tinha o rosto bem escanhoado. Ezio sabia o suficiente sobre os costumes otomanos para perceber que isso significava que tinham o status de escravos. Seriam uma espécie de guarda-costas particulares?

De repente, Yusuf segurou o braço de Ezio.

— Olhe! Aquele homem ali!

Um jovem magro, pálido, com cabelo liso, claro, e inexpressivos olhos castanho-escuros, tinha se aproximado sorrateiramente de Suleiman. Esbanjava riqueza nas vestes e poderia ser um próspero negociante de armas sérvio, mas, de qualquer maneira, alguém suficientemente importante para estar na lista dos convidados do segundo pátio. Enquanto vasculhava rápido a multidão, Ezio avistou mais quatro homens elegantemente vestidos, nenhum deles turco, pela aparência, adotando o que só poderiam ser posições de apoio, e fazendo discretos sinais uns para os outros.

Antes que Yusuf ou Ezio pudessem reagir, o jovem magro, agora atrás de Suleiman, tinha, com a velocidade da luz, sacado uma fina *janbiyah* e a mergulhava abaixo na direção do peito do príncipe. No mesmo instante, o guarda mais perto dele notou e saltou para o caminho da lâmina.

Houve caos e confusão instantâneos. Convidados foram empurrados rudemente para os lados enquanto guardas corriam para ajudar ambos os príncipes e seu colega abatido, enquanto os cinco pretensos assassinos

Templários tentavam escapar pelo meio da multidão, que agora se movimentava alvoroçada e em pânico. O jovem magro havia sumido, mas os guardas tinham identificado seus companheiros e os perseguiam sistematicamente, os conspiradores bizantinos usando os convidados confusos e desorientados como obstáculos para colocá-los entre si e seus caçadores. As saídas foram vedadas, mas os conspiradores tentaram deixar o pátio escalando a parede. Na confusão, o príncipe Ahmed desaparecera e o príncipe Suleiman fora isolado. Ezio viu que ele havia sacado uma pequena adaga, mas permanecia calmamente em seu lugar.

— Ezio — sussurrou subitamente Yusuf. — Olhe ali!

Seguiu a direção apontada por Yusuf e viu que o jovem magro havia retornado. Agora, rompendo a multidão atrás do príncipe, estava se aproximando dele com a arma erguida.

Ezio estava mais perto do que Yusuf e percebeu que somente ele poderia salvar o príncipe a tempo. Mas não tinha arma nenhuma! Então olhou abaixo para o alaúde que ainda segurava e, com um grunhido de decepção, tomou sua decisão e quebrou-o na coluna mais próxima. O alaúde se despedaçou, mas deixou-o com um afiado pedaço de madeira de abeto em sua mão. Em um instante, Ezio saltou adiante, agarrou o bizantino pelo pulso ossudo, forçou-o para trás e, justo no momento em que este fazia o movimento para matar, enfiou o pedaço de madeira uns dez centímetros bem fundo no olho esquerdo do homem. O bizantino parou como se tivesse sido congelado, então a *janbiyah* caiu de sua mão com um estrépito no chão de mármore. Ele dobrou o corpo para o chão imediatamente após isso.

A multidão ficou em silêncio, formando um círculo em volta de Ezio e Suleiman a uma distância respeitosa. Os guardas tentaram intervir, mas Suleiman os deteve com um gesto.

O príncipe embainhou a adaga e inspirou. Então deu um passo na direção de Ezio — um sinal de honra da parte de um príncipe, o que a multidão reconheceu com um arfar.

— Que bom revê-lo, *mio bel menestrello*. Falei isso direito?

— Meu belo menestrel. Muito bom.

— Lamento pelo seu alaúde. Um instrumento é muito mais bonito do que uma espada.

— Tem razão, mas não salva vidas.

— Alguém poderia discutir sobre isso.

— Talvez. Em outras circunstâncias. — Os dois homens trocaram sorrisos. — Soube que é governador e também príncipe. Há alguma coisa que você não faça?

— Não falo com estranhos. — Suleiman fez uma mesura; apenas uma ligeira inclinação da cabeça. — Sou Suleiman Osman.

— Auditore, Ezio. — Ezio, por sua vez, fez uma mesura.

Então um dos guardas de branco aproximou-se. Um sargento.

— Perdoe-me, príncipe. Em nome de seu tio, precisamos de sua garantia de que está ileso.

— Onde está ele?

— À sua espera.

Suleiman olhou-o friamente.

— Diga-lhe que, graças a este homem, *estou* ileso. Mas *não graças* a vocês! Vocês! Os janízaros! A guarda de elite, que fracassou comigo, um príncipe da casa real. Onde está seu capitão?

— Tarik Barleti está longe... em uma incumbência.

— Em uma *incumbência*? Vocês desejam realmente se mostrar como amadores diante deste estranho? — empertigou-se Suleiman, e o guarda, um gigante musculoso que devia pesar uns 140 quilos, tremeu diante dele. — Levem esse corpo daqui e mandem os convidados para casa. Depois convoquem Tarik para o Divã!

Virando-se para Ezio, enquanto o homem saía a passos rápidos, Suleiman disse:

— Isto é constrangedor. Os janízaros são os guarda-costas do sultão.

— Mas não da família dele?

— Pelo visto, aparentemente não. — Suleiman fez uma pausa, dando a Ezio um olhar avaliador. — Bem, não quero tomar seu tempo, mas há uma coisa sobre a qual gostaria de sua opinião. É algo importante.

Yusuf sinalizava para Ezio do limite da multidão que agora se dispersava.

— Conceda-me apenas o tempo de mudar esta roupa — pediu Ezio, gesticulando discretamente com a cabeça para o amigo.

— Está bem. Em todo caso, existe algo que preciso providenciar antes. Encontre-me diante do Divã quando estiver pronto. Meus ajudantes o acompanharão.

Ele bateu palmas e partiu do modo como tinha vindo.

— Foi uma atuação e tanto — observou Yusuf, ao deixarem o palácio na companhia de dois ajudantes pessoais de Suleiman. — Mas você nos deu uma apresentação com a qual jamais teríamos sonhado.

— A apresentação — lembrou-lhe Ezio — é minha.

31

Suleiman já estava à espera, quando Ezio se juntou a ele do lado de fora do Divã — a Câmara do Conselho — do palácio, pouco tempo depois. O jovem parecia calmo, e alerta.

— Marquei uma reunião com meu tio, o príncipe Ahmet, e o capitão Tarik Barleti — anunciou ele, sem qualquer preâmbulo. — Há uma coisa que preciso explicar antes. Os janízaros são leais ao meu avô, mas ficaram irritados por causa da escolha do próximo sultão feita por ele.

— Ahmet.

— Exatamente. Os janízaros têm predileção pelo meu pai, Selim.

— Humn — fez Ezio, pensando. — Você está em uma enrascada. Mas, diga-me... como os bizantinos se encaixam nisso?

Suleiman balançou a cabeça.

— Eu esperava que você pudesse me dar uma orientação a esse respeito. Está disposto a me ajudar a descobrir?

— Já estou mesmo na pista deles. Desde que nossos interesses não sejam conflitantes, será uma honra ajudá-lo.

Suleiman sorriu enigmaticamente.

— Então devo aceitar o que puder obter. — Fez uma pausa. — Ouça. Há um alçapão no topo da torre que você vê ali. Suba lá e levante a tampa. Você conseguirá ver e ouvir tudo que for dito no Divã.

Ezio concordou com a cabeça e partiu imediatamente, enquanto Suleiman se virara para entrar no Divã.

Quando Ezio chegou ao seu ponto de observação, a discussão na câmara do conselho abaixo dele já havia começado e se tornava acalorada. Os três homens envolvidos estavam sentados ou de pé em volta de uma mesa comprida coberta com tapetes de Bergama. Atrás da mesa, uma tapeçaria representando Bayezid, ladeado pelos filhos, pendia da parede.

Ahmet, um homem vigoroso na metade da casa dos 40 anos, com curto cabelo castanho-escuro e a barba cheia, agora com a cabeça descoberta e as roupas trocadas para ricas vestes de vermelho, verde e branco, estava em meio a uma crítica.

— Dê atenção ao meu sobrinho, Tarik. Sua incompetência beira a traição. E pensar que hoje os seus janízaros foram ofuscados por um italiano tocador de alaúde! Isso é ridículo!

Tarik Barleti, com a metade de baixo do rosto marcada por cicatrizes de batalha, perdida em meio a uma barba grisalha, estava com uma aparência horrível.

— Uma falha indesculpável, *efendim*. Vou conduzir uma investigação completa.

Suleiman interrompeu-o.

— Sou *eu* quem conduzirá a investigação, Tarik. Por motivos óbvios.

Barleti assentiu brevemente.

— *Evet, Shehzadem*. Claramente possui a sabedoria do seu pai.

Ahmet disparou um olhar furioso para o capitão, enquanto Suleiman retrucava:

— *E* a impaciência dele. — Dirigiu-se ao tio, seu tom agora formal. — *Shehzad* Ahmet, no mínimo estou aliviado por vê-lo a salvo.

— Igualmente, Suleiman. Que Deus o proteja.

Suleiman, Ezio podia perceber, executava uma espécie de jogo demorado. Enquanto observava, o jovem príncipe levantou-se e chamou seus ajudantes.

— Agora vou embora — anunciou. — E muito em breve farei o meu relatório sobre esse vergonhoso incidente, podem estar certos disso.

Acompanhado pelo seu séquito e guarda, saiu a passos largos do Divã. Tarik Barleti estava também de saída, mas o príncipe Ahmet o deteve.

— Tarik *bey*... uma palavra?

O soldado virou-se. Ahmet fez um sinal com a cabeça para que se

aproximasse. Seu tom era cordial. Ezio teve de se esforçar para captar suas palavras.

— Eu gostaria de saber, qual o propósito desse ataque? Para me fazer parecer fraco? Para me fazer parecer um administrador incompetente desta cidade? — Fez uma pausa. — Se esse foi seu plano, meu caro capitão; se sua mão estava metida nessa bagunça, você cometeu um grave erro! Meu pai escolheu a *mim* como o próximo sultão, e não a meu irmão!

Tarik não respondeu imediatamente, o rosto inexpressivo, quase entediado. Finalmente, disse:

— Príncipe Ahmet, não sou suficientemente degenerado para imaginar a conspiração de que me acusa.

Ahmet deu um passo para trás, embora seu tom permanecesse uniforme e afável.

— O que fiz para merecer tal desprezo da Corporação dos Janizaristas? O que meu irmão fez para você que eu não fiz?

Tarik hesitou, então indagou:

— Posso falar livremente?

Ahmet abriu os braços.

— É melhor que o faça, acho eu.

Tarik encarou-o.

— Você é fraco, Ahmet. Pensativo em tempos de guerra e indócil em tempos de paz. Falta-lhe paixão pelas tradições dos *ghazi*... os Guerreiros Sagrados, e você fala em fraternidade na companhia de infiéis. — Fez uma pausa. — Você daria um excelente filósofo, Ahmet, mas será um péssimo sultão.

O rosto de Ahmet obscureceu. Estalou os dedos e seu guarda-costas ficou atento atrás dele.

— Pode ir — falou para o capitão janízaro, e sua voz era como gelo.

Ezio ainda observava, quando, poucos minutos depois, o próprio Ahmet foi embora do Divã. Um momento depois, o príncipe Suleiman fez companhia a Ezio.

— Que família, hein? — comentou o príncipe. — Não se preocupe. Eu também estava ouvindo.

Ezio pareceu preocupado.

— Seu tio carece de controle sobre os homens que em breve vai comandar. Por que não abateu aquele sujeito ali mesmo por causa de sua insolência?

— Tarik é um homem duro — explicou o príncipe, estendendo as mãos. — Capaz, mas ambicioso. E tem enorme admiração pelo meu pai.

— Mas fracassou em proteger este palácio contra um atentado bizantino à sua vida no interior deste lugar sagrado! Só isso já mereceria uma investigação.

— Exatamente.

— Bem... quando começamos?

Suleiman ponderou. Ezio ficou observando-o. Uma cabeça velha sobre ombros muito jovens, pensou ele, com respeito renovado.

— Por enquanto, vamos ficar de olho em Tarik e seus janizaristas. Eles passam grande parte de seu tempo livre no Bazar ou em volta dele. Pode cuidar disso... você e seus... companheiros? — pronunciou Suleiman delicadamente as últimas palavras.

No fundo da mente de Ezio estava o aviso de Yusuf para que não se envolvesse com a política otomana, mas, de algum modo, sua própria busca e aquela luta pelo poder pareciam ligadas. Tomou uma decisão.

— De agora em diante, príncipe Suleiman, nenhum deles comprará um lenço que for sem que você tome conhecimento.

32

Após garantir que Yusuf e os Assassinos de Constantinopla fossem avisados de que deveriam seguir todos os movimentos dos janízaros de folga no Grande Bazar, Ezio, acompanhado de Azize, seguiu em direção às docas do lado sul da cidade a fim de obter materiais de fabricação de bombas de uma lista feita para ele por Piri Reis.

Havia completado suas compras e despachado Azize de volta para o quartel-general dos Assassinos na cidade, quando notou Sofia na multidão que se aglomerava no cais. Ela conversava com um homem que parecia ser italiano, um homem com mais ou menos sua própria idade. Ao se aproximar, notou que Sofia parecia mais do que um pouco incomodada, mas reconheceu com quem ela falava. Ezio achou divertido, mas também sentiu um pouco de incômodo. O inesperado aparecimento do homem evocou muitas lembranças e emoções conflitantes.

Sem revelar sua presença, Ezio se aproximou.

Era Duccio Dovizi. Décadas antes, Ezio estivera perto de quebrar seu braço direito, pois Duccio andara traindo Claudia, de quem estava noivo. O braço, Ezio notou, ainda tinha certa torção. O próprio Duccio envelhecera muito mal e parecia fatigado. Mas isso claramente não havia modificado seu estilo. Evidentemente, estava encantado por Sofia, e a importunava querendo sua atenção.

— *Mia cara* — dizia-lhe —, os cordões do destino nos juntaram. Dois italianos perdidos e sozinhos no Oriente. Não sente o *magnetismo*?

Sofia, entediada e incomodada, retrucou:

— Sinto muitas coisas, *messer*... náusea acima de tudo.

Com uma sensação de *déjà-vu*, Ezio achou que estava na hora de agir.

— Esse homem a está incomodando, Sofia? — perguntou, aproximando-se.

Duccio, irritado com a interrupção, virou-se para encarar o recém-chegado.

— Com licença, *messer*, mas a dama e eu estamos... — interrompeu-se ao reconhecer Ezio. — Ah! *Il diavolo* em pessoa! — Sua mão esquerda foi involuntariamente para o braço direito. — Para trás!

— Duccio, que prazer revê-lo.

Ele não respondeu, mas afastou-se cambaleante, tropeçando nas pedras do pavimento, gritando:

— Fuja, *buona donna!* Salve sua vida!

Observaram-no desaparecer ao longo do quebra-mar. Seguiu-se uma pausa constrangida.

— Quem era esse?

— Um cachorro — disse-lhe Ezio. — Foi noivo da minha irmã, muitos anos atrás.

— E o que aconteceu?

— Seu *cazzo* estava comprometido com outras seis.

— Você se expressa muito francamente. — Sofia pareceu levemente surpresa com o uso da palavra "pau", mas não ofendida.

— Perdoe-me. — Parou por um momento, então perguntou: — O que a traz às docas?

— Dei uma saída da livraria para pegar um pacote, mas o pessoal da alfândega alega que os documentos do navio não estão em ordem. Por isso, estou esperando.

Ezio olhou em volta do bem vigiado porto, apreendendo sua estrutura.

— É um aborrecimento — continuou Sofia. — Posso ter de ficar aqui o dia inteiro.

— Deixe-me ver o que posso fazer — disse ele. — Conheço algumas maneiras de contornar as regras.

— Vai fazer isso agora? Bem, devo admitir que admiro suas bravatas.

— Deixe comigo. Eu a encontrarei de volta na sua livraria.

— Bem — ela remexeu em sua bolsa —, aqui está a papelada. O pacote é muito valioso. Por favor, cuide bem dele... se conseguir tirá-lo deles.

— Pode deixar.

— Então... obrigada. — Sorriu para ele e voltou-se em direção à cidade.

Ezio observou-a ir embora por um momento, depois seguiu para o grande prédio de madeira que continha os escritórios da alfândega. Lá dentro, havia um balcão comprido e, atrás dele, prateleiras contendo um grande número de pacotes e embrulhos. Perto da frente de uma das prateleiras baixas mais próximas do balcão, conseguiu ver um tubo de madeira para mapas com uma etiqueta pregada nele: SOFIA SARTOR.

— *Perfetto* — disse a si mesmo.

— Posso ajudá-lo? — perguntou um funcionário corpulento, aproximando-se.

— Sim, por favor. Vim apanhar aquele pacote ali. — Apontou.

O balconista olhou de lado.

— Bem, receio que esteja fora de questão. Todas as encomendas foram apreendidas e dependem da liberação de documentos.

— E quanto tempo isso vai demorar?

— Não saberia lhe dizer.

— Horas?

O balconista franziu os lábios.

— Dias?

— Depende. É claro que, por uma compensação... pode-se arranjar alguma coisa.

— Ao inferno com isso!

O balconista tornou-se menos amistoso.

— Está tentando me impedir de cumprir minhas obrigações? — esbravejou. — Vá embora, velho! E não volte, se sabe o que é bom para você!

Ezio empurrou-o para o lado e pulou por cima do balcão. Agarrou o tubo de madeira e virou-se para ir embora. Mas o balconista soprava nervosamente um apito, e vários de seus colegas, alguns deles membros da guarda fortemente armada do porto, responderam de imediato.

— Aquele homem — ganiu o balconista — tentou me subornar e, quando recusei, recorreu à violência.

Ezio ficou de pé sobre o balcão, enquanto o pessoal da alfândega avançava para agarrá-lo. Girando o pesado tubo de madeira, fraturou alguns crânios,

saltou por cima das cabeças dos restantes e correu em direção à saída, deixando confusão em seu rastro.

— Esse é o único modo de se lidar com o funcionalismo subalterno — disse a si mesmo, satisfeito.

Ele já havia desaparecido no emaranhado labirinto de ruas ao norte das docas, antes que seus perseguidores tivessem o tempo de se recuperar. Sem a papelada de Sofia, que mantivera bem-guardada no interior de sua túnica, nunca conseguiriam rastreá-la.

33

Perto do meio-dia, ele entrou na livraria a oeste da Basílica de Santa Sofia.

Ela ergueu a vista quando ele entrou. As estantes agora estavam muito mais arrumadas do que estavam quando a visitara pela primeira vez. Na sala dos fundos, pôde ver a mesa de trabalho dela com o mapa das cisternas cuidadosamente aberto ao lado de vários grossos volumes de referência.

— *Salute*, Ezio — cumprimentou ela. — Foi mais rápido do que eu esperava. Teve alguma sorte?

Ezio levantou o tubo de madeira e leu o rótulo:

— "Madamigella Sofia Sartor, libraia, Constantinopoli". É você?

Entregou-lhe o tubo com um sorriso. Ela pegou-o alegremente, examinou-o com atenção, e seu rosto tornou-se amargurado.

— Oh, não! Olhe o estrago! Você acha que usaram isto para lutar contra piratas?

Ezio deu de ombros, meio encabulado. Sofia abriu o tubo e tirou o mapa que havia dentro. Examinou-o.

— Por enquanto, tudo bem.

Levando-o para uma mesa, abriu-o cuidadosamente. Era a cópia de um mapa-múndi.

— Não é lindo? — comentou Sofia.

— Realmente. — Ezio foi para o lado dela e ambos o examinaram.

— É uma cópia de um mapa de Martin Waldseemüller. E bem recente... foi publicado há apenas quatro anos. E olhe... aqui à esquerda! As novas terras que o *navigatore* Vespúcio descobriu e sobre as quais escreveu apenas quatro ou cinco

anos antes de o mapa ser desenhado.

— Trabalham depressa, esses alemães — comentou Ezio. — Vejo que ele batizou as novas terras com o nome de Vespúcio... Amerigo.

— América!

— Sim... pobre Cristóvão Colombo. A história se desenrola de uma maneira estranha.

— O que acha desta massa de água aqui? — Apontou para os oceanos do lado mais distante das Américas do Norte e do Sul. Ezio inclinou-se para olhar.

— Um novo oceano, talvez? A maioria dos eruditos que conheço afirma que o tamanho do globo tem sido subestimado.

Sofia parecia pensativa.

— É incrível. Quanto mais aprendemos sobre o mundo, menos parecemos saber.

Muito afetados por essa ideia, ambos ficaram em silêncio por um momento. Ezio pensou no século em que estavam... XVI. E ainda perto de seu início. O que se desenrolaria durante ele só era possível adivinhar. Sabia que, com sua idade, não veria muito mais daquele século. Sem dúvida, haveria mais descobertas e mais guerras. Mas, essencialmente, a mesma peça seria repetida — e os mesmos atores, só que com roupas diferentes e diferentes objetos de cena para cada geração que engolia a anterior, cada qual achando que seria a que faria tudo melhor.

— Bem, você honrou sua promessa — lembrou Sofia. — E aqui está a minha cumprida.

Ela o conduziu à sala interna e pegou um pedaço de papel na mesa.

— Se estou correta, isto deve lhe mostrar o local do primeiro livro.

Ezio pegou o papel e leu o que havia nele.

— Devo admitir — prosseguiu Sofia — que minha cabeça está zonza com a possibilidade de realmente ver esses livros. Eles contêm conhecimentos que o mundo perdeu e deveria ter de novo. — Sentou-se à mesa e apoiou o queixo nas mãos, sonhando acordada. — Talvez pudesse mandar imprimir algumas cópias e distribuí-las eu mesma. Uma tiragem de mais ou menos cinquenta... Isso seria o suficiente.

Ezio sorriu, depois riu.

— Por que o riso?

— Perdoe-me. É uma alegria ver alguém com uma paixão tão pessoal e tão nobre. É... inspirador.

— Minha nossa — reagiu ela, um pouco constrangida. — De onde está vindo isso?

Ezio ergueu o pedaço de papel.

— Pretendo ir investigar imediatamente — disse ele. — *Grazie*, Sofia... voltarei em breve.

— Estarei esperando ansiosa por isso — rebateu ela, observando-o ir, com uma mistura de perplexidade e preocupação.

Que homem misterioso, pensou, quando a porta se fechou e ela voltou ao mapa de Waldseemüller e aos seus próprios sonhos sobre o futuro.

34

Os cálculos de Sofia tinham sido corretos. Escondido atrás de uma peça de madeira de um velho prédio abandonado no distrito bizantino da cidade, Ezio encontrou o livro que procurava.

Era um antigo mas bem-preservado exemplar de *Sobre a natureza*, o poema escrito havia mais de dois mil anos pelo filósofo grego Empédocles, que delineava um resumo de seus pensamentos.

Ezio retirou o livro de seu esconderijo e soprou o pó do pequeno volume. Então o abriu em uma das páginas iniciais em branco. À medida que observava, a página começou a brilhar e, dentro do brilho, um mapa de Constantinopla revelou-se. Olhando mais atenta e concentradamente, distinguiu um ponto no mapa. Mostrava a Torre da Donzela, o farol no lado mais distante do Bósforo, e, ao observar ainda mais de perto, um local exato nos porões construídos dentro de suas fundações.

Se tudo estivesse correto, aquele deveria ser o local da segunda chave para a biblioteca de Altaïr em Masyaf.

Ele seguiu apressadamente seu caminho pela cidade fervilhante até a Torre da Donzela. Passando sorrateiramente pelos guardas otomanos, e fazendo a travessia em um barco "emprestado", avistou uma porta a partir da qual degraus conduziam para os porões. Mantinha o livro na mão e descobriu que ele o guiava pelo labirinto de corredores com filas de inumeráveis vãos de portas. Não parecia possível que pudesse haver tantas em tal espaço relativamente confinado. Finalmente, porém, chegou a uma porta, idêntica às outras, mas através de cujas fendas parecia emanar uma luz fraca. A porta se abriu quando ele a tocou, e ali,

sobre um pedestal baixo de pedra à sua frente, estava uma pedra circular, fina como um disco e, do mesmo modo como a primeira que descobrira, coberta com estranhos símbolos, tão misteriosos quanto os primeiros, mas diferentes. A forma de uma mulher — uma deusa, talvez — que parecia vagamente familiar; denteações que poderiam ser fórmulas, ou possivelmente entalhes que talvez se encaixassem em pinos — talvez pinos dentro de buracos de fechaduras na porta da biblioteca em Masyaf.

Ao segurar a chave, a luz que dela emanava aumentou progressivamente, e ele se firmou para ser transportado — não sabia para onde — quando ela o envolveu e o levou rodopiando até séculos antes. Recuando 320 anos. Para o Ano de Nosso Senhor de 1191.

Masyaf.

No interior da fortaleza, muito tempo atrás.

Figuras em uma névoa rodopiante. Emergindo dela, um jovem e um velho. Indícios de uma luta, que o velho — Al Mualim — havia perdido.

Deitou-se no chão, e o jovem foi se abaixando, afastando os joelhos até ficar sobre ele.

Sua mão, perdendo a força, largou algo que rolou dela e foi parar no chão de mármore.

Ezio inspirou subitamente ao reconhecer o objeto — era, com certeza — a Maçã do Éden. Mas como? E o jovem — o vitorioso — de branco, o capuz puxado sobre a cabeça, era Altaïr.

— Você tinha fogo nas mãos, velho — dizia ele. — Isso deveria ter sido destruído.

— Destruído? — gargalhou Al Mualim. — A única coisa capaz de acabar com os Cruzados e criar a paz verdadeira? Nunca.

— Então eu a destruirei.

As imagens enfraqueceram, dissolveram-se, como fantasmas, apenas para outra cena substituí-las.

No interior da grande Torre de Menagem em Masyaf, Altaïr estava sozinho com um de seus capitães. Perto deles, deitado em um esquife de pedra, para ser reverenciado, jazia o corpo de Al Mualim, agora em paz na morte.

— Acabou-se realmente? — perguntava o capitão Assassino. — Aquele feiticeiro está morto?

Altaïr virou-se para olhar para o corpo. Falou calmamente, firmemente:

— Ele não era feiticeiro. Apenas um homem comum no comando de... ilusões.

Voltou-se para seu companheiro.

— Já preparou a pira?

— Já. — O homem hesitou. — Mas, Altaïr, alguns dos homens... eles são contra fazer tal coisa. Estão indóceis.

Altaïr inclinou-se sobre o esquife. Curvou-se e tomou o corpo do velho em seus braços.

— Deixe-me cuidar disso. — Aprumou-se, o manto agitando-se à sua volta. — Está disposto a viajar? — indagou ao capitão.

— Sim, bastante disposto.

— Pedi a Malik al-Sayf que cavalgasse até Jerusalém para levar a notícia da morte de Al Mualim. Você pode cavalgar até Acre para fazer o mesmo?

— Claro.

— Então vá, e que Deus esteja com você.

O capitão inclinou a cabeça e saiu.

Carregando nos braços o corpo morto do Mentor, seu sucessor saiu a passos largos para enfrentar os colegas da Irmandade.

Ao aparecer, houve um balbuciar de vozes imediato, refletindo a confusão em suas mentes. Alguns se perguntaram se estavam sonhando. Outros ficaram horrorizados com aquela confirmação física do falecimento de Al Mualim.

— Altaïr! Explique-se!

— Como se chegou a isso?

— O que aconteceu?

Um Assassino balançou a cabeça.

— Minha mente estava clara, mas meu corpo... não se mexeria!

No meio da confusão, Abbas apareceu. Abbas. O amigo de infância de Altaïr. Agora, essa amizade era muito menos certa. Aconteceram coisas demais entre eles.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Abbas, a voz refletindo seu choque.

— Nosso Mentor enganou a todos nós — respondeu Altaïr. — Os

Templários o corromperam.

— Onde está a sua prova disso? — retrucou Abbas, desconfiado.

— Caminhe comigo, Abbas, e explicarei.

— E se eu achar suas respostas insuficientes?

— Então falarei até você ficar satisfeito.

Seguiram caminho, Altaïr ainda carregando o corpo de Al Mualim, em direção à pira funerária que tinha sido preparada para isso. A seu lado, Abbas, sem saber de seu destino, permanecia impaciente, tenso e obstinado, incapaz de disfarçar sua desconfiança em relação a Altaïr.

E Altaïr sabia o motivo disso, e lastimava. Mas faria o melhor possível.

— Você se lembra, Abbas, do artefato que recuperamos do Templário Robert de Sablé no Templo de Salomão?

— Refere-se ao artefato que mandaram *você* reaver, mas que, na verdade, foi *resgatado* por outros?

Altaïr deixou isso passar.

— Sim. É um instrumento dos Templários. Chama-se a Maçã do Éden. Entre muitos outros poderes, ela pode conjurar ilusões e controlar as mentes dos homens... e do homem que pensa que *ele* a controla. Uma arma mortal.

Abbas deu de ombros.

— Então, certamente, é melhor que esteja conosco em vez de com os Templários.

Altaïr balançou a cabeça.

— Isso não faz diferença. Ela parece corromper todos que a manuseiam.

— E você acredita que Al Mualim foi dominado pelo seu encanto?

Altaïr fez um gesto de impaciência.

— Acredito. Hoje ele usou a Maçã para tentar escravizar Masyaf. Você viu isso por si mesmo.

Abbas pareceu em dúvida.

— Eu não sei *o que* vi.

— Ouça, Abbas. A Maçã está segura no gabinete de Al Mualim. Quando eu terminar aqui, vou lhe mostrar tudo que sei.

Eles tinham chegado à pira, e Altaïr subiu os degraus até lá e, reverentemente, colocou sobre ela o corpo de seu falecido Mentor. Quando ele fez isso, Abbas pareceu horrorizado. Era a primeira vez que via a pira.

— Não posso acreditar que você pretenda realmente fazer isso! — disse ele com a voz chocada. Atrás dele, a Irmandade dos Assassinos reunida agitava-se como um milharal ao vento.

— Preciso fazer o que é necessário — rebateu Altaïr.

— Não!

Mas Altaïr já tinha apanhado uma das tochas acesas junto à pira e a enfiara na base da pilha de lenha.

— Preciso me certificar de que ele *não consiga voltar*.

— Mas esse não é nosso estilo! Queimar o corpo de um homem é proibido!

Uma voz da multidão atrás dele gritou subitamente, enfurecida:

— Profanador!

Altaïr virou-se para encarar a multidão indócil.

— Ouçam-me! Este cadáver pode ser outro dos corpos *fantasmas* de Al Mualim. Eu *preciso* ter certeza.

— Mentiras! — berrou Abbas. Quando as chamas tomaram conta da pira, ele foi para o lado de Altaïr, elevando a voz para que todos pudessem ouvi-lo. — Por toda a sua vida, você zombou do nosso Credo! Torceu as regras para se adaptarem aos seus caprichos, ao mesmo tempo que depreciava e humilhava todos à sua volta!

— Contenha Altaïr! — gritou um Assassino na multidão.

— Você não ouviu o que ele disse? — reagiu um colega a seu lado. — Al Mualim estava enfeitiçado!

A resposta do primeiro Assassino foi dar-lhe um soco. Seguiu-se uma luta geral, que aumentou tão rapidamente quanto se erguiam as chamas.

Na beirada perto de Altaïr, Abbas empurrou-o violentamente para baixo, no meio da luta corpo a corpo. Enquanto Abbas seguia com fúria de volta ao castelo, Altaïr pelejava para se levantar em meio ao conflito entre seus colegas Assassinos, agora com as espadas desembainhadas.

— Irmãos! — gritou, esforçando-se para restaurar a ordem. — Parem! Guardem as lâminas!

Mas a luta prosseguiu, e Altaïr, que acabara de se levantar a tempo de ver Abbas voltando para a fortaleza, foi forçado a lutar contra os próprios homens, desarmando-os quando possível, e exortando-os a desistir. Ele não sabe por quanto tempo combateu, mas a briga foi subitamente interrompida por um

ardente clarão de luz, que fez os combatentes recuarem, protegendo os olhos.

A luz vinha da direção do castelo.

Os piores temores de Altaïr tinham se concretizado.

Lá, no parapeito da torre alta, estava Abbas, e a Maçã se encontrava em sua mão.

— O que eu lhe disse, Altaïr? — bradou Abbas para ele.

— Abbas! Pare!

— O que você acha que aconteceria após matar o nosso adorado Mentor?

— De todos, você era quem menos gostava de Al Mualim! Você o culpava de seu infortúnio, inclusive do suicídio de seu pai!

— Meu pai foi um *herói*! — berrou Abbas desafiadoramente.

Altaïr o ignorou e virou-se às pressas para os Assassinos que estavam agrupados interrogativamente à sua volta.

— Ouçam! — falou para eles. — Não é hora de se discutir o que foi feito. Precisamos decidir agora o que deve ser feito com *aquela arma*! — Apontou para onde se encontrava Abbas, segurando a Maçã no alto.

— Seja lá do que este artefato for capaz, Altaïr — gritou Abbas —, você não é digno de manejá-lo!

— Nenhum homem é! — devolveu Altaïr.

Mas Abbas já estava encarando o brilho da Maçã. À medida que olhava, a luz se intensificava. Ele parecia fascinado.

— É linda, não é mesmo? — disse ele, alto apenas para ser ouvido.

Então ocorreu nele uma mudança. Sua expressão foi transformada de um sorriso de contente triunfo para uma careta de horror. Começou a se sacudir violentamente enquanto o poder da Maçã percorria seu corpo, dominando-o. Assassinos que ainda lhe eram solidários corriam para ajudá-lo, quando o sinistro instrumento que ele ainda segurava lançou uma quase visível onda trepidante, que os pôs brutalmente de joelhos, segurando a cabeça em agonia.

Altaïr correu em direção a Abbas, escalando a torre com velocidade sobrenatural, levado pelo desespero. *Ele tinha de chegar lá a tempo!* Quando se aproximou do ex-amigo, Abbas começou a gritar como se sua própria alma estivesse sendo arrancada do corpo. Altaïr deu um último salto à frente, incapacitando Abbas e derrubando-o. Ele se contorceu no chão com um grito desesperador, enquanto a Maçã tombava de sua mão, enviando, ao cair, uma

violenta onda de choque final para fora da torre.

E fez-se silêncio.

Os Assassinos caídos lá embaixo, gradualmente se recobraram e se levantaram. Entreolharam-se assombrados. O que havia acontecido continuava a ressoar em seus corpos e suas mentes. Olharam acima para os baluartes. Nem Altaïr nem Abbas estavam visíveis.

— O que foi aquilo?

— Eles estão mortos?

Então Altaïr apareceu sozinho em um dos parapeitos da torre. O vento soprava o manto branco à sua volta. Ergueu a mão. Nela, em segurança, encontrava-se a Maçã. Esta crepitava e latejava como algo vivo, mas estava sob seu controle.

— Perdoe-me — arfava Abbas da laje atrás dele. Mal conseguia formar as palavras: — Eu não *sabia*.

Altaïr dirigiu, outra vez, o olhar do homem para a Maçã pousada em sua mão. Ela enviava curiosas sensações, como choques, por todo o seu braço estendido.

— Tem algo a nos ensinar? — perguntou Altaïr, dirigindo-se à Maçã como se fosse uma coisa sensata. — Ou nos conduzirá à ruína?

O vento então pareceu soprar uma tempestade de poeira — ou foi o retorno das rodopiantes fumaças de nuvens que haviam anunciado aquela visão? Com ela veio a luz ofuscante que a antecedera, crescendo e crescendo até tudo ao redor ficar borrado. Em seguida, obscureceu mais uma vez, até ser apenas o suave brilho da chave na mão de Ezio.

Exausto, Ezio escorregou para o chão e apoiou as costas na parede da câmara. Lá fora, a noite caía. Ele ansiava por descanso, mas não podia se permitir descansar.

Após um longo momento, levantou-se novamente e, com todo o cuidado, guardou na bolsa a chave e o exemplar de Empédocles, e seguiu rua acima.

35

Ao amanhecer do dia seguinte, Ezio seguiu para o Grande Bazar. Estava na hora de ver por si mesmo que conversa poderia haver entre os janízaros, e estava impaciente para seguir o rastro de seu capitão, Tarik Barleti. Mas, uma vez lá, foi impossível evitar inteiramente os inoportunos comerciantes, que eram mais do que mestres na venda agressiva. Ezio teve de se passar por apenas mais um turista, temendo levantar suspeitas tanto por parte dos funcionários otomanos quanto dos Templários bizantinos.

— Veja este tapete! — Um comerciante o abordou, puxando-o pela manga, e Ezio descobrira que, frequentemente, era assim ali, chegando perto demais dele, invadindo seu espaço corporal. — Seus pés vão amá-lo mais do que sua esposa o ama!

— Não sou casado.

— Ah — continuou o comerciante, desagradavelmente —, isso é ainda melhor. Venha! Apenas sinta-o!

Ezio notou um grupo de janízaros parado não muito distante.

— Você vendeu bem hoje? — perguntou ao comerciante.

O homem estendeu os braços, movendo a cabeça à sua direita na direção dos janízaros.

— Não vendi nada! Os janízaros confiscaram a maior parte do meu estoque, só porque era importado.

— Conhece Tarik Barleti, o capitão deles?

— É, está por aí em algum lugar, sem dúvida. Um homem arrogante, porém... — O comerciante estava para continuar, mas se interrompeu, gelando antes de

voltar à sua arenga de vendedor, os olhos direcionados não para Ezio, porém para bem mais adiante dele. — Está me insultando, senhor! Não posso aceitar menos de 200 *akçe* por isto! Essa é a minha oferta final.

Ezio virou-se ligeiramente e seguiu o olhar do homem. Três janízaros se aproximavam, estavam a menos de quinze metros de distância.

— Quando eu o encontrar, perguntarei pelos seus tapetes — prometeu Ezio em voz baixa ao comerciante ao se virar para ir embora.

— Você é agressivo na pechincha, forasteiro! — gritou o comerciante atrás dele. — Vamos entrar em um acordo, 180? Cento e oitenta *akçe*, e nos separaremos como amigos!

Ezio, porém, não estava mais ouvindo. Ia atrás do grupo de janízaros, seguindo-os a uma distância segura, na esperança que o levassem a Tarik Barleti. Eles não andavam à toa — tinham a aparência de homens que iam a algum tipo de compromisso. Mas Ezio precisava continuar vigilante, não apenas para manter a presa à vista, mas para evitar que fosse descoberto, e as aglomeradas vielas do *souk* o ajudavam e ao mesmo tempo o retardavam. O comerciante dissera que o capitão estaria em algum lugar do Bazar, mas o Bazar era um lugar enorme — um confuso labirinto de barracas e lojas, por si mesmo uma pequena cidade.

Contudo, finalmente, sua paciência valeu a pena, e os homens que seguia chegaram a um cruzamento nas vielas que se abriam para uma pequena praça com uma cafeteria em cada canto. Diante de uma delas estava parado o capitão grandalhão com a barba grisalha. A barba era um sinal de seu posto, do mesmo modo que seu deslumbrante uniforme. Era claro que não era um escravo.

Ezio aproximou-se com discrição o máximo que pôde, para ouvir o que estava sendo dito.

— Vocês estão prontos? — perguntou o capitão a seus homens, e eles confirmaram com a cabeça. — Essa reunião é importante. Cuidem para que eu não esteja sendo seguido.

Assentiram novamente e se separaram, desaparecendo no Bazar em diferentes direções. Ezio sabia que estariam procurando por qualquer sinal de um Assassino nas multidões e, por um momento tenso, um dos soldados pareceu fazer contato visual com ele, mas então o momento passou e o sujeito foi embora. Após esperar o máximo que ousava, partiu para perseguir o capitão.

Barleti não tinha ido muito longe antes de se encontrar com outro janízaro, um tenente, o qual, ao olhar casual, pareceria estar vendo a janela com peças expostas diante do estabelecimento de um armeiro. Ezio já havia notado que os janízaros eram as únicas pessoas a não serem atormentadas pelos comerciantes.

— Quais as novidades? — indagou Barleti, ao chegar perto do soldado.

— Manuel concordou em se encontrar com você, Tarik. Está esperando no Portão do Arsenal.

Ezio aguçou os ouvidos à menção desse nome.

— Um velho canalha ganancioso, não é mesmo? — comentou Tarik categoricamente. — Venha.

Eles partiram, saindo do Bazar e entrando nas ruas da cidade. Era um longo caminho até o Arsenal, que ficava no lado norte do Corno de Ouro, mais para o oeste, mas eles não deram sinais de pegar qualquer tipo de transporte, e Ezio seguiu-os a pé. Cerca de três quilômetros... Teria de ser cuidadoso, quando tomassem a barca para atravessar o Corno. Sua missão, porém, tornou-se mais fácil pelo fato de os dois homens estarem envolvidos em uma conversa, cuja maior parte Ezio conseguiu captar. Não era difícil se misturar naquelas ruas apinhadas de gente de toda a Europa e Ásia.

— Como estava Manuel? Nervoso? Ou cauteloso? — perguntou Tarik.

— Estava com seu jeito de sempre. Impaciente e rude.

— Humm. Suponho que mereça esse direito. Houve algum despacho do sultão?

— A última notícia foi de uma semana atrás. A carta de Bayezid estava curta e cheia de informações tristes.

Tarik balançou a cabeça.

— Eu não poderia imaginar estar em um desacordo desses com o meu próprio filho.

36

Ezio seguiu os dois janízaros até um prédio perto do Portão do Arsenal. À espera de Tarik e seu tenente estava um homem no fim da casa dos 50 anos. Grande, gordo, vestido dispendiosamente, ostentando uma barba cheia e grisalha e um brilhoso bigode. Seu turbante emplumado estava incrustado de joias, e havia um anel com pedras preciosas em cada um de seus dedos rechonchudos. Seu acompanhante era mais magro, o corpo parcamente desenvolvido e, a julgar pelas roupas, originário do Turcomenistão.

Após escolher um lugar adequado para não ficar visível, escondendo-se discretamente entre os pesados galhos de uma tamarindeira que crescia ali perto, Ezio prestou bastante atenção durante a troca preliminar de cumprimentos e descobriu que o gordo elegante era — como havia desconfiado — Manuel Palaiologos. Pelo que tinha ouvido de Yusuf sobre as ambições de Manuel, aquele encontro seria algo interessante de se ouvir. O companheiro de Palaiologos, também seu guarda-costas, como se tornou aparente depois que as apresentações foram feitas, atendia pelo nome de Shahkulu.

Ezio já tinha ouvido falar nele. Shahkulu era um rebelde contra os governantes otomanos de seu país, e os rumores eram de que estava fomentando revolta entre seu povo. Mas também tinha uma reputação por sua extrema crueldade e banditismo.

Sim, aquele encontro seria realmente interessante.

Assim que as amabilidades — sempre esmeradas naquele país, como Ezio havia notado — foram cumpridas, Manuel gesticulou para Shahkulu, que entrou no prédio atrás deles, uma espécie de posto de guarda, agora evidentemente

deserto. Dele trouxe um pequeno mas pesado baú de madeira, o qual colocou aos pés de Tarik. O tenente janízaro abriu-o e começou a contar as moedas de ouro com que o baú estava cheio.

— Pode verificar a quantia, Tarik — disse Manuel em uma voz tão redonda quanto seu corpo. — Mas o dinheiro fica comigo até eu ver a carga e me certificar de sua qualidade.

Tarik resmungou.

— Entendi. Você é um homem astuto, Manuel.

— Confiança sem cinismo não vale nada — entoou Palaiologos de modo evasivo.

O janízaro contava depressa. Pouco depois, fechou o baú.

— O total confere, Manuel — anunciou ele. — Está tudo aí.

— Bem — disse Palaiologos para Tarik. — E agora?

— Você terá acesso ao Arsenal. Quando estiver satisfeito, a carga será entregue em um local de sua escolha.

— Seus homens estão preparados para viajar? — perguntou Manuel.

— Sem problema.

— *Poi kalà*. — O principezinho bizantino relaxou um pouco. — Muito bem. Mandarei desenhar um mapa para você, e o terá em uma semana.

Então se separaram, e Ezio esperou até não haver pessoa à vista antes de descer da árvore e seguir caminho com toda a pressa possível para o quartel-general dos Assassinos.

37

Anoitecia quando Ezio retornou ao Arsenal e lá encontrou Yusuf já à sua espera.

— Um dos meus homens alega ter visto um carregamento de armas ser trazido para cá mais cedo. Por isso, ficamos curiosos.

Ezio pensou a respeito. Era o que ele havia suspeitado.

— Armas. — Fez uma pausa. — Gostaria de vê-las pessoalmente.

Checou os muros externos do Arsenal. Estavam bem vigiados. O portão principal parecia intransponível.

— São capazes de matar qualquer um ao ser avistado — observou Yusuf, acompanhando os pensamentos de seu Mentor. — Não sei como conseguirá entrar.

A praça atrás deles ainda fervilhava com movimento; pessoas correndo para casa após o trabalho, cafés e restaurantes abrindo suas portas. De repente, a atenção deles foi atraída para uma discussão, que começou perto do portão principal nos muros do Arsenal, entre um comerciante e três janízaros que o perturbavam.

— Você foi avisado duas vezes — dizia um dos janízaros, um tenente. — Nada de comerciantes perto dos muros do Arsenal! — Virou-se para seus homens. — Levem essas coisas embora!

Os soldados começaram a recolher os caixotes com frutas e a levá-los embora.

— Hipócritas — resmungou o homem. — Antes de tudo, se seus homens não comprassem meus produtos, eu não os venderia aqui!

O sargento o ignorou e os soldados continuaram o trabalho, mas o

comerciante não tinha acabado. Foi direto ao sargento e disse:

— Você é pior do que os bizantinos, seu traidor!

Como resposta, o sargento janízaro deu-lhe um soco. Ele caiu, gemendo, segurando o nariz sangrando.

— Contenha sua língua, parasita! — grunhiu o sargento.

Virou-se para supervisionar o ininterrupto confisco das frutas, enquanto uma mulher da multidão corria para ajudar o negociante ferido. Yusuf e Ezio ficaram observando enquanto ela o ajudava a se levantar, estancando o sangue de seu rosto com um lenço.

— Mesmo em tempos de paz, os pobres continuam sob sítio — comentou tristemente Yusuf.

Ezio estava pensativo, lembrando-se de circunstâncias semelhantes em Roma não havia tanto tempo.

— Talvez, se os inspirarmos a extravasar sua ira, isso poderá ajudar nossa causa.

Yusuf olhou para ele.

— Quer dizer... recrutar essas pessoas? Incitá-las à rebeldia?

— Precisa ser apenas uma demonstração. Mas com muitas delas ao nosso lado...

Os dois observaram enquanto os janízaros continuaram a recolher livremente o que restava do estoque do homem, deixando a barraca completamente vazia. E desapareceram por uma portinhola do portão principal.

— Fingir solidariedade para beneficiar sua própria causa — disse Yusuf, com uma insinuação de desprezo. — Que cavalheiro!

— Não é nada bonito, eu sei. Mas vai funcionar, acredite em mim.

— *Qualquer* coisa serve. — Yusuf deu de ombros. — E não vejo outra maneira de se conseguir uma abertura aqui.

— Venha... há uma grande multidão aqui, e parece que o comerciante é muito popular. Vamos angariar apoio entre as pessoas.

Pela meia hora seguinte e até mais, Ezio e Yusuf percorreram a multidão, sugerindo e convencendo, bajulando e insuflando os trabalhadores em volta deles, os quais foram bastante receptivos à ideia de pôr fim à opressão. Aparentemente, tudo de que precisavam era de alguém para incitá-los. Em dado momento, um bom número formara uma multidão, e Ezio se dirigiu a ela. O

vendedor de frutas ficou a seu lado, agora em pose desafiadora. Yusuf tinha percebido que a maioria dos homens e das mulheres havia se armado de um modo ou de outro. O comerciante de frutas segurava uma comprida faca curva de poda.

— Lutem conosco, irmãos — exortou Ezio —, e vinguem essa injustiça. Os janízaros não estão acima da lei! Vamos lhes mostrar que não queremos sua tirania.

— Sim! — urraram várias vozes.

— O tipo de abuso que eles praticam me enoja — continuou Ezio. — Não enoja vocês?

— Sim!!

— Vocês lutarão conosco?

— Sim!!!

— Então... vamos!

Àquela altura, um destacamento de janízaros armados já havia saído pelo portão do Arsenal, que foi firmemente trancado assim que passaram. Eles tomaram posição diante do portão, com as espadas desembainhadas, e encararam a multidão, cujo ânimo chegara a fervilhar. Sem se intimidar pela demonstração de força dos soldados — aliás, inflamada por ela —, a multidão, cujo volume crescia a cada minuto, avançava em direção ao portão. Sempre que um janízaro era impulsivo o bastante para enfrentar as pessoas na fila da frente, era dominado pela simples vantagem numérica e arremessado para o lado ou esmagado debaixo de pés que avançavam. Pouco depois, a multidão estava amontoada diante do próprio portão, com Ezio e Yusuf mantendo o comando apenas o suficiente para dirigir essa força de combate improvisada a fim de arrombá-lo.

— Abaixo os janízaros — gritava uma centena de vozes.

— Vocês não estão acima da lei! — bradava outra centena.

— Abram o portão, seus covardes, ou o colocaremos abaixo!

— O portão não ficará fechado por muito tempo — disse Ezio a Yusuf.

— O povo está lhe fazendo um favor, Mentor. Retribua-o mantendo as pessoas a salvo de ferimentos.

Assim que Yusuf falou, dois destacamentos de reforços janízaros avançaram para a multidão pela direita e pela esquerda, tendo saído de portões laterais dos

muros do norte e do sul.

— Isso requer um corpo a corpo — disse Ezio quando, em companhia de Yusuf, liberou a lâmina gancho e a lâmina oculta, e se lançou no meio da confusão.

Encorajados pelas habilidades profissionais dos dois Assassinos, os homens e as mulheres de cada flanco da multidão se viraram e enfrentaram bravamente o contra-ataque janízaro. Quanto aos janízaros, foram apanhados de surpresa ao encontrarem tão firme resistência de um grupo inesperado, então hesitaram — fatalmente — e foram repelidos. Nesse meio-tempo, aqueles que agiam no portão foram recompensados com a visão das fortes tábuas de suas portas primeiro rangendo, depois cedendo, em seguida se curvando e então se rompendo. Com um estrondoso estalido, a tranca principal que mantinha o portão fechado por dentro quebrou-se como um graveto, e o portão caiu para trás, as portas pendendo desordenadamente de suas pesadas dobradiças de ferro.

A multidão rugiu com uma só voz, semelhante a uma grande fera triunfante, e quando se precipitou Arsenal adentro, vozes individuais puderam ser ouvidas acima do restante:

— Empurrem!

— Estamos dentro!

— Justiça ou morte!

Os defensores janízaros em seu interior foram impotentes para conter a invasão, mas, com a maior disciplina, conseguiram reprimir os invasores quando uma batalha feroz irrompeu no pátio principal do Arsenal. Em meio a isso tudo, Ezio entrou como um espectro nos confins secretos do edifício que parecia uma fortaleza.

38

Longe do portão despedaçado, nas profundezas do setor ocidental do Arsenal, Ezio chegou finalmente ao local que procurava. Ali estava mais calmo, pois a maior parte dos combatentes da guarnição do Arsenal estava ocupada no pátio, e, quando não conseguiu passar sem ser notado pelo punhado de guardas que encontrou, Ezio os despachou rapidamente. Teria de afiar a lâmina gancho assim que terminasse o trabalho ali.

Seguiu por um longo corredor de pedra, tão estreito que ninguém conseguiria entrar na câmara que havia no final com qualquer esperança de surpreender quem estivesse no interior. Ezio aproximou-se lentamente, pisando macio, até chegar a uma escada de ferro presa à parede próxima à entrada da câmara, que levava a uma galeria que tinha vista para ela. Amarrando a bainha da espada na perna para que não batesse, subiu ligeiro e com tão pouco ruído quanto faz uma flor ao desabrochar. De seu ponto de observação, olhou sombriamente a cena que se desenrolava abaixo.

Manuel e Shahkulu estavam no meio da câmara, cercados por um amontoado de grandes caixas, algumas das quais abertas. Uma pequena unidade de guardas janízaros vigiava pelo lado de dentro logo após a porta. Se Ezio tivesse tentado entrar, teria caído vítima de uma emboscada. Soltou, suavemente, um suspiro de alívio. O instinto e a experiência o salvaram dessa vez.

Manuel parou o exame que fazia no conteúdo das caixas. O ângulo de visão disponível a Ezio não lhe permitia ver do que se tratava, embora conseguisse adivinhar.

— Vinte anos nesta cidade, vivendo como um nada — dizia Manuel —, mas

agora, finalmente, tudo entra nos eixos.

Shahkulu retrucou, com um tom de ameaça na voz:

— Quando a linhagem dos Palaiologos for restabelecida, Manuel, não se esqueça de quem o ajudou a trazê-la de volta.

Manuel deu-lhe um olhar penetrante, seus olhinhos brilhando friamente entre as dobras de pele.

— Claro que não, meu amigo! Eu nem sonharia em trair um homem com a sua influência. Mas precisa ser paciente. *Nova Roma* não foi construída em um dia!

Shahkulu grunhiu de maneira reservada, e Manuel dirigiu-se ao capitão de sua escolta.

— Estou satisfeito. Leve-me para o meu navio.

— Siga-me. Há uma passagem para o portão oeste através da qual evitaremos os combates — disse o capitão.

— Espero e confio que você em breve tenha isso sob controle.

— Agora mesmo, príncipe.

— Se um só item aqui for danificado, o dinheiro permanece comigo. Diga isso a Tarik.

Ezio observou-os ir embora. Quando se convenceu de que se encontrava sozinho, desceu para a câmara e fez uma rápida inspeção nas caixas, levantando a tampa de uma que havia sido aberta.

Rifles. Uma centena ou mais.

— *Merda!* — sussurrou Ezio.

Seus pensamentos foram interrompidos por um ruído metálico — certamente o portão oeste batendo ao se fechar após a partida de Manuel. Imediatamente após, ouviu som de botas se aproximando. Os janízaros deviam estar voltando para fechar as caixas que tinham sido abertas. Ezio pressionou o corpo contra a parede e, à medida que os soldados entravam, foram abatidos. Cinco deles. Se tivessem conseguido entrar juntos, em vez de um a um, a história poderia ter sido diferente. Mas o corredor estreito tornou-se seu amigo.

Voltou por onde viera. No pátio, a batalha acabara, deixando o repulsivo e habitual resultado de combate. Ezio caminhou lentamente pelo mar de corpos, a maioria imóvel, alguns se debatendo em sua última agonia. O único som era o lamento das mulheres ao se ajoelharem junto aos abatidos, em meio ao

impiedoso vento que soprava através do portão escancarado.

Com a cabeça abaixada, Ezio saiu a passos largos do local. O preço pago pelo conhecimento que obtivera parecia realmente muito alto.

39

Estava mais do que na hora de voltar à livraria de Sofia. Seguiu às pressas para lá.

A loja ainda estava aberta e as luzes em seu interior queimavam brilhantemente. Quando viu Ezio entrar, Sofia tirou os óculos e levantou-se da mesa de trabalho da sala interna, onde o mapa que ele tinha descoberto no Yerebatan estava desdobrado em meio a vários livros abertos.

— *Salute!* — cumprimentou ela, depois fechou a porta atrás dele e baixou as persianas. — Está na hora de fechar por hoje. Dois clientes durante a tarde toda. Eu lhe pergunto: Vale a pena ficar aberta para o movimento da noite? — Então percebeu a expressão de Ezio e o conduziu a uma cadeira, onde ele se sentou pesadamente. Serviu-lhe um cálice de vinho.

— *Grazie* — disse ele, com gratidão, contente por ela não ter começado a fazer perguntas.

— Estou tentando obter mais dois livros, um perto do Palácio Topkapi e o outro no distrito de Bayezid.

— Vamos tentar primeiro o de Bayezid. O Topkapi vai ser um beco sem saída. E foi lá que os Templários descobriram a chave que têm.

— Ah... *si*. Eles devem tê-la encontrado por acaso ou através de outros meios que não os nossos.

— Eles tinham o livro de Niccolò.

— Então devemos agradecer à Mãe de Deus por você tê-lo resgatado antes que conseguissem usá-lo ainda mais.

Ela voltou ao mapa, sentou-se diante dele e retomou a escrita. Ezio inclinou-se à frente, apanhou o exemplar de Empédocles e colocou-o na mesa junto a ela.

A segunda chave que encontrara já havia se juntado à primeira e estava guardada em segurança, no quartel-general dos Assassinos, em Gálata.

— O que você acha disto? — perguntou ele.

Ela apanhou o livro com todo o cuidado, virando-o reverentemente nas mãos. Suas mãos eram delicadas, mas não ossudas, e os dedos, compridos e delgados.

Seu queixo caiu, maravilhada.

— Oh, Ezio! *È incredibile!*

— Vale alguma coisa?

— Um exemplar de *Sobre a natureza* nessas condições? Em sua encadernação copta original? É fantástico! — Ela o abriu com todo o cuidado. O mapa codificado em seu interior não brilhava mais. Aliás, Ezio podia ver que já não era visível.

— Espantoso. Deve ser uma transcrição do original feita no século III — dizia Sofia, entusiasmada. — Não suponho que exista outra cópia como esta.

Os olhos de Ezio, porém, vasculhavam incansavelmente o aposento. Algo havia mudado, e ele ainda não conseguia dizer exatamente o quê. Finalmente, seu olhar se deteve em uma janela fechada com tábuas. O vidro tinha sumido da esquadria.

— Sofia — perguntou ele —, o que aconteceu aqui?

A voz dela adotou um tom irritado, embora claramente superado pela sua emoção.

— Ah, isso acontece uma ou duas vezes por ano. Pessoas tentam invadir, pensando que encontrarão dinheiro. — Fez uma pausa. — Não guardo muita coisa aqui, mas, dessa vez, tiveram sucesso e se safaram com um retrato de algum valor. Não faz mais de três horas, quando saí da livraria por um curto período de tempo. — Ela fez uma expressão triste. — Por coincidência, um retrato meu muito bom. Sentirei falta dele, não apenas pelo que vale. Com certeza, vou arranjar um lugar bem seguro para *isto* — acrescentou, dando um tapinha no Empédocles.

Ezio continuava desconfiado de que havia mais coisa por trás do roubo do quadro do que aparentava. Perambulou pelo aposento à procura de qualquer pista que lhe pudesse fornecer. Então tomou uma decisão. No momento, ele estava bastante descansado e devia um favor àquela mulher. Havia, porém, muito

mais do que isso. Ele *queria* fazer o que quer que pudesse por ela.

— Você continua preocupada — disse ele. — Vou achar seu quadro.

— Ezio, o ladrão, agora, pode estar em qualquer lugar.

— Se o ladrão veio atrás de dinheiro, não encontrou e, em vez disso, levou o retrato, então ele ainda deve estar neste distrito, perto daqui, ansioso para se livrar do quadro.

Sofia pareceu pensativa.

— Há algumas ruas, aqui perto, onde comerciantes de arte fazem negócio.

Ezio já estava a meio caminho da porta.

— Espere! — gritou ela atrás dele. — Tenho algumas incumbências a fazer naquela direção. Vou lhe mostrar o caminho.

Ele esperou, enquanto Sofia trancava com todo o cuidado o *Sobre a natureza* em um baú de ferro fundido junto a uma das paredes, e seguiu-a depois que ela fechou a loja, trancando firmemente a porta atrás de si.

— Por aqui — mostrou ela. — Mas vamos nos separar na próxima esquina. De lá, eu lhe indico a direção que deve tomar.

Caminharam em silêncio. Algumas dezenas de metros depois rua abaixo, chegaram a um cruzamento e ela parou.

— Por ali — disse ela, apontando. Então olhou para ele. Havia algo em seus olhos claros que ele esperava não estar imaginando.

— Se você o achar dentro das próximas duas horas, por favor, vá se encontrar comigo junto ao Aqueduto de Valens — pediu ela. — Há uma feira de livros a que preciso comparecer, mas ficaria muito contente em vê-lo por lá.

— Farei o possível.

Ela olhou-o novamente, então se afastou rapidamente.

— Eu sei que fará — disse ela. — Obrigada, Ezio.

40

A região dos negociantes de arte não foi difícil de encontrar — duas estreitas ruas correndo paralelas, as lojinhas reluzindo com as luzes de lampiões que refletiam os tesouros que abrigavam.

Ezio passou lentamente de uma a outra, observando mais as pessoas que olhavam os objetos de arte do que os objetos de arte propriamente ditos. Em pouco tempo avistou um sujeito de aparência desonesta, roupas espalhafatosas, saindo de uma das galerias, ocupado em contar as moedas de uma bolsa de couro. Ezio aproximou-se dele. O homem pôs-se imediatamente na defensiva.

— O que você deseja? — perguntou ele, nervosamente.

— Acabou de fazer uma venda, não?

O homem empertigou-se.

— Não é da sua conta...

— Retrato de uma dama?

O homem arremeteu contra ele e se preparou para se esquivar e correr, mas Ezio foi um pouquinho mais rápido. Deu-lhe uma rasteira e ele se estatelou no chão. Moedas se espalharam sobre as pedras do pavimento.

— Apanhe-as e as entregue a mim — ordenou Ezio.

— Eu não fiz nada — rosnou o homem, mas, mesmo assim, obedecendo. — Você não pode provar porcaria nenhuma!

— Não preciso — rosnou Ezio. — Vou continuar batendo, até você confessar.

O tom do sujeito mudou para um lamento.

— Eu achei aquele quadro. Isto é... alguém me deu.

Ezio deu-lhe uma pancada.

— Corrija sua história antes de mentir na minha cara.

— Deus me ajude! — choramingou o homem.

— Ele tem coisas muito melhores a fazer do que atender suas preces.

O ladrão terminou sua tarefa e, humildemente, entregou a bolsa cheia para Ezio, que o puxou para colocá-lo de pé e imprensá-lo contra uma parede próxima.

— Não me interessa como conseguiu o quadro — frisou Ezio. — Apenas me diga onde está ele.

— Eu o vendi a um negociante aqui. Por ordinários 200 *akçe*. — A voz do homem falhou ao indicar a loja. — De que outro modo posso me alimentar?

— Da próxima vez, consiga um meio melhor de ser um *canaglia*.

Ezio deixou que o sujeito se fosse, e este fugiu em disparada pela alameda, praguejando. Ezio observou-o por um momento, depois entrou na galeria.

Olhou cuidadosamente os quadros e as esculturas à venda. Não foi difícil localizar o que procurava porque o dono da galeria tinha acabado de pendurá-lo. Não era um quadro grande, mas era lindo — um retrato de cabeça e ombros, com três quartos de perfil de Sofia, alguns anos mais jovem, o cabelo cacheado, usando um colar de azeviche e diamantes, uma fita preta no ombro esquerdo do vestido de cetim cor de bronze. Ezio deduziu que devia ter sido feito para a família Sartor quando *Meister* Dürer morou em Veneza por um breve período.

O dono da galeria, vendo-o admirar o quadro, aproximou-se.

— Está à venda, é claro, se gostou dele. — Recuou um pouco, compartilhando o tesouro com o cliente em potencial. — Um retrato luminoso. Vê-se o quanto ela parece natural. Sua beleza resplandece do quadro!

— Quanto quer por ele?

O dono da galeria balbuciou, hesitante.

— É difícil pôr um preço no que é inestimável, não é mesmo? — Fez uma pausa. — Mas vejo que é um especialista. Digamos... 500?

— Você pagou 200.

O homem ergueu as mãos, horrorizado.

— *Efendim!* Longe de mim querer tirar vantagem de um homem como você! Em todo o caso... como sabe?

— Acabei de ter uma conversa com quem lhe vendeu. Não tem cinco minutos.

O dono da galeria percebeu claramente que Ezio não era um homem com quem se podia gracejar.

— Ah! De fato. Mas, sabe como é, tenho minhas despesas.

— Você acabou de pendurá-lo. Eu estava olhando.

O dono da galeria pareceu aflito.

— Está bem... então 400?

Ezio encarou-o.

— Trezentos? Duzentos e cinquenta?

Com todo o cuidado, Ezio colocou a bolsa na mão do homem.

— Duzentos. Estão aí. Conte, se quiser.

— Vou embrulhá-lo.

— Espero que não queira receber a mais por isso.

Resmungando em voz baixa, o homem retirou o quadro e o embrulhou cuidadosamente em um pano de algodão que puxou de uma peça de tecido junto ao balcão. Então entregou-o a Ezio.

— Foi um prazer fazer negócio com você — disse ele secamente.

— Da próxima vez, não fique tão ansioso em comprar mercadoria roubada — aconselhou Ezio. — Pode aparecer um cliente que queira saber a procedência de uma pintura tão boa quanto essa. Felizmente para você, estou preparado a deixar isso passar.

— Eu poderia saber por quê?

— Sou amigo da modelo.

Perplexo, o dono da galeria o acompanhou até a saída, cheio de mesuras, com o máximo de pressa permitida pela cortesia.

— Foi também um prazer fazer negócio com você — disse Ezio, aridamente, ao sair.

41

Como não conseguiu se encontrar com Sofia naquela noite, Ezio enviou-lhe um bilhete marcando um encontro no dia seguinte, na Mesquita de Bayezid, onde lhe devolveria o retrato.

Ao chegar, já a encontrou lá, à sua espera. Sob a matizada luz do sol, ele a achou tão bonita que o retrato mal lhe fazia justiça.

— É uma boa semelhança, não acha? — comentou Sofia, quando ele o desembrulhou e o entregou a ela.

— Prefiro o original.

Alegremente ela o cutucou com o cotovelo.

— *Buffone* — disse ela, quando começaram a caminhar. — Isto foi um presente do meu pai, quando estivemos em Veneza, pelo meu aniversário de 28 anos. — Parou, recordando-se. — Tive de posar para *Messer* Albrecht Dürer durante uma semana inteira. Consegue imaginar? Eu, sentada imóvel, por sete dias? Sem fazer nada?

— Não consigo.

— *Una tortura!*

Pararam perto de um banco e ela se sentou. Ezio conteve uma gargalhada, ao pensar nela posando, tentando não mexer um músculo, por todo aquele tempo. Mas o resultado certamente tinha valido a pena — embora ele *preferisse* realmente o original.

A gargalhada morreu nos lábios dele, quando ela apanhou uma tira de papel; sua expressão imediatamente tornou-se séria, assim como a dela.

— Um bom período... — informou ela. — Descobri a localização de outro

livro para você. Aliás, não fica longe daqui.

Passou-lhe a tira de papel dobrada.

— *Grazie* — disse ele. A mulher era um gênio. Assentiu gravemente para ela e fez menção de ir embora, mas ela o deteve com uma pergunta.

— Ezio... o que significa tudo isso? Você não é um erudito, isso é bastante óbvio. — Olhou para a espada dele. — Sem ofensa, é claro! — Fez uma pausa. — Você trabalha para a igreja?

Ezio deu uma gargalhada divertida.

— Não, para a igreja não. Mas sou professor... um tipo de professor.

— O que então?

— Eu explicarei algum dia, Sofia. Quando puder.

Ela assentiu, decepcionada, mas — pelo que ele pôde perceber — não arrasada. Tinha suficiente bom senso para esperar.

42

O criptograma decifrado levou Ezio a um prédio antigo a menos de três quarteirões de distância, no centro do distrito de Bayezid. Parecia ter sido algum dia um depósito, agora sem uso, e aparentava estar seguramente fechado, mas a porta, quando tentou abri-la, estava destrancada. Após olhar, cautelosamente, de um lado a outro da rua atrás de qualquer sinal de guardas otomanos ou janízaros, entrou.

Seguindo as instruções do papel que mantinha na mão, subiu uma escada para o primeiro andar e seguiu por um corredor, ao fim do qual encontrou uma salinha, um escritório, coberto de pó. Mas suas prateleiras ainda estavam repletas de livros de escrituração e, na escrivaninha, havia um conjunto de penas e uma espátula. Examinou a sala com todo o cuidado, mas as paredes não pareciam conter qualquer pista sobre o que estava buscando, até que, finalmente, seus olhos aguçados notaram uma desigualdade nos ladrilhos que cercavam a lareira.

Explorou isso delicadamente com os dedos e percebeu que um dos ladrilhos se mexeu ao ser tocado. Usando a espátula da escrivaninha, ele o deslocou, o tempo todo alerta a qualquer som ou movimento lá de baixo, embora tivesse certeza de que ninguém o vira entrar no prédio. O ladrilho saiu após apenas alguns momentos de trabalho, revelando atrás de si um painel de madeira. Ele o removeu e viu, na fraca luz atrás, um livro, que retirou cuidadosamente. Um livro pequeno, muito velho. Olhou o título na lombada: era a versão das *Fábulas* de Esopo que Sócrates colocou em versos enquanto estava sentenciado de morte.

Soprou o pó do livro, e, ansioso, abriu sua página de rosto em branco. Ali, como havia esperado, revelou-se um mapa de Constantinopla. Observou-o com

cuidado, concentrando-se pacientemente. E, à medida que a página brilhava com uma luz sobrenatural, pôde ver que a Torre de Gálata se destacava nela. Guardando cuidadosamente o livro na bolsa presa ao cinto, deixou o prédio e atravessou a cidade em direção ao norte, pegou a barca para a travessia do Corno de Ouro até um ancoradouro perto da base da torre.

Ele teve de usar toda sua habilidade de se misturar para passar pelos guardas, mas, uma vez lá dentro, foi guiado pelo livro, que o levou acima por uma sinuosa escada de pedra para um patamar entre andares. O lugar não parecia conter nada, a não ser as nuas paredes de pedra. Ezio checou novamente no livro e verificou que estava no lugar certo. Examinou as paredes com as mãos, para sentir qualquer fenda denunciadora que pudesse indicar uma abertura escondida, ficando tenso ao menor som de passos na escadaria, mas nenhum se aproximou. Finalmente, encontrou uma brecha entre as pedras que não estava cheia de argamassa, e a seguiu com os dedos, descobrindo o que era uma porta oculta muito estreita.

Um pouco mais de pesquisa levou-o a empurrar levemente as pedras em volta até encontrar uma, a cerca de um metro do chão, que cedeu ligeiramente, fazendo com que a porta se abrisse para dentro. Ela revelou, nas profundezas da parede da torre, um pequeno aposento de um tamanho que mal dava para se entrar. Dentro, sobre uma estreita coluna, havia outra chave de pedra circular — a terceira. Espremeu-se espaço adentro para apanhar a pedra e ela começou a brilhar, sua luz aumentando rapidamente. O aposento, por sua vez, pareceu crescer de volume e o próprio Ezio foi transportado para outra época, outro lugar.

Quando a luz foi reduzida à claridade normal, a da luz solar, Ezio viu Masyaf novamente. Mas o tempo havia avançado. Em seu coração, Ezio soube que muitos anos haviam se passado. Não fazia ideia se estava ou não sonhando. Parecia ser um sonho, pois dele não fazia parte; no entanto, ao mesmo tempo, de algum modo estava envolvido. Embora tivesse a sensação de estar sonhando, a experiência era também, de certa maneira que Ezio não conseguia definir, uma lembrança.

Desincorporado, diante de uma cena que se desenrolava para ele, mas sem que fizesse parte dela, Ezio observou e esperou... E ali estava novamente o jovem de branco, apesar de não ser mais jovem. Décadas inteiras deviam ter se passado.

E sua expressão era de preocupação...

43

Após longa ausência viajando pelo leste, Altaïr havia retornado à sede da Ordem dos Assassinos. Corria o Ano de Nosso Senhor de 1228. Altaïr, agora com 63 anos, embora ainda fosse um homem magro e vigoroso, estava sentado em um banco de pedra do lado de fora de uma habitação da aldeia de Masyaf, meditando. Ele não era estranho a adversidades, e o desastre parecia, mais uma vez, prestes a atacar. Mas mantivera o grande e terrível artefato a salvo apesar de tudo. Por quanto tempo mais sua força aguentaria fazer isso? Por quanto tempo mais suas costas se recusariam a se dobrar sob os golpes que o destino fazia chover sobre elas?

Sua meditação foi interrompida — e a interrupção não foi mal recebida — pelo aparecimento de sua mulher, Maria Thorpe, a inglesa que um dia — muito tempo atrás — fora sua inimiga, uma mulher que havia ansiado fazer parte da Companhia dos Templários. Tempo e ocasião haviam mudado tudo isso. Agora, após um longo exílio, eles tinham voltado para Masyaf e enfrentado o destino juntos.

Ela se juntou a Altaïr no banco, sentindo seu ânimo reduzido. Ele contou-lhe as novidades.

— Os Templários retomaram o Arquivo deles em Chipre. Abbas Sofian não enviou reforços para ajudar os defensores. Foi um massacre.

Os lábios de Maria se abriram em uma expressão de surpresa e desalento.

— Como Deus pôde permitir isso?

— Maria, ouça-me. Quando deixamos Masyaf, há longos dez anos, nossa Ordem era forte. Mas, desde então, todo o nosso progresso... tudo que

construímos... foi desfeito, desmantelado.

O rosto dela expressava uma fúria silenciosa.

— Abbas precisa responder por isso.

— Responder a quem? — rebateu Altaïr, furioso. — Os Assassinos agora só obedecem ao comando *dele*.

Ela pousou a mão em seu braço.

— Resista a seu desejo de vingança, Altaïr. Se falar a verdade, eles verão o erro de seus modos.

— Abbas executou o nosso *filho* mais novo, Maria! Ele merece *morrer*!

— Sim. Mas, se você não conseguir conquistar de volta a Irmandade por meios honrosos, sua base se desintegrará.

Altaïr não respondeu por um momento, e permaneceu sentado, em silêncio, meditando sobre a questão de uma profunda luta interna. Mas, finalmente, ergueu a vista e seu rosto pareceu aliviado.

— Tem razão, Maria — concordou calmamente. — Trinta anos atrás, deixei a paixão dominar minha razão. Fui teimoso e ambicioso, e causei uma divisão dentro da Irmandade que nunca foi totalmente remediada.

Ele se levantou, e Maria fez o mesmo. Lentamente, envolvidos em sua conversa, caminharam pela aldeia poeirenta.

— Fale com sensatez, Altaïr, e homens sensatos o ouvirão — incentivou-o.

— Alguns talvez ouçam. Mas Abbas não. — Altaïr balançou a cabeça. — Eu deveria tê-lo expulsado trinta anos atrás, quando ele tentou roubar a Maçã.

— Mas, meu querido, você ganhou o respeito dos outros Assassinos, porque foi piedoso... deixou que ele ficasse.

Ele lhe deu um sorriso malicioso.

— Como sabe de tudo isso? Nem mesmo estava lá.

Ela devolveu-lhe o sorriso.

— Eu me casei com um perito contador de histórias — retrucou, alegremente.

Durante a caminhada, a enorme forma do castelo surgiu à vista. Pendia sobre ele um ar de negligência, até mesmo de desolação.

— Olhe só este lugar — resmungou Altaïr. — Masyaf é uma sombra do que foi um dia.

— Estivemos fora durante muito tempo — lembrou-lhe Maria

delicadamente.

— Mas não escondidos — disse ele, irritado. — A ameaça dos mongóis... a Tempestade do Leste, as hordas lideradas por Gêngis Khan... exigiram nossa atenção, e fomos combatê-las. Que homem aqui pode dizer o mesmo?

Continuaram a andar. Um pouco depois, Maria quebrou o silêncio perguntando:

— Onde está nosso filho mais velho? Darim sabe que o irmão está morto?

— Enviei uma mensagem a Darim quatro dias atrás. Com sorte, ela deve tê-lo alcançado agora.

— Então o veremos em breve.

— Se Deus quiser. — Altaïr fez uma pausa. — Sabe, quando penso em Abbas, quase sinto pena dele. Usa seu grande rancor contra nós como uma capa.

— O ferimento dele é profundo, meu querido. Talvez... talvez isso o ajude a ouvir a verdade.

Altaïr, porém, balançou a cabeça.

— Não vai adiantar, não para ele. Um coração magoado vê toda a sabedoria como a ponta de uma faca. — Fez outra pausa, olhando em volta para o punhado de aldeões que passavam por eles com os olhos baixados ou desviados. — Ao caminhar por esta aldeia, sinto medo no povo, e não amor.

— Abbas destruiu este lugar e roubou toda a sua alegria.

Altaïr parou de repente e olhou sombriamente para a esposa. Examinou seu rosto, agora enrugado, mas ainda belo, os olhos ainda claros, embora imaginasse ver refletido neles tudo por que passaram juntos.

— Talvez estejamos caminhando para a nossa ruína, Maria.

Ela segurou sua mão.

— Talvez. Mas caminharemos juntos.

44

Maria e Altaïr tinham alcançado os confins do castelo, e agora começaram a encontrar Assassinos — membros da Irmandade que os conheciam. Entretanto, os encontros estavam longe de ser amigáveis. Quando um deles se aproximou e ia passando como se não os notasse, Altaïr o deteve.

— Irmão. Fale conosco um momento.

De má vontade, o Assassino se virou. Mas sua expressão era inflexível.

— Por que motivo devo falar com vocês? Para que possa torcer e dar nós em minha mente com aquele seu artefato diabólico?

E apressou-se em se afastar, recusando-se a dizer mais alguma coisa.

Mas logo em seguida veio outro Assassino. Este, porém, quis claramente evitar qualquer contato com o ex-Mentor e sua mulher.

— Você está bem, irmão? — perguntou Altaïr, abordando-o, e houve algo desafiador em seu tom de voz.

— Quem está perguntando? — retrucou o outro, rudemente.

— Não me reconhece? Sou Altaïr.

Ele olhou-o firmemente.

— Esse nome tem um som vazio, e você... você é um nada, só isso. Eu aprenderia mais conversando com o vento.

Eles seguiram de modo determinado até os jardins do castelo. Assim que chegaram, perceberam por que deixaram que fossem tão longe, pois subitamente foram cercados por Assassinos vestidos de preto, leais ao seu Mentor usurpador, Abbas, e se posicionaram para atacar a qualquer momento. Então, em um baluarte acima deles, o próprio Abbas surgiu, no controle, sorrindo

desdenhosamente.

— Deixem que falem — ordenou, em uma voz imperiosa. Para Altaïr e Maria, perguntou: — Por que vieram aqui? Por que voltaram a este lugar, já que não são bem-vindos? Para sujá-lo ainda mais?

— Procuramos a verdade sobre a morte de nosso filho — respondeu Altaïr com uma voz calma, clara. — Por que Sef foi morto?

— É a verdade que querem ou um pretexto para vingança? — rebateu Abbas.

— Se a verdade nos der um pretexto, agiremos baseados nele — devolveu-lhe Maria.

Essa resposta levou Abbas a fazer uma pausa, mas, após um momento de reflexão, propôs, em um tom mais baixo:

— Entregue a Maçã, Altaïr, e eu lhe direi por que seu filho foi morto.

Altaïr assentiu, como se tivesse chegado a uma compreensão interna, e, virando-se, preparou para se dirigir à Irmandade de Assassinos que estava reunida. Ergueu a voz, autoritária:

— Ah, eis aí a verdade! Abbas quer a Maçã para si. Não para abrir as mentes de vocês... mas para controlá-las!

Abbas foi rápido na resposta.

— Você manteve esse artefato por trinta anos, Altaïr, deleitando-se com seu poder e acumulando seus segredos. Ele o corrompeu!

Altaïr olhou em volta para o mar de rostos, a maioria firme contra ele, alguns — poucos — mostrando sinais de dúvida. Sua mente trabalhou rapidamente, enquanto tramava um plano que poderia dar certo.

— Está bem, Abbas — concordou ele. — Pegue-a.

E tirou a Maçã da bolsa a seu lado e ergueu-a.

— O quê...? — disse Maria, perplexa.

Os olhos de Abbas brilharam à visão da Maçã, mas ele hesitou antes de sinalizar para seu guarda-costas ir tirá-la da mão magra de Altaïr.

O guarda-costas se aproximou. Quando estava junto a Altaïr, um demônio o possuiu e, com uma expressão divertida no rosto, inclinou-se para seu antigo Mentor e cochichou em seu ouvido:

— Fui eu quem executou seu filho Sef. Pouco antes de matá-lo, eu lhe disse que tinha sido você mesmo quem tinha ordenado sua morte. — Ele não viu o clarão relampejante nos olhos de Altaïr. Continuou falando sem pensar, feliz

consigo mesmo e mal contendo uma risada: — Sef morreu acreditando que você o tinha traído.

Altaïr então virou para ele com olhos incandescentes. Em sua mão, a Maçã eclodiu com a luz da explosão de uma estrela.

— Ahhhh! — berrou ensandecido o guarda-costas. Seu corpo todo convulsionava-se incontrolavelmente. As mãos foram para a cabeça, arranhando as têmporas. Parecia que tentava arrancar a cabeça do corpo em um esforço de parar a agonia.

— Altaïr — gritou Maria.

Mas Altaïr estava surdo para ela. Seus olhos estavam negros de fúria. Impelido por uma força invisível, o guarda-costas, mesmo enquanto tentava resistir aos próprios impulsos, puxou uma comprida faca do cinto e, com mãos trêmulas que tentavam se opor ao poder que as impelia, ergueu-a e estava prestes a cravá-la na própria garganta.

Maria segurou o braço do marido, sacudindo-o e gritando novamente:

— Altaïr! Não!

Suas palavras, finalmente, fizeram efeito. Um instante depois, visivelmente abatido, Altaïr libertou-se do transe que o havia dominado. Os olhos voltaram ao normal e a Maçã recolheu sua luz, tornando-se escura e opaca, inerte em sua mão.

O guarda-costas, porém, livre da força que o mantivera sob seu domínio, sacudiu-se como um cachorro, olhou loucamente em volta, furioso e apavorado, e, rogando uma terrível praga, jogou-se sobre Maria, enfiando profundamente a faca em suas costas! Então recuou, deixando a faca enterrada onde a enfiara. Um grito esmorecido se formou nos lábios de Maria. Todo o grupo de Assassinos ficou parado como se tivesse virado pedra. O próprio Abbas ficou em silêncio, a boca aberta.

Foi Altaïr quem se mexeu. Para o guarda-costas, pareceu que seu antigo Mentor liberou sua lâmina oculta com assustadora lentidão. A lâmina saltou para fora e o som que fez poderia ter sido tão alto quanto o estrépito de uma pedra no calor do sol. O guarda-costas viu a lâmina indo em sua direção, na direção de seu rosto, viu-a aproximar-se centímetro por centímetro, segundo por segundo, que era como lhe parecia. Mas então a velocidade foi súbita e feroz, quando a sentiu entrar e dividir seu rosto entre os olhos. Houve uma explosão em sua cabeça e,

depois, nada.

Altaïr ficou parado uma fração de segundo, enquanto o guarda-costas caía no chão, o sangue espirrando da cabeça entre os olhos despedaçados. Então segurou a esposa, quando ela começou a cair, e ergueu-a delicadamente da terra que, em breve, ele sabia, a receberia. Uma bola de gelo formou-se em seu coração. Curvou-se sobre ela, seu rosto tão perto do dela que pareciam dois amantes prestes a se beijar. Estavam presos no silêncio que os envolvia como uma armadura. Ela tentou falar. Ele se esforçou para ouvi-la.

— Altaïr. Meu amor. Força.

— Maria... — Sua voz nada mais era do que um sussurro angustiado.

Então, pavorosamente, os sons e o pó e os cheiros ergueram-se outra vez violentamente ao redor dele, perfurando a armadura protetora e, acima disso tudo, a voz esganiçada de Abbas:

— Ele está possuído! Matem-no!

Altaïr levantou-se, aprumando-se até sua altura total, e retirou-se lentamente.

— Peguem a Maçã! — berrou Abbas. — Já!

45

Altaïr fugiu antes que eles conseguissem reagir — fugiu do castelo, pelo portal escancarado, desceu a escarpa e entrou no escasso bosque que limitava a área entre a fortaleza e a aldeia do lado norte. E ali, em uma clareira, como se por milagre, ele logo se encontrou com outro homem, como ele, porém uma geração mais jovem.

— Pai! — exclamou o recém-chegado. — Vim assim que li sua mensagem. O que aconteceu? Cheguei tarde demais?

Do castelo atrás deles, trombetas soavam o alarme.

— Darim! Meu filho! Volte aqui!

Darim olhou para mais além do pai, por cima de seu ombro. Ali, nos cumes depois do bosque, podia ver bandos de Assassinos se reunindo, preparando-se para caçá-los.

— Ficaram todos loucos?

— Darim... ainda tenho a Maçã. Temos de ir. Abbas não deve pôr as mãos nela.

Como resposta, Darim desamarrou sua trouxa e, antes de pousá-la no chão, tirou dela uma bainha com facas de arremesso.

— Há mais facas aí dentro, pegue-as, se precisar.

Os Assassinos leais a Abbas agora já os tinham visto; alguns seguiam na direção deles, enquanto outros iam pelas laterais para flanqueá-los.

— Eles tentarão nos emboscar — avisou Altaïr de modo sombrio. — Mantenha um bom estoque de facas com você. Precisamos estar preparados.

Seguiram através do bosque, adentrando cada vez mais.

Era um caminho perigoso. O tempo todo tiveram de se proteger, ao avistar grupos de Assassinos que haviam passado à frente ou que tentavam atacá-los lateral ou obliquamente vindo por trás.

— Fique perto! — disse Darim. — Nós vamos juntos.

— Vamos tentar dar a volta. Há cavalos na aldeia. Assim que conseguirmos montarias, tentaremos seguir para a costa.

Até então, Darim estivera preocupado demais com o perigo imediato dos dois para pensar em qualquer outra coisa, mas agora, quis saber:

— Onde está mamãe?

Altaïr balançou tristemente a cabeça.

— Ela se foi, Darim. Sinto muito.

Darim inspirou fundo.

— O quê? Como?!

— Depois. Haverá tempo depois para conversarmos. Agora temos de escapar. Temos de lutar.

— Mas eles são nossos irmãos. Nossos companheiros Assassinos. Certamente poderemos conversar... convencê-los.

— Esqueça o bom senso, Darim. Foram envenenados por mentiras.

Houve silêncio entre os dois. Então Darim perguntou:

— Foi Abbas quem matou meu irmão?

— Ele matou seu irmão. Ele matou nosso grande companheiro Malik al-Sayf. E muitos outros — respondeu Altaïr, desolado.

Darim baixou a cabeça.

— Ele é um louco. Sem remorsos. Sem consciência.

— Um louco com um exército.

— Ele morrerá — afirmou Darim, friamente. — Um dia ele pagará.

Chegaram aos arredores da aldeia e tiveram sorte de seguir caminho até os estábulos sem serem molestados, pois a própria aldeia fervilhava com guerreiros Assassinos. Rapidamente, selaram os cavalos e montaram. Ao se afastarem cavalgando, conseguiram ouvir a voz de Abbas, urrando como um animal ferido, enquanto se mantinha no alto de uma pequena torre na praça da aldeia.

— Eu terei a Maçã, Altaïr! E terei sua CABEÇA, por toda a desonra que causou à minha família! Não pode fugir para sempre! Não de nós, e não de suas mentiras!

Sua voz foi sumindo na distância, enquanto eles se afastavam a galope.

* * *

Oito quilômetros de estrada depois, puxaram as rédeas. Não estavam — até então — sendo perseguidos. Tinham ganhado tempo. Mas Darim, cavalgando atrás, notou que o pai sentava afundado na sela, exausto e angustiado. Ele deu com a espora em seu cavalo para se aproximar e olhou preocupado o rosto de Altaïr.

Altaïr estava abaixado, curvado sobre a sela, à beira das lágrimas.

— Maria. Meu amor. — Darim ouviu-o murmurar.

— Vamos, pai — disse ele. — Precisamos continuar.

Fazendo um esforço supremo, Altaïr impulsionou o cavalo a um galope, e os dois avançaram velozmente, manchas desaparecendo na paisagem ameaçadora.

46

Tendo depositado a nova chave com as outras na segurança do quartel-general dos Assassinos em Constantinopla, e tendo entregue o exemplar de *Esopo*, de Sócrates, a uma agradecida e maravilhada Sofia, Ezio decidiu que estava na hora de fazer um relatório ao príncipe Suleiman sobre o que havia descoberto no Arsenal.

Ele obteve algumas indicações de onde procurá-lo, e seguiu para um elegante parque perto da Mesquita de Bayezid, onde encontrou Suleiman e seu tio Ahmet sentados à sombra de um plátano, a luz do sol intensificando o verde brilhante de suas folhas largas. Um guarda janízaro permanecia por ali, a uma discreta distância, enquanto jogavam xadrez. Ezio adotou uma posição na qual podia observar sem ser visto. Queria falar a sós com o príncipe. Mas se interessava por xadrez — as estratégias do jogo haviam lhe ensinado muitas habilidades a serem aplicadas em outras coisas — e observou atento o progresso da jogatina.

Os dois jogadores pareciam se equiparar. Após algum tempo, Suleiman, tendo meditado sobre uma jogada do tio que colocou seu rei em perigo, respondeu com um roque.

— Não é um lance legal — protestou o príncipe Ahmet, surpreso.

— Trata-se de uma variação europeia... *arrocco*.

— É interessante, mas não exatamente justo, quando se joga com regras diferentes das do oponente.

— Você talvez pense diferente, quando for sultão — retrucou categoricamente Suleiman.

A aparência de Ahmet era como se tivesse levado um tapa, mas nada disse.

Suleiman ergueu seu rei.

— Posso recuperá-lo? — perguntou ele.

Em resposta, Ahmet se levantou.

— Suleiman — disse ele —, sei que tem sido difícil para você ver seu pai e eu discutirmos sobre o trono de Bayezid.

O jovem deu de ombros.

— Vovô escolheu você, e a palavra dele é lei... *kanun*. Vai se discutir o quê?

O príncipe Ahmet olhou para o sobrinho com relutante admiração.

— Um dia seu pai e eu fomos unidos, mas a ambição e a crueldade dele fizeram...

— Eu ouvi os boatos, tio — interrompeu irritado Suleiman.

Constrangido, Ahmet desviou a vista por um momento para o outro lado do parque, antes de retornar o olhar para o tabuleiro de xadrez.

— Bem — falou finalmente —, daqui a pouco terei uma reunião com o conselho de vizires. Continuamos em outra ocasião?

— Quando desejar. — Suleiman foi cordial.

Levantou-se e fez uma mesura para o tio, que retribuiu a reverência, antes de ir embora com o guarda-costas. Ezio esperou um momento, observando Suleiman enquanto este voltava a se sentar e contemplar o tabuleiro de xadrez na sua rodada.

Então foi em frente.

Suleiman viu-o se aproximar e gesticulou para que os guardas não impedissem o visitante.

— Ezio — disse ele.

O Assassino foi direto ao assunto.

— Tarik anda vendendo armas a um usurário local... Manuel Palaiologos.

Então o rosto de Suleiman obscureceu. Cerrou os punhos.

— Palaiologos. Esse é um som triste em meus ouvidos. — Mais uma vez, levantou. — O último imperador bizantino foi Constantine Palaiologos. Se esse seu herdeiro está armando algum tipo de milícia, haverá conflito e será extenso. Tudo isso em um momento em que em meu pai e meu avô estão em uma disputa um com o outro — interrompeu-se, então ficou pensativo. Ezio imaginou que ele devia estar meditando sobre uma das decisões mais difíceis que já tivera de tomar em toda a sua curta vida.

— Tarik sabe para onde os rifles estão indo — disse ele. — Se eu o encontrar primeiro, poderei seguir as armas até os bizantinos.

Suleiman olhou-o.

— Tarik estará com seus janízaros, no quartel deles. Portanto, se quiser chegar perto, você terá de se tornar um janízaro.

Ezio sorriu.

— Não é problema — disse ele.

— *Güzel* — exclamou Suleiman. — Excelente. — Pensou um pouco mais, e ficou claro que a decisão a que estava chegando lhe causou aflição; mas, assim que a tomou, ficou firme. — Consiga a informação de que precisa... então mate-o.

Ezio ergueu uma sobrancelha. Aquele era um lado de Suleiman que ainda não tinha visto.

— Tem certeza, Suleiman? Você me disse que Tarik e seu pai eram amigos íntimos.

Suleiman engoliu em seco, e logo pareceu desafiador.

— É verdade. Mas uma traição tão explícita contra meu avô merece a morte.

Ezio olhou-o por um momento, então disse:

— Entendido.

Não havia mais nada a discutir. Ezio partiu. Quando olhou para trás, Suleiman estava novamente examinando o tabuleiro de xadrez.

47

Com uma pequena ajuda dos Assassinos de Yusuf, Ezio conseguiu isolar e encurralar um insuspeito janízaro, de folga, no Bazar, e livrá-lo de seu uniforme. Mas não sem um preço. O janízaro opôs uma dura resistência, e feriu gravemente dois Assassinos antes de ser dominado; mas não antes de ele mesmo ter sofrido um ferimento mortal. Foi necessário que Ezio, com ajuda de Azize, lavasse as manchas de sangue por todas as vestes brancas antes de vesti-las. Então poderia, sem dúvida, se passar por um guarda janízaro, desde que tomasse o cuidado de manter a barba oculta por um lenço branco, expondo apenas o bigode.

A caminho do quartel, ele ia achando divertido e, ao mesmo tempo, desconcertante a reação que despertava entre a população local, tanto masculina quanto feminina, do mesmo modo entre otomanos e bizantinos, embora as reações fossem a mesma mistura entre todas as nacionalidades que encontrava. Algumas eram aparentemente de admiração, até agradáveis. Outras eram sutilmente de repúdio, porém muito mais combinadas com medo e incerteza. Ficou bastante claro que os janízaros eram, na melhor das hipóteses, tolerados, e, na pior, detestados. Não havia qualquer vestígio de afeto ou respeito genuíno. Mas, pelo que conseguiu colher, o maior desdém parecia ser dirigido especificamente aos janízaros pertencentes à caserna de Tarik. Ezio armazenou essa experiência na memória, certo de que se mostraria útil em alguma data futura, mas, por enquanto, concentrou-se em seu objetivo.

Ficou aliviado pelo fato de o uniforme lhe permitir passar sem problemas ou contestação enquanto seguia para o quartel, e muito mais aliviado ainda por logo

depois ter ficado sabendo que o assassinato do janízaro pelos Assassinos já tinha sido descoberto. Ao se aproximar de seu destino, passou por uma praça onde um arauto seljúcida anunciava a morte do homem para uma multidão de espectadores interessados.

— Más notícias, cidadãos de Kostantiniyye — proclamava o arauto. — Um servidor do nosso sultão foi abatido pelas mãos de um criminoso e foi despojado de suas vestes. — Olhou em volta e elevou a voz um grau. — Fiquem atentos a qualquer atividade suspeita.

Ezio atravessou a praça o mais discretamente possível, mas, inevitavelmente, olhos recaíram sobre ele. Rezou para conseguir entrar no quartel sem ser contestado. Se soubessem sobre o assassinato e que o homem fora morto por causa daquele uniforme, aumentariam a segurança mais depressa do que um homem pudesse dizer "faca".

— Ai do criminoso que tirou a vida de um adorado janízaro — continuou o arauto. — Esse inimigo da civilização precisa ser encontrado e levado à justiça! Se virem alguma coisa, digam alguma coisa! — Olhou, comovido, em volta da multidão e sacudiu o rolo de pergaminho para causar um efeito adicional, antes de prosseguir: — Cidadãos, cuidado! Um criminoso espreita nossas ruas, um homem sem consciência, tendo como alvo os servidores de nosso sultão. Os janízaros têm dedicado suas vidas à proteção do Império. Retribuam o favor que eles nos têm feito encontrando o criminoso antes que ataque novamente!

O portão dos fundos da Guarnição Janízara permanecia aberto, embora ladeado por uma guarda dupla. Mas esta bateu continência quando Ezio chegou, e ele se deu conta de que teve a sorte de emboscar um oficial bem graduado, pois a roupa que usava claramente exigia respeito, embora, para um olhar inexperiente, os uniformes dos janízaros, entre oficiais e soldados, parecessem praticamente indistinguíveis. Entrou sem dificuldade no conjunto e, assim que o fez, começou a captar trechos de conversas relativos ao assassinato.

— *Khardeshlerim*, um dos nossos foi encontrado assassinado e despojado de suas roupas há menos de uma hora, e seu corpo, dizem, foi jogado em uma esterqueira como um lixo qualquer — disse um deles a dois colegas soldados, que murmuraram raivosamente diante da notícia. — Fiquem atentos nas ruas, quando passarem por elas — continuou o que estava falando. — Alguém planeja atacar, usando nosso uniforme como disfarce. Precisamos ficar constantemente

atentos até o culpado ser apanhado.

— E estripado — acrescentou outro.

Ezio resolveu ser o mais cauteloso possível enquanto estivesse no complexo. Mantendo a cabeça baixa, andou pelas barracas, familiarizando-se com elas e, ao fazê-lo, escutando às escondidas várias conversas. O que ouviu foi muito revelador e de grande valor.

— Selim entende nossa condição. Os bizantinos, os mamelucos, os safávidas... Somente ele tem coragem de enfrentar as ameaças que esses povos representam para nós — declarou um soldado.

— Você fala a verdade. Selim é um guerreiro como Osman e Mehmet antes dele — concordou outro.

— Então... por que o nosso sultão Bayezid escolheu um gatinho em vez de um leão?

— O príncipe Ahmet tem o mesmo temperamento calmo do sultão. É por isso. Receio que eles sejam iguais demais.

Um terceiro soldado entrou na conversa.

— O sultão Bayezid é um homem bom e um governante complacente... Mas perdeu o fogo que o tornava grande.

— Discordo — disse um quarto soldado. — Ele ainda é um guerreiro. Vejam o exército que juntou contra Selim.

— Essa é apenas mais uma prova de sua decadência! Pegar em armas contra o próprio filho? É vergonhoso.

— Não torça a verdade para se ajustar aos contornos de sua paixão, *efendim* — repreendeu-o o quarto homem. Foi Selim, afinal de contas, quem atacou primeiro o nosso sultão.

— *Evet, evet*. Mas Selim fez isso pela glória do império e não por si mesmo.

— Por falar em guerra, há alguma notícia do norte? — interrompeu um quinto soldado.

— Eu soube que as forças de Selim recuaram para Varna — informou um sexto soldado. — Houve baixas pesadas, me disseram.

— Inacreditável, não? Rezo por uma conclusão rápida.

— Sim, mas em que direção?

— Não sei dizer. Meu coração está com o nosso sultão, mas minha cabeça torce por Selim.

— E o filho mais novo de Selim, o príncipe Suleiman? — colocou em pauta um sétimo janízaro. — Vocês o conheceram?

— Não pessoalmente — respondeu um oitavo janízaro —, mas já o vi. É um rapaz extraordinário.

— Que rapaz que nada... trata-se de um jovem muito capaz. Com uma mente magnífica.

— Ele puxou ao pai?

O sétimo janízaro deu de ombros.

— Talvez. Mas desconfio que é um tipo de homem inteiramente diferente.

Mais dois janízaros se juntaram a eles e à conversa, ao mesmo tempo que Ezio se demorava ali por perto. Um deles era claramente um pouco brincalhão.

— Por que o príncipe Ahmet se deixa ficar nesta cidade? — perguntou com um jeito irônico. — Ele sabe que não é querido.

— Ele é como uma mariposa pairando sobre uma chama. Está à espera de que seu pai morra para que possa subir ao trono.

— Vocês souberam — perguntou o brincalhão — que ele ofereceu um suborno a Tarik em troca de nossa lealdade?

— Que Deus o amaldiçoe por isso. O que Tarik fez?

O outro guarda gargalhou.

— Gastou a metade do dinheiro em comida para os cavalos e mandou o resto para Selim.

48

Várias barracas decoradas estavam montadas no amplo complexo, protegidas pelos muros altos que o cercavam. Deixando os janízaros, Ezio avançou, chegando ainda mais perto do centro onde achava que deviam estar os alojamentos de Tarik. Certamente, ao se aproximar, ouviu o tom familiar da voz dele, que falava com um mensageiro. Estavam na companhia de um terceiro janízaro, evidentemente, um ajudante.

— Tarik *bey* — disse o mensageiro. — Uma carta para você.

Tarik pegou a carta, sem um comentário, quebrou o selo e a leu. Riu de um modo satisfeito antes mesmo de ter chegado ao fim.

— Perfeito — comentou, dobrando o papel e colocando-o na túnica. — Os rifles chegaram à Capadócia, à guarnição do exército de Manuel Palaiologos.

— E nossos homens, ainda estão com ele? — perguntou o ajudante.

— *Evet*. Eles entrarão em contato conosco quando os bizantinos levantarem acampamento. Então nos encontraremos com eles quando chegarem a Bursa.

O assistente sorriu.

— Então tudo se combinará, *efendim*.

— Sim, Chagatai — respondeu Tarik. — Pelo menos uma vez.

Fez um gesto para dispensar os homens e começou a caminhar entre as barracas. Mantendo-se a uma distância segura, Ezio o seguiu. Mas não conseguia permanecer despercebido e ficou contente pelo pouco de turco que já havia aprendido desde que chegara a Constantinopla, quando ou guardas batiam continência ou soldados de posto semelhante ao seu o cumprimentavam. Não foi, porém, um percurso sem incidentes. Uma ou duas vezes, perdeu seu rastro e

notou olhares desconfiados dirigidos a ele antes de conseguir recuperá-lo; e uma vez enfrentou um desafio direto. Dois guardas bloquearam seu caminho.

— De que regimento você é, *efendim*? — perguntou-lhe o primeiro, muito educadamente, mas com rispidez suficiente na voz para deixar Ezio nervoso.

Antes que ele pudesse responder, o segundo se intrometeu.

— Não creio que conheça você. Não vejo sua insígnia imperial. Você é da cavalaria?

— Quando entrou? — indagou o primeiro, a voz agora abertamente inamistosa.

— Onde está seu capitão?

O turco de Ezio não era suficiente para isso. E ele percebeu que, em todo o caso, a desconfiança deles estava mais do que atiçada. Rapidamente, liberou a lâmina gancho e com ela engatou um deles, jogando-o contra o outro. Então correu, disparando entre as barracas, saltando sobre os cabos de sustentação e ainda mantendo um olho no agora distante Tarik.

Houve uma gritaria atrás dele.

— Impostor!

— Enganador! Você vai morrer!

— Detenham-no!

— É o fora da lei que matou Nazar! Peguem-no!

Mas o complexo era muito grande, e Ezio aproveitou toda a vantagem do fato de que, com os uniformes e seus bigodes quase idênticos, um janízaro se parecia exatamente com outro. Deixando a confusão em seu rastro, não demorou a retomar a pista de Tarik e o localizou em um canto mais calmo do quartel, onde se encontravam as salas de mapas dos oficiais mais graduados.

Ezio viu quando Tarik entrou em uma das salas de mapas, olhou em volta para se certificar de que o homem estava sozinho e que havia se livrado dos últimos vestígios de perseguição, e seguiu Tarik para o interior da sala. Fechou e trancou a porta atrás de si.

Ezio já havia recolhido toda a informação que acreditava precisar. Sabia que Tarik planejava um encontro com Manuel em Bursa, e sabia que o carregamento de armas havia chegado à Capadócia, à guarnição de Manuel. Portanto, quando Tarik, imediatamente, desembainhou a espada e investiu contra ele, Ezio não precisou perguntar primeiro. Saltou habilmente para o lado esquerdo, enquanto

Tarik arremeteu com a espada, então soltou a lâmina oculta do lado esquerdo e a enfiou no lado direito das costas do capitão janízaro, rasgando o rim ao cortá-lo violentamente antes de retirar a lâmina.

Tarik caiu à frente com um estrondo sobre uma mesa de mapas, espalhando as cartas geográficas que a cobriam e manchando com sangue as que permaneceram. Ele usou o que lhe restava de fôlego e, reunindo as últimas reservas de força, ergueu-se apoiado no cotovelo direito e meio que se virou para olhar para seu agressor.

— Sua vilania chegou ao fim, soldado — afirmou Ezio, duramente.

Tarik, porém, parecia resignado, quase se divertindo. Ezio, de repente, foi tomado pela dúvida.

— Ah, que amarga ironia — comentou Tarik. — Este é o resultado da investigação de Suleiman?

— Você conspira com os inimigos do sultão — disse Ezio, sua confiança se esvaindo. — O que esperava que resultasse de tal traição?

Tarik deu-lhe um sorriso pesaroso.

— Eu culpo a mim mesmo. — Fez uma pausa, a respiração penosa, enquanto o sangue escorria sem parar de seu lado ferido — Não por traição, mas por excesso de confiança. — Olhou para Ezio, que havia se aproximado para captar sua voz, que agora baixara a nada mais do que um sussurro. — Eu estava preparando uma emboscada. Preparando um ataque contra os Templários bizantinos para o exato momento em que eles se sentissem mais seguros.

— Que prova tem disso?

— Olhe. Aqui.

Dolorosamente, com a mão esquerda, Tarik puxou um mapa de seu cinto.

— Pegue — disse ele.

Ezio pegou-o.

— Isso o levará aos bizantinos na Capadócia — continuou Tarik. — Destrua-os, se puder.

A voz de Ezio também baixara para um sussurro.

— Você agiu bem, Tarik. Perdoe-me.

— Não há culpados — retrucou Tarik, pelejando agora com o esforço para falar. Mas forçava-se a prosseguir, sabendo que suas palavras seguintes seriam as últimas.

— Proteja minha terra natal. *Allah ashkina!* Em nome de Deus, resgate a honra que perdemos nessa luta.

Ezio colocou o braço de Tarik sobre seu ombro e o levantou para a mesa, onde apressadamente rasgou o lenço de seu pescoço e o amarrou o mais forte possível em volta do ferimento que havia provocado.

Mas já era tarde demais.

Lá fora, ouviu o clamor por justiça contra ele se elevar mais uma vez, e mais perto. Não havia tempo para lamentar seu erro. Apressadamente, rasgou fora o uniforme até ficar apenas com a túnica simples cinzenta e o calção que usava por baixo. A sala de mapas ficava junto ao muro do quartel. Com a ajuda da lâmina gancho, sabia que o muro seria escalável.

Estava na hora de ir.

49

Ezio voltou ao quartel-general dos Assassinos, trocou de roupa e retornou ao Palácio Topkapi com o coração pesado. Os guardas claramente haviam recebido ordens para deixá-lo passar, e ele foi conduzido a uma antecâmara privativa, onde, após alguns minutos se passarem, Suleiman foi ao seu encontro. Ao vê-lo, o jovem príncipe pareceu surpreso... e agitado.

Ezio antecipou a pergunta em seus olhos.

— Tarik não era um traidor, Suleiman. Ele também estava rastreando os bizantinos.

— O quê? — A aflição de Suleiman era evidente. — E você...?

Ezio confirmou gravemente com a cabeça.

Suleiman sentou-se pesadamente. Pareceu indisposto.

— Deus me perdoe — falou baixinho. — Eu não devia ter sido tão rápido em julgar.

— Príncipe, ele foi leal ao seu avô até o fim; e, por causa dos esforços dele, temos os meios de salvar sua cidade. — Ezio explicou brevemente o que havia descoberto, contou-lhe o que descobrira ao ouvir os janízaros e mostrou-lhe o mapa que Tarik tinha lhe dado.

— Ah, Tarik — sussurrou Suleiman. — Ele não devia ter sido tão reservado, Ezio. Que modo terrível de se fazer uma coisa boa.

— As armas foram levadas para a Capadócia. Precisamos agir imediatamente. Pode me levar até lá?

Suleiman de repente saiu de seu devaneio.

— O quê? Levá-lo lá? Sim, claro. Conseguirei um navio para levá-lo a

Mersin... de lá, poderá viajar para o interior.

Foram interrompidos pela chegada do príncipe Ahmet. Felizmente, antes de aparecer, ele havia chamado Suleiman com um tom de voz impaciente, de modo que Ezio teve tempo de se retirar para um canto do aposento onde ficaria menos visível.

Ahmet entrou na sala e não perdeu tempo em ir direto ao assunto.

— Suleiman, fui enganado, e me fizeram parecer um traidor! Lembra-se de Tarik, o janízaro?

— O homem com quem você discutiu?

Ahmet deu sinais de que estava seriamente irritado.

— Ele foi assassinado. Não é segredo que eu e ele estávamos em desacordo. Agora os janízaros irão rapidamente me acusar do crime.

— É uma notícia terrível, tio.

— De fato. Quando essa notícia chegar a meu pai, ele me banirá da cidade!

Suleiman não conseguiu evitar um nervoso olhar de relance para Ezio por cima do ombro do tio. Ahmet notou isso e girou o corpo. Imediatamente, seus modos pareceram mais reservados.

— Ah. Desculpe-me, sobrinho. Não sabia que tinha uma visita.

Suleiman hesitou e então disse:

— Esse é... Marcello. Um dos meus conselheiros europeus em Kefe.

Ezio curvou bem o corpo em uma reverência.

— *Buona sera*.

Ahmet fez um gesto impaciente.

— Marcello, meu sobrinho e eu temos um assunto particular para discutir — disse ele duramente.

— Claro. Por favor, me deem licença. — Ezio fez novamente uma reverência, dessa vez curvando ainda mais o corpo, e recuou para a porta, trocando um rápido olhar com Suleiman, o qual, ele rezava, iria livrá-los daquela. Felizmente, o jovem príncipe aproveitou muito bem sua deixa e disse a Ezio em um contido tom de voz oficial:

— Já sabe suas ordens. Como eu disse, haverá um navio à sua espera, quando você estiver pronto para partir.

— *Grazie, mio principe* — retrucou Ezio. Então saiu do aposento, mas se deixou ficar do lado de fora, querendo saber como a conversa terminaria. O que

ouviu não o convenceu de modo algum de que estivesse fora de perigo.

— Nós descobriremos o culpado desse crime, tio — dizia Suleiman. — Tenha paciência.

Ezio meditou sobre isso. Seria a questão tão terrível? Ele não conhecia Suleiman tão bem assim. E sobre o que Yusuf o havia alertado? Contra se meter na política otomana?

Seu ânimo estava péssimo quando deixou o palácio. Havia um lugar onde ele precisava estar agora. Um lugar onde poderia relaxar — coisa de que necessitava demais — e juntar seus pensamentos.

50

Meu guia e eu retomamos o caminho escondido,
O qual nos levou de volta ao mundo iluminado.
Seguimos depressa por ele — sem buscar descanso —
Ele guiando, eu seguindo, até finalmente avistar,
Através de uma abertura redonda, algumas das coisas
De verdadeira beleza que o céu possui;
Então emergimos, mais uma vez, no ar fresco,
E vimos novamente, acima de nós, todas as estrelas.

Vários dias antes, Ezio tinha começado a reler o *Inferno*, de Dante, por sugestão de Sofia. Lera o texto quando estudante, mas nunca o entendera realmente, tendo em vista que, naqueles dias, sua mente estava ocupada com outras questões, mas, agora, aquilo parecia uma revelação. Ao terminar, largou o livro com um suspiro de prazer. Olhou para Sofia, os óculos dela empoleirados no nariz, sentada, cabeça baixa, olhando do mapa original para seus livros de referência e para um caderno de anotações em que estava redigindo. Ele olhou-a trabalhar, mas não a interrompeu, de tão envolvida que ela parecia naquela tarefa. Em vez disso, apanhou de volta o livro. Talvez começasse a ler o *Purgatório*.

Nesse momento, Sofia ergueu a vista de seu trabalho. Sorriu para ele.

— Gostou do poema?

Ele sorriu de volta, pousou o livro na mesa ao lado da cadeira e se levantou.

— Quem eram os homens que ele condenou ao inferno?

— Adversários políticos, homens que lhe tinham feito algum mal. A pena de Dante Alighieri corta bem fundo, não é mesmo?

— *Sí* — respondeu Ezio, pensativo. — É um modo sutil de obter vingança.

Ele não queria voltar à realidade, mas era pressionado pela urgência da viagem que teria de realizar em breve. Contudo, não havia nada que pudesse fazer até ter notícias de Suleiman. Se é que podia confiar no príncipe. Seus pensamentos, porém, haviam se acalmado. Que lucro teria Suleiman em traí-lo? Retornou ao seu lugar, apanhou novamente *A divina comédia* e voltou ao ponto onde havia parado.

Ela o interrompeu.

— Ezio — começou, de um modo hesitante —, planejo uma viagem a Adrianópolis daqui a algumas semanas, para visitar uma nova prensa móvel lá.

Ezio notou o tom acanhado de sua voz e ficou imaginando se Sofia havia captado a suavidade que se insinuava na dele toda vez que falava com ela. Teria percebido o quanto se tornara grande o... afeto que sentia por ela? Exagerando, ele se mostrou deliberadamente indiferente, ao responder:

— Isso deve ser divertido.

Ela continuou, acanhada:

— São cinco ou seis dias a cavalo daqui, e preciso de uma escolta.

— *Prego?*

Ela ficou imediatamente constrangida.

— Desculpe. Você é um homem ocupado.

Foi a vez dele de ficar constrangido.

— Sofia, eu adoraria acompanhar você, mas meu tempo está ficando curto.

— Isso é uma verdade para todos nós.

Ele não soube responder a isso, ao deduzir seus vários significados; e permaneceu calado. Estava pensando no abismo de vinte anos de idade que havia entre eles.

Sofia olhou abaixo um momento para o mapa, então se deteve.

— Bem, eu poderia tentar terminar esse último código agora, mas preciso cuidar de uma tarefa antes de o sol se pôr. Pode esperar um dia?

— O que você precisa?

Ela desviou a vista e voltou a olhar novamente.

— É uma bobagem, mas... um buquê de flores frescas. Especificamente, tulipas brancas.

Ele se levantou.

— Eu apanho as flores. *Nessun problema*.

— Tem certeza?

— Será uma boa mudança de cenário.

Ela sorriu calorosamente.

— *Bene!* Olhe... encontre-me no parque que fica logo a leste da Basílica de Santa Sofia. Faremos uma troca: flores por... informação!

51

O mercado de flores era um fulgor de cores e odores agradáveis, e não havia qualquer janízaro à vista. Ezio seguiu por ele ansiosamente, pois em nenhum lugar, mesmo com toda aquela exuberância, fora capaz de encontrar as flores que buscava.

— Você parece um homem com dinheiro para gastar — disse um vendedor de flores quando Ezio se aproximou de sua barraca. — Do que precisa, meu amigo?

— Procuro tulipas. Brancas, se tiver.

O vendedor pareceu incerto.

— Ah. Tulipas. Perdoe-me, mas estão em falta. Mais alguma coisa, talvez?

Ezio balançou a cabeça.

— Não são para mim, infelizmente.

O vendedor pensou no problema por um momento, então se inclinou e falou confidencialmente.

— Está bem, somente para você, eis o meu segredo. Muitas das tulipas brancas que vendo, eu mesmo as colho perto do hipódromo. Não é mentira. Vá lá e veja por si mesmo.

Ezio sorriu, pegou a carteira e recompensou o vendedor generosamente.

— *Grazie*.

Atarefado, um homem apressado, percorreu as ruas aquecidas pelo sol até o hipódromo, e, realmente, na grama ao longo de uma das pistas de corrida, encontrou tulipas brancas crescendo em abundância. Feliz, ele se curvou e, liberando a lâmina oculta, cortou a quantidade que achava que Sofia iria querer.

52

O Parque Imperial a leste da Basílica de Santa Sofia tinha o formato de um jardim normal, entremeado com relvados verdejantes pontilhados com bancos de mármore branco e caramanchões ideais para reuniões particulares. Em um deles, não demorou a encontrar Sofia.

Ela havia preparado um pequeno piquenique, e Ezio pôde ver de relance que não era composto de comidas e bebidas locais. De algum modo, havia conseguido organizar um almoço que juntava algumas das especialidades de ambas as cidades natais dos dois, portanto havia *moleche* e *rixoto de gò* de Veneza e *panzanella* e *salame toscano* de Florença. Ela também providenciara figos de Tuscolo e azeitonas de Piceno, e havia um prato de macarrão e linguado. O vinho que trouxera era um Frescobaldi. Havia um grande cesto de vime junto à toalha branca que havia estendido.

— O que é isso? — perguntou ele, maravilhado.

— Um presente. Sente-se.

Ezio fez uma mesura, entregando-lhe as flores e fez o que lhe foi mandado.

— São lindas... obrigada — agradeceu Sofia, aceitando o imenso buquê de tulipas que ele colhera para ela.

— Então é isso — retrucou ele. — E não pense que não aprecio o trabalho que você teve.

— Queria lhe agradecer por me deixar desempenhar um pequeno papel na sua aventura.

— Eu não o chamaria de pequeno, mas um "pequeno" papel é mais do que suficiente para essa aventura, pode acreditar em mim.

Ela riu baixinho.

— Você é um mistério, Ezio Auditore.

Ele pareceu preocupado.

— Lamento, mas não pretendo ser.

Sofia riu outra vez.

— Isso é ótimo! — Fez uma pausa, então acrescentou: — É atraente.

Ele não sabia como reagir a isso, portanto se concentrou na comida.

— Isso parece delicioso.

— Ora, obrigada.

Ezio sorriu. Não queria quebrar aquele estado de espírito, mas uma sombra baixou sobre seus pensamentos. Ele não devia festejar — ou ter qualquer esperança — por antecipação. Olhou-a mais sério e ela imediatamente captou seu estado de espírito.

— Teve alguma sorte com o código final? — indagou ele, o mais casualmente possível.

— Ah, o código — respondeu ela, ainda um pouco sorridente, e Ezio sentiu-se aliviado. — Sim, eu o solucionei algumas horas atrás. Mas terá de ser paciente. Você o terá em breve.

E ela então olhou para ele de um modo que quebrou qualquer defesa que havia restado a Ezio.

53

O último livro foi localizado em um local mais difícil de alcançar. Niccolò Polo conseguira escondê-lo bem alto na própria fachada da mesquita de Santa Sofia, acima do grande arco que ficava antes da cúpula principal da antiga basílica.

Ezio optou por completar sua missão na madrugada, antes da alvorada, pois haveria menos gente circulando. Chegou sem problemas ao prédio e, cautelosamente, seguiu para o nártex, olhando acima para o íngreme rochedo que agora teria de escalar. Havia poucas fendas para a lâmina gancho agarrar, mas, após várias tentativas malsucedidas, conseguiu subir até o lugar que Sofia indicara. Ali, encontrou um painel de madeira desgastado pelo tempo do qual pendiam teias de aranha.

Conseguiu se prender em um encanamento próximo, o qual, após testar, achou forte o bastante para aguentar seu peso, e usou novamente a lâmina gancho para forçar o painel e abri-lo. A tábua de madeira caiu no chão, com o que, para os ouvidos de Ezio, pareceu um estrondo ensurdecedor, ecoante, e ele ficou pendurado ali à luz cinzenta da falsa alvorada, rezando em silêncio para que ninguém tivesse sido alertado pelo barulho. Mas, após ter esperado por inteiros três minutos sem ter havido qualquer reação, alcançou o interior da cavidade que a tábua havia escondido, e dela tirou o livro que buscava.

Uma vez de volta ao chão, saiu às pressas e encontrou um lugar tranquilo no próprio parque onde, apenas um dia antes, jantara com Sofia, e ali examinou sua descoberta. O livro era uma cópia de *Missão a Constantinopla*, de Luitpold de Cremona. Antes de abrir na folha de rosto, ele se permitiu por um momento imaginar o prazer de Sofia ao ver aquela raridade.

As páginas em branco brilharam tão intensamente quanto os finos raios de luz do amanhecer que ele conseguia ver à distância, a leste além do Bósforo. Surgiu um mapa da cidade, o qual, enquanto observava esperançoso, desfez-se em um foco. Neste apareceu outra luz, mais forte do que as demais, marcando claramente o Fórum do Ox.

Seguindo o rastro indicado pelo livro, Ezio dirigiu-se para o Fórum, que era bem distante, do lado oeste da cidade, passando pela Segunda e Terceira Colinas, e mais ou menos a meio caminho do Aqueduto de Valens, ao norte, e do Porto de Teodósio, ao sul. Era uma caminhada e tanto, porém, quando chegou, ainda era muito cedo para haver gente por ali. Ezio vasculhou a imensa praça vazia atrás de algum tipo de pista, mas o ponto marcado no livro brilhou intensamente, e ele se lembrou do sistema de cisternas subterrâneas embaixo da cidade. Concentrou a busca e localizou, após algum tempo, um bueiro do qual degraus de pedras desciam para as entranhas da Terra.

Fechou o livro e o guardou em segurança na bolsa. Trocou a lâmina gancho pela pistola, checou a lâmina oculta e, cautelosamente, fez a descida.

Em pouco tempo, descobriu-se em uma caverna abobadada em uma barragem de pedra pela qual corria um rio subterrâneo. Havia tochas acesas em candeeiros nas paredes e, quando ele se moveu sorrateira e silenciosamente por um estreito corredor úmido, ouviu, mais forte do que o som da água corrente, vozes ecoando acima do barulho que o rio fazia. Seguindo esse som, chegou a dois Templários bizantinos.

— O que você achou? — perguntou um deles. — Outra chave?

— Uma espécie de porta — respondeu o colega. — Murada com pedra dura.

Virando uma esquina, Ezio avistou certo número de soldados à distância, parados em um velho atracadouro sobre o rio. Um deles rolava um barril para fora de uma das duas balsas que estavam à espera.

— Isso parece promissor — disse o primeiro dos Templários mais próximos. — A primeira chave foi encontrada atrás de uma porta semelhante.

— Foi mesmo? E como eles abriram essa porta?

— Não foram eles que abriram. Foi o terremoto.

A um sinal dos homens mais perto de Ezio, os outros soldados levaram o barril e seguiram com ele para colocá-lo encostado à porta. O Assassino agora conseguia ver que a abertura havia sido fechada com blocos bem encaixados de

uma dura pedra negra, talhados por um mestre pedreiro.

— O terremoto! Ele ajudou muito! — comentou o segundo Templário. — E tudo que temos são alguns barris de pólvora.

— Este aqui deverá ser forte o suficiente para o serviço — retrucou o primeiro.

Os olhos de Ezio estreitaram-se. Silenciosamente, liberou a arma e puxou o gatilho.

— Se não for, usaremos mais — continuou o primeiro Templário.

Ezio ergueu o braço e mirou, mas o cano da pistola captou a luz de uma tocha e, ao fazer isso, cintilou, e o incomum clarão de luz atingiu o olho de um dos soldados.

— O que foi isso? — bradou.

Ele viu a pistola e saltou na frente do cano no mesmo instante em que Ezio disparou. A bala o atingiu e ele caiu morto instantaneamente.

Ezio praguejou contra si mesmo.

Mas os soldados já estavam de olho nele.

— É o Assassino! Vamos dar o fora daqui!

Ezio tentou recarregar, mas os soldados já estavam correndo de volta na direção das balsas. Ele foi atrás, desesperado para detê-los antes que pudessem dar o alarme, mas, ao chegar ao atracadouro, os soldados já haviam desatracado. Depois que saltou para a segunda balsa e lutou para soltar sua amarração, os soldados já estavam flutuando no meio do rio, afastando-se.

Ele já tinha desatracado a segunda balsa e saído em perseguição, quando lhe ocorreu um pensamento — os soldados estariam com medo dele ou mostrando a Ezio o caminho? Bem, agora era tarde demais. Ele teria de seguir até o fim.

Como sua balsa estava mais leve, a corrente começou a levá-lo para mais perto. Os soldados pareciam estar em pânico, mas isso não os impedia de carregar bombas e mosquetes.

— Temos pólvora a bordo, podemos usá-la! — gritou um deles.

— Vamos explodi-lo para fora da água com granadas — sugeriu outro, jogando uma bomba, que estourou ao tocar na água a menos de meio metro adiante da proa de Ezio.

— Deem-me espaço — berrou outro soldado, tentando se firmar para mirar o mosquete.

— Atire nele!

— O que você acha que estou tentando fazer?

— Apenas mate o patife!

Continuaram rio abaixo. A essa altura, Ezio já havia conseguido segurar a cana do leme de sua balsa e mantê-la sob controle, ao mesmo tempo que abaixava e se desviava para evitar as balas de mosquete que bombardeavam em sua direção, embora a inclinação e o balanço da balsa deles tornassem quase impossível para os soldados fazerem uma mira correta. Então um dos barris a bordo soltou-se das cordas e rolou pelo convés, derrubando dois soldados para dentro da correnteza — um deles, o timoneiro. A balsa pinoteou loucamente, jogando outro homem na água negra, em seguida despedaçando-se contra a barragem. Os sobreviventes arrastaram-se para a margem. Ezio ergueu a vista para a alta abóbada que se elevava talvez uns seis metros acima do rio. Na penumbra, conseguiu ver que uma corda bem esticada tinha sido amarrada por toda a extensão do teto e, sem dúvida, barcas ou balsas costumavam se enganchar nela para serem guiadas rio abaixo. Bastava apenas uma pessoa a bordo com uma vara para desenganchar e voltar a enganchar em cada um dos ilhoses aos quais a corda estava presa a intervalos regulares. Ezio conseguia ver que a corda, seguindo o curso de rio abaixo, também seguia gradualmente para baixo. Apenas o suficiente para o que ele havia planejado.

Segurando-se, Ezio conduziu a balsa para a barragem e, quando ela se destroçou de modo semelhante à que ele estivera perseguindo, saltou para o caminho de pedra ao lado do rio.

Àquela altura, os soldados sobreviventes já estavam bem à frente dele, correndo para salvar suas vidas — ou para pedir reforços. Ezio não tinha tempo a perder.

Trabalhando depressa, trocou a pistola pela lâmina gancho, arrastou-se pela parede da caverna e jogou-se na direção da corda acima do rio. Conseguiu o impulso suficiente para engatar nela a lâmina gancho e, em pouco tempo, estava disparando rio abaixo, acima da água, com muito mais velocidade do que os soldados conseguiam correr, embora tivesse de desenganchar e voltar a enganchar em cada ilhós do teto com uma sincronia de fração de segundo para evitar cair na trovejante correnteza abaixo.

Ao alcançar os soldados, reverteu sua primeira manobra e desenganchou no

momento crucial, jogando o corpo lateralmente para aterrissar na barragem logo adiante dos Templários. Estes pararam imediatamente, ofegantes, encarando-o.

— Ele é um louco — comentou o primeiro Templário.

— Isso não é um homem... é um demônio — berrou um segundo.

— Vejamos se demônios sangram — urrou um companheiro mais corajoso, investindo contra Ezio, a espada rodopiando na mão.

Ezio deu um gancho-e-mortal pelas costas do Templário e o arremessou, enquanto ainda estava desequilibrado, para dentro do rio. Restavam três soldados. Eles não estavam nem um pouco dispostos a lutar, mas Ezio sabia que não podia se permitir ser piedoso. O embate que se seguiu foi curto e sangrento e deixou Ezio cuidando de um talho no braço esquerdo, e três cadáveres caídos à sua frente.

Inspirando fundo, fez o caminho de volta para a porta lacrada. Tinham percorrido um longo caminho rio abaixo e isso lhe tomou uns bons dez minutos para retornar ao molhe onde as balsas tinham sido ancoradas originalmente. Mas pelo menos sabia que não havia o temor imediato de uma perseguição; e o barril de pólvora continuava no mesmo lugar onde os soldados Templários o haviam deixado.

Trocando mais uma vez a lâmina gancho pela pistola, Ezio carregou-a, escolheu uma posição rio acima onde poderia se abrigar atrás de um contraforte saliente, mirou com todo o cuidado e disparou.

Houve o estalido da pistola e o sibilar da bala disparada na direção do barril e até mesmo o baque surdo quando ela atingiu o alvo, mas então pareceu, pelo que deu a impressão de uma eternidade, fazer silêncio.

Nada aconteceu.

Mas então...

A explosão naquelas paredes confinadas foi como um trovão, e Ezio ficou surdo por instantes. Pensou, enquanto pedrinhas choviam à sua volta, que poderia ter feito o teto desabar, e que aquilo poderia ter danificado irreparavelmente o que quer que estivesse atrás da porta. Mas quando o pó assentou, pôde ver que, apesar de toda a força da explosão, a entrada murada tinha sido arrombada apenas parcialmente.

O suficiente, porém, para ele acessar o interior e avistar o familiar pedestal, sobre o qual, para seu enorme alívio, a chave circular obsidiana, parceira das

outras que havia obtido, repousava incólume. Mas não tinha tempo para relaxar. Já no momento de alcançá-la, notou que emanava dela o mesmo brilho que vira nas outras. À medida que este aumentava de intensidade, Ezio tentou, dessa vez, resistir a seu poder. Sentiu-se debilitado, perturbado por causa das estranhas visões que se sucediam à luz ofuscante, as quais havia se acostumado a esperar.

Mas não adiantou, e mais uma vez ele sentiu que se rendia a um poder muito maior do que o seu.

54

Para Ezio, parecia que vinte longos anos tinham se passado. Era uma paisagem que ele conhecia, e ali, elevando-se dela como uma garra gigantesca, ficava o agora familiar castelo de Masyaf. Não muito distante de seu portão, um grupo de três Assassinos estava sentado junto a uma resplandecente fogueira.

Os rostos dos Assassinos eram os de pessoas cujos sonhos mais acalentados tinham se esvaído. Quando falavam, suas vozes eram calmas, exaustas.

— Dizem que ele grita durante o sono, chamando o pai, Ahmad Sofian — disse um deles.

Um dos homens zombou amargamente.

— Quer dizer, Cemal, que ele chama o papai, não é mesmo? Que homem miserável é Abbas.

Eles tinham os rostos virados para o fogo e, a princípio, não notaram o homem velho, encapuzado, de manto branco, que se aproximava através da escuridão.

— Não cabe a nós julgar, Teragani — frisou o segundo homem friamente.

— Certamente que cabe, Tazim — cortou Cemal. — Se nosso Mentor enlouqueceu, quero saber a respeito.

O velho agora estava perto, e eles ficaram cientes de sua presença.

— Quieto, Cemal — disse Tazim. Virando-se para saudar o recém-chegado, ele disse: — *Masa'il kher*.

A voz do velho era seca como uma folha morta.

— Água — pediu ele.

Teragani levantou-se e lhe passou uma pequena cabaça que ele mergulhara em uma botija de água a seu lado.

— Sente-se. Beba — disse Cemal.

— Muito obrigado — agradeceu o velho.

Os outros o observaram enquanto ele bebia, em silêncio.

— O que o traz aqui, velho? — perguntou Tazim, após seu visitante ter bebido tudo.

O estranho pensou por um momento antes de falar. Então disse:

— Compadeçam-se de Abbas, e não zombem dele. Ele viveu como órfão a maior parte da vida, e causou-lhe vergonha o legado de sua família.

Tazim pareceu chocado com essa declaração, mas Teragani sorriu silenciosamente. Olhou furtivamente para a mão esquerda do velho e viu que nela não havia o dedo anular. Portanto, a não ser que fosse uma extraordinária coincidência, o homem era um Assassino. Teragani olhou disfarçadamente para o rosto magro, marcado. Havia nele algo familiar...

— Abbas está desesperado por poder porque ele não tem poder — continuou o homem.

— Mas ele é nosso Mentor! — berrou Tazim. — E, diferentemente de Al Mualim ou Altaïr ibn-La'Ahad, ele nunca nos traiu.

— Disparate — exclamou Teragani. — Altaïr não foi um traidor. — Olhou intensamente para o velho. — Altaïr foi expulso... injustamente.

— Você não sabe do que está falando! — irritou-se Tazim, e se afastou a passos largos para a escuridão.

O velho olhou para Teragani e Cemal por baixo do capuz, mas nada disse. Teragani olhou novamente para o rosto dele. A maior parte estava sombreada pelo capuz, mas os olhos não podiam ficar escondidos. E Teragani notou que a manga esquerda do homem tinha apenas o tamanho suficiente para ocultar o mecanismo de uma lâmina oculta.

O Assassino falou cautelosamente.

— É... É... você? — Fez uma pausa. — Ouvi boatos, mas não acreditei neles.

O velho esboçou um sorriso.

— Eu me pergunto se poderia falar pessoalmente com Abbas. Já se passou tanto tempo.

Cemal e Teragani se entreolharam. Cemal inspirou profundamente. Pegou a cabaça da mão do velho, encheu-a novamente e devolveu-a com uma reverência. Falou constrangido.

— Isso seria impossível. Atualmente, Abbas emprega bandidos *fedayeen* para nos afastar do salão interno sagrado do castelo.

— Atualmente, menos da metade dos guerreiros aqui são verdadeiros Assassinos — acrescentou Teragani. — Fez uma pausa e então disse: — Altaïr.

O velho sorriu e confirmou com a cabeça quase que imperceptivelmente.

— Mas vejo que os verdadeiros Assassinos permanecem exatamente isso... *verdadeiros* — disse ele.

— Você esteve longe por muito tempo, Mentor. Aonde foi?

— Viajei. Estudei. Estudei profundamente. Descansei. Recuperei minhas perdas, aprendi a viver com elas. Em suma, fiz o que qualquer um na minha posição teria feito. — Fez uma pausa, e seu tom se alterou ligeiramente, quando prosseguiu: — Também visitei nossos irmãos em Alamut.

— Alamut? Como estão passando?

Altaïr balançou a cabeça.

— Acabou-se agora para eles. Os mongóis comandados por Hulagu Khan os arrasaram e tomaram a fortaleza. Destruíram a biblioteca. Os mongóis avançam em direção oeste como uma praga de gafanhotos. Nossa única esperança é reafirmar a nossa presença aqui e no oeste. Precisamos ser fortes aqui. Mas talvez as nossas bases agora devam estar entre as pessoas e não em fortalezas como Masyaf.

— É mesmo você? — perguntou Cemal.

— Quieto! — interrompeu Teragani. — Não queremos que ele seja morto.

Cemal subitamente ficou tenso.

— Tazim! — lembrou ele, subitamente preocupado.

Teragani sorriu.

— Tazim é mais de latir do que de morder. Gosta mais de uma discussão por si mesma do que de qualquer coisa no mundo. E tem andando tão desanimado quanto nós, o que não tem ajudado seu humor. Além disso, foi embora antes desta peça chegar ao seu desenlace! — Virou-se para Altaïr, todos os vestígios de seu desânimo anterior sumidos. — É claro que temos trabalho a fazer.

— Bem — quis saber o velho —, por onde eu começo?

Cemal olhou novamente para Teragani. Ambos se levantaram e puxaram o capuz sobre a cabeça.

— Conosco, Altaïr — disse ele.

Altaïr sorriu e também se levantou. Ele se ergueu como um velho, mas, uma vez de pé, permaneceu firme.

55

Caminharam juntos em direção ao castelo.

— Você diz que esses homens são cruéis — lembrou Altaïr. — Algum homem já levantou a espada contra um inocente?

— Infelizmente, sim — respondeu Cemal. — A brutalidade parece ser a única fonte de prazer deles.

— Então devem morrer, pois comprometem a Ordem — declarou Altaïr. — Mas os que continuam vivendo pelo Credo devem ser poupados.

— Pode confiar em nós — disse Cemal.

— Estou certo disso. Agora... deixem-me. Quero fazer sozinho um reconhecimento, e não é que eu não esteja familiarizado com este lugar.

— Permaneceremos à distância de um chamado.

Altaïr assentiu e virou-se para encarar o portão do castelo, enquanto seus dois companheiros ficavam para trás. Aproximou-se da entrada, mantendo-se nas sombras, e passou sem dificuldade pelos sentinelas, pensando com pesar que nenhum sentinela Assassino de verdade o teria deixado esgueirar-se com tanta facilidade. Apertou o corpo contra o muro do pátio externo do castelo, ladeando-o até poder atravessar para um posto de guarda, iluminado a tocha, não muito distante do portão do pátio interno, onde viu dois capitães envolvidos em uma conversa. Altaïr parou para ouvi-los. Após algumas trocas de palavras, ficou sabendo que eram homens leais a Abbas. Abbas! *Por que mostrei piedade a ele?*, pensou Altaïr. Quanto sofrimento teria sido evitado se não tivesse mostrado! Mas então, talvez, afinal de contas, piedade era um direito de Abbas, qualquer que fosse seu custo.

— Ouviu a história que corre pela aldeia? — perguntou o primeiro oficial.

— Sobre Abbas e seus pesadelos?

— Não, não. — O homem baixou a voz. — Sobre Altaïr.

— Altaïr? O quê?

— As pessoas estão contando que um velho Assassino salvou a vida de um comerciante lá no vale. Dizem que lutou com uma lâmina oculta.

O segundo oficial balançou a cabeça, com desdém.

— Boatos. Não acredito em uma só palavra deles.

— Verdade ou não, não diga nada a Abbas. Ele já está doente, paranoico.

— Se Altaïr estiver em algum lugar por aqui, temos de agir primeiro... procurá-lo e matá-lo como o velho desprezível que é. Ele só disseminará descontentamento como fez anteriormente, tornando cada homem responsável pelas suas decisões. Enfraquecendo a autoridade que tornou Abbas grande.

— Um punho de ferro. Isso todo mundo entende.

— Tem razão. Não há ordem sem controle.

Altaïr dedicou um tempo para avaliar a situação. Sabia que Cemal e Teragani estavam em algum lugar das sombras atrás dele. Aqueles dois oficiais pareciam ser tudo que se encontrava entre ele e o pátio interno, e sua conversa provara que estavam comprometidos com as doutrinas de Abbas — doutrinas que tinham muito mais a ver com o pensamento Templário do que com o dos verdadeiros Assassinos.

Ele tossiu, bem baixo, e avançou para o clarão.

Os dois oficiais viraram-se para ele.

— Quem é você?

— Dê o fora, velho, se sabe o que é bom para a sua vida.

O primeiro a falar riu de modo cruel.

— Por que não o abatemos ali mesmo onde está? Os porcos ficarão felizes com a refeição extra.

Altaïr não falou. Em vez disso, estendeu a mão esquerda, a palma na direção deles, de modo a poderem ver que ele não tinha o dedo anular.

Os dois recuaram, simultaneamente sacando as cimitarras.

— O usurpador voltou! — ladrou o segundo capitão.

— Quem poderia imaginar? Após tanto tempo.

— O que o traz de volta?

— Um cão retornando a seu vômito.

— Vocês falam demais — observou Altaïr. Com movimentos econômicos que um idoso precisa aprender, mas sem nenhuma lentidão de idoso, ele liberou a lâmina oculta, ao avançar e estocar, uma vez, duas vezes, com precisão mortal.

Seguiu na direção do portão do pátio interno, ainda atento, e sua cautela valeu a pena. Avistou um terceiro capitão parado ali e só teve tempo de se abaixar para ficar fora de vista antes que o homem pudesse notá-lo. Enquanto observava, ouviu um fraco chamado às suas costas e, da escuridão, surgiu um jovem Assassino que correu na direção do oficial. Ele cochichou algo em seu ouvido e os olhos do capitão arregalaram-se com surpresa e raiva. Claramente, os corpos dos Assassinos corruptos que Altaïr acabara de despachar tinham sido descobertos. Agora, sem dúvida, sua presença não era mais um segredo ali. Rapidamente, Altaïr trocou a lâmina oculta pela pistola acionada por mola que havia desenvolvido a partir de projetos, durante seus estudos no leste.

— Envie uma mensagem, urgente! — ordenou o capitão a seu jovem seguidor. Ergueu a voz. — Assassinos da Irmandade de Abbas! Venham a mim!

Altaïr parou, avaliando silenciosamente suas opções, quando, bem atrás dele, uma voz amistosa chamou:

— Mentor!

Virou-se e viu Cemal e Teragani. Com eles, havia meia dúzia de colegas Assassinos.

— Não conseguimos evitar a descoberta dos capitães que matou, dois dos mais cruéis do bando, que jamais teriam subido de posto sob o comando de qualquer um exceto Abbas — explicou Cemal rapidamente —, mas trouxemos reforços. E isso é apenas o começo.

— Bem-vindo. — Altaïr sorriu.

Cemal sorriu de volta. Atrás dele, os componentes do pequeno destacamento de Assassinos verdadeiros levantaram os capuzes, quase ao mesmo tempo.

— É melhor silenciá-lo — sugeriu Teragani, gesticulando com a cabeça na direção do terceiro capitão.

— Permitam-me — pediu Altaïr. — Preciso de exercício.

Ele avançou para enfrentar o oficial Assassino bandido. Àquela altura, diversos soldados colegas do renegado tinham vindo correndo em sua ajuda.

— Ele está aqui — berrou o capitão. — Matem-no! Matem todos os traidores!

— Pense antes de agir — sugeriu Altaïr. — Cada ação tem suas consequências.

— Seu miserável patético! Entregue-se ou morra!

— Você poderia ter sido poupado, amigo — declarou Altaïr quando seus partidários emergiram das sombras.

— Não sou seu amigo, velho — retrucou o capitão e correu para Altaïr, cortando com a espada em sua direção antes que o antigo Mentor parecesse totalmente pronto. Mas ele estava pronto. O conflito foi breve e sangrento. Ao final dele, o capitão e a maioria de seus homens estavam caídos mortos junto ao portão.

— Sigam-me para a Torre de Menagem — bradou Altaïr — e não derramem mais sangue, se conseguirem evitar. Lembrem-se do verdadeiro Código.

Na entrada para o pátio interno, encontrava-se outro capitão, suas roupas pretas e de um cinza-escuro, o emblema dos Assassinos em seu cinto brilhando à luz das tochas. Era um homem mais velho, provavelmente com cinquenta verões.

— Altaïr ibn-La'Ahad — disse ele com uma voz firme que não conhecia medo. — Duas décadas se passaram desde que nos vimos pela última vez no interior destes muros. Duas décadas, vejo, que foram mais bondosas para seu rosto do que para a nossa decrépita Ordem. — Fez uma pausa. — Abbas costumava nos contar histórias... Sobre o Altaïr, o arrogante. Altaïr, o enganador. Altaïr, o traidor. Mas nunca acreditei nessas histórias. E agora vejo aqui, diante de mim, Altaïr, o Mestre. E sou submisso.

Deu um passo adiante e estendeu a mão em sinal de amizade. Altaïr aceitou seu firme aperto, a mão agarrando o punho, em um cumprimento romano. Um certo número de guardas Assassinos, claramente seus homens, ficaram atrás dele.

— Poderemos usar sua sabedoria, grande Mestre. Agora, mais do que nunca. — Virou-se e dirigiu-se aos seus soldados. — Nosso Mentor voltou!

Os soldados embainharam as espadas que haviam sido sacadas e levantaram os capuzes. Unindo forças com o grupo de Assassinos leais a Altaïr, seguiram na direção da alta e escura Torre de Menagem de Masyaf.

56

Eles, porém, mal se encontravam nos limites do pátio interno, quando o próprio Abbas apareceu atrás de um destacamento de Assassinos bandidos. Abbas, ainda reconhecível, mas também um velho, com olhos afundados e faces ressequidas — um homem assombrado, amedrontado, coagido.

— Matem-no! — urrou Abbas. — Matem-no já!

Seus homens hesitaram.

— O que estão esperando? — berrou Abbas, a voz falhando com o esforço.

Mas os homens permaneceram paralisados com a indecisão, olhando uns para os outros e para os colegas que estavam contra eles.

— Seus idiotas! Ele os enfeitiçou!

Nada ainda. Abbas olhou para eles, cuspiu, e desapareceu no interior da Torre de Menagem.

Havia, porém, um impasse, Assassinos contra Assassinos. No tenso silêncio, Altaïr ergueu a mão esquerda — a que fora mutilada durante sua iniciação à Irmandade.

— Não há feitiço aqui — disse ele simplesmente. — Nem bruxaria. Façam o que manda sua consciência. Mas a morte já andou à espreita por muito tempo aqui. E temos inimigos *verdadeiros* demais... não podemos nos permitir nos voltar uns contra os *outros*.

Um dos defensores relutantes de Abbas tirou o capuz e deu um passo adiante, ajoelhando-se diante de Altaïr.

— Mentor — disse ela.

Rapidamente, outro juntou-se a ele.

— Bem-vindo ao lar — acrescentou.

Então um terceiro.

— Eu luto por você. Pela Ordem.

Os outros logo seguiram o exemplo dos três primeiros, saudando Altaïr como a um irmão havia muito tempo desaparecido, abraçando seus ex-oponentes, voltando a ser amigos. Somente um punhado continuou a lançar insultos, e recuou para a Menagem atrás de Abbas.

Altaïr, à frente de sua tropa, liderou o caminho para a própria Torre de Menagem. Pararam no grande salão, olhando acima para onde se encontrava Abbas no alto da escadaria principal. Estava ladeado por Assassinos canalhas, leais a ele, e arqueiros e lanceiros estavam enfileirados na galeria.

Altaïr olhou-os calmamente. Diante de seu olhar, os Assassinos bandidos hesitaram. Mas não cederam.

— Mande seus homens se entregarem, Abbas — ordenou ele.

— Nunca! Estou defendendo Masyaf! Você não faria o mesmo?

— Abbas, você corrompeu tudo que representamos e perdeu tudo que conseguimos. Tudo isso foi sacrificado no altar de seu próprio rancor.

— E você — disparou Abbas de volta —, você desperdiçou sua vida encarando essa maldita Maçã, sonhando apenas com a própria glória.

Altaïr deu um passo à frente. E, ao fazê-lo, dois dos arqueiros de Abbas adiantaram-se, ostentando as armas.

— Abbas... é verdade que aprendi muitas coisas com a Maçã. Sobre a vida e a morte, e sobre o passado e o futuro. — Fez uma pausa. — Lamento isso, meu antigo companheiro, mas vejo que não tenho outra escolha a não ser lhe demonstrar uma dessas coisas que aprendi. Percebo que nada mais irá detê-lo. E agora você nunca mudará para enxergar a luz que ainda está disponível a você.

— Matem os traidores! — gritou Abbas em resposta.— Matem cada um deles e joguem seus corpos no lixo!

Os homens de Abbas agitaram-se, mas ainda evitavam atacar. Altaïr sabia que agora não havia mais volta. Ergueu o braço da pistola, liberou o gatilho da arma e, quando ela saltou para sua mão, mirou e atirou no homem que, sete décadas antes, por um curto período, tinha sido seu melhor amigo. Abbas cambaleou diante do impacto da bala que o atingiu, um ar de descrença e surpresa nas feições mirradas. Ele arfou e se desequilibrou, estendendo a mão

desesperadamente atrás de apoio, mas ninguém foi em sua ajuda. Então caiu, estrondeando e rolando degrau por degrau da longa escadaria, até parar aos pés de Altaïr. Suas pernas tinham sido fraturadas na queda e se estendiam em ângulos estranhos de seu corpo.

Mas não estava morto. Ainda não. Conseguiu levantar-se, penosamente, a uma altura suficiente para manter a cabeça erguida e olhar Altaïr nos olhos.

— Nunca poderei perdoá-lo, Altaïr — conseguiu resmungar. — Por causa das mentiras que contou sobre minha família, meu pai. Pela humilhação que sofri.

Altaïr olhou para ele, mas havia apenas pesar em seus olhos.

— Não foram mentiras, Abbas. Eu tinha 10 anos quando seu pai foi ao meu quarto falar comigo. Ele estava chorando, pedindo que o perdoasse por ter traído a *minha* família. — Altaïr fez uma pausa. — Então ele cortou a própria garganta.

Abbas continuou focando nos olhos do inimigo, mas não falou. A dor em seu rosto era a de um homem confrontando uma verdade que não conseguia suportar.

— Eu observei a vida dele se esvair a meus pés — prosseguiu Altaïr. — Jamais esquecerei aquela imagem.

Abbas gemeu de agonia.

— Não!

— Mas ele não foi covarde, Abbas. Ele reivindicou sua honra.

Abbas sabia que não lhe restava muito tempo de vida. A luz de seus olhos já estava se apagando, quando ele disse:

— Espero que haja outra vida depois desta. Pelo menos nela eu o verei e saberei a verdade sobre seus últimos dias...

Ele tossiu, o movimento atormentando seu corpo e, quando sua respiração voltou e se esforçou para falar, já estava agonizando. Mas, ao reencontrar a voz, ela estava firme e sem arrependimento.

— E, quando chegar sua hora, ó Altaïr, então, então nós encontraremos você. E aí não haverá dúvidas.

Abbas desabou e seu corpo ficou estatelado no chão de pedra.

Altaïr ficou parado diante dele no silêncio que os envolvia, a cabeça abaixada. Não havia qualquer movimento, a não ser o das sombras agitadas pelas tochas tremeluzentes.

57

Quando Ezio voltou a si, temia que já tivesse amanhecido, mas viu apenas as mais pálidas sombras vermelhas no céu a leste, e o sol ainda nem sequer havia rompido as baixas montanhas marrons da Ásia, que ficavam à distância, além da cidade.

Exausto, esgotado pela experiência, foi primeiro ao quartel-general dos Assassinos para deixar a chave sob a proteção de Azize. Depois, com as pernas doendo, seguiu quase instintivamente para a loja de Sofia. Ainda era cedo, mas tocou a sineta até que ela acordasse em seu apartamento na parte de cima. Esperava que ficasse feliz em vê-lo — ou, pelo menos, ver a nova adição à sua livraria —, mas estava, honestamente, cansado demais para se importar se ela ficaria emocionada ou não. Queria apenas deitar e dormir. Mais tarde, teria um encontro com Yusuf no Mercado de Especiarias, e precisava estar recuperado para isso.

Também estava impaciente por notícias de seu navio, o tal que o levaria a Mersin, de onde viajaria para norte, para a Capadócia. E essa viagem exigiria toda a força que pudesse reunir.

O Mercado de Especiarias já estava lotado quando Ezio chegou, embora tivesse se contentado com meras duas horas de descanso. Forçou caminho por entre as pessoas que se movimentavam confusamente em volta das barracas até que, a alguns metros adiante, viu um ladrão no ato de agarrar um grande e rijo saco de especiarias e, na fuga, dar no comerciante ancião que tentava impedi-lo um

violento empurrão.

Por sorte, o ladrão correu na direção de Ezio, ziguezagueando pela aglomeração com extraordinária agilidade. Ao ficar diante de Ezio, o Assassino habilmente fez com que ele tropeçasse usando a lâmina gancho. O ladrão largou o saco ao cair, e ergueu a vista para Ezio, mas um olhar de seu atacante fez com que ele abandonasse qualquer ideia de retaliação e, levantando-se, sumiu na multidão tão depressa quanto um rato em seu buraco.

— Obrigado, *efendim* — disse o agradecido comerciante quando Ezio lhe devolveu o saco. — Açafrão. Você me poupou de uma grande perda. Talvez queira aceitar um...?

Mas Ezio avistara Yusuf na multidão e, após balançar a cabeça e sorrir brevemente para o comerciante, foi se encontrar com seu tenente.

— Alguma novidade? — perguntou, ao alcançá-lo.

— Soubemos... muito discretamente... que seu navio está prestes a zarpar — informou Yusuf. — Eu não sabia que planejava nos deixar.

— Nada que eu faço é segredo? — retrucou Ezio, rindo ligeiramente, mas feliz em saber que Suleiman mantivera sua palavra.

— Os espiões do jovem príncipe são quase tão bons quanto os nossos — rebateu Yusuf. — Creio que ele mandou me avisar porque sabia que você, por outro lado, estava... ocupado.

Ezio pensou nas duas horas que havia passado com Sofia e ficou feliz por ter conseguido fazer isso, já que agora não sabia quando voltaria a vê-la — ou *se* voltaria a vê-la. E ele ainda não ousara lhe falar dos sentimentos que cresciam dentro dele e que não mais poderiam ser negados. Estaria de fato sua longa espera por amor finalmente chegando ao fim? Se estivesse, com certeza teria valido a pena.

Mas ele tinha agora outras coisas, mais imediatas, em mente.

— Tínhamos esperança de que sua lâmina oculta quebrada já tivesse sido consertada — prosseguiu Yusuf. — Mas o único armeiro habilidoso o bastante para executar o serviço está em Salônica e só voltará no próximo mês.

— Guarde a lâmina e, depois que for consertada, acrescente-a ao seu próprio arsenal — disse Ezio —, em troca da minha lâmina gancho. É uma permuta mais do que justa.

— Alegro-me por ter apreciado suas qualidades. Vi o modo como lidou com

aquele ladrão e acho que se tornou mais do que um perito no uso da lâmina.

— Eu não poderia ter feito aquilo sem ela.

Os dois homens sorriram um para o outro, então a expressão de Ezio tornou-se séria.

— Espero, por outro lado, que minha almejada viagem não seja do conhecimento comum.

Yusuf soltou uma pequena gargalhada.

— Não se preocupe, irmão. O capitão do seu navio é um amigo e já conhece você.

— E quem é?

— Piri Reis. Você é respeitado. — Yusuf fez uma pausa, dessa vez preocupado. — Mas nenhum de vocês vai a qualquer lugar agora.

— Como assim?

— Os janízaros ergueram a corrente na entrada do Corno de Ouro, e ordenaram um bloqueio total até você ser apanhado. — Yusuf parou novamente. — Até a corrente ser abaixada, nada navega para entrar ou sair.

Ezio sentiu-se meio orgulhoso.

— Quer dizer que ergueram a corrente por minha causa?

Yusuf achou divertido.

— Vamos festejar isso depois. Venha... tenho uma coisa para você.

Conduzindo Ezio a um discreto recanto, retirou uma bomba e entregou-a cuidadosamente a ele.

— Trate isso com respeito. Ela é cinquenta vezes mais potente do que nossas bombas normais.

— Obrigado. Mas é melhor juntar seu pessoal. Isso vai atrair alguma atenção.

— Aqui estão mais duas bombas de fumaça. Pode ser que também as ache úteis.

— *Bene*. Eu sei o que fazer.

— Tenho certeza. O suspense é palpável — brincou Yusuf.

— Vou atacar a torre na margem sul. É mais perto.

— Eu o encontrarei no cais e lhe apontarei seu navio. *Sinav icin iyi sanslar!*

Ezio sorriu.

— Boa sorte para você também, meu amigo.

Yusuf estava para partir quando Ezio o deteve.

— Yusuf, espere. *Un favore*.

— Sim?

— Há uma mulher que tem uma livraria no antigo posto comercial dos Polo... Sofia. Cuide dela. É uma mulher notável.

Yusuf deu-lhe um olhar mordaz, então falou seriamente:

— Você tem minha palavra.

— Obrigado. E agora... temos trabalho a fazer.

— Quanto mais cedo, melhor.

Colocando a bomba cuidadosamente em sua bolsa lateral, e pendurando as bombas de fumaça no cinto, Ezio trocou a lâmina oculta da mão esquerda pela pistola e, imediatamente, seguiu depressa para o norte em direção à torre oposta à de Gálata do lado sul do Corno de Ouro. A grande corrente estava suspensa entre as duas margens.

Ali Yusuf se juntou a ele.

— Meus arqueiros estão posicionados. Eles protegerão sua fuga — informou. — Agora... olhe... ali, no ancoradouro externo. O sambuco vermelho com a vela branca recolhida e o estandarte prateado? Aquele é o navio de Piri. A tripulação a postos. Ele está à sua espera.

A torre era cercada por bastiões. Havia pequenas torres de observação nas extremidades oriental e ocidental deles. De seus cumes, cordas bem esticadas de transporte levavam para os molhes abaixo. Em um ponto mais afastado de um deles, Ezio notou que havia uma plataforma para armamentos. Uma enorme *squitatoria,* um lança-chamas de fogo grego, estava aparelhada, aquecida e pronta para a ação, manejada por um grupo de três homens. Em volta da própria torre havia diversos guardas otomanos. Ezio teria de liquidar todos eles antes de conseguir colocar a bomba, e agradeceu silenciosamente a Yusuf pelas granadas de fumaça. Não havia onde se esconder, portanto avançou rápida e corajosamente para um ataque frontal.

Tão logo os guardas o viram, ergueu-se a algazarra e formou-se uma multidão para se abater sobre ele. Ezio ficou parado, esperando que se aproximassem, mas cobriu o nariz e a boca com um lenço e puxou o capuz para cima dos olhos.

Assim que estavam ao alcance, puxou os pinos de ambas as granadas e as

jogou à direita e à esquerda em meio aos guardas. Detonaram instantaneamente, e uma densa fumaça cinzenta elevou-se, envolvendo imediatamente os guardas. Mergulhando na confusão, Ezio, com os olhos apertados contra os vapores ácidos, sacou a cimitarra e com ela golpeou os soldados indefesos, enquanto estes cambaleavam, desorientados pela inesperada neblina que subitamente os cercou. Ele teve de agir rápido, pois a leve brisa que soprava do Bósforo em breve dispersaria a fumaça, mas conseguiu, e colocou a bomba em uma beirada na base da torre, logo abaixo dos primeiros elos imensos da corrente, que se elevava acima de sua cabeça para a sala do cabrestante lá dentro. Então deu uns bons passos para trás na direção da beira da água e, dali, liberou a pistola e atirou na bomba, acendendo-a, e, instantaneamente, mergulhou, para se proteger, atrás de um enorme poste de amarração de ferro do cais.

A explosão foi imensa. Sujeira e pedras foram lançadas para todos os lados quando a corrente colossal se rompeu, libertando-se da torre e chicoteando por cima da cabeça de Ezio para dentro da água, quebrando mastros de navios durante a passagem. Enquanto observava, a própria torre deslocou-se em sua base. Ela voltou a se deslocar, aparentemente para se assentar, mas então implodiu, desabando em uma massa de tijolos quebrados e pó.

Momentos depois, um pelotão de janízaros entrou correndo na praça, seguindo direto para Ezio, que agora estava sem proteção. Desviando-se, passou correndo por eles e usou a lâmina gancho para escalar a torre de observação oriental, derrubando o guarda que estava em seu topo ao chegar lá, e enganchando-se na corda que levava para o molhe no qual estava colocada a *squitatoria*. Ao se preparar para deslizar, viu os janízaros encaixando flechas em seus arcos. Antes que tivessem tempo de mirar e disparar, foram interrompidos por uma chuva de flechas que caiu sobre eles de arcos dos Assassinos. Mais Assassinos correram para a área em volta da torre desabada, saltando agilmente por cima dos escombros para enfrentar os janízaros que haviam sobrevivido à investida violenta.

Entre eles estava Yusuf. Olhando para cima, ele gritou para Ezio:

— Lembre-se... o sambuco vermelho! E os navios entre você e ele estão armados... se puderem, impedirão sua viagem.

— Eu cuidarei deles — gritou de volta Ezio, sombriamente.

— E nós vamos liberar as docas!

Ezio deixou que a corda aguentasse seu peso pendurado na lâmina gancho e deu um impulso para longe da torre de observação, zunindo abaixo para a plataforma do lança-chamas, e saltou para fora no momento exato antes de alcançá-la. Jogou-se para cima do membro da equipe mais próximo, que se preparava para virar sua arma para os Assassinos que lutavam junto à torre. O primeiro, ele derrubou na água, onde o sujeito foi esmagado entre os cascos de duas barcaças ancoradas que se deslocavam com as ondas. E despachou os outros rapidamente com a lâmina gancho.

Examinou o lança-chamas, inteirando-se rapidamente de seu mecanismo. A arma estava sobre uma base giratória operada por uma manivela do lado esquerdo. O próprio canhão era feito de latão, a boca na forma de cabeça de leão, da qual se projetava ligeiramente o tubo de bronze de seu interior. Na sua extremidade, havia uma pederneira que era chispada por um mecanismo de gatilho que libertava o vapor de óleo pressurizado que era lançado do tanque aquecido existente na base da arma.

Ele ouviu uma voz, vindo em sua direção, da confusão perto da torre destruída. Era Yusuf.

— Isso mesmo! Atinja os navios com o fogo grego — gritava. — Gosto do modo como você pensa, Ezio!

Do outro lado do Corno, na margem norte, a Guarda Otomana trazia dois canhões, que apontou para os Assassinos que lutavam perto de Ezio. Logo depois, enquanto girava a manivela do lança-chamas e o apontava para os navios mais próximos, Ezio viu as colunas de fumaça nas bocas dos canhões, em seguida ouviu o *buum* de suas detonações. A primeira bala caiu na água perto de onde ele estava, mas a segunda arrebentou o molhe, fazendo com que este balançasse perigosamente.

Mas ele não desmoronou.

Ezio firmou-se e apertou o gatilho. Com um forte rugido, uma comprida língua de fogo foi lançada adiante instantaneamente, e seguiu pelas vergas e conveses dos três navios que estavam entre ele e o sambuco de Piri. O fogo espalhou-se em um instante. Ezio continuou apertando o gatilho até todo o óleo no tanque ser usado, então abandonou a arma, saltou sobre uma das barcas que passavam por baixo do molhe, correu pela sua extensão e deu um salto para se agarrar na amurada do primeiro navio em chamas, tomando impulso com a

lâmina gancho para pousar no convés e ali conseguiu se livrar de dois marinheiros desesperados que vieram em sua direção armados com malaguetas. Escalou o mastro de proa saindo do convés em chamas e chegou bem a tempo de deslizar para baixo por uma verga e se lançar dela para o segundo navio enfileirado antes que o mastro atrás dele estalasse no fogo e desabasse em um caos de chamas sobre o convés do navio que ele acabara de deixar.

O segundo navio também queimava com fúria e começava a afundar pelo lado da popa. Ezio correu em direção à proa, empurrando para os lados um punhado de marinheiros em pânico, e seguiu ao longo de seu gurupés para saltar dali para o terceiro navio, menos danificado do que os outros dois, onde a tripulação se preparava para virar o canhão para o sambuco vermelho, agora a apenas vinte metros de distância. Para seu sobressalto, viu Piri dar ordens de zarpar. Seus marinheiros baixavam nervosamente as velas para captar o vento e sair da área de tiro.

Ezio ergueu a voz e gritou por ajuda da Irmandade. Quando olhou em volta, viu que vários de seus colegas Assassinos haviam seguido sua perigosa rota e estavam logo atrás dele, prontos para atacar. Iniciaram o ataque às equipes encarregadas dos canhões e seguiu-se um combate violento e sangrento, que deixou vários Assassinos e todos os marinheiros do navio de bloqueio mortos. No sambuco vermelho, Piri tinha erguido o braço para deter as operações e gritava para Ezio se apressar, embora sua voz se perdesse no tumulto em volta do canhão.

Finalmente, Ezio foi para a amurada do navio de bloqueio. Usou sua besta para disparar uma corda para o sambuco, que foi presa pela tripulação de Piri, e deslizou por ela acima da água revolta. Atrás dele, os Assassinos sobreviventes acenaram, se despedindo, antes de seguirem para os botes dos navios condenados e partirem para a praia.

Ezio os saudou de volta, recuperando o fôlego e respirando com alguma dificuldade. Flexionou as juntas, que estavam um pouco emperradas. Então foi cercado por um punhado de homens de Piri, que foram examiná-lo atrás de ferimentos e o conduziram à casa do leme, onde Piri estava diante da vela do traquete agora totalmente enfunada.

— Você demorou demais — disse Piri Reis, com um largo sorriso que não deixava de ter um misto de preocupação.

— Sim. Desculpe o atraso.

Os homens de proa já içavam a âncora e, momentos depois, o sambuco colhia o vento e seguia seu caminho, devagar mas desimpedido, passando por filas de navios de bloqueio em chamas. O vento que os levava adiante também providenciara para que o incêndio iniciado por Ezio se espalhasse, e eles estavam ancorados muito perto uns dos outros para que pudessem se livrar.

— Felizmente eu estava em direção contrária ao vento daqueles navios — comentou Piri. — Mas espero que você tenha notado isso desde o início.

— Claro — disse Ezio.

— Bem — observou Piri, enquanto o sambuco vermelho deixava o Corno e entrava no Bósforo, seguindo um curso na direção sul. — Esta deverá ser uma viagem interessante.

Parte Dois

E o que ouvi recordou-me de quando
Ouvimos um coro, entoado pelo canto de órgão —
Em ocasiões, as palavras são claras,
Em outras, elas se perdem.

— Dante, *Purgatório*

58

Em Mersin, Ezio despediu-se do almirante turco. O sol cintilava no mar.

— Que Alá o proteja, meu amigo — desejou o marinheiro.

— Eu agradeço, Piri Reis.

— Esperarei o seu retorno aqui. Mas não posso ficar eternamente.

— Eu sei.

— Não levará alguns dos meus homens com você?

— Não... é melhor que eu viaje sozinho.

— Então pelo menos deixe que providencie um cavalo para você. Viajará mais depressa e com mais segurança.

— Eu ficaria grato por isso.

— Você é um homem corajoso, Ezio Auditore, e um digno seguidor do grande Mentor, Altaïr.

— Você me honra demais. — Ezio olhou para a parte afastada da costa, o rosto imóvel. — Se eu não voltar no espaço de duas luas...

Piri Reis assentiu gravemente.

— Vá com qualquer que seja o deus que o guia — disse ele, ao se apertarem as mãos em despedida.

A viagem de duas semanas foi seguida por uma jornada mais longa de duas semanas para o norte, primeiro através das montanhas Taurus, depois, após interromper a jornada em Nigde, entre os limites das montanhas Taurus e do monte Melendiz, e para norte novamente através das baixas montanhas marrons

para Derinkuyu, onde Ezio sabia que o exército rebelde de Manuel Palaiologos estava se concentrando.

Interrompeu novamente a viagem na pequena e desagradável aldeia de Nadarim, que dava vista para a cidade que era seu objetivo. A sujeira do lugar contrastava com a beleza da região campestre na qual estava situada. Havia poucas pessoas nas ruas pouco antes do amanhecer, e elas olharam cautelosamente para Ezio, enquanto ele cavalgava pela praça central, que tinha uma igreja em um dos lados.

Não havia sinal de qualquer atividade militar, e Ezio, após ter colocado seu cavalo em um estábulo, decidiu escalar o campanário da igreja, para ter uma visão melhor da própria Derinkuyu.

Com olhos de águia, observou atentamente a cidade não muito distante, através do céu que se iluminava, vasculhando as edificações baixas e algumas pontas de torres de igreja perfurando seu contorno. Não havia, porém, nenhum sinal óbvio de qualquer guarnição por lá.

Mas, como ele sabia, podia haver um motivo para isso.

Desceu outra vez. A praça estava deserta, e Ezio ficou imediatamente alerta. Sua intenção era continuar cavalgando, mas agora se perguntava se seria seguro ir buscar o cavalo. Sua desconfiança aumentou quando viu uma figura espreitando nas sombras dos descuidados muros da igreja. Decidiu se aproximar.

Ao fazê-lo, a figura girou para encará-lo, brandindo uma adaga. Era uma jovem. Dura, rija, de pele olivácea. Quase selvagem.

— Não tão perto, *adi herif*! — rosnou ela.

Ezio ergueu as mãos.

— Quem você está chamando de porco? — perguntou calmamente. Ele viu a dúvida tremular em seus olhos.

— Quem é você? Um da escória de Manuel?

— Calma agora. Tarik me mandou.

A garota hesitou, então baixou a lâmina.

— Quem é você?

— Auditore, Ezio.

Ela descontraiu um pouco mais.

— Recebemos notícia do jovem príncipe — disse ela. — Sou Dilara, a principal agente de Tarik aqui. Por que só mandaram você? Por que não mais?

Não receberam meus relatórios em Kostantiniyye?

— Eu sou o suficiente. — Ezio olhou em volta. — Onde está seu pessoal?

Dilara cuspiu.

— Capturado pelos bizantinos uma semana atrás. Eu estava vestida para parecer uma escrava e consegui escapar. Mas os outros... — sua voz morreu e ela balançou a cabeça. Então disparou um olhar para Ezio.

— Você é um guerreiro capaz?

— Gosto de pensar que sim.

— Quando se decidir, venha me encontrar. Ali, na cidade. Estarei esperando perto do portão oeste para a cidade subterrânea.

Lampejou os dentes para ele e se foi, veloz como um lagarto.

59

Ezio equipou-se com a pistola no punho esquerdo, a lâmina oculta no direito e um reforço de bombas de fumaça presas ao cinto. Guardou a lâmina gancho na bolsa.

Encontrou Dilara duas horas depois esperando no local indicado. O portão que havia mencionado era amplo, de ferro e estava fechado.

Ela o cumprimentou rudemente e começou sem qualquer introdução.

— Os bizantinos levaram meus homens para esse sistema de cavernas alguns dias atrás. Pelo que posso garantir, este portão é o menos protegido de todos. De vez em quando, os soldados transportam lixo por aqui, mas fica deserto a maior parte do tempo.

— Então... entramos, libertamos seus homens e depois os conduzimos para cá?

— Exatamente...

Ezio experimentou a porta. Não cedeu. Virou-se para Dilara com um sorriso de decepção, sentindo-se constrangido.

— Eu ia dizer, depois que o destrancássemos por dentro — concluiu Dilara secamente.

— Claro.

— Venha comigo.

Ela mostrou o caminho até o local onde avistaram outro portão, maior, feito de uma imensa pedra circular que podia ser rolada sobre um trilho de pedra para abrir e fechar. Ele foi aberto, enquanto os dois observavam. Soldados emergiram e formaram fileiras antes de saírem marchando em patrulha.

— A entrada principal é ali, no pé daquela colina. Mas é bem vigiada.

— Espere aqui — pediu Ezio.

— Aonde você vai?

— Preciso ter uma noção do lugar.

— Vai precisar de um guia.

— Por quê?

— É um lugar superpovoado. Está vendo aquelas torres?

— Estou.

— Colunas de ventilação. E condutores de água. Existem 11 níveis da cidade e eles descem cerca de cem metros.

— Eu me arranjo.

— Você é um homem arrogante.

— Não. Sou cauteloso. E não estou despreparado. Sei que este lugar foi feito pelos frígios 1.500 anos atrás, e conheço um pouco de sua geografia.

— Então sabe também o que há aqui embaixo: um sistema de rios subterrâneos bem no fundo, e, acima dele, em outros dez andares, igrejas, escolas, lojas, estábulos e até mesmo um espaço para cinquenta mil pessoas.

— De fato, grande o bastante para ocultar uma guarnição.

Dilara olhou para ele.

— Você precisará de um guia — repetiu.

— Preciso de alguém aqui.

— Então vá com Deus — disse ela. — Mas seja rápido. Assim que todas as patrulhas saírem, vão rolar de volta o portão para fechá-lo. Com sorte, você conseguirá entrar com as carroças de suprimentos ali. Esperarei perto do portão oeste.

Ezio confirmou com a cabeça e silenciosamente despediu-se.

Misturou-se com o povo bizantino local, que não parecia nada feliz com a nova presença militar em seu meio. Ele conseguiu passar pelo portão sem dificuldade, caminhando ao lado de um carro de bois.

As tochas acesas do interior iluminavam as paredes bege-amareladas de macia rocha vulcânica, manchadas com a fuligem de eras, mas, mesmo assim, o ar era fresco. As ruas — se quiserem chamar assim os amplos corredores encardidos — fervilhavam com soldados e cidadãos acotovelando-se uns aos

outros enquanto tratavam de suas vidas. Ezio caminhou entre eles, entrando cada vez mais no interior da cidade subterrânea.

Finalmente, no segundo nível abaixo do solo, chegou a um espaçoso salão com teto de abóbada semicilíndrica, decorada com afrescos desbotados. Seguiu por uma das galerias e olhou abaixo para as figuras no aposento principal a seis metros abaixo dele. A acústica era boa, e conseguia ouvir com facilidade o que os dois homens diziam um ao outro. Ele os reconhecera imediatamente: a figura corpulenta de Manuel Palaiologos, e a esquelética de Shahkulu. Perto deles, um grupo de guardas permanecia em posição de sentido. Ezio notou um largo túnel que levava na direção ocidental — possivelmente uma rota para o portão oeste que Dilara lhe mostrara mais cedo.

— Quanto tempo vai levar para que meus soldados sejam treinados para usar essas armas? — perguntava Manuel.

— No máximo algumas semanas — respondeu o sombrio turcomano.

Manuel pareceu pensativo.

— A essa altura, a força principal janízara já deve saber que eu a traí. Mas eles têm os recursos para desforra?

— É duvidoso. A guerra do sultão com Selim concentra a maior parte da atenção deles.

Manuel começou a rir, mas sua risada rapidamente tornou-se tosse e engasgo.

— Ah! — arfou. — Que diabos é esse cheiro? Os ventiladores foram bloqueados?

— Minhas desculpas, Manuel. Talvez o vento tenha mudado. Alguns dos prisioneiros otomanos que fizemos há mais ou menos uma semana se revelaram... muito frágeis. Tivemos que colocá-los em algum lugar depois que sofreram um infeliz... acidente.

Manuel quase se divertiu com isso, mas também ficou preocupado.

— Shahkulu, tente moderar sua raiva. Sei que o sultão humilhou seu povo. Mas não há necessidade de cuspir nos homens que estão abaixo de nós.

— Humilhou meu povo? — berrou Shahkulu. — Ele tentou nos esmagar como se fôssemos uma porção de baratas! Foi por isso que fiquei do lado de Ismail da Pérsia e adotei o nome de “Shahkulu”... servo do xá. Com esse nome, levo a melhor contra o que quer que os seljúcidas tentem lançar contra o povo

turcomano, e aqueles de nós que seguem os safávidas e a lei dos xiitas.

— Claro, claro... mas, mesmo assim, livre-se das provas — sugeriu Manuel ao sair com um lenço perfumado pressionado contra o nariz.

Shahkulu, taciturno, observou-o ir embora, depois estalou os dedos para os guarda-costas restantes.

— Vocês três... recolham os cadáveres e joguem-nos lá fora, no monturo ocidental.

O sargento da guarda pareceu nervoso.

— Shahkulu, não tenho a chave do portão oeste — gaguejou.

Shahkulu teve uma explosão de raiva.

— Então procure-a, idiota! — urrou, saindo apressado.

Deixados a sós, os guardas se entreolharam.

— Quem tem a chave? Alguma ideia? — perguntou o sargento, irritadamente. Ele não gostou de ser chamado de idiota diante de seus homens, e também não gostou das risadinhas deles.

— Acho que Nikolos tem a chave — disse um. — Ele hoje está de folga.

— Então deve estar no mercado, no Nível Três — completou outro soldado.

— Sem dúvida, enchendo a cara — lamentou-se o primeiro. — *Hristé mou!* Eu gostaria de atravessar Shahkulu com uma lança!

— Ei, ei! — alertou severamente o sargento. — Guarde isso para si mesmo, *edáxi*?

Ezio mal conseguiu ouvir as últimas palavras. Ele já estava a caminho do mercado, um andar abaixo.

60

Fora o fato de seu salão ser bem debaixo da terra, o mercado era igual a qualquer outro — barracas vendendo carne, legumes, especiarias —, cujos odores estavam por toda parte, muito mais densos do que se estivessem ao ar livre — roupas, calçados, o que quer que as pessoas necessitassem. E havia pequenas tabernas e lojas de vinho. Perto de uma delas, em um espaço aberto, havia começado uma briga de bêbados —evidentemente por causa de uma prostituta de pele clara. Uma mulher ossuda e mais velha, que estava sentada elegantemente a uma das mesas da loja de vinho, nitidamente se divertia com o espetáculo.

Um círculo havia se formado em volta dos dois homens, que trocavam socos, enquanto os espectadores os instigavam com gritos roucos. Ezio ficou próximo, mas do lado de fora.

— Dê-lhe um!

— Acerte nele!

— Mate o safado!

— Isso é tudo que você consegue?

— Sangue! Sangue!

— Mutile-o!

Entre os espectadores, a maioria tão embriagada quanto os brigões, estava um soldado gordo, com rosto vermelho, barba desgrenhada e queixo recuado, segurando um odre de vinho e rugindo com o resto. Ezio já havia notado a carteira de couro com o fecho aberto em seu cinto, e conseguia perceber o volume de uma grande chave de ferro salientando-se dela. Olhou e viu os três guardas do salão pintado se aproximando pelo lado mais distante do mercado.

Não havia tempo a perder. Deslizou por trás do soldado gordo e arrancou a chave da carteira no exato momento em que seus colegas chamaram seu nome.

Nikolos teria muita explicação para dar, pensou Ezio, ao percorrer o caminho de volta para o Segundo Nível, e para o túnel do qual emanava o fedor — o túnel, adivinhou, que o levava ao portão oeste.

61

— Você demorou — reclamou Dilara, em um áspero sussurro, quando Ezio destrancou o portão oeste por dentro e a deixou entrar.

— De nada — murmurou Ezio, severamente.

Dilara então fez exatamente o que Ezio esperava: colocou a mão no rosto.

— *Aman Allahim!* O que é isso?

Ezio recuou e apontou para uma pilha de cadáveres, amontoados em um largo nicho logo depois da entrada.

— Nem todos foram feitos prisioneiros.

Dilara correu na direção do amontoado, então parou mais adiante e olhou.

— Pobres homens! Que Deus os tenha! — Seus ombros afundaram com seu ânimo. Ela pareceu um pouco mais humana por baixo da fachada feroz que mantinha. — Eu sei que foi Shahkulu, aquele turcomano renegado, que fez isso — continuou.

Ezio confirmou com a cabeça.

— Vou matá-lo!

Ela saiu correndo.

— Espere! — gritou Ezio atrás de Dilara, mas era tarde demais. Ela já tinha sumido.

Ezio saiu atrás e a encontrou, finalmente, em um local isolado que dava vista para uma pequena praça pública. Aproximou-se com cautela. Ela estava de costas e observava algo que acontecia na praça, ainda invisível para ele.

— Você não é muita boa em cooperação — comentou ele, ao se aproximar.

Ela não se virou.

— Estou aqui para salvar o que restou dos meus homens — falou friamente. — E não para fazer amigos.

— Não é preciso fazer amigos para cooperar — retrucou Ezio, chegando mais perto. — Mas ajudaria bastante saber onde seus homens estão, e posso ajudá-la a encontrá-los.

Foi interrompido por um grito aflito e apressou-se para junto da espiã turca. Seu rosto tinha enrijecido.

— Bem ali — apontou ela.

Ezio seguiu a direção do dedo e viu, na praça, vários prisioneiros otomanos sentados no chão com as mãos amarradas. Enquanto observavam, um deles foi jogado no chão por guardas bizantinos. Perto dali havia um patíbulo improvisado, e dele outro otomano estava pendurado pelos pulsos, com os braços amarrados às costas. Próximo a ele, estava Shahkulu, imediatamente reconhecido apesar da máscara de carrasco que usava. O homem gritava, enquanto Shahkulu desferia soco após soco em seu corpo.

— É Janos — disse Dilara para Ezio, finalmente virando-se para ele. — Precisamos ajudá-lo.

Ezio observou atentamente o que estava acontecendo.

— Tenho uma pistola, mas não posso usá-la — disse. — A armadura que ele usa é grossa demais para balas. — Fez uma pausa. — Vou ter de chegar mais perto.

— O tempo é curto. Isso não é um interrogatório. Shahkulu está torturando Janos até a morte. Depois virá outro. E mais outro...

Ela tremia a cada golpe, a cada berro.

Eles podiam ouvir a gargalhada e o escárnio dos homens de Shahkulu.

— Creio que sei como podemos fazer isso — disse Ezio. Soltou uma granada do cinto. — Quando eu jogar isto, você dá a volta pela direita. Veja se consegue cortar as cordas de seus homens protegida pela fumaça desta bomba.

Ela assentiu.

— E Shahkulu?

— Deixe-o comigo.

— Apenas cuide de liquidar o rato.

Ezio puxou o pino da granada, esperou um instante a fumaça começar a sair e jogou na direção do patíbulo com cuidadosa pontaria. Os bizantinos pensavam

que tinham acabado com toda a oposição e não esperavam um ataque. Foram apanhados completamente de surpresa.

Na confusão, Ezio e Dilara saltaram o declive abaixo para a praça, separando-se para a esquerda e a direita. Ezio abateu com um tiro o primeiro guarda que foi para cima dele e esmagou a mandíbula de outro com a braçadeira do antebraço esquerdo. Então liberou a lâmina oculta e avançou rapidamente na direção de Shahkulu, que havia sacado uma pesada cimitarra e mantinha sua posição girando-a para a esquerda e a direita, sem saber de onde sairia o ataque. No momento em que sua atenção foi desviada, Ezio saltou para cima dele e enfiou a lâmina na parte de cima do peito entre a linha do queixo da máscara e a armadura. Sangue escuro borbulhou em volta de seu punho, enquanto mantinha a lâmina onde estava. Shahkulu caiu, e Ezio, que o segurava, caiu junto, acabando por se ajoelhar em cima do homem, cuja agitação estava perdendo a violência. Seus olhos se fecharam.

— Homens que têm o assassinato como fetiche não merecem piedade — declarou Ezio, os lábios juntos ao ouvido do sujeito.

Mas então os olhos de Shahkulu abriram-se repentinamente com um fitar louco, e um punho de ferro disparou para a garganta de Ezio, apertando-a com força. Shahkulu começou a gargalhar loucamente. Ao fazê-lo, o sangue passou a jorrar mais depressa do ferimento, e Ezio cravou a lâmina com mais força e a girou cruelmente. Com um último espasmo, Shahkulu empurrou Ezio de cima dele, mandando-o se estatelar no pó. Então suas costas se arquearam na agonia da morte, soou um chacoalhar em sua garganta e ele caiu para trás, inerte.

Ezio levantou-se e limpou a lâmina na capa de Shahkulu. Dilara já havia libertado alguns dos seus homens, e Ezio chegou a tempo de vê-la se jogar nas costas do último bizantino sobrevivente em fuga, derrubá-lo e talhar sua garganta com um único e hábil movimento. Ergueu-se da matança com um salto, pousando como um felino, e virou-se para os soldados resgatados.

Ezio deu um chute no corpo de Shahkulu, para ter certeza, dessa vez, de que estava morto. Dilara colocava seus homens de pé.

— Bendita seja, Dilara — desejou Janos, quando ela cortou sua corda.

— Consegue andar?

— Acho que sim.

Ezio aproximou-se.

— Foi seu o destacamento que trouxe as armas para Manuel?

Ela confirmou com a cabeça.

— Então elas precisam ser destruídas.

Ela confirmou novamente.

— A maioria delas, porém, não funciona. Mas a pólvora é bem verdadeira... não conseguimos forjar isso.

— *Bene* — disse Ezio. Olhou para os otomanos parados à sua volta. — Fiquem fora de vista até ouvirem as explosões, depois corram!

— Explosões? — indagou Dilara. — Se fizer isso, abrirá as portas do inferno. Vai deixar a cidade inteira em pânico.

— Estou contando com isso — rebateu Ezio. — As explosões destruirão o que existir de armas boas, e, quanto ao pânico, ele só vai nos ajudar.

Dilara pensou a respeito.

— Está bem. Levarei meus homens para um lugar seguro. Mas e você?

— Depois que as explosões cessarem, irei atrás de Manuel Palaiologos.

62

Havia grandes câmaras na cidade subterrânea — vastas cavernas feitas pelo homem onde a pólvora e os caixotes de armas para o exército de Manuel estavam guardados. Foram instalados sistemas de talhas com roldanas para transportar barris de pólvora por trilhas de cordas esticadas de um lugar para outro, e, enquanto observava de uma posição privilegiada em uma galeria que havia alcançado no Quinto Nível, Ezio avistou grupos de civis bizantinos envolvidos nessa atividade, sob o olhar atento dos soldados renegados de Manuel. Era uma oportunidade perfeita, e ele agradeceu a Deus pela segurança deles ser tão relaxada. Estavam obviamente confiantes de que não se encontravam sob ameaça de um ataque, e ele havia avançado rápido demais para ser alcançado pela notícia da descoberta dos corpos de Shahkulu e de seus comparsas torturadores.

Ele substituiu a lâmina oculta pela lâmina gancho e recarregou a pistola. Entrou no meio de um grupo de trabalhadores, e observou enquanto um barril era baixado de uma das cordas, entre dois conjuntos de talhas. Em volta deles, centenas de barris estavam empilhados uns sobre os outros e, ao longo das paredes, havia enfileiradas caixas de madeira contendo mosquetes.

— Devagar agora! Devagar! — gritava um supervisor. — Isso é pólvora, e não painço.

— Entendido! — retrucou um homem que operava um guincho.

Ezio inspecionou os arredores, planejando. Se conseguisse iniciar uma explosão de tal modo a criar uma reação em cadeia ao longo das três câmaras de armazenamento que sabia existirem...

Poderia funcionar.

Enquanto perambulava entre os salões, misturando-se com os trabalhadores, ouvia cuidadosamente suas conversas para avaliar o humor deles. Ao fazer isso, descobriu que nem todos os bizantinos eram vilões. Como sempre, apenas aqueles cujos egos eram grandes demais tinham grande fome de poder, eram os culpados pelo infortúnio de todos os demais.

— Podia ser pior, sabe — dizia uma mulher para um colega operário.

— Pior? Pior do que isto?

— É melhor o turbante do turco do que a tiara do papa. Pelo menos os otomanos têm algum respeito pela nossa igreja ortodoxa.

— Xiii! Se alguém ouvir você! — alertou outra mulher.

— Ela é maluca! — O homem virou-se para a primeira mulher. — Cuidado com o que fala!

— Está bem, sou maluca. E se vocês preferem trabalho forçado, vivendo no subterrâneo como uma toupeira, então está ótimo!

O homem pensou a respeito.

— Bem, certamente é verdade que não quero ir para a guerra. Quero apenas alimentar minha família.

Outro homem, um supervisor vestido com uniforme Templário, tinha ouvido isso, e acrescentou, de um modo não totalmente insensível:

— Ninguém deseja guerra, amigo... mas o que podemos fazer? Olhe para nós! Olhe como vivemos! Os turcos tiraram nossa terra. Acha que deveríamos aceitar simplesmente sem luta?

— Não, não — disse o primeiro homem que falou. — Eu apenas... Sei lá. Estou apenas cansado disso. Estamos todos tão cansados de lutar!

Amém a isso, pensou Ezio, ao deslizar entre fileiras de barris com seis metros de altura.

Assim que ficou sozinho, furou um barril ao nível do chão com a ponta de sua cimitarra e, após colher um pouco de pólvora em uma bolsa de couro, fez uma trilha entre as fileiras de barris até a entrada do segundo salão. Ali, fez a mesma coisa, e, no terceiro salão, até a trilha chegar à porta em arco que levava para fora. Então esperou pacientemente até todos os operários civis estarem fora de perigo por terem se recolhido para passar a noite.

Somente os guardas permaneceram.

Ezio cuidou para que sua retirada fosse segura, adotou uma posição a poucos

metros da saída, liberou a pistola e atirou no barril mais próximo. Então virou-se e correu.

As séries de explosões titânicas que se seguiram sacudiram as fundações da cidade subterrânea como um terremoto. Tetos se desintegravam e caíam atrás deles enquanto fugia. Por toda parte havia fumaça, pó, entulho e caos.

63

Ezio alcançou a grande câmara no Segundo Nível quase ao mesmo tempo que Manuel, que entrou aos tropeções, cercado de uma grande tropa da guarda de elite. Ezio escondeu-se atrás de uma pilastra, observou e esperou. Se pudesse, terminaria aquilo naquela mesma noite. Notou que Manuel segurava a chave sumida de Masyaf — a tal que os Templários haviam desenterrado debaixo do Palácio Topkapi. Se estava com ela, então o pretenso próximo imperador de Bizâncio devia estar planejando sua fuga.

— Que merda está acontecendo? — urrou Manuel, meio zangado, meio temeroso.

— Sabotagem, Manuel — respondeu um capitão Templário próximo a ele. — Você precisa se proteger.

Por essa ocasião, uma multidão de pessoas gritando, em pânico, tinha enchido a extremidade da câmara. Ezio viu quando Manuel enfiou a chave em uma mochila que estava pendurada em volta de sua corpulenta figura, e, com uma cotovelada, afastou o oficial Templário para o lado.

— Saia do meu caminho — vociferou.

Subiu com dificuldade em um pódio e se dirigiu à multidão, à qual Ezio se juntara, margeando-a, cada vez mais próximo de sua presa, enquanto Manuel falava.

— Cidadãos! — proclamou Manuel em voz alta. — Soldados! Fiquem tranquilos. Não cedam ao medo! Somos os verdadeiros pastores de Constantinopla. Somos os senhores desta terra. Somos bizantinos! — Fez uma pausa como efeito, mas, se esperava aplausos, não houve nenhum. Então foi

adiante. — *Kouráyo!* Tenham coragem! Permaneçam firmes! Não deixem que ninguém quebre seu...

Parou, ao notar que Ezio se aproximava. Algum sexto sentido deve ter disparado um alarme dentro dele, pois praguejou rispidamente para si, pulou agilmente do pódio e saiu correndo na direção de uma saída nos fundos do salão, gritando ao mesmo tempo para seus guarda-costas.

— Detenham esse homem! O homem alto com capuz pontudo! Liquidem-no!

Ezio abriu caminho através da multidão confusa e passou a perseguir Manuel, desviando-se e derrubando guardas Templários enquanto avançava. Finalmente viu-se livre deles e olhou de relance para trás. Os guardas estavam tão confusos quanto os habitantes, olhando em todas as direções, menos naquela em que ele tinha ido, gritando provocações, ladrando ordens e fugindo de um modo decisivo antes de se certificarem de que estavam bem. O próprio Manuel tinha fugido com muita pressa para que algum de seus homens tivesse tido tempo de segui-lo. Somente o olhar aguçado de Ezio não o tinha perdido de vista.

Para uma pessoa tão corpulenta, até que Manuel conseguia correr bem. Ezio seguiu por uma longa viela mal iluminada, parando apenas para dar uns olhares rápidos a fim de se assegurar de que sua presa não havia dobrado uma esquina. Vislumbrou a sua frente, à distância, um tremeluzente manto de seda apanhar uma tocha, quando Manuel escalou uma estreita escada de pedra talhada na rocha, que levava ao Primeiro Nível. O homem que queria ser rei procurava o meio mais rápido de sair, sua munição destruída e seu exército totalmente desmontado.

Ezio correu atrás dele.

Encurralou-o finalmente em uma casa vazia entalhada na rocha do Primeiro Nível. Manuel virou-se para encará-lo com um curioso sorriso brincando em seus lábios lascivos.

— Está aqui por causa da chave de Masyaf? — perguntou. — É por isso? Veio nos roubar dois anos de esforços e recuperar o que os Assassinos jogaram fora?

Ezio não respondeu, mas olhou-o cautelosamente. Não dava para saber que truques aquele homem ainda poderia ter escondido nas mangas.

— Você trava uma batalha perdida, Assassino! — continuou Manuel, apesar

de certo desespero se insinuar em sua voz. — Nosso número está crescendo, e nossa influência, se expandindo. Nós nos escondemos em plena vista!

Ezio aproximou-se um passo.

— Pare e pense por um momento — disse Manuel, erguendo a mão cheia de anéis. — Pense nas vidas que você interrompeu hoje... naquela anarquia que semeou aqui! Você! Você se aproveitou de um povo pobre e destituído, usando-nos para levar mais adiante sua própria missão presunçosa! Mas nós lutamos por dignidade, Assassino! Lutamos para devolver a paz a esta terra perturbada.

— Os Templários sempre se apressam em falar em paz — rebateu Ezio —, mas são lentos em conceder poder.

Manuel fez um gesto de repúdio.

— Isso é porque poder gera paz. Idiota! O contrário não acontece. Essas pessoas se afogariam sem uma mão firme para erguê-las e mantê-las na linha!

Ezio sorriu.

— E pensar que você é o monstro que vim aqui para matar.

Manuel olhou-o nos olhos, e Ezio teve a desconfortante impressão de que o homem estava resignado a seu destino. Havia uma curiosa dignidade naquela figura rechonchuda, de vestes afetadas, com suas joias brilhantes e o bigode maravilhosamente bem-cuidado. Ezio liberou a lâmina e a enfiou bem fundo no peito de Manuel, e descobriu-se ajudando o homem a baixar enquanto ele caía de joelhos. Mas Manuel não tombou. Apoiou-se nas costas de um banco de pedra e olhou calmamente para Ezio. Quando falou, sua voz soou exausta:

— Eu deveria ter sido o sucessor de Constantino. Eu tinha tantos planos. Sabe quanto tempo esperei?

— Seu sonho morre com você, Manuel. Seu império acabou.

Embora cheio de dor, Manuel conseguiu soar engraçado.

— Ah, mas não sou o único com essa visão, Assassino. O sonho de nossa Ordem é universal. Otomano, bizantino... são apenas rótulos, hábitos e fachadas. Por baixo desses ornamentos todos os Templários fazem parte da mesma família.

Ezio descobriu-se perdendo a paciência; estava ciente de que o tempo passava. Não tinha dado o fora dali, ainda.

— Basta de tagarelice. Estou aqui por causa da chave de Masyaf. — Curvou-se e pegou a bolsa que o Templário ainda mantinha em volta dos ombros. Manuel subitamente pareceu muito mais velho do que seus 58 anos.

— Pois pegue-a — disse com uma espécie de dolorido deleite. — Pegue-a e procure sua fortuna. Veja se consegue chegar a cem léguas do Arquivo de Masyaf antes que um de nós acabe com você.

Em seguida, seu corpo inteiro retesou-se, e ele estendeu os braços como se caminhasse durante o sono, antes de se arremessar adiante para uma escuridão sem dimensão e sem som.

Ezio olhou o corpo por um momento, ocupado com os próprios pensamentos, depois vasculhou rapidamente o interior da bolsa de Manuel. Não pegou nada, a não ser a chave, a qual transferiu para sua bolsa lateral, e deixou a de Manuel ao lado dele.

Então virou-se para ir embora.

64

Os níveis superiores da cidade subterrânea tinham sido fechados por soldados Templários e bizantinos leais a seus oficiais e incertos sobre o que poderia acontecer a seguir. Não demorou muito para o corpo de Manuel ser descoberto, e Ezio decidiu que seu melhor — e talvez único — meio de fuga seria pelo sistema de rios subterrâneos que ocupavam o Décimo Primeiro Nível do complexo.

Os níveis mais baixos de Derinkuyu eram como o inferno na terra. Fumaça e vapores enchiam as ruas subterrâneas, e haviam irrompido incêndios em bolsões tanto em cima quanto embaixo dos depósitos onde Ezio havia destruído as armas e o paiol de munição de Manuel. Tetos e paredes, que tinham desabado, bloqueavam muitas rotas, e Ezio tinha de fazer constantes desvios. Por várias vezes, ao passar por montes de escombros, pôde ver sobressaindo-se deles os membros das pessoas esmagadas pelo desabamento das construções de pedra. Tentou, mas não conseguiu, bloquear a mente para as consequências do que havia feito. Tanto soldados quanto cidadãos perambulavam por ali como em uma espécie de torpor, toalhas e lenços pressionados contra o rosto, os olhos lacrimejando. Ezio, por vezes ele próprio lutando para respirar, apressou-se obstinadamente para baixo, usando uma série de rampas, corredores e escadas cortados na rocha, até alcançar o nível mais baixo de todos.

Ali era mais claro, e o cheiro úmido de água em um espaço confinado começou a alcançá-lo assim que chegou ao Nono Nível.

Por causa do tumulto e da confusão causados pelas explosões, Ezio tinha conseguido atravessar a cidade sem ser incomodado, e agora estava parado

sozinho em um molhe junto a um lago artificial subterrâneo. Mais distante, no que imaginava que devia ser o sul, pois ali embaixo era difícil manter a orientação, avistou um reflexo de luz onde o rio que alimentava o lago conduzia dele novamente em direção ao ar livre. Era uma distância muito grande, e o tempo todo colina abaixo do local de Derinkuyu. Ezio não teve tempo de pensar a respeito, porque, partindo de outro molhe, talvez a uns seis metros de distância, viu uma balsa tripulada por meia dúzia de marinheiros bizantinos. Foi, porém, o passageiro quem de fato chamou a atenção de Ezio. Um elegante e barbado homem de pé no convés de ré.

O príncipe Ahmet Osman.

Ahmet também tinha visto Ezio, e direcionava seus remadores a seguirem em sua direção. Quando chegou perto o bastante para ser ouvido, falou ironicamente para o Assassino.

— Pobre Manuel. O último dos Palaiologos.

Por um momento, Ezio ficou surpreso demais para falar. Então disse:

— As notícias andam depressa.

— Os Assassinos não são os únicos que têm espiões. — Ahmet deu de ombros. — Mas eu não teria colocado Manuel como encarregado de nossa expedição a Masyaf. Era um homem arrogante. Impossível mantê-lo na linha.

— Você me decepciona, Ahmet. Por que os Templários?

— Bem, Ezio... ou deveria manter o fingimento e continuar a chamá-lo de Marcello? A questão é a seguinte: estou farto de todas as rixas sangrentas sem sentido que têm colocado pai contra filho e irmão contra irmão. Para conseguir a paz verdadeira, a humanidade precisa pensar e agir como um corpo com inteligência superior. — Fez uma pausa. — Os segredos do Grande Templo nos darão exatamente isso. E Altaïr nos levará a ele.

— Está iludindo a si mesmo! Os segredos de Altaïr não são para você! E nunca encontrará o Grande Templo.

— Veremos.

Ezio notou que Ahmet olhava para além dele e, virando-se, viu alguns soldados bizantinos dando a volta na direção do molhe onde ele estava.

— Em todo o caso, não estou interessado em discutir moral e ética com você, Assassino. Estou aqui pelas chaves de Masyaf.

Ezio sorriu sarcasticamente, pegou a chave que acabara de tomar de Manuel

e ergueu-a.

— Quer dizer que há mais do que esta aqui?

— Foi o que ouvi dizer — respondeu Ahmet educadamente. — Mas talvez eu deva perguntar a alguém que talvez esteja muito mais bem informado do que você. Sofia Sartor. Aprendi o nome direito?

Ezio ficou imediatamente perturbado, embora tentasse não demonstrar.

— Ela não sabe de nada! Deixe-a em paz!

Ahmed sorriu.

— Veremos.

Gesticulou para seus homens, que começaram a afastar a balsa.

— Eu o matarei se tocar nela.

— Sei que tentará, meu caro Ezio. Mas duvido que consiga. — Ergueu a voz, dirigindo-se aos homens na margem. — Matem-no agora e peguem a chave. Depois tragam-na imediatamente para mim.

— Não vai ficar para ver o espetáculo? — indagou Ezio friamente.

— Tenho muito respeito pela minha própria segurança — rebateu Ahmet. — Conheço sua reputação, e já vi hoje aqui um exemplo de seu trabalho. Como está encurralado, imagino que deva ser duplamente perigoso. Além disso, detesto violência.

A balsa se afastou, deixando que Ezio enfrentasse os soldados bizantinos que o alcançavam. Ele levou em conta suas opções.

Mas não havia opções.

Ele estava na extremidade do molhe, sem meios de recuar, e não havia nenhum modo de escapar nadando. Deviam ser vinte ou trinta. Alguns carregavam mosquetes que haviam escapado da destruição dos depósitos. O capitão do destacamento se aproximou.

— Entregue a chave, *kyrie* — disse ele com sarcasmo. — Não creio que tenha alguma escolha.

Os mosqueteiros que o ladeavam ergueram suas armas.

Ezio olhou-os. Desta vez, sabia que fora vencido. Tinha a pistola, capaz de, no máximo, dois tiros, a lâmina oculta e a cimitarra. Mas, mesmo sendo o mais veloz possível, os mosquetes enviariam suas balas através dele. Talvez atirassem de qualquer maneira; seria o modo mais simples de conseguir a chave. Talvez ele tivesse tempo de jogá-la dentro do lago, antes de cair.

Ezio podia apenas rezar para que Yusuf não tivesse deixado que as outras quatro chaves caíssem nas mãos dos Templários e que Sofia tivesse sido poupada de uma tortura inútil, pois, para sua própria segurança, ele a mantivera ignorante do paradeiro delas.

Mas, claramente, não tinha sido cuidadoso o bastante.

Bem, a estrada de todo mundo tinha de acabar em algum lugar.

O capitão ergueu a mão e os dedos dos mosqueteiros pressionaram os gatilhos.

65

Quando os mosquetes dispararam, Ezio jogou-se no chão.

Flechas de trás e de cima deles caíram como chuva sobre os soldados bizantinos. Em segundos, todos os soldados de Ahmet caíram mortos ou feridos à beira do lago.

Uma bala havia raspado o capuz de Ezio; quanto ao mais, saíra ileso, e agradeceu a Deus que a idade não tivesse retardado suas reações. Quando se levantou, avistou Dilara parada na outra extremidade do molhe. Seus homens desciam das posições de observação no topo da escadaria. Os que já tinham chegado ao nível do solo se movimentavam entre os bizantinos, checando os mortos e cuidando dos feridos.

— Não posso deixá-lo sozinho nem por um minuto — disse Dilara.

— É o que parece — concordou Ezio. — Obrigado.

— Conseguiu o que veio buscar?

— Sim.

— Então é melhor darmos o fora daqui. Sabe, você despertou o inferno.

— É o que parece.

Ela balançou a cabeça.

— Eles levarão anos para se recuperar disso. Se é que conseguirão se recuperar. Mas sobrou bastante disposição neles para mandá-lo pelos ares, se o encontrarem. Vamos!

Ela começou a seguir de volta para a escada.

— Espere! Eu não teria de tomar um barco aqui?

— Está maluco? Eles estarão à sua espera onde o rio sai para o ar livre. É uma

garganta estreita. Você seria um homem morto em um instante, e não quero ver meu trabalho aqui desperdiçado.

Ezio seguiu-a, obedientemente.

Subiram de volta os vários níveis e então pegaram uma rua sinuosa que seguia para o sul. Ali, a fumaça havia clareado um pouco, e as pessoas que se encontravam presentes estavam ocupadas demais em apagar incêndios para prestar muita atenção neles. Dilara estabeleceu um passo rápido e não demoraram muito para chegar a um portão semelhante ao que Ezio havia aberto do lado oeste da cidade. Ela pegou uma chave e abriu a porta de madeira revestida de ferro.

— Estou impressionado — comentou Ezio.

— Deveria mesmo estar. Diga a eles, em Kostantiniyye, que podem ficar descansados porque o pessoal deles aqui está fazendo um bom trabalho.

Ezio apertou os olhos contra a luz do sol que fluiu pela porta, que parecia ofuscante após a obscuridade da cidade subterrânea. Viu uma estrada que serpeava para o sul com a lúgubre e pequena aldeia de Nadarim acocorada em seu caminho.

— Sua montaria está selada e já comeu e bebeu água no estábulo de lá. Há comida e bebida nos alforjes. Pode ir pegá-la sem perigo. A aldeia foi libertada e já começaram a caiar os prédios... Alá sabe que ela precisava ser animada, e agora já se livrou de seus opressores — disse Dilara, as narinas rutilando em triunfo. — Mas dê o fora daqui. Não vai demorar para a notícia do que aconteceu chegar a Ahmet. Ele não ousará voltar aqui, é claro, mas pode ter certeza de que mandará alguém atrás de você.

— Restou alguém dele?

Dilara sorriu — um pouco contraída, mas sorriu.

— Vá logo. Você deverá chegar a Nigde lá pelo fim da semana. Estará de volta a Mersin na lua cheia se ninguém atrapalhar seu caminho.

— Antes da data marcada.

— Parabéns.

— E você?

— Nosso trabalho aqui não acabou. Em todo o caso, não agiremos sem uma ordem direta de Kostantiniyye. Transmita minhas saudações a Tarik.

Por um momento, Ezio olhou-a com um tristonho silêncio, então disse:

— Eu direi a eles na Sublime Porta, a sede do parlamento otomano, o quanto são devedores a vocês.

— Faça isso. Agora tenho de voltar aos meus homens e reorganizá-los. Seu pequeno espetáculo pirotécnico, entre outras coisas, destruiu o nosso quartel-general.

Ezio quis dizer mais alguma coisa, mas ela já tinha ido embora.

66

A viagem de volta para a costa foi rápida e, felizmente, sem novidades.

— Chegou mais cedo — comentou Piri Reis, quando Ezio apareceu ao pé da prancha do sambuco vermelho.

— Ainda bem. Precisamos voltar a Kostantiniyye o mais depressa possível.

— Conseguiu a quinta chave?

Ezio sorriu e deu um tapinha na bolsa a seu lado.

— Ótimo — disse Piri, retribuindo o sorriso. — E Manuel?

— Manuel não nos incomodará mais.

— Melhor ainda. Desse jeito, vão torná-lo um *sövalye*.

— A batalha está longe de estar vencida. Precisamos nos apressar.

— O navio precisa ser abastecido e temos de esperar uma maré favorável. Mas podemos cuidar de uma coisa enquanto esperamos a outra. — Piri virou-se e deu ordens sucintas ao mestre do navio, que havia se juntado a eles. — A tripulação também precisa ser reunida. Não esperávamos que você terminasse tão depressa seus assuntos em Derinkuyu.

— Tive sorte em contar com uma ajuda extraordinariamente boa.

— Ouvi falar da chefe dos espiões colocada pela Sublime Porta. A fama dela sempre a precedeu — comentou Piri.

— Então tenho motivos para agradecer ao governo otomano.

— Sob as ordens de Bayezid, a Sublime Porta tornou-se um modelo de administração prática. Felizmente ela ainda continua a operar livre das disputas da família real.

— Por falar nela, creio que precisamos tomar cuidado com Ahmet — disse

Ezio baixinho. — Descobri que ele tem alguns amigos muito indesejáveis.

— Os Assassinos não devem se intrometer em questões otomanas.

— Esses amigos de Ahmet tornam essas questões também nossas.

Piri ergueu uma sobrancelha, porém nada mais disse sobre o assunto.

— Sua cabine já está pronta — avisou. — Sem dúvida, vai querer descansar até estarmos prontos para zarpar.

Uma vez sozinho, Ezio despiu seu equipamento e limpou e lubrificou as armas. Quando tudo estava pronto, trancou a porta da cabine, tirou a quinta chave e colocou-a sobre a mesa dobrável e sentou-se diante dela. Estava curioso para ver se ela se comportaria do mesmo modo que as outras. Precisava saber o que mais sobre Altaïr ela queria transmitir, principalmente por não ter meios de saber se a chave fizera algum tipo de revelação mística para os Templários que a descobriram primeiro. Que conhecimento já havia transmitido a eles? Ou teria ela algum poder de saber, por assim dizer, quando falar e quando ficar calada?

Sua mente também estava perturbada por pensamentos em Sofia e estava impaciente para voltar a Constantinopla para protegê-la e garantir a segurança das outras quatro chaves. Mas, por enquanto, tinha de forçar a si mesmo a ser paciente, pois estava à mercê do mar e do vento.

Essa chave era semelhante às outras — tinha exatamente o diâmetro e a proporção delas, decorada, como elas, com estranhos e indecifráveis símbolos e sulcada com exatas mas misteriosas ranhuras. Ele se apoiou e se estendeu para tocá-la. Ela não o decepcionou. Em pouco tempo, a luz suave da cabine pareceu mergulhar em uma escuridão mais profunda e, por contraste, o brilho que começou a emanar do disco de obsidiana ficou cada vez maior e maior...

67

Ao ser levado para a cena — em que estava, mas da qual não fazia mesmo parte —, Ezio percebeu que dez anos mais haviam se passado desde que estivera pela última vez em Masyaf. Observou e, enquanto observava, perdeu-se nos acontecimentos que se desenrolavam.

Os homens estavam na praça interna banhada pelo sol de Masyaf, sob a sombra de um amplo cinamomo com bastante idade.

Altaïr, com a pele parecendo papel e o corpo magro tão envolvido pelas roupas que apenas o rosto e as pálidas e compridas mãos eram visíveis, estava na companhia de dois fortes venezianos no início da casa dos 30 anos. O mais velho dos dois usava uma insígnia na manga — um escudo azul no qual, em amarelo, havia um jarro encimado por uma única divisa sobre o qual três estrelas de cinco pontas se encontravam enfileiradas, e tudo coroado por um elmo de prata. Um pouco além de onde se encontravam, um grande número de guerreiros Assassinos estava no processo de preparação para batalha.

O Mentor tocou na manga do homem de um jeito familiar, amistoso. Seus movimentos eram executados do modo cuidadoso e preciso dos muito velhos, mas não havia nada da debilidade que se poderia esperar de um homem com 91 invernos, principalmente de um homem de quem a vida exigira tanto.

— Niccolò — disse Altaïr —, há muito tempo mantemos a família Polo... você e seu irmão aqui presentes... junto aos nossos corações, embora o tempo que passamos juntos, eu sei, tenha sido muito breve. Mas tenho fé de que esse

Códex, que agora deposito em suas mãos, será a resposta para muitas perguntas que ainda terá de fazer.

Altaïr gesticulou para um ajudante, que se aproximou para colocar um volume encadernado em couro nas mãos de Niccolò Polo.

— Altaïr — disse o italiano —, este presente é... inestimável. *Grazie*.

Altaïr assentiu em reconhecimento, quando, em seguida, o ajudante entregou-lhe um pequeno saco.

— Bem — perguntou, voltando-se novamente para o Polo mais velho —, aonde vocês irão agora?

— Maffeo e eu voltaremos a Constantinopla por uns tempos. Pretendemos organizar lá uma guilda antes de retornar a Veneza.

Altaïr sorriu.

— Seu filho, Marco, estará ansioso para ouvir as histórias fantásticas do pai.

— Aos 3 anos, ainda é jovem demais para tais histórias. Mas um dia, em breve, sim, realmente, ele as ouvirá.

Foram interrompidos pela chegada de Darim, que passou apressado pelo portão interno e foi na direção deles.

— Pai! Uma vanguarda dos mongóis de Hulagu abriu caminho! A aldeia está ameaçada!

— Tão cedo assim? — Altaïr ficou tenso. Quando falou novamente com Niccolò, seu tom era urgente. — Niccolò... sua carga e suas provisões estão à espera junto ao portão da aldeia. Nós os escoltaremos até lá. Então devem seguir com toda a pressa.

— Obrigado, Mentor.

Altaïr dirigiu-se aos dois Assassinos que haviam se destacado do grupo maior, que agora estava de prontidão para a batalha adiante e já saía cavalgando.

— Preparem as catapultas — ordenou — e esperem meu sinal.

Baixaram a cabeça em concordância e saíram para cumprir a ordem.

— Fiquem perto — pediu Altaïr aos irmãos Polo.

— Precisamos seguir imediatamente para a aldeia, pai — disse Darim. — Acho melhor você ficar com Niccolò e Maffeo. Eu vou desimpedir o caminho adiante.

— Tome cuidado, Darim. E fique de olho nos trabucos. — Altaïr olhou para o local onde as enormes catapultas com atiradeiras estavam sendo instaladas

pelas suas equipes.

Darim sorriu.

— Se me atingirem, atingirão uma dúzia de mongóis ao mesmo tempo.

— Hulagu Khan não é um inimigo que se deva menosprezar.

— Nós estamos prontos para ele.

Altaïr virou-se para seus convidados.

— Venham — disse.

Montaram nos cavalos que tinham sido preparados para eles e saíram da fortaleza a passo lento, seguindo por uma rota bem distante da batalha principal, que já tomava conta das encostas dos contrafortes próximos.

— Você conseguirá contê-los? — indagou Niccolò, incapaz de disfarçar o nervosismo na voz.

— O tempo que for necessário — garantiu-lhe Altaïr, calmamente. — Invejo a viagem de vocês — continuou. — Bizâncio é uma cidade esplêndida.

Niccolò sorriu de modo tenso, pois estava mais do que ciente do perigo que corriam, por menor importância que Altaïr parecesse dar a isso. Mas ele já estivera em situações difíceis, e sabia o que Altaïr tentava fazer — não dar tanta atenção ao fato. E entrou no jogo.

— Vejo que você prefere o nome antigo. Já esteve lá?

— Muito tempo atrás. Quando vocês, venezianos, desviaram os Cruzados francos para atacá-la em vez de atacar Jerusalém.

— Constantinopla era, na ocasião, o maior rival comercial de Veneza. Foi um grande golpe.

— Isso abriu a Europa para o Oriente em mais de uma maneira.

— Os mongóis jamais chegarão tão longe — comentou Niccolò, mas sua voz era nervosa.

Altaïr não acompanhou seu comentário. Em vez disso, comentou:

— Aquele pequeno conflito em 1204 impediu que eu trouxesse o Credo para a Europa.

— Bem, com sorte... e paciência... terminaremos o que você começou.

— Se vocês tiverem a chance, a vista do topo da Basílica de Santa Sofia é a melhor da cidade.

— Como é que se chega ao topo?

Altaïr sorriu.

— Com treinamento e paciência. — Fez uma pausa. — É certo que, após saírem daqui, vocês não tentarão a rota por terra para lá? Que vão velejar para Bizâncio?

— Sim. Vamos cavalgar até Latakia e pegar um navio lá. As estradas da Anatólia estão enevoadas com lembranças dos Cruzados.

— Ah — fez Altaïr —, as paixões mais intensas podem ser as mais mortais.

— Visite-nos, se puder, Altaïr. Teremos bastante espaço para você e sua comitiva.

— Não — respondeu Altaïr. — Obrigado, mas aquele não é um país para velhos, Niccolò. Agora ficarei aqui, como deveria ter sempre ficado.

— Bem, se mudar de ideia, nossa porta sempre estará aberta.

Altaïr estava observando a batalha. Os trabucos tinham entrado em cena e encontrado seu raio de ação. As pedras que arremessavam contra as fileiras mongóis causavam destruição.

Um cavaleiro destacou-se do corpo principal da cavalaria Assassina e seguiu na direção deles, a galope. Era Darim.

— Descansaremos brevemente na aldeia — informou-lhe Altaïr, quando ele se aproximou. — Parece que você mantém o inimigo sob controle.

— Mas por quanto tempo, pai?

— Confio plenamente em você. Afinal de contas, não é um menino.

— Tenho 62 anos.

— Você me faz me sentir um velho — brincou Altaïr. Mas Darim pôde ver a palidez em suas faces e percebeu o quanto seu pai estava realmente cansado.

— Claro, descansaremos e cuidaremos devidamente da partida de nossos amigos.

Cavalgaram até os estábulos da aldeia e os irmãos Polo apressaram-se em transferir seus pertences para cavalos de carga que lhes foram fornecidos, com duas montarias descansadas para a viagem em direção à costa oeste.

Altaïr, finalmente podendo descansar, curvou-se um pouco e inclinou-se para se apoiar em Darim.

— Pai... está ferido? — perguntou Darim com a voz preocupada e o conduziu a um banco debaixo de uma árvore.

— Dê-me um momento — ofegou Altaïr, relutando em ceder à dor que sentia. Sentou-se pesadamente e inspirou, olhando para trás para o castelo. Um

velho, pensou, não passava de algo insignificante, como uma capa esfarrapada em cima de uma bengala, mas ele pelo menos havia deixado sua alma bater palmas e cantar.

— O fim de uma era — sussurrou.

Olhou para o filho e sorriu. Apanhou o saco que o ajudante lhe entregou antes e retirou seu conteúdo. Cinco discos de obsidiana, com complicados entalhes. Empilhou-os ordenadamente.

— Quando era muito jovem — disse ele —, fui tolo o bastante para acreditar que nosso Credo levaria um fim a esses conflitos. — Fez uma pausa. — Se ao menos eu tivesse tido humildade para dizer a mim mesmo, eu teria feito o suficiente por uma vida. Feito a minha parte. — Com esforço, ele se levantou. — Por outro lado, não há glória maior do que lutar para encontrar a verdade. — Olhou mais além da aldeia, para a batalha.

Niccolò Polo apareceu.

— Estamos prontos — anunciou.

— Um último favor, Niccolò — pediu Altaïr, entregando-lhe os discos. — Leve-os com você e guarde-os bem. Esconda-os, se for preciso.

Niccolò deu-lhe um olhar esquisito.

— Que são estes... artefatos?

— São realmente artefatos fora de série. São chaves, cada uma delas carregando uma mensagem.

Niccolò examinou atentamente um deles. Ficou intrigado.

— Mensagem... para quem?

Altaïr tomou a chave nas mãos.

— Eu gostaria de saber...

Ergueu a chave bem no alto. Ela começou a brilhar. Ele fechou os olhos, perdido em concentração.

68

Ezio, mais uma vez, ficou ciente de onde estava. A luz na cabine voltou à agradável penumbra. Sentiu o cheiro do cedro das paredes e dos móveis, viu as partículas de pó na luz do sol que vinha através da portinhola, e ouviu os sons de pés correndo nos conveses, os gritos dos marinheiros e o ranger das vergas enquanto as velas eram içadas.

Estavam a caminho.

Em alto-mar, avistaram a vela de um pirata da Barbária, o que fez Ezio e Piri pensarem em seu velho amigo al-Scarab, mas o navio pirata passou ao largo e não os atacou. Durante a maior parte da viagem de quinze dias, seguiram sozinhos pela água vinho-escura apinhada de cavalas, e Ezio passou o tempo tentando em vão decifrar os símbolos das chaves, desejando que Sofia estivesse presente para ajudá-lo, preocupado com a segurança dela e ficando cada vez mais impaciente para chegar ao destino.

Mas, afinal, raiou o dia em que as cúpulas, as torres sob nuvens, as muralhas, os campanários e os minaretes de Constantinopla surgiram baixos no horizonte.

— Estaremos lá no meio da tarde — disse Piri Reis.

— Quanto mais cedo, melhor.

O porto estava apinhado como sempre, embora fosse um dia úmido e depressivo, e fosse a hora da sesta. Havia uma multidão particularmente densa em volta de um arauto, que se encontrava em um pódio na extremidade perto da água do cais

principal. Era ouvido por um esquadrão de janízaros com seus ondulantes mantos brancos. Enquanto o sambuco vermelho era descarregado, Ezio caminhou para perto a fim de ouvir o que o homem dizia.

— Cidadãos do império e viajantes de terras estrangeiras, atenção! Por ordem dos janízaros, novas restrições se aplicam agora a todos que viajam da cidade e para ela. Por meio deste, anuncio que uma recompensa de dez mil *akçe* será dada, sem que haja perguntas, a qualquer um que forneça informações que levem à imediata prisão do Assassino Auditore, Ezio.

Ezio virou para trás, na direção de Piri Reis, e trocou com ele um olhar. Piri aproximou-se discretamente.

— Dê o fora daqui da melhor maneira possível — sugeriu. — Está com a chave?

— Estou.

— Então pegue suas armas e vá embora. Eu cuidarei do resto de suas coisas.

Agradecendo com um gesto de cabeça, Ezio escapuliu rapidamente por entre a multidão e foi para a cidade.

Fez seu caminho por uma rota indireta até a livraria de Sofia, verificando, de vez em quando, se não estava sendo seguido ou reconhecido. Quando estava perto, começou a sentir igualmente alívio e uma sensação de prazer antecipada. Mas, ao virar a esquina da rua dela, parou abruptamente. A porta da loja estava escancarada, havia uma pequena multidão reunida ali perto, e um grupo de Assassinos de Yusuf, incluindo Dogan e Kasin, montava guarda.

Ezio dirigiu-se imediatamente a eles, a garganta seca.

— O que está havendo? — perguntou a Kasim.

— Lá dentro — respondeu Kasim, sucintamente. Ezio percebeu que estivera chorando.

Ele entrou na livraria. O interior estava bem parecido com o da ocasião em que partiu, mas, ao chegar ao pátio interno, seu coração quase parou diante da visão que o confrontou.

Deitado atravessado em um banco, de bruços, estava Yusuf. O cabo de uma adaga salientava-se entre as omoplatas.

— Havia um bilhete preso às suas costas pela adaga — disse Dogan, que o havia seguido para dentro. — Está endereçado a você. Aqui está. — Entregou a Ezio uma folha de pergaminho manchada de sangue.

— Você o leu?

Dogan fez que sim.

— Quando isso aconteceu?

— Hoje. Não deve ter sido há muito tempo, pois as moscas ainda não se juntaram.

Ezio, em meio às lágrimas e à raiva, puxou a adaga das costas de Yusuf. Não escorreu sangue fresco.

— Você mereceu seu descanso, irmão — falou baixinho. — *Requiescat in pace*. — Então desdobrou a folha de pergaminho. A mensagem, de Ahmet, era curta, mas seu conteúdo fez Ezio ferver de raiva.

Mais Assassinos tinham entrado agora no pátio, e Ezio olhou de um para o outro.

— Onde está Sofia? — perguntou por entre os dentes.

— Não sabemos para onde ele a levou.

— Mais alguém sumiu?

— Não conseguimos encontrar Azize.

— Irmãos! Irmãs! Parece que Ahmet quer que a cidade toda se levante contra nós, enquanto o matador de Yusuf observa e espera no Arsenal, rindo. Lutem comigo, e vamos mostrar a ele o que significa se opor aos Assassinos!

69

Seguiram caminho em massa para o Arsenal e lá, sem disposição para perder tempo, cuidaram de forma rápida e brutal da guarda janízara leal a Ahmet, que vigiava a entrada. Ahmet não devia esperar um ataque de surpresa tão repentino, ou subestimara tanto a fúria quanto a força dos Assassinos, cujo poder crescera constantemente sob o comando de Yusuf. Ou então Ahmet acreditava que ainda mantinha um trunfo, pois, quando Ezio o encurralou, ele quase não mostrou sinal de alarme.

Ezio, impelido pela própria fúria, só conseguiu evitar matar o príncipe otomano no último instante, ao jogá-lo no chão e agarrá-lo pela garganta, mas enfiou furiosamente a lâmina oculta entre os ladrilhos, a centímetros da cabeça de Ahmet. Com este morto, ele não teria meios de salvar Sofia. Isso ficara muito claro no bilhete. Mas, por um instante, o sangue anuviara o julgamento de Ezio.

Seu rosto estava quase colado ao do príncipe. Sentiu cheiro de violetas em seu hálito. Ahmet retribuiu calmamente o lívido fitar dele.

— Onde ela está? — exigiu Ezio duramente.

Ahmet soltou uma ligeira risada.

— Que fúria! — disse ele.

— *Onde... ela... está?!*

— Meu caro Ezio, se pensa que está em posição de ditar termos, é melhor me matar agora e acabar logo com isso.

Ezio não afrouxou o aperto um só momento, nem recuou a lâmina oculta, mas, segundos depois, o bom senso prevaleceu e ele se levantou, flexionando o punho de modo que a lâmina recuasse de volta para o mecanismo.

Ahmet sentou-se, esfregou o pescoço, mas, fora isso, permaneceu onde estava, ainda com um riso na voz. Era como se o príncipe estivesse participando de um agradável jogo, pensou Ezio, com um misto de frustração e desprezo.

— Lamento que tenha chegado a isso — disse Ahmet. — Dois homens que deveriam ser amigos disputando... o quê? As chaves de algum velho arquivo empoeirado. — Levantou-se, limpando-se do pó, e continuou: — Ambos nos esforçamos em direção ao mesmo fim, *Messer* Auditore. Apenas nossos métodos são diferentes. Não percebe isso? — Fez uma pausa. Ezio podia adivinhar o que viria em seguida. Muitas vezes antes ele ouvira os Templários analisarem racionalmente suas ambições ditatoriais. — Paz. Estabilidade. Um mundo onde os homens vivam sem medo. Sim, as pessoas desejam a verdade, mas, mesmo quando elas a têm, recusam-se a vê-la. Como combater esse tipo de ignorância?

A voz do príncipe tornara-se veemente. Ezio ficou imaginando se ele realmente acreditava no que declamava. E contrapôs:

— A liberdade pode ser desordenada, *principe*, mas é inestimável. — Consigo mesmo, pensou: *a tirania é sempre mais organizada do que a liberdade*.

— Claro — retrucou Ahmet, secamente. — E, quando as coisas se desfazem e as luzes da civilização escurecem, Ezio Auditore consegue se pôr acima das trevas e declarar orgulhosamente um "Permaneci fiel ao meu Credo". — Ahmet virou-se, assumindo o controle de si. — Eu abrirei o arquivo de Altaïr, entrarei em sua biblioteca e encontrarei o Grande Templo. E, com o poder que está escondido ali, destruirei as superstições que mantêm os homens divididos.

— Não nesta vida, Ahmet — rebateu Ezio calmamente.

Ahmet bufou com impaciência e foi saindo. Ezio não tentou detê-lo. Na porta, o príncipe virou-se mais uma vez para ele.

— Traga as chaves à Torre de Gálata — disse ele. — Faça isso, e Sofia Sartor será poupada. — Fez uma pausa. — E não se atrase, Ezio. Meu exército não demorará a estar aqui. Quando ele chegar, tudo mudará. E preciso estar preparado.

Dito isso, partiu. Ezio observou-o ir, sinalizando para que seus homens não o detivessem.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma tosse educada atrás dele. Virou-se — e viu o príncipe Suleiman parado diante dele.

— Há quanto tempo está aí? — indagou.

— O bastante. Atrás daquele arrás. Ouvi a conversa de vocês. Acontece que tenho mandado seguir meu querido tio de perto desde que ele retornou de sua pequena viagem ao exterior. Aliás, tenho estado de olho nele desde que tentou me matar... um atentado que você tão habilmente frustrou com seu alaúde. — Fez uma pausa. — Mesmo assim, nunca esperei ouvir... tudo isso.

— E o que você acha?

Suleiman pensou um momento, antes de responder. Então disse, com um suspiro:

— Ele é um homem sincero; mas essa sua fantasia templária é perigosa. Ela se esquiva diante da realidade. — Fez uma pausa. — Olhe, Ezio, ainda não vivi muito, mas o suficiente para saber que o mundo é uma tapeçaria com muitas cores e padrões. Um líder justo celebraria isso e não procuraria desfiá-la.

— Ele teme a desordem que surge das diferenças.

— É por isso que fazemos leis para regular nossas vidas... um *kanun* que se aplica a todos em medidas iguais.

Foram interrompidos pela chegada de uma patrulha de guardas janízaros que os Assassinos do lado de fora deixaram passar, pois esse grupo era leal a Suleiman. Mas, quando viu Ezio, o tenente sacou a cimitarra.

— Para trás, meu *prens*! — exclamou o oficial, preparando-se para prender Ezio.

— Pare, soldado — ordenou Suleiman. — Esse homem não é nosso inimigo.

O tenente hesitou por um momento, então mandou que seus homens saíssem, murmurando um pedido de desculpas.

Suleiman e Ezio sorriram um para o outro.

— Percorremos um longo caminho desde aquela primeira viagem — comentou Suleiman.

— Eu estava pensando que desafio seria ter um filho como você.

— Você ainda não morreu, amigo. Talvez ainda tenha um filho digno de você. — Suleiman ia saindo, quando um pensamento lhe ocorreu. — Ezio, sei que está sob excessiva pressão, mas... poupe meu tio, se puder.

— Seu pai pouparia?

Suleiman não hesitou.

— Eu não tinha pensado nisso, mas... não.

70

Ezio seguiu para o quartel-general dos Assassinos em Istambul, com toda a velocidade possível. Uma vez lá, apanhou as quatro chaves que já havia recuperado e acrescentou-lhes a que havia tirado de Manuel em Derinkuyu. Colocou-as em segurança em uma bolsa a tiracolo e a pendurou à sua volta. Prendeu a lâmina gancho ao punho direito e a pistola ao esquerdo e, para o caso de ser necessária uma fuga rápida do topo da torre, colocou o paraquedas de Leonardo em uma mochila.

Mas, antes de ir à torre, havia uma rápida obrigação que precisava cumprir. Apressou-se ao cemitério de Gálata, onde o corpo de Yusuf já tinha sido levado para o enterro.

Dogan havia assumido como capitão substituto dos Assassinos de Istambul, e adiantou-se para cumprimentar Ezio.

— Mentor.

— Mentor — disse Irini, que também foi cumprimentá-lo.

Ezio dirigiu-se brevemente a eles, de pé junto ao caixão.

— Sei que agora deveria ser um momento para recordação e lamento. Mas nossos inimigos não nos permitem esse luxo. — Virou-se para Dogan. — Sei que Yusuf o tinha em alta conta e não tenho motivos para questionar sua opinião. É de coração que você deseja liderar esses homens e essas mulheres, e manter a dignidade de nossa Irmandade, como Yusuf fazia apaixonadamente?

— Seria uma honra — respondeu Dogan.

— Como continuará a ser uma honra trabalhar pela nossa causa e apoiar o Credo — afirmou Evraniki, que estava ao lado dele.

— *Bene* — disse Ezio —, isso me alegra. — Recuou e olhou por cima dos prédios que cercavam o cemitério para onde se erguia a Torre de Gálata. — Nosso inimigo está perto — continuou. — Após o funeral, tomem suas posições em volta da torre e fiquem à espera de minha ordem.

Foi embora às pressas. Quanto mais cedo Sofia estivesse em segurança, melhor.

Chegou até Ahmet, que estava acompanhado de um único guarda, em um bastião próximo ao pé da torre.

— Onde ela está? — exigiu.

Ahmet deu aquele sorriso irritante e respondeu:

— Eu o admiro, Ezio, mas sua sede de sangue torna difícil para mim chamá-lo de amigo.

— Sede de sangue? Isso é um insulto estranho vindo do homem que ordenou um ataque ao próprio sobrinho.

Ahmet perdeu um pouco de seu sangue frio.

— Era para ele ser sequestrado, Assassino, e não morto.

— Sei. Sequestrado pelos bizantinos para que o tio dele pudesse resgatá-lo e ser saudado como herói. Era esse o plano?

Ahmet deu de ombros.

— Mais ou menos.

Então fez um sinal com a cabeça. Imediatamente, meia dúzia de soldados Templários surgiu do nada e cercou Ezio.

— Agora, *Messer* Auditore... as chaves, por favor. — Estendeu a mão.

Mas Ezio também fez um sinal. Atrás do semicírculo de Templários, um número maior de Assassinos se materializou, com cimitarras nas mãos.

— A moça primeiro — disse Ezio com frieza na voz.

Ahmet deu uma risadinha.

— Ela é toda sua.

Ele fez um gesto em direção ao céu. Ezio seguiu a direção de seu braço e viu, no topo da torre, uma mulher ao lado de um guarda, claramente posicionado para jogá-la da borda. A mulher usava um vestido verde, mas a cabeça estava coberta com um saco de aniagem. Tinha as mãos e os pés amarrados.

— Sofia! — arfou Ezio involuntariamente.

— Mande seus homens recuarem! — vociferou Ahmet.

Furiosamente, Ezio gesticulou para os Assassinos fazerem isso. Então jogou para Ahmet a sacola contendo as chaves. Este a agarrou habilmente e verificou seu conteúdo. Em seguida, sorriu.

— Como eu disse, ela é toda sua!

Dito isso, ele desapareceu do baluarte, seus homens seguindo-o. Embarcou em uma carruagem à espera, que disparou pela cidade, indo em direção ao Portão Norte.

Ezio não teve tempo de observá-lo ir embora. Correu com um salto para a torre e começou sua subida. A ansiedade e a raiva o apressaram e, em questão de minutos, estava na mais alta ameia ao lado da mulher. O guarda recuou na direção da escada que levava abaixo. Ezio saltou adiante, deslocou a moça para afastá-la da borda da torre e puxou o saco de sua cabeça.

Era Azize!

Ela tinha sido amordaçada para evitar que gritasse um alerta. Ezio arrancou o lenço de sua boca.

— *Tesekkür, Mentor. Chok tesekkür ederim!* — ofegou ela.

O guarda deu uma risada e desceu correndo a escada. Ele teria uma péssima recepção lá embaixo.

Ezio estava no processo de livrar Azize de suas amarras quando foi interrompido por um grito de mulher. Virando-se para olhar, viu que, em outra ameia, não muito distante, tinha sido erguido um cadafalso provisório. Nele, com uma corda já em volta do pescoço, estava Sofia, equilibrando-se sobre um banquinho. Enquanto ele observava, um soldado bizantino aproximou-se e apertou o laço com mãos brutais.

Ezio estimou a distância entre o topo da Torre de Gálata e a ameia que teria de alcançar. Deixando que Azize desamarrasse o resto das cordas, ele soltou a mochila e rapidamente montou o paraquedas. Uma questão de segundos depois, voava pelo ar, guiando o paraquedas com seu peso na direção do cadafalso onde os bizantinos tinham chutado o banquinho de debaixo dos pés de Sofia e atado a ponta da corda. Ainda sendo levado pelo ar, liberou a lâmina gancho e usou-a para cortar a corda esticada centímetros acima da cabeça de Sofia. Aterrissou um instante depois e agarrou com os braços o corpo que caía.

Proferindo maldições, os guardas bizantinos fugiram. Assassinos corriam

pelas ruas entre a Torre de Gálata e a ameia, mas Ezio conseguiu ver guardas indo atrás deles para bloqueá-los. Ele teria de agir sozinho.

Antes, porém, virou-se para Sofia, tirou a corda de seu pescoço com as mãos nervosas, sentindo o peito dela subir e descer contra o seu.

— Você está machucada? — perguntou ele com urgência.

Ela tossiu e engasgou, recuperando o fôlego.

— Não, ferida não. Mas muito confusa.

— Não pretendia envolvê-la nisso. Sinto muito.

— Você não é responsável pelos atos de outros homens — frisou ela, com a voz rouca.

Ezio deu-lhe um momento para se recuperar e olhou-a. Como podia ser tão racional em um momento como aquele...!

— Tudo isso ficará... para trás, muito em breve. Mas, antes, preciso recuperar o que levaram. É prioridade máxima!

— Não entendo o que está acontecendo, Ezio. Quem são esses homens?

Ela foi interrompida pelo disparo de um canhão. Momentos depois, a ameia sacudiu com o impacto de uma bala de vinte libras. Sofia foi derrubada no chão enquanto voavam pedras destroçadas.

Ezio colocou-a de pé com um puxão e observou a área embaixo deles. Seus olhos localizaram uma carruagem vazia vigiada por dois soldados de linha otomanos, que haviam se protegido no instante em que o bombardeio começou.

Novamente, ele calculou a distância. O paraquedas aguentaria o peso dele e o dela? Teria de arriscar.

— Venha — disse ele, tomando-a fortemente nos braços e saltando da ameia.

Por um momento terrível, parecia que o paraquedas ia prender nos crenulados, mas apenas passou por perto, e eles caíram — muito depressa, mas, mesmo assim, lentamente o bastante para um pouso seguro perto da carruagem. Ezio dobrou o paraquedas e o enfiou na mochila, sem se importar de soltar suas presilhas, e os dois dispararam na direção da carruagem. Ezio enfiou Sofia no assento do cocheiro, chicoteou um dos flancos do cavalo e saltou atrás dela. Agarrou as rédeas e partiu a uma velocidade arriscada, os guardas otomanos gritando em vão para ele parar enquanto o perseguiam a pé.

Ezio seguiu a toda a velocidade, avançando através do norte do distrito de Gálata, e para fora da cidade.

71

Não estavam muito distante na zona rural quando, como havia esperado, Ezio avistou a carruagem de Ahmet em disparada ao longo da estrada diante deles.

— É daquilo que você está atrás? — perguntou Sofia, esbaforida.

Ezio curvou-se adiante sobre as rédeas.

— É ele. Nós o estamos alcançando! Segure-se!

Ahmet também os tinha visto, e se enfiou para fora de sua janela e gritou:

— Ora, ora! Vieram me ver ir embora, não é mesmo?

Os dois homens sentados no banco traseiro externo da carruagem dele tinham se virado e tentavam se estabilizar enquanto miravam bestas para Ezio e Sofia.

— Matem-nos! — ordenou Ahmet. — JÁ!

Mas Ezio impeliu seus cavalos adiante, e em pouco tempo estavam lado a lado com a carruagem de Ahmet. Em reação, o cocheiro do príncipe deu uma guinada tão repentina que colidiu com seu perseguidor. Nenhum dos dois veículos capotou, mas Ezio e Sofia foram arremessados brutalmente para o lado. Sofia conseguiu se segurar na lateral do assento, mas Ezio foi jogado para fora, tendo tempo apenas de agarrar uma corda usada para amarrar bagagem que estava presa na parte de cima da carruagem. Ele sentiu o corpo bater no leito da estrada, então foi arrastado ao longo dela atrás de sua própria carruagem, agora fora de controle, embora Sofia tivesse apanhado as rédeas e conseguido puxar os cavalos de volta ao seu frenético galope.

Isso está se tornando um hábito, pensou Ezio tristemente e tentou puxar o corpo corda acima. Mas a carruagem fez uma curva e ele foi jogado

violentamente para fora da pista, errando por pouco uma árvore retorcida junto à margem da estrada. Ele, porém, manteve a corda segura, mas se deu conta de que, naquela velocidade, não conseguiria subir pela corda. Trincando os dentes e se segurando com uma das mãos, alcançou, com a outra, a bolsa nas costas e puxou o paraquedas. A força do ar que passava por ele o abriu, e a presilha que o prendia à bolsa aguentou.

Ezio sentiu-se erguer no espaço, velejando atrás da carruagem, que voltara a ficar na traseira do coche de Ahmet, que acelerava para se afastar deles. Agora, porém, Ezio achava mais fácil manobrar corda abaixo, embora fosse uma batalha contra o poder do vento veloz. Finalmente, quando estava perto o bastante, soltou a lâmina gancho e, alcançando as costas, libertou-se do paraquedas, pousando com um estrondo no assento ao lado de Sofia.

— Jesus deve realmente sorrir para você — disse ela.

— Você conseguiu controlar os cavalos... poucas pessoas teriam sido capazes de fazer isso — rebateu Ezio, recuperando o fôlego. — Talvez ele também sorria para você. — Notou sangue no vestido dela. — Está ferida?

— Um arranhão. Quando bati na lateral do assento.

— Fique firme!

— Estou fazendo o melhor que posso!

— Quer que eu pegue as rédeas?

— Eu não ousaria largá-las!

Estavam novamente se aproximando de Ahmet.

— A determinação de vocês seria encantadora... se não fosse também exasperadora! — gritou ele para o dois. Evidentemente, não havia perdido nada de sua civilidade durante os riscos da perseguição.

Estavam forçando na direção de uma aldeia onde, como podiam ver, estava estacionado um pelotão de soldados otomanos que vigiava a estrada para a cidade. Eles haviam montado uma barreira através da passagem, mas a trave dela estava levantada.

— Detenham-nos — rosnou Ahmet quando sua carruagem passou pelos desconcertados soldados. — Eles estão tentando assassinar seu príncipe!

Os soldados correram para baixar a trave da barreira enquanto Sofia disparava na direção deles, atravessando-a e deixando-a em pedaços e dispersando os soldados como se fossem galinhas em seu rastro.

— Desculpem! — berrou ela, e seguiu em frente para derrubar todo um conjunto de barracas do mercado que se alinhava na rua principal.

— Oh! — gritou ela. — Perdoem-me!

— Sofia, você precisa tomar cuidado — aconselhou Ezio.

— Não quero um único gracejo seu sobre como as mulheres guiam — vociferou ela, os dentes trincados enquanto a carruagem deles derrubava um dos dois postes que sustentavam um estandarte que atravessava a rua, fazendo com que caísse nas cabeças dos enfurecidos aldeões que se precipitavam atrás deles.

— O que está fazendo? — perguntou Ezio, o rosto branco.

— O que acha que estou fazendo? Mantendo-nos na pista!

Enquanto isso, o cocheiro de Ahmet ganhara distância e a carruagem da frente voava para fora da aldeia, ao mesmo tempo que Ahmet impelia seus homens adiante. Olhando para trás, Ezio viu que uma patrulha de cavalaria tinha saído em perseguição. Os soldados com as bestas na traseira da carruagem de Ahmet se apoiavam para tentar atirar novamente e, dessa vez, conseguiram fazer alguns disparos. Um deles arranhou o ombro de Sofia.

— *Aië!* — gritou ela. — Ezio!

— Aguente firme. — Ele correu os dedos pelo ferimento leve, tocando na pele suave. A despeito de tudo que estava acontecendo, ele sentiu um formigamento na ponta dos dedos. Um formigamento que só sentira uma vez antes, durante uma experiência que Leonardo lhe mostrara, quando seu amigo estava mexendo com um negócio a que chamava de "eletricidade". — É uma esfoladura, nada sério.

— Já chega de esfoladuras! Eu poderia ter sido morta! No que foi que você me meteu?

— Não posso explicar agora!

— É previsível! Uma desculpa qualquer!

Ezio virou-se no assento e esquadrinhou os cavaleiros seguindo atrás.

— Livre-se deles! — implorou-lhe Sofia.

Ele soltou a pistola, verificou-a e mirou cuidadosamente no cavaleiro da frente, apoiando-se contra o coice e o sacudir da carruagem. Agora ou nunca! Inspirou fundo e atirou.

O homem jogou os braços para o alto quando o cavalo dele virou-se repentinamente fora de controle no caminho de seus seguidores, e houve um

enorme embolado quando vários cavalos se chocaram uns contra os outros, tropeçando e caindo e derrubando os cavaleiros, enquanto os que vinham atrás, não conseguindo desviar, colidiam violentamente com os demais em um turbilhão. No caos total de homens berrando, cavalos relinchando e pó, a perseguição chegou a uma abrupta interrupção.

— Ainda bem, finalmente você foi útil! — comentou Sofia, enquanto disparavam adiante, afastando-se da confusão atrás deles. Mas, olhando à frente, Ezio viu que a estrada agora seguia através de uma garganta muito estreita entre dois despenhadeiros, que se erguiam em ambos os lados. A carruagem de Ahmet mal conseguiu passar por eles. Mas o veículo dos dois era mais largo.

— É estreito demais — arfou Ezio.

— Segure-se! — disse Sofia, estalando as rédeas.

Voaram para o interior da garganta a toda a velocidade. As pedras expostas passaram a centímetros do ombro de Ezio.

Em pouco tempo, estavam do outro lado.

— Eia! — suspirou Ezio.

Sofia exibiu um sorriso triunfante.

Chegaram perto o suficiente para ouvir Ahmet amaldiçoando seus besteiros, que tinham conseguido recarregar e disparar novamente, mas cujas flechas tinham voado muito fora do alvo.

— *Crianças* incompetentes! — berrava. — O que está havendo com vocês? Onde aprenderam a combater?

Após emergir da garganta, a estrada serpeava para o oeste, e logo a água cintilante do Mar Negro estava à vista ao norte, à direita.

— Tomem jeito ou joguem-se no mar! — urrava Ahmet.

— Ah, não — fez Ezio, olhando adiante.

— O que foi? — perguntou Sofia. Então ela viu o que ele tinha visto e, por sua vez, exclamou: — Ah, não.

Outra aldeia. E, depois dela, outro posto de guarda otomano. Outra trave atravessada na estrada.

— Devo confessar que você tem controlado muito bem esses cavalos — comentou Ezio, recarregando a pistola com dificuldade enquanto a carruagem sacudia e pulava. — A maioria das pessoas já os teria perdido e eles teriam disparado. Nada mau... para uma veneziana.

— Você deveria me ver conduzindo uma gôndola — retrucou Sofia.

— Bem, agora está na hora de colocá-los para fazer novamente um passo acelerado.

— Apenas observe.

Ali também era dia de feira, mas a multidão se dividiu, como o Mar Vermelho para Moisés, quando as duas carruagens dispararam em direção a ela.

— Desculpem! — gritou Sofia, quando a barraca do peixe desabou em seu rastro. Então foi a vez da barraca da cerâmica. Voaram cacos para todos os lados e o ar ficou sombrio com as pragas e as reclamações dos comerciantes.

A seguir, uma galinha viva aterrissou cacarejando no colo de Ezio.

— Nós acabamos de comprar isto? — perguntou ele.

— É uma pronta-entrega.

— O quê?

— Esqueça.

A galinha lutou para se livrar das mãos de Ezio, bicando-o bastante, e meio que voou e se arrastou de volta para a segurança do chão.

— Cuidado! Ali adiante! — gritou Ezio.

Os guardas tinham deixado Ahmet passar, mas, dessa vez, baixaram a barreira atrás dele e se prepararam, os piques apontados para os cavalos de Sofia. Olhares desagradáveis de triunfo antecipado iluminavam seus rostos morenos, maldosos.

— Isso é ridículo — disse Sofia.

— O que é?

— Bem, olhe... tudo bem, eles fizeram o bloqueio no meio da estrada, mas não há nada, a não ser terrenos vazios de cada lado dele. Será que acham que somos idiotas?

— Talvez sejam eles os idiotas — sugeriu Ezio, divertindo-se.

Em seguida, teve de se agarrar rapidamente no assento quando Sofia puxou com força a rédea esquerda e comandou para que os cavalos fizessem uma curva fechada, para que galopassem em volta do bloqueio, saindo pelo lado direito. Então puxou forte a rédea da direita e voltou para a estrada, trinta metros depois dos soldados, alguns dos quais, impotentemente, jogaram seus piques em direção a eles.

— Vê alguma cavalaria? — perguntou Sofia.

— Não desta vez.

— Ótimo. — Ela estalou as rédeas e, mais uma vez, começaram a diminuir o espaço entre eles e Ahmet.

Mas ainda havia outra aldeia, uma menor, adiante.

— De novo, não! — exclamou Sofia.

— Estou vendo — disse Ezio. — Tente se aproximar dele dessa vez!

Sofia chicoteou os cavalos, mas, ao chegarem ao povoado, o cocheiro de Ahmet, habilidosamente, diminuiu a velocidade. Os soldados no assento traseiro tinham recarregado suas bestas com alabardas de haste curta de aparência terrível, cujas cabeças de machado reluziam ao sol. Apesar de seus esforços para também diminuir a velocidade, Sofia não conseguiu evitar emparelhar sua carruagem e o cocheiro de Ahmet pôde dar uma guinada e dar-lhes novamente um encontrão. Dessa vez, ele teve sucesso em tirar o equilíbrio da outra carruagem e ela começou a virar. Mas o contato causara o mesmo efeito na de Ahmet.

No momento da colisão, Ezio jogou-se de seu assento para o ar, e pousou no teto do coche de Ahmet. Liberou a lâmina gancho e a girou violentamente para os dois soldados à sua esquerda, cortando cada um deles e derrubando-os antes que pudessem colocar em ação suas alabardas. O cocheiro tinha impelido novamente seus cavalos em um esforço de endireitar a carruagem, enquanto a de Sofia já tinha capotado e se espatifado um pouco mais atrás em meio a uma coluna de poeira. Estavam ao lado de um desnível acentuado e as rodas da carruagem de Ahmet passaram por cima dele, fazendo com que seu coche caísse também.

Ezio, jogado para fora, levantou cambaleante e olhou em volta, mas a cena inteira estava obscurecida pela poeira sufocante. Gritos confusos saíam de alguma parte — provavelmente dos habitantes locais, pois, quando a poeira começou a baixar, Ezio viu o corpo do cocheiro caído de bruços entre algumas pedras.

Não havia sinal de Ahmet.

Nem de Sofia.

Em vão, Ezio chamou seu nome.

72

Quando a poeira assentou completamente, Ezio conseguiu se orientar. Os aldeões assustados mantinham-se um pouco afastados, olhando uns para os outros, incertos. O olhar maligno de Ezio foi o bastante para mantê-los acuados, mas sabia que precisava agir depressa. Não demoraria muito para que os soldados otomanos deixados em seu rastro se reagrupassem e os seguissem.

Ele examinou a cena. Ahmet estava caído de costas cerca de quatro metros dos destroços. Gemia, claramente sofrendo muito. A bolsa contendo as chaves estava caída perto. Então, para grande alívio de Ezio, Sofia surgiu de trás de uns arbustos. Estava com um machucado e tremendo, mas, fora isso, ilesa. Trocaram olhares confiantes quando Ahmet, com grande esforço, rolou de barriga e ergueu o corpo com um empurrão.

Ezio catou a bolsa e abriu-a. As chaves estavam incólumes. Olhou para o príncipe caído.

— Bem... e agora, Ezio? Como isso termina? — perguntou Ahmet, recuperando o fôlego e sentindo dores enquanto falava.

Sofia foi por trás de Ezio e colocou a mão sobre seu ombro.

— Eu mesmo estou me perguntando isso — respondeu ele para Ahmet.

O príncipe começou a rir, e não conseguia parar, embora claramente isso lhe doesse. Esforçando-se, conseguiu ficar de joelhos.

— Bem, se, por acaso, conseguir uma resposta...

Do nada, surgiu meia dúzia de soldados otomanos. Estavam fortemente armados e adotaram posições de defesa em volta do príncipe.

— ...avise-nos!

Ezio sorriu, sacou a espada e fez um sinal para Sofia recuar.

— Você é um idiota, Ezio. Pensou realmente que eu viajaria sem segurança?

Ahmet estava para rir novamente, mas foi impedido por uma chuva de flechas, aparentemente saída do nada, que abateu todos os bizantinos em um instante. Uma das flechas atingiu Ahmet na coxa e ele caiu para trás, uivando de dor.

Ezio ficou igualmente surpreso. Sabia que não havia Assassinos nas redondezas, e não havia a possibilidade de que tivesse chegado outra Dilara para salvá-lo.

Virou-se e viu, a curta distância, uma dúzia de cavaleiros janízaros, carregando os arcos com novas flechas. À sua frente, estava um homem de aparência nobre com cerca de 45 anos, vestido de preto e vermelho, com uma capa de pele e um abundante bigode. Ele levantou a mão.

— Parem! — ordenou.

Os janízaros baixaram os arcos.

O líder e dois capitães desmontaram e foram na direção de Ahmet, ainda contorcendo-se no chão. Prestaram pouca atenção a Ezio, que observava atentamente, incerto sobre o que faria a seguir. Trocou outro olhar de relance com Sofia, que chegou para perto dele, novamente.

Com um esforço sobre-humano, Ahmet lutou para se levantar, apanhando um galho quebrado para se apoiar. Conseguiu se levantar, mas, ao mesmo tempo, recuando diante do recém-chegado.

Notando a semelhança familiar entre os dois homens, Ezio começou a somar dois mais dois. Ao mesmo tempo, Ahmet começou a falar, dirigindo-se aos janízaros com uma voz que lutava para manter firme e autoritária.

— Soldados! Selim não é seu senhor! Vocês servem ao sultão! Recebem ordens apenas dele! Onde ele está? Onde está nosso sultão?

Ahmet havia recuado para uma cerca à beira do despenhadeiro que dava para o mar, e ali, impossibilitado de ir mais adiante, desabou contra ela. O outro homem o tinha seguido e agora estava acima dele.

— Seu sultão está diante de você, irmão — avisou o homem. Colocou as mãos sobre os ombros de Ahmet, inclinou-se para perto e falou baixinho: — Nosso pai fez sua escolha. Antes de abdicar. Foi a melhor coisa.

— O que vai fazer, Selim? — balbuciou Ahmet, notando a expressão nos

olhos do irmão.

— Creio que será melhor eliminar toda possibilidade de uma futura divergência, não acha?

As mãos de Selim saltaram para a garganta de Ahmet, forçando-o contra a cerca.

— Selim! Pare! Por favor! — gritou Ahmet. Então começou a sufocar.

O sultão Selim Osman ficou indiferente aos gritos do irmão. Aliás, pareciam incitá-lo. Ezio percebeu que ele pressionava com mais força do que o necessário. Ahmet arranhava em vão o rosto do irmão em uma tentativa de detê-lo, e, ao fazê-lo, a cerca, que tinha se curvado de maneira alarmante por causa de seu peso, finalmente estalou e cedeu. Selim soltou-o no exato momento em que Ahmet, com um grito vazio de medo, desabou de costas no abismo e caiu nas pedras negras sessenta metros abaixo.

Selim ficou na beira, observando por um momento, o rosto impassível. Então virou-se e caminhou, com passos tranquilos, até onde Ezio permanecera de pé.

— Você deve ser o Assassino Ezio Auditore.

Ezio fez que sim.

— Sou Selim, pai de Suleiman. Ele fala muito bem de você.

— Ele é um jovem notável, *Ekselânslari*, com uma mente magnífica.

A cordialidade de Selim, porém, acabara. O modo afável havia sumido e seus olhos estreitaram-se e o rosto escureceu. Ezio teve a forte sensação da crueldade que levara aquele homem à posição de poder que agora mantinha.

— Sejamos claros — disse Selim, o rosto perto do de Ezio. — Se não fosse pelo aval de meu filho, eu o teria matado aí mesmo onde está. Não precisamos da influência de estrangeiros aqui. Deixe esta terra e não volte.

Incapaz de ser conter, Ezio sentiu a raiva crescer dentro de si por causa daquele insulto. Cerrou os punhos, algo que não passou despercebido por Selim, mas naquele momento Sofia salvou sua vida colocando a mão moderadora sobre seu braço.

— Ezio — cochichou —, deixe para lá. Essa não é sua luta.

Selim olhou-o mais uma vez nos olhos — desafiadoramente. Então virou-se e caminhou de volta para onde seus capitães e soldados de cavalaria o esperavam.

Momentos depois, já tinham montado e partido na direção de Constantinopla. Ezio e Sofia foram deixados com os mortos e um bando de

boquiabertos habitantes locais.

— Não, não é minha luta — concordou Ezio. — Mas onde uma termina e a seguinte começa?

73

Um mês depois, e após o ano ter mudado, Ezio se encontrava novamente ao pé da grande fortaleza de Masyaf.

Muita coisa havia acontecido desde que estivera ali pela última vez e, no rastro da conquista otomana na região, o castelo agora estava deserto. Uma águia solitária voava acima, mas não havia sinal de qualquer atividade humana. O castelo permanecia solitário e silencioso, guardando seus segredos. Ezio iniciou o longo e íngreme caminho de subida que seguia o precipício que se inclinava para o portão exterior, acima. Após caminhar por algum tempo, parou e virou-se, preocupado com sua companhia, que, sem fôlego, havia ficado um pouco para trás. Esperou por ela na sombra de um velho e escoriado tamarindeiro.

— Que subida! — ofegou Sofia, alcançando-o.

Ezio sorriu.

— Imagine se você fosse um soldado metido em uma armadura e carregado de suprimentos.

— Isso já é cansativo demais. No entanto, é mais divertido do que ficar sentada em uma livraria. Só espero que Azize esteja cuidando bem da loja.

— Não se preocupe. Tome. — Passou-lhe seu cantil com água.

Ela bebeu, agradecida, depois perguntou:

— Isso está deserto há muito tempo?

— Os Templários vieram e tentaram entrar em seus locais secretos, mas fracassaram. Fracassaram, no final, em obter as chaves que, juntas, teriam dado acesso a eles. E agora...

Ficaram em silêncio por um momento, enquanto Sofia absorvia a

magnificência a seu redor.

— É tão bonito aqui — comentou, finalmente. — E foi aqui que sua Irmandade começou?

Ezio suspirou.

— A Ordem começou milhares de anos atrás, mas, aqui, ela renasceu.

— E seu *levatrice* foi o homem que você mencionou... Altaïr?

Ezio confirmou com a cabeça.

— Altaïr ibn-La'Ahad. Ele nos construiu, depois nos libertou. — Fez uma pausa. — Mas percebeu a insensatez de manter um castelo como este. Havia se tornado um símbolo de arrogância e um guia para todos os nossos inimigos. No final, ele chegou à conclusão de que a melhor maneira de servir à justiça era viver uma vida justa. Não acima do povo que protegemos, mas *com* eles.

Sofia concordou com a cabeça, então perguntou, divertidamente:

— E a ordem para o uso dos capuzes ameaçadores... também foi ideia de Altaïr?

Ezio riu baixinho.

— Você, anteriormente, tinha mencionado um Credo — prosseguiu Sofia. — O que é isso?

Ezio parou um instante.

— Altaïr fez um grande... estudo, durante os últimos anos de sua longa vida, de certos... códigos que foram concedidos a ele. Lembro-me de cor de um trecho de seus escritos. Quer que eu lhe diga?

— Por favor.

— Altaïr escreveu: "Com o tempo, qualquer frase, proferida demorada e sonoramente o bastante, torna-se fixada. Desde que, é claro, você consiga sobreviver aos dissidentes e silenciar seus oponentes. Mas, se você for bem-sucedido e livrar-se de todos os rivais, o que resta? A verdade! Em certo sentido objetivo, isso é verdade? Não. Mas como uma pessoa alguma vez consegue um ponto de vista objetivo? A resposta é que essa pessoa não consegue. É literalmente, fisicamente impossível. Há variáveis demais. Há campos e fórmulas demais a serem considerados. O método socrático entendia isso. Ele fornecia uma abordagem assimptótica da verdade. A linha nunca encontra a curva em qualquer ponto finito. Mas a própria definição de assimptota contém uma luta infinita. Nós nos aproximamos centímetro a centímetro de uma revelação, mas

nunca a alcançamos. Jamais... E, assim, dei-me conta de que, enquanto os Templários existirem, eles tentarão torcer a realidade à sua vontade. Eles reconhecem que não há essa coisa de verdade absoluta ou, se há, estamos irremediavelmente desaparelhados para reconhecê-la. E, portanto, em seu lugar, procuram criar sua própria explicação. Trata-se do princípio condutor a que chamam de Ordem do Novo Mundo: reformar a existência na 'própria' imagem deles. Não se trata de artefatos. Não se trata de homens. Essas coisas são meros instrumentos. Trata-se de conceitos. Esperteza deles, pois quem vai travar guerra contra um conceito? Essa é a arma perfeita. Carece de forma física, mas pode alterar o mundo à nossa volta em numerosas, geralmente violentas, maneiras. Você não consegue matar um Credo. Mesmo se matar todos os seus adeptos, destruir todos os seus escritos... isso, no máximo, causa uma suspensão temporária. Algum dia, algum dia, será redescoberto. Reinventado. Acredito que até mesmo nós, os Assassinos, simplesmente redescobrimos uma Ordem que antecede ao Velho da Montanha... Todo conhecimento é uma quimera. Com o tempo, tudo volta. Infinito. Inevitável. Isso leva a uma pergunta: que esperança existe lá? Minha resposta é esta: precisamos alcançar um lugar onde essa pergunta não é mais relevante. A luta *em si* é assimptótica. Sempre se aproximando de uma resolução, mas nunca a alcançando. A melhor coisa que podemos esperar é que a linha suavize um pouco. Promova estabilidade e paz, por mais que sejam temporárias. E entenda, Leitor, elas serão sempre e eternamente *apenas* temporárias. Pois, enquanto continuarmos a reproduzir, daremos origem a céticos e rivais. Homens que se voltarão contra o *status quo* por nenhum outro motivo, às vezes, a não ser não terem nada melhor a fazer. É da natureza do Homem discordar. A guerra é apenas um dos muitos modos pelos quais fazemos isso. Creio que muitos ainda terão de entender o nosso Credo. Mas esse é o processo. Iludir-se. Frustrar-se. Educar-se. Esclarecer-se. Então, finalmente, compreender. Ficar em paz."

Ezio ficou em silêncio. Então perguntou:

— Isso faz sentido?

— *Grazie*. Sim, faz. — Ela ficou olhando-o, enquanto ele, perdido em pensamentos, fitava a fortaleza. — Você se arrepende da sua decisão? Viver como Assassino por tanto tempo?

Ele suspirou.

— Não me lembro de tomar qualquer decisão. Esta vida... ela me escolheu.

— Entendo — retrucou ela, baixando a vista para o chão.

— Por três décadas tenho servido à memória de meu pai e de meus irmãos, e lutado por aqueles que sofrem a dor da injustiça. Não me arrependo desses anos, mas agora... — Inspirou fundo, como se alguma força maior do que ele mesmo o tivesse soltado de seu aperto, e mudou o olhar do castelo para a águia, que ainda voava alto, muito alto. — Agora está na hora de eu viver por mim mesmo, e largá-los. Largar tudo isso.

Ela tocou em sua mão.

— Então largue, Ezio. Largue. Você não cairá longe.

74

Era fim de tarde quando chegaram ao portão do pátio externo. Estava aberto, e a hera já tecia seu caminho em volta dos pilares. O mecanismo do cabrestante acima estava enfeitado com plantas trepadeiras. Atravessaram para o pátio interno e ali, também, o portão estava aberto, e o pátio em si mostrava sinais de uma partida às pressas. Uma carroça abandonada, carregada pela metade, estava perto de um imenso plátano morto debaixo do qual havia um banco de pedra quebrado.

Ezio mostrou o caminho para o interior da Torre de Menagem, e depois, uma escada abaixo para as entranhas do castelo, carregando uma tocha para iluminá-los enquanto percorriam uma série de corredores lúgubres, até, finalmente, se encontrarem diante de uma pesada porta feita de uma pedra verde lisa. Sua superfície apresentava cinco fendas arrumadas em um semicírculo à altura do ombro.

Ezio pousou a bolsa e dela tirou as cinco chaves.

Avaliou o peso da primeira em sua mão.

— O fim da linha — disse ele, mais para si mesmo do que para Sofia.

— Nem tanto — devolveu Sofia. — Primeiro, temos de descobrir como abrir a porta.

Ezio analisou as chaves e as fendas nas quais deveriam ser encaixadas. Símbolos em volta das fendas lhe deram a primeira pista.

— Elas devem... de algum modo... combinar com os símbolos das chaves — deduziu, pensativamente. — Eu sei que Altaïr deve ter tomado todas as precauções para proteger esse arquivo... deve haver uma sequência. Se eu

fracassar em fazer isso direito, receio que a porta permaneça trancada para sempre.

— O que você espera encontrar atrás dela? — Sofia parecia esbaforida, quase amedrontada.

A própria voz de Ezio tinha declinado para um sussurro, embora não houvesse mais ninguém que pudesse ouvi-lo, a não ser ela.

— Conhecimento, acima de tudo. Altaïr era um homem profundo e um escritor prolífico. Construiu este local como repositório para toda sua sabedoria. — Olhou para ela. — Sei que ele viu muitas coisas na vida e aprendeu muitos segredos, igualmente perturbadores e profundos. Adquiriu tal conhecimento que levaria um homem inferior ao desespero.

— Então é sensato entrar?

— Estou preocupado, é verdade. Mas, por outro lado — abriu um sorriso —, não sou, como já deve ter percebido, um homem inferior.

— Ezio... sempre o engraçadinho. — Sofia sorriu de volta, aliviada pela tensão ter sido desfeita.

Ezio colocou a tocha que segurava em um suporte, onde forneceu a ambos luz suficiente para lerem. Notou que os símbolos na porta tinham começado a brilhar com uma luz indefinível, mal perceptível, mas clara, e que as chaves também brilhavam, aparentemente em resposta.

— Olhe cuidadosamente os símbolos nas chaves. Tente descrevê-los em voz alta enquanto olho os símbolos na porta.

Ela colocou os óculos e pegou a primeira das chaves que ele lhe deu. Ao mesmo tempo que ela falava, ele analisava atentamente os sinais da porta.

Então ele ofegou, ao reconhecer.

— Claro. Altaïr passou muito tempo no Oriente e lá obteve muito conhecimento. — Fez uma pausa. — Os caldeus!

— Você quer dizer que... isto tem alguma coisa a ver com as estrelas?

— Sim... as constelações. Altaïr viajou pela Mesopotâmia, onde os caldeus viveram.

— Sim, mas eles viveram dois mil anos atrás. Nós temos livros... Heródoto, Diodoro Sículo... que nos contam que eles eram grandes astrônomos, mas nenhum conhecimento detalhado do trabalho deles.

— Altaïr o possuía... e ele o transmitiu para cá, codificado. Temos de aplicar

o nosso fraco conhecimento das estrelas no deles.

— Isso é impossível! Todos nós sabemos que eles conseguiram calcular a duração de um ano solar com uma diferença de quatro minutos, o que é muito preciso, mas como eles fizeram isso é outra questão.

— Eles se preocupavam com as constelações e com o movimento dos corpos celestes através do céu. Pensavam que, através deles, podiam prever o futuro. Eles construíram grandes observatórios...

— Isso é puro boato!

— É tudo que temos para poder ir em frente, e olhe... olhe aqui. Não reconhece isto?

Ela olhou para um símbolo entalhado em uma das chaves.

— Ele o fez obscuro de propósito... mas isto não é — apontou Ezio... a constelação de Leão?

Ela observou atentamente o que ele lhe mostrara.

— Creio que é! — disse ela, erguendo a vista, empolgada.

— E aqui — Ezio virou-se para a porta e olhou os sinais perto da fenda que acabara de examinar —, se não estou enganado, é um diagrama da constelação de Câncer.

— Mas essa é a constelação contígua a Leão, não é? E também não é o signo que antecede Leão no Zodíaco?

— Que foi inventado pelos...

— Caldeus!

— Vejamos se essa teoria é à prova d'água — disse Ezio, olhando para a fenda seguinte.

— Aqui é Aquário.

— Que conveniente — brincou Sofia, mas olhou seriamente para as chaves. Finalmente, levantou uma. — Aquário é ladeado por Peixes e Capricórnio — disse ela —, mas o que vem depois de Aquário é Peixes. E aqui... acho... está ele!

— Vejamos se os outros funcionam de maneira semelhante.

Trabalharam intensamente e descobriram, em uma questão de apenas dez minutos, mais do que sua suposição parecia calcular. Cada chave ostentava o símbolo de uma constelação correspondente a um signo do Zodíaco, e cada signo de chave correspondia a uma fenda identificada com uma constelação imediatamente precedente no círculo do Zodíaco.

— Mas que homem, o seu Altaïr — comentou Sofia.

— Ainda não chegamos lá — retrucou Ezio. Mas, com todo o cuidado, colocou a primeira chave no que esperava ser sua fenda correspondente — e ela encaixou.

Assim como as outras quatro.

Então — foi quase um anticlímax — lenta, suave e silenciosamente, a porta verde deslizou para o chão de pedra.

Ezio parou na entrada. Um longo corredor se abriu diante dele e, ao olhar, duas tochas em seu interior se acenderam simultânea e espontaneamente.

Pegou uma delas do suporte e deu um passo adiante. Então hesitou e voltou-se para Sofia.

— Acho bom você voltar daí com vida — disse ela.

Ezio deu-lhe um sorriso malicioso e apertou com força a sua mão.

— É o que pretendo — respondeu.

Foi em frente.

Enquanto fazia isso, a porta da câmara deslizou e se fechou novamente, tão depressa que Sofia mal teve tempo de reagir.

75

Ezio caminhou lentamente pelo corredor, que seguia sempre para baixo e se alargava à medida que avançava. Ele mal precisava da tocha, pois elas formavam filas pelas paredes e se acendiam por um misterioso processo à medida que passava por elas. Ele, porém, não tinha qualquer sensação de tremor ou inquietação. De um modo curioso, sentia-se como se estivesse chegando em casa. Como se algo estivesse se aproximando de sua conclusão.

Finalmente, o corredor desembocava em uma ampla câmara redonda, com cinquenta metros de largura por cinquenta de altura até o topo de sua cúpula, igual à nave circular de alguma magnífica basílica. Na parte principal do salão, havia caixas que um dia devem ter contido artefatos, mas que agora estavam vazias. As múltiplas sacadas que percorriam toda a sua volta estavam enfileiradas com estante após estante — cada centímetro de cada parede estava coberto por elas.

Ezio notou, para seu espanto, que cada uma delas estava vazia.

Não teve tempo, porém, de pensar sobre isso, pois seus olhos foram irresistivelmente atraídos para uma enorme escrivaninha de carvalho sobre uma alta plataforma no lado mais distante do salão, do lado oposto à entrada. Ela era brilhantemente iluminada de algum lugar muito acima e a luz caía diretamente sobre a figura alta ali sentada.

Então Ezio sentiu algo como admiração, pois, em seu coração, soube imediatamente quem era aquele. Aproximou-se com reverência e, ao chegar bem perto para tocar na figura encapuzada na cadeira, caiu de joelhos.

A figura estava morta — estava morta havia bastante tempo. Mas a capa e o

manto brancos não estavam danificados pela passagem dos séculos e, mesmo em sua tranquilidade, o morto irradiava — alguma coisa. Uma espécie de poder — mas não poder terreno. Ezio, tendo feito sua reverência, ficou novamente de pé. Não ousou levantar o capuz para ver o rosto, mas olhou os longos ossos das mãos esqueléticas estendidas sobre a superfície da escrivaninha, como se atraído por elas. Havia uma pena e folhas brancas de pergaminho antigo sobre a mesa e um tinteiro seco. Debaixo da mão direita da figura havia uma pedra circular — não diferente das chaves da porta, porém mais delicadamente lavrada, e feita, como Ezio pensou, do mais fino alabastro que ele já tinha visto.

— Nada de livros — falou Ezio no silêncio. — Nada de artefatos... Apenas você, *fratello mio*. — Pousou delicadamente a mão sobre o ombro do morto. Eles não eram de modo algum aparentados pelo sangue, mas os laços da Irmandade os uniam com mais força do que os de família seriam capazes.

— *Requiescat in pace*, ó Altaïr.

Olhou para baixo, achando ter percebido um movimento com o canto do olho. Mas não foi nada, apenas a pedra sobre a escrivaninha estava livre da mão que Ezio tinha imaginado que a cobria. Um truque da luz. Nada mais.

Instintivamente, Ezio soube o que tinha de fazer. Bateu uma pederneira para acender um toco de vela sobre um bastão em cima da escrivaninha e analisou a pedra mais atentamente. Estendeu a mão e a apanhou.

No momento em que ficou em sua mão, a pedra começou a brilhar.

Ergueu-a até o rosto, e nuvens familiares giraram e o tragaram...

76

— Disse que Bagdá foi saqueada?

— Sim, pai. Os mongóis de Hulagu Khan invadiram a cidade como uma conflagração. Ninguém foi poupado. Ele pôs de pé a roda de uma carroça e mandou a população fazer uma fila e passar por ela. A pessoa cuja cabeça fosse mais alta do que o cubo da roda, ele matava.

— Deixando apenas os novos e maleáveis?

— Sim.

— Hulagu não é idiota.

— Ele destruiu a cidade. Queimou todas as bibliotecas. Pôs abaixo a universidade. Matou todos os intelectuais juntamente com o restante. A cidade nunca viu tal holocausto.

— E jamais verá novamente, espero.

— Amém a isso, pai.

— Confio em você, Darim. Foi muito bom ter tomado a decisão de partir para Alexandria. Cuidou dos meus livros?

— Sim, pai... os que não mandamos com os irmãos Polo, já enviei para Latakia em carroças para embarcar no navio.

Altaïr estava acocorado perto da porta aberta de sua grande biblioteca e seu arquivo abobadado. Vazio agora, totalmente limpo. Ele apertou uma pequena caixa de madeira. Darim mostrava mais do que bom senso ao não perguntar ao pai o que era aquilo.

— Bom. Muito bom — disse Altaïr.

— Mas tem uma coisa... uma coisa fundamental... que eu não entendo —

frisou Darim. — Por que você construiu uma enorme biblioteca e um enorme arquivo durante tantas décadas se não pretendia manter seus livros?

Altaïr fez um gesto de interrupção com a mão.

— Darim, você sabe muito bem que já vivi muito mais do que meu tempo de vida. Muito em breve, partirei em uma viagem que não necessita de nenhuma bagagem. Mas você já respondeu à sua própria pergunta. O que Hulagu fez em Bagdá fará aqui. Nós já os expulsamos uma vez, mas eles voltarão e, quando voltarem, Masyaf terá de estar vazia.

Darim notou que, enquanto falava, seu pai apertava ainda mais contra o peito a pequena caixa de madeira, como se a protegesse. Olhou para Altaïr, tão frágil que até parecia ser feito de pergaminho, mas, por dentro, resistente feito velino.

— Entendo — disse ele. — Isto não é mais uma biblioteca... mas uma cripta.

Seu pai concordou gravemente com a cabeça.

— Ela precisa permanecer escondida, Darim. Longe de mãos ávidas. Pelo menos até ela ter revelado o segredo que contém.

— Que segredo?

Altaïr sorriu e ergueu-se.

— Não importa. Vá, meu filho. Vá ficar com sua família, e viva bem.

Darim abraçou-o.

— Tudo que é bom em mim começou com você — disse o filho.

Eles se separaram. Então Altaïr atravessou o vão da porta. Uma vez no interior, apoiou-se e fez força para puxar uma grande alavanca do lado de dentro, logo acima, no lintel. Finalmente, ela se mexeu e, tendo completado seu arco, encaixou-se no lugar com um clique. Lentamente, uma pesada pedra verde ergueu-se do chão para fechar a abertura.

Silenciosamente, pai e filho observaram um ao outro, enquanto a porta subia. Darim tentou duramente manter o autocontrole, mas, finalmente, não conseguiu conter as lágrimas, quando a porta aprisionou seu pai naquela sepultura em vida. Enfim, descobriu-se olhando o que, para todos os efeitos, era uma superfície vazia, e apenas uma ligeira mudança de cor distinguia a porta das paredes, isso e as curiosas fendas nela.

Batendo no peito em pesar, Darim virou-se e foi embora.

Quem foram aqueles que vieram antes?, pensou Altaïr, enquanto seguia sem

pressa seu caminho ao longo do corredor que levava à grande e subterrânea câmara abobadada. Ao passar por elas, as tochas nas paredes iluminavam seu caminho, alimentadas por um ar combustível, levado até elas por canos escondidos no interior das paredes, inflamado pela ação de pederneiras com molas que eram disparadas quando o peso dele acionava travas debaixo do chão. Chamejavam por alguns minutos atrás dele, depois se apagavam novamente.

O que os trouxe aqui? O que os expulsou? E onde estão seus artefatos? O que temos chamado de Pedaços do Éden. Mensagens em garrafas. Instrumentos deixados para trás para nos ajudar e nos guiar. Ou lutamos nós por controlar seu refugo, fornecendo propósito divino e significado a pouco mais do que brinquedos descartados?

Ele seguiu arrastando os pés pelo corredor, agarrado à caixa, com as pernas e os braços doendo de cansaço.

Finalmente, alcançou o grande salão sombrio e o atravessou sem solenidade. Chegou à sua escrivaninha com o alívio que um homem que se afogava sente ao encontrar uma verga no mar para se agarrar.

Sentou-se, colocando a caixa à sua frente com cuidado, deixando-a perfeitamente ao alcance, quase sem desejar tirar as mãos dela. Puxou papel, pena e tinta para sua direção, molhou a pena, mas não escreveu. Em vez disso, pensou no que *tinha* escrito — algo de seu diário.

> A Maçã é mais do que um catálogo do que nos precedeu. Em seu rodopiante e cintilante interior, captei vislumbres do que será. Tal coisa não deveria ser possível. Talvez não seja. Talvez seja apenas sugestão. Contemplo as consequências dessas visões: são imagens de coisas por vir — ou simplesmente o potencial do que pode ser? Podemos influenciar o resultado? Ousamos tentar? E, ao fazermos isso, meramente nos asseguramos do que vimos? Estou dividido — como sempre — entre ação e inação — incerto sobre qual — se alguma das duas — fará diferença. Ao menos tenciono fazer uma diferença? Ainda assim, mantenho este diário. Isso não será uma tentativa de mudar — ou de garantir — o que vi?
>
> Que ingenuidade acreditar que pode haver uma única resposta para cada pergunta. Cada mistério. Que existe uma única, divina luz que rege tudo. Dizem que é uma luz que traz a verdade e o amor. Eu digo que é uma luz que nos cega — e nos força a cambalear na ignorância. Anseio pelo dia em que os homens virarão as costas para os monstros invisíveis e, mais uma vez, adotem uma visão mais racional do mundo. Mas essas novas religiões são tão convenientes — e prometem castigos tão terríveis que deveriam ser rejeitadas — que me preocupo que o medo nos mantenha presos ao que é realmente a maior mentira já contada...

O velho ficou sentado por algum tempo em silêncio, sem saber se sentia esperança ou desespero. Talvez não sentisse nenhum dos dois. Talvez tivesse superado ou sobrevivido a ambos. O silêncio do grande salão e sua penumbra o protegiam como os braços de uma mãe. Mas ele continuava sem conseguir afastar seu passado.

Empurrou para longe dele o material de escrita e puxou a caixa em sua direção, colocando ambas as mãos sobre ela, protegendo-a — de quê?

Então pareceu que Al Mualim estava diante dele. Seu antigo Mentor. Seu antigo traidor. A quem, finalmente, tinha denunciado e destruído. Mas, quando o homem falou, foi com ameaça e autoridade.

— Em muita sabedoria há muita dor. E aquele que aumenta o conhecimento, aumenta o pesar. — O fantasma inclinou-se adiante, falando agora em um urgente sussurrar, junto ao ouvido de Altaïr. — Destrua-a! Destrua-a como disse que o faria!

— N-Não consigo!

Então outra voz. Uma que atingiu seu coração, quando se voltou para ela. Al Mualim havia desaparecido. Mas onde estava *ela*? Ele não conseguia *vê-la*!

— Você trilhou uma linha fina, Altaïr — disse Maria Thorpe. A voz era jovem, firme. Como quando ele a conhecera, sete décadas atrás.

— Fui guiado pela curiosidade, Maria. Por mais terrível que seja, este artefato contém maravilhas. Gostaria de entendê-lo o melhor possível.

— O que ele lhe diz? O que você vê?

— Estranhas visões e mensagens. Dos que vieram antes, sobre sua ascensão, e seu declínio...

— E nós? Onde estamos?

— Somos elos de uma corrente, Maria.

— Mas o que acontece conosco, Altaïr? À nossa família? O que diz a Maçã?

Altaïr respondeu:

— Quem foram os que vieram antes? O que os trouxe aqui? Há quanto tempo? — Mas ele falava mais para si mesmo do que para Maria, que novamente invadiu seus pensamentos.

— Livre-se dessa coisa!

— Este é meu dever, Maria — disse Altaïr tristemente à sua esposa.

Então ela gritou, terrivelmente. E seguiu-se o chocalhar em sua garganta,

enquanto ela morria.

— Força, Altaïr. — Um sussurro.

— Maria! Onde... onde você está? — Para o grande salão ele gritou: — Onde está ela? — Mas a única resposta foi seu eco.

Então uma terceira voz, igualmente aflita, mas tentando acalmá-lo.

— Papai... ela se foi. Não se lembra? Ela se foi — disse Darim.

Um gemido desesperado.

— Onde está a minha *esposa*?

— Já faz 25 anos, seu velho idiota! Ela está *morta*! — gritou-lhe raivosamente seu filho.

— Deixe-me. Deixe-me com meu trabalho!

Agora, mais suave:

— Pai... que lugar é este? Para que serve?

— É uma biblioteca. E um arquivo. Para guardar em segurança tudo que aprendi. Tudo o que eles me mostraram.

— O que eles lhe mostraram, pai? — Uma pausa. — O que aconteceu em Alamut antes de os mongóis chegarem? O que você descobriu?

Então houve silêncio, e o silêncio envolveu Altaïr como um céu cálido, e, em seu interior, ele disse:

— O objetivo deles agora é conhecido por mim. Seus segredos são meus. Seus motivos são claros. Mas essa mensagem não é para mim. É para outro.

Olhou para a caixa à sua frente sobre a escrivaninha. *Não tocarei novamente nessa coisa desgraçada. Logo irei embora deste mundo. Está na minha hora. Todas as horas do dia são agora coloridas pelos pensamentos e medos nascidos dessa compreensão. Todas as revelações que jamais foram concedidas a mim acabaram. Não existe outro mundo. Nem um retorno a este. Ele simplesmente se... acabará. Para sempre.*

E ele abriu a caixa. Dentro dela, em um leito de veludo marrom, estava a Maçã. Um Pedaço do Éden.

Deixei que fosse conhecido que esta Maçã foi primeiramente escondida em Chipre e depois perdida no mar, caída no oceano... esta Maçã não deve ser descoberta até ser o momento...

Fitou-a por um momento, então levantou-se e virou-se para um nicho escuro na parede atrás dele. Acionou uma alavanca, que abriu uma porta pesada, que

cobria uma alcova oculta na qual havia um pedestal. Altaïr tirou a Maçã da caixa, um objeto não maior do que uma bola de futebol, e a transferiu rapidamente para o pedestal. Agiu depressa, antes que fosse dominado pela tentação, e novamente acionou a alavanca. A porta da alcova deslizou para se fechar, estalando decisivamente no lugar. Ele sabia que a alavanca não seria operada novamente por dois séculos e meio. Tempo suficiente, talvez, para o mundo mudar. Para ele, porém, a tentação tinha acabado.

Retomou seu assento à escrivaninha e, de uma gaveta, retirou um disco de alabastro branco. Acendeu uma vela próxima a ele e, segurando o disco com ambas as mãos, ergueu-o diante dos olhos, fechou-os, e começou a impregnar o alabastro com seus pensamentos — seu testamento.

A pedra brilhou, iluminando seu rosto por um longo tempo. Então o brilho diminuiu, e ficou escuro. Tudo ficou escuro.

Ezio virou o disco várias e várias vezes em suas mãos sob a luz da vela. Não fazia ideia de que modo viera a aprender o que agora sabia. Mas sentiu uma profunda amizade, até mesmo um parentesco, com aquela casca sentada a seu lado.

Olhou, incrédulo, para Altaïr.

— Outro artefato? — perguntou. — Outra *Maçã*?

77

Ele sabia o que fazer e o fez quase como se estivesse em um sonho. Cuidadosamente, colocou o disco de volta em cima da escrivaninha e virou-se para o nicho atrás dela. Sabia onde encontrar a alavanca, e esta cedeu imediatamente, quando ele lhe deu um leve puxão. Quando a porta deslizou e abriu, ele engoliu em seco. *Eu pensava que era apenas uma. A tal que Maquiavel e eu enterramos para sempre na câmara debaixo da igreja de San Nicola in Carcere. E agora — sua gêmea!*

Analisou a Maçã por um momento. Era escura e fria — sem vida. Mas conseguia sentir a mão, independente de sua vontade, querendo pegá-la.

Com um supremo esforço, deteve-se.

— NÃO! Você ficará AQUI!

Deu um passo para trás.

— Já vi o bastante por uma existência.

Pôs a mão na alavanca.

Mas então a Maçã ganhou vida, iluminando-se, sua luz ofuscando-o. Ele cambaleou para trás, virando-se para ver, no centro da agora exuberantemente iluminada câmara, o mundo — o mundo! — girando no espaço, seis metros acima do chão, uma bola comum gigante de cores azul, marrom, branco e verde.

— NÃO! — gritou, tapando os olhos com as mãos. — Já fiz o bastante! Vivi minha vida da melhor maneira que pude, sem saber seu objetivo, mas atraído adiante como uma mariposa para uma lua distante. Chega!

Escute. Você é um condutor para uma mensagem que não é para você entender.

Ezio não fazia ideia de onde vinha a voz ou de quem era. Tirou as mãos dos olhos e colocou-as sobre os ouvidos, virando-se para a parede, seu corpo deslocando-se para frente e para trás como se estivesse sendo espancado. Foi forçado a girar para encarar o salão. Nadando no ar, enchendo o brilho exagerado, havia trilhões de números e ícones, cálculos e fórmulas e palavras e letras, algumas misturadas, algumas colocadas juntas para fazer um eventual sentido, mas separando-se novamente para dar lugar ao caos. E, de seu meio, veio a voz de um velho; velho porque tremia de vez em quando. Não lhe faltava autoridade. Era a voz mais poderosa que Ezio já tinha ouvido.

Está me ouvindo, cifra? Consegue me ouvir?

Então, surgiu algo como um homem, caminhando na direção dele como se viesse de uma longa distância, caminhando através do rodopiante mar de todos os símbolos que o homem alguma vez usara para tudo fazer sentido — caminhando no ar, na água, mas não na terra. Ezio sabia que a figura jamais se libertaria para alcançá-lo. Eles estavam em dois lados de um abismo intransponível.

Ah. Aí está você.

Os números em volta da figura mudaram de lugar e pulsaram e começaram a fugir uns dos outros sem conseguir se libertar — em uma espécie de pesadelo entrópico. A figura, porém, ficou mais clara. Um homem. Mais alto e mais largo do que a maioria dos homens. Lembrou a Ezio uma das estátuas de deuses gregos que Michelangelo havia lhe mostrado quando a coleção dos Bórgia fora confiscada pelo papa Júlio. Mas um deus velho. Zeus ou Poseidon. Barba cheia. Olhos que brilhavam com uma sabedoria sobrenatural. Em volta dele, os dígitos e as equações agitadas pararam de lutar entre si e, finalmente, passaram a flutuar para longe, cada vez mais e mais depressa, até sumirem, e o mundo sumir, e tudo que restou foi aquele... homem. Do que mais Ezio poderia chamá-lo?

Tinia. Eu me chamo Tinia. Creio que conheceu minhas irmãs.

Ezio olhou para a criatura, mas esta olhava as derradeiras fórmulas itinerantes que se apressavam através do éter.

A voz, quando falou novamente, parecia estranhamente humana, um pouco insegura de si mesma.

Um lugar estranho, esta conexão de Tempo. Não estou acostumado a... cálculos. Isso sempre foi domínio de Menrva.

Olhou para Ezio de modo inquisidor. Havia, porém, algo mais — uma profunda tristeza e uma espécie de orgulho paterno.

Vejo que você ainda tem muitas perguntas. Quem somos nós? Que fim levamos? O que desejamos de você? Tinia sorriu. *Você terá suas respostas. Apenas ouça e eu lhe contarei.*

A luz agora esgotou-se lentamente do salão inteiro e, mais uma vez, um fantasmagórico globo azul giratório surgiu à vista logo atrás de Tinia e, devagar, cresceu de tamanho até ocupar quase toda a câmara.

Tanto antes do fim quanto depois, nós procuramos salvar o mundo.

Pequenos pontos começaram a aparecer no imenso globo giratório, um após o outro.

Eles indicam onde construímos câmaras para nelas trabalhar, cada qual dedicada a uma maneira diferente de salvação.

Ezio viu um dos pontos, entre os vários, brilhar intensamente. Ficava perto da costa oriental de um vasto continente que ele não podia imaginar que existisse realmente, mas sabia que seu amigo Américo Vespúcio, dez anos antes, havia descoberto ali um litoral, e ele tinha visto no mapa de Waldseemüller a representação de todo o mundo descoberto. Mas tudo que aquele mapa mostrava estava mais ao sul. Poderia haver mais? Uma grande terra ali? Parecia tão improvável.

Elas foram colocadas escondidas para evitar a guerra que assolava acima, e também como uma precaução, para o caso de falharmos em nossos esforços.

E Ezio viu agora que raios de luz começavam a traçar espécies de linhas através do globo giratório, que ia mais devagar, de todos os pontos marcados nele para o único que havia no estranho novo continente, e assim prosseguiu até o mundo todo estar cruzado com uma filigrana de linhas de luz.

O conhecimento de cada câmara foi transmitido para um único lugar...

E agora o ponto de vista de Ezio mudou, ao observar a grande imagem do mundo; Ezio pareceu mergulhar verticalmente na direção do mundo, através do espaço, até parecer que ele estava quase para se espatifar no chão que se erguia para encontrá-lo. Mas então — então foi como se ele tivesse sido erguido no último momento e ficasse deslizando junto ao chão, depois para baixo novamente, por um buraco semelhante a um poço de mina até emergir em um imenso prédio subterrâneo, igual a um templo ou um salão de um palácio.

Era nosso dever... meu e de minhas irmãs, Menrva e Uni... separar e ordenar tudo que era recolhido. Escolhemos aquelas soluções mais promissoras, e nos dedicamos a testar seus méritos. E, realmente, agora Ezio estava no grande salão, na misteriosa câmara na misteriosa terra — ou parecia estar lá — e ali, perto de Tinia, estavam Menrva e Uni, com quem Ezio realmente havia se encontrado antes...

Testamos seis sucessivamente, cada qual mais encorajador do que o anterior. Mas nenhum funcionou.

Então... o mundo acabou.

A última afirmação foi feita em um tom tão simples e prosaico que Ezio foi tomado de surpresa. Viu Menrva, triste, e Uni, zangada, olharem enquanto Tinia movimentava um complexo mecanismo que acionou as grandes portas do palácio para se fecharem, trancando-os lá dentro. E então...

Então uma grande onda de indescritível poder atingiu a câmara superior do firmamento e iluminou o céu como dez mil auroras boreais. Ezio parecia estar parado em meio a milhares e milhares de pessoas, em uma elegante cidade, todas com as cabeças erguidas para o espetáculo sobrenatural acima delas. Mas a leve brisa que se movimentava nelas mudou de um vento suave para tempestade e então para furacão em menos de um minuto. As pessoas se entreolharam em descrédito e depois em pânico, e saíram correndo para se abrigar.

O céu, ainda flamejante com ondas de fogo verde, agora começou a crepitar e faiscar com relâmpagos. Trovões rugiram e ribombaram, embora não houvesse qualquer nuvem à vista, e raios atiraram-se do firmamento igualmente sobre árvores, prédios e pessoas. Escombros voaram pelo ar, destruindo tudo em seu caminho.

Em seguida, um tremor colossal fez com que o chão tremesse. Os que estavam a céu aberto perderam o apoio e foram sugados para baixo por pedras e pedregulhos, carregados como bolas de papel pelo vento, antes que pudessem se levantar. A Terra tremeu novamente, dessa vez com mais violência, e os berros e gritos dos aflitos foram abafados pelo estalar de raios e o ensurdecedor guincho do temporal. Os sobreviventes que estavam a céu aberto se esforçavam para conseguir abrigo, alguns pelejavam para manter o equilíbrio agarrando-se nas laterais dos prédios que ainda se mantinham de pé, aferrando-se a eles enquanto avançavam.

Em meio à devastação geral, porém, grandes templos mantinham-se firmes, intocados pela catástrofe à sua volta, prestando tributo à engenhosidade daqueles que os haviam construído. Mas outro grande tremor ondulou o chão, e então mais outro. Uma larga estrada dividiu-se em duas ao longo de seu comprimento, e as pessoas fugiram do crescente abismo que se abriu. O céu agora estava em chamas, arcos voltaicos corriam de um horizonte para o outro, e os mais altos confins do firmamento pareciam prestes a implodir.

Em seguida a impressão de Ezio era a de que via a Terra novamente de longe, tragada por uma colossal explosão solar, presa em uma rede de gigantescas bolas de fogo, e então, inimaginavelmente, o mundo deslocou-se de seu eixo, rolando... A elegante cidade, o refinado, sofisticado conjunto de prédios altos e parques bem-cuidados, foi rasgada por profundas feridas quando a terra se dividiu e cedeu debaixo dela, rasgando os edifícios previamente intocados e pondo-os abaixo em pedaços. As poucas pessoas no que restava das ruas berravam, um último grito desesperado de agonia enquanto a mudança de posição dos polos da Terra deixava a superfície do planeta vulnerável à radiação mortal das explosões solares. As últimas estruturas foram varridas para longe como castelos de cartas ao vento.

Então — do mesmo modo repentino como havia começado — tudo ficou tranquilo. As auroras boreais cessaram assim como a chama de uma vela se apaga quando alguém a assopra e, quase imediatamente, o vento se acalmou. A destruição, porém, era completa. Quase nada fora poupado. Fogo e fumaça, escuridão e ruína tinham o ilimitável domínio sobre tudo.

Através do miasma, a voz de Tinia chegou a Ezio. Ou a alguém como ele. Nada mais era certo.

Ouça. Você deve ir lá. Ao local onde trabalhamos... Trabalhamos e perdemos. Grave minhas palavras. Passe-as de sua cabeça para suas mãos. É desse modo que você abrirá o Caminho. Mas cuidado. Muita coisa ainda permanece instável. E eu não sei como as coisas vão terminar — ou no meu tempo, ou no seu.

A tempestade de poeira estava clareando, a lava derretida esfriava. O tempo acelerava à medida que pequeninos brotos desabrochavam no chão e se restauravam. A entrada de uma câmara subterrânea se abriu e as pessoas da Primeira Civilização emergiram, e elas, por sua vez, começaram a reconstruir. Mas seu número era pequeno e não aumentava. Por muitos séculos, ele diminuiu

até restarem apenas poucas centenas, depois poucas dúzias, até nenhum...

O que haviam reconstruído foi reclamado pelas florestas conquistadoras. Suas novas edificações, por sua vez, desapareceram, devoradas pelo tempo. Uma exuberante paisagem de floresta com morros baixos envolveu todas aquelas grandes extensões não cobertas por planícies. Então, pessoas — mas diferentes dos Primeiros Chegados. Humanos agora. Aqueles, a quem os Primeiros Chegados haviam criado como escravos, agora, livres, se tornariam seus herdeiros. Alguns, aliás, já tinham sido tomados como amantes pelos Primeiros Chegados, e, deles, surgira uma pequena linhagem de pessoas com mais do que poderes humanos. Mas os verdadeiros herdeiros foram os humanos. Os primeiros nessa terra desconhecida foram homens e mulheres com pele de um bronzeado intenso e cabelos pretos longos e lisos. Pessoas altivas que caçavam estranho gado selvagem de cor marrom-escura, cavalgando, em pelo pôneis robustos, usando arco e flecha. Pessoas que viviam em tribos separadas que guerreavam umas com as outras, mas com pouco derramamento de sangue.

Então vieram mais pessoas. Pessoas mais pálidas, cujas roupas eram diferentes e cobriam mais completamente. Pessoas que vieram em navios da Europa, através do Mare Occidentalis. Pessoas que caçaram as outras e as expulsaram de suas terras, assentando, em seu lugar, suas próprias fazendas, aldeias e, novamente, enfim, cidades e metrópoles que rivalizavam com as da civilização perdida, que desaparecera dentro da terra muitos milênios antes.

Grave isso e lembre-se. Nunca deve ser de sua escolha desistir da luta pela justiça. Mesmo quando parece que ela nunca pode ser vencida, que toda esperança está perdida, a luta, a luta *garante a sobrevivência da justiça, a sobrevivência do mundo. Sua vida se equilibra à beira de um abismo, você não consegue evitar isso. Seu trabalho é garantir que o equilíbrio nunca penda demais para o lado errado. E há mais uma coisa que você pode fazer que lhe dará certeza de que nunca penderá: você pode amar.*

Ezio agarrou-se à escrivaninha. Junto a ele, Altaïr continuava sentado na cadeira. Nada havia se alterado em cima da mesa, nem uma folha de pergaminho se mexera, e o toco de vela queimava com uma chama firme.

Ele não sabia como tinha ido do nicho para a escrivaninha, mas agora recuou alguns passos. A Maçã continuava pousada sobre o pedestal dentro da alcova,

fria e morta. No escuro, mal conseguia distinguir seu contorno. Sua caixa coberta de pó, ele notou, estava em cima da escrivaninha.

Ele se recompôs e atravessou novamente a grande câmara, dirigindo-se ao corredor que o levaria de volta à luz do sol e a Sofia.

Mas, na entrada para a grande biblioteca, ele se virou de novo. Agora bem distante, assim parecia, ele olhou uma última vez para Altaïr, sentado pela eternidade no fantasma de sua biblioteca.

— Adeus, Mentor — disse ele.

78

Chegando à porta externa, Ezio encontrou a alavanca na verga da porta e a puxou. Obedientemente, a porta verde deslizou no chão. E ali estava Sofia, lendo um livro, esperando por ele.

Quando ele surgiu, ela sorriu, se levantou, foi na direção de Ezio e segurou sua mão.

— Você voltou — disse ela, incapaz de disfarçar o grande alívio na voz.

— Eu prometi que voltaria.

— Encontrou o que procurava?

— Encontrei... o suficiente.

Ela hesitou.

— Eu pensei...

— O quê?

— Pensei que não o veria novamente.

— Às vezes nossas piores premonições são as menos confiáveis.

Ela olhou-o.

— Devo estar louca. Acho que gosto de você mesmo quando é pomposo. — Fez uma pausa. — O que faremos agora?

Ezio sorriu.

— Vamos para casa — disse ele.

Parte Três

Ó luz eterna, em si mesma contida,
Conhecida por si mesma, e somente por si —
Assim, pode amar e sorrir para si mesma:
Seu conhecimento é autossuficiente, e íntimo.

— Dante, *Paraíso*

79

Ezio ficou calado durante a maior parte da viagem de volta a Constantinopla. Sofia, lembrando-se do terrível alerta de Selim, questionou, apesar de tudo, a sensatez de seu retorno para lá, mas ele apenas disse:

— Ainda há muito trabalho a fazer.

Ela se preocupava com ele... Ezio parecia tão retraído, quase indisposto. Mas, quando os domos dourados e os minaretes brancos apareceram novamente no litoral setentrional, seu ânimo aumentou, e ela viu o velho brilho de volta em seus olhos cinza-escuros.

Voltaram à livraria dela. Estava irreconhecível. Azize a tinha modernizado e todos os livros se alinhavam com esmero nas prateleiras em uma ordem impecável. Azize quase pediu desculpas a ela quando lhe devolveu as chaves, mas Sofia notou principalmente que a loja estava cheia de clientes.

— Dogan deseja vê-lo, Mentor — anunciou Azize, quando cumprimentou Ezio. — E fique tranquilo. O príncipe Suleiman sabe de seu retorno e já lhe forneceu um salvo-conduto. Mas o pai dele está inflexível, você não deve permanecer por muito tempo.

Ezio e Sofia trocaram um olhar. Eles agora já estavam juntos havia muito tempo, no mínimo seis meses, desde que ela insistira em acompanhá-lo na viagem a Masyaf — um pedido com o qual Ezio concordara, para surpresa de Sofia, sem qualquer objeção. Aliás, ele parecera ter gostado.

Com Dogan, Ezio cuidou para que os Assassinos turcos tivessem uma base firme na cidade com a tácita concordância de Suleiman e sob sua proteção não oficial. Já havia começado o trabalho de limpar a cidade e o império de quaisquer

últimos vestígios de otomanos e bizantinos renegados, que agora estavam sem líder, com as mortes de Ahmet e Manuel, e os janízaros, debaixo da mão de ferro de Selim, não tinham mais dissidência em suas fileiras. Não havia necessidade disso, tendo em vista que seu príncipe preferido tinha feito de si mesmo o rei deles.

Quanto aos Templários, com suas bases de poder na Itália e agora no leste desfeitas, haviam desaparecido. Ezio, porém, sabia que esse vulcão estava adormecido, mas não extinto. Seus pensamentos perturbados voltaram-se para o Extremo Oriente, e ele se perguntava o que o conhecimento que lhe fora concedido por Tinia e o globo fantasmagórico poderia significar para os continentes não descobertos — se é que existiam — mais distantes, além do Mar Ocidental.

Embora faltasse a Dogan o entusiasmo de Yusuf, ele compensava isso com habilidade de organização e dedicação total ao Credo. Algum dia ele se tornaria um Mentor, pensou Ezio. Mas seus próprios sentimentos pareciam ter ficado à deriva. Ele não sabia mais em que acreditava, se é que acreditava em alguma coisa, e isso, com mais outra coisa, tinha sido o que o preocupou durante a longa viagem para casa.

Casa! O que ele podia chamar de casa? Roma? Florença? Seu trabalho? Mas ele não tinha uma casa de verdade e, em seu coração, sabia que a experiência na câmara oculta de Altaïr em Masyaf havia marcado o fim de uma página em sua vida. Ele fez o possível, e conseguiu paz e estabilidade — por enquanto — na Itália e no leste. Não poderia agora se permitir dispor de um pouco de tempo para si mesmo? Seus dias estavam se encurtando, ele sabia, mas ainda havia o bastante para fazer uma colheita. Se ele ousasse correr o risco.

Ezio passou seu aniversário de 53 anos, no dia do solstício de verão, em 1512, com Sofia. Os dias que lhe foram concedidos pela permissão de Selim estavam terminando. Seu humor parecia sombrio. Ambos estavam apreensivos, como se um grande peso pendesse sobre eles. Em sua homenagem, ela havia preparado um banquete completamente florentino: *salsicce di cinghiale* e *fettunta*, depois *carciofini sott'olio*, seguidos de *spaghetti allo scoglio* e *bistecca alla fiorentina;* em seguida, um belo queijo *pecorino* seco. O bolo que Sofia fez foi um *castagnaccio*, e

jogou nele um pouco de *brutti ma buoni,* tido como uma boa medida. O vinho, porém, decidiu ela, teria de vir do Vêneto.

Estava tudo muito saboroso e ela tinha se esforçado demais, e Ezio fez todo o possível, mas Sofia pôde perceber que a comida, mesmo a comida de casa, que lhe custara uma fortuna para conseguir, era a última coisa na mente dele.

— O que você vai fazer? — perguntou-lhe ela.

Ele suspirou.

— Voltar para Roma. Meu trabalho aqui acabou. — Fez uma pausa. — E você?

— Ficarei aqui, suponho. Seguir em frente, como sempre tenho feito. Embora Azize seja uma livreira melhor do que eu jamais fui.

— Talvez você devesse tentar uma coisa nova.

— Não sei se ousaria, sozinha. É isso que eu sei. Embora... — interrompeu-se.

— Embora o quê?

Ela olhou para ele.

— Nestes últimos meses... quase um ano já... aprendi que existe vida fora dos livros.

— Toda vida é fora dos livros.

— Fala como um verdadeiro erudito!

— A vida entra nos livros. E não o contrário.

Sofia observou-o atentamente. Ficou imaginando por quanto mais tempo ele hesitaria. Se jamais chegaria ao assunto. Se ousaria. Se é que ele queria — embora ela tentasse manter esse pensamento afastado — e se ela ousaria induzi-lo. Aquela viagem a Adrianópolis sem ele havia sido a primeira vez que Sofia se dera conta do que estava acontecendo com ela, e teve a certeza de que também acontecera com ele. Eram amantes — claro que eram amantes. Mas o que ela realmente ansiava ainda não havia acontecido.

Ficaram sentados à mesa por um longo tempo em silêncio. Um silêncio bastante carregado.

— Azize, ao contrário de você, não se recuperou de sua provação nas mãos de Ahmet — disse Ezio finalmente e, lentamente, serviu para ambos novos cálices de Soave. — Ela pediu que eu lhe perguntasse se pode trabalhar aqui.

— E qual é o seu interesse nisso?

— Este lugar daria um excelente centro de inteligência para os Assassinos

seljúcidas. — Corrigiu-se rapidamente. — Como atividade secundária, claro, e isso daria a Azize um papel mais tranquilo na Ordem. Isto é, se você...

— E o que seria de mim?

Ele engoliu em seco.

— Eu... Eu estive pensando se...

Apoiou-se sobre um dos joelhos.

O coração dela disparou loucamente.

80

Eles decidiram que seria melhor se casarem em Veneza. O tio de Sofia era vigário-geral de Santa Maria Gloriosa dei Frari, no distrito de San Polo, e se ofereceu para oficializar o casamento. Assim que se dera conta de que o falecido pai de Ezio tinha sido o eminente banqueiro Giovanni Auditore, concedeu ao matrimônio suas sinceras bênçãos. A ligação de Ezio com Pietro Bembo também não fez nenhum mal, e, embora o ex-amante de Lucrécia Bórgia não pudesse comparecer, por estar longe, em Urbino, os convidados incluíram o doge Leonardo Loredan e o promissor jovem pintor Ticiano Vecelli, o qual, impressionado pela beleza de Sofia e com ciúmes do retrato dela pintado por Dürer, propôs, por um preço módico, fazer um retrato do casal como uma homenagem ao casamento.

A Irmandade dos Assassinos pagara um generoso preço a Sofia pela sua livraria. Debaixo da loja, na cisterna que Ezio havia descoberto, as cinco chaves de Masyaf foram muradas e lacradas. Azize, embora triste por vê-los partir, também ficou extremamente feliz com a nova profissão.

Os dois ficaram vários meses em Veneza, permitindo que Sofia se familiarizasse com sua pouco conhecida terra natal e cultivasse amizade com seus parentes que ainda viviam. Mas, perto da virada do ano, Ezio começou a ficar inquieto. Haviam chegado cartas impacientes de Claudia, de Roma. O papa Júlio II, por longo tempo protetor dos Assassinos, aproximava-se dos 69 anos e estava doente. A sucessão ainda era uma dúvida, e a Irmandade precisava de Ezio lá para cuidar das coisas durante o período intermediário que se seguiria à morte de Júlio.

Ezio, porém, embora preocupado, continuava adiando qualquer providência para a partida deles.

— Eu não quero mais participar dessas coisas — disse a Sofia em resposta à sua pergunta. — Preciso de tempo para pensar por mim mesmo, finalmente.

— E pensar em si mesmo, talvez.

— Talvez isso também.

— Mas, mesmo assim, você tem um dever.

— Eu sei.

Havia outras coisas em sua mente. O líder da Irmandade da seção do norte da Europa, Erasmo de Roterdã, escrevera para Claudia do Queens' College, Cambridge, onde o erudito viajante estava naquele momento morando e ensinando. Dissera que ali havia um recém-indicado doutor em Bíblia em Wittenberg, um jovem chamado Lutero, cujo pensamento religioso merecia ser observado, pois parecia estar levando a algo realmente revolucionário — algo que poderia novamente ameaçar a frágil estabilidade da Europa.

Ele transmitiu a Sofia sua preocupação.

— O que Erasmo está fazendo?

— Ele observa. Espera.

— Você recrutará novos membros para a Ordem, se houver um afastamento da igreja romana no norte?

Ezio abriu os braços.

— Eu serei orientado por Erasmo. — Ele balançou a cabeça. — Por toda parte, sempre, há novas dissensões e divisões.

— Isso não é um aspecto da vida?

Ele sorriu.

— Talvez. E talvez não seja mais a minha luta.

— Isso não parece você. — Ela fez uma pausa. — Algum dia, você me dirá o que realmente aconteceu naquela câmara debaixo de Masyaf.

— Algum dia.

— Por que não me conta agora?

Ele olhou para ela.

— Vou lhe dizer isto: Cheguei à constatação de que o progresso da humanidade em direção aos objetivos de paz e unidade será sempre uma jornada... nunca haverá uma chegada. É como a jornada através da vida de

qualquer homem ou mulher. O fim é sempre a interrupção dessa jornada. Não há conclusão. É sempre um assunto inacabado. — Ezio segurava um livro, enquanto falava — *Canzoniere,* de Petrarca. — É assim mesmo — continuou —, a morte não espera você terminar um livro.

— Então leia o que puder, enquanto puder.

Com nova determinação, Ezio tomou providências para a viagem de volta a Roma.

Àquela altura, Sofia estava grávida.

81

— Por que demorou tanto — esbravejou Claudia, em seguida puxou-o para ela e beijou-o fortemente em ambas as bochechas. — *Fratello mio*. Você engordou. Foi toda aquela comida veneziana. Não lhe faz bem.

Estavam no quartel-general dos Assassinos na Ilha Tiberina. Era fim de fevereiro. A chegada de Ezio, de volta a Roma, coincidira com o funeral do papa Júlio.

— Mas creio que há uma notícia boa — prosseguiu Claudia. Giovanni di Lorenzo de Médici será eleito.

— Mas ele é apenas um diácono.

— Desde quando isso impediu alguém de se tornar papa?

— Bem, será uma boa notícia, se ele conseguir.

— Ele tem o apoio de quase todo o Colégio dos Cardeais. Até mesmo já escolheu seu nome... Leão.

— Será que ele se lembra de mim?

— Como poderia esquecer daquele dia no *duomo*, em Florença, quando você salvou a vida do pai dele? E, a propósito, também a dele.

— Ah — fez Ezio, lembrando-se. — Os Pazzi. Parece que já faz muito tempo.

— Já faz muito tempo. Mas o pequeno Giovanni está crescido agora... tem 38 anos, dá para acreditar? E é um cliente difícil.

— Desde que ele se lembre dos amigos.

— Ele é forte. É isso que conta. E ele nos quer a seu lado.

— Se ele for justo, nós o ajudaremos.

— Precisamos dele tanto quanto ele precisa de nós.

— Isso é verdade. — Ezio fez uma pausa, olhando em volta o velho saguão. Tantas lembranças. Mas agora era como se elas nada tivessem a ver com ele. — Há algo que quero discutir com você, irmã.

— Sim?

— A questão do... meu sucessor.

— Como Mentor? Está desistindo? — Ela não pareceu surpresa.

— Já lhe contei a história de Masyaf. Eu fiz tudo que pude.

— O casamento o amoleceu.

— Não amoleceu você, e já fez isso duas vezes.

— A propósito, eu aprovo sua esposa. Apesar de ser veneziana.

— *Grazie*.

— É para quando o grande acontecimento?

— Maio.

Ela suspirou.

— É verdade. Esse cargo esgota uma pessoa. A Santa Mãe sabe, estou em seu lugar há apenas dois curtos anos, mas me dei conta do que você tem carregado nos ombros todo esse tempo. Você já pensou em quem poderá receber o manto?

— Já.

— Maquiavel?

Ezio balançou a cabeça.

— Ele nunca aceitaria. É muito mais um pensador do que um líder. Mas o cargo... e digo isso com toda a modéstia... precisa de uma mente forte. Há um dos nossos que nunca foi chamado para nos ajudar em nada, a não ser em missões diplomáticas, a quem andei sondando e, eu acho, está pronto.

— E acha que os outros... o próprio Nicolau, Bartolomeo, Rosa, Paola e Il Volpe... vão elegê-lo?

— Acho que sim.

— Em quem está pensando?

— Ludovico Ariosto.

— *Ele?*

— Ele foi duas vezes embaixador de Ferrara no Vaticano.

— E Júlio quase mandou matá-lo.

— Aquilo não foi culpa dele. Na ocasião, Júlio estava em conflito com o duque Alfonso.

Claudia pareceu atônita.

— Ezio... você deu férias ao seu juízo? Não se lembra com quem Alfonso é casado?

— Sim... Lucrécia.

— Lucrécia *Bórgia*.

— Ultimamente, ela tem levado uma vida tranquila.

— Diga isso para Alfonso. Além do mais, Ariosto é um homem doente e, por São Sebastião, é um poeta de fim de semana! Soube que anda trabalhando em alguma bobagem sobre *Sieur* Roland.

— Dante era poeta. Ser poeta não enfraquece automaticamente a pessoa, Claudia. E Ludovico tem apenas 38 anos, possui todos os contatos certos e, acima de tudo, é leal ao Credo.

Claudia parecia chateada.

— Você bem que poderia convidar Castiglione — resmungou ela —. Ele é um *ator* de fim de semana.

— Minha decisão está tomada — disse-lhe Ezio com firmeza. — Mas deixaremos que o Conselho da Irmandade a ratifique.

Ela ficou em silêncio durante um longo tempo, então sorriu e disse:

— É verdade que você precisa de um descanso, Ezio. Talvez todos nós precisemos. Mas quais são seus planos?

— Não tenho certeza. Acho que gostaria de mostrar Florença para Sofia.

Claudia pareceu triste.

— Não restam muitos da família Auditore para mostrar a ela. Anetta morreu, você soube?

— Anetta? Quando?

— Dois anos atrás. Eu achava que tinha lhe escrito a respeito.

— Não.

Ambos ficaram em silêncio, pensando na velha governanta, que permanecera leal e ajudara a salvá-la após a família e a casa terem sido destruídas por agentes Templários havia mais de trinta anos.

— De qualquer modo, vou levá-la lá.

— E o que fará lá? Vai ficar?

— Irmã, eu realmente não sei. Mas acho... Se conseguir encontrar o lugar certo...

— Para quê?

— Talvez eu produza um pouco de vinho.

— Você não sabe nem por onde começar!

— Posso aprender.

— Você... em um vinhedo! Colhendo cachos de uva!

— Pelo menos sei como usar uma lâmina.

Ela pareceu desdenhosa.

— Vinho Brunello di Auditore, presumo! E o que mais? Entre as safras, quero dizer.

— Acho... que talvez tente escrever um pouco.

Claudia quase explodiu.

82

Posteriormente, Claudia passou a adorar as visitas à propriedade nas colinas acima de Florença que Ezio e Sofia encontraram mais ou menos desabando, mas a compraram e, com o produto da venda da livraria de Constantinopla para os Assassinos e o capital próprio de Ezio, a restauraram. Em um período de dois anos, transformaram o local em um modesto mas bastante lucrativo vinhedo.

Ezio tornou-se magro e bronzeado, e, durante o dia, usava roupas de trabalhadores. Sofia o repreendia, dizendo que suas mãos estavam ficando ásperas demais para o amor por causa do trabalho no vinhedo. Isso, porém, não os impediu de gerarem Flavia, em maio de 1513, e Marcello, um ano depois, em outubro.

Claudia adorava os novos sobrinhos quase mais do que achava ser possível. Contudo, tomou cuidado, tendo em vista a diferença de vinte anos entre as idades das duas, para não se tornar uma espécie de sogra substituta para Sofia. Ela nunca interferia, e se disciplinou a visitar a propriedade dos Auditore perto de Fiesole não mais do que a metade de vezes que gostaria. Além disso, tinha um novo marido em Roma em quem pensar.

Mas Claudia não podia amar as crianças tanto quanto Ezio amava. Neles e em Sofia, Ezio finalmente havia encontrado a *razão* que passara uma vida inteira procurando.

83

Maquiavel teve um período difícil politicamente, e até mesmo havia passado uma temporada na prisão, mas, depois que a correnteza ficou para trás e ele conseguiu controlar novamente as rédeas de sua vida em Florença, passou a ser um frequente visitante da *Villa* Auditore. Ezio sentia sua falta quando ele não estava lá, embora não recebesse agradavelmente os comentários por vezes ásperos de seu velho amigo por causa de seus frequentes adiamentos na tentativa de escrever um livro de memórias. O *raccolto* de 1518 não tinha sido bom, e Ezio pegara uma espécie de infecção no peito — a qual ele ignorou — que se arrastara por todo o inverno.

Certa noite, bem cedo, perto do início da primavera seguinte, Ezio estava sentado sozinho junto ao fogo na sala de jantar com um cálice de seu próprio tinto ao lado. Tinha pena e papel e tentava começar, pela milionésima vez, o Capítulo XVI, mas achou a recordação muito menos interessante do que a ação e, após algum tempo, como sempre, empurrou impacientemente o manuscrito para o lado. Ao alcançar a bebida, foi dominado por um dolorido acesso de tosse, e derrubou-a. O cálice caiu com um terrível tinido, espalhando vinho por toda a superfície de madeira de oliveira da mesa, mas não se quebrou. Ele levantou-se para pegá-lo, pois tinha rolado na direção da beira da mesa, e o endireitou. Sofia chegou, atraída pelo ruído.

— Você está bem, *amore*?

— Não foi nada. Lamento a bagunça. Arranje-me um pano.

— Esqueça o pano. Você precisa descansar.

Ezio tateou por uma cadeira, enquanto Sofia permanecia a seu lado, para que

ele relaxasse.

— Sente-se — ordenou ela, delicadamente. Depois que ele fez isso, ela pegou a garrafa sem rótulo, na qual havia uma pequena toalha enrolada no gargalo, e verificou o nível de vinho restante.

— A melhor cura para um resfriado — comentou Ezio, encabulado. — Nicolau já chegou?

— Ele está bem atrás de mim — retrucou ela, acrescentando secamente. — É melhor eu lhe trazer outra garrafa. Esta, pelo que vejo, está quase vazia.

— Um escritor precisa de combustível.

Maquiavel havia entrado na sala com a falta de cerimônia a que tinha direito como velho amigo e convidado frequente. Pegou o pano da mão de Sofia.

— Aqui, deixe comigo. — Limpou a taça, depois o tampo da mesa. Ezio observou-o com um olhar levemente desgostoso no rosto.

— Eu o convidei para beber e não para fazer limpeza para mim.

Maquiavel terminou o serviço antes de responder com um sorriso:

— Posso fazer ambas as coisas. Uma sala arrumada e um bom cálice de vinho é tudo de que um homem precisa para ficar contente.

Ezio riu ironicamente.

— Bobagem! Você parece um personagem de uma de suas peças.

— Você nunca viu uma peça dele — interveio Sofia, balançando a cabeça.

Ezio ficou constrangido.

— Bem, eu posso imaginar.

— Pode? Então por que não põe essa imaginação para funcionar? Por que não começa a dar duro e continua com isso? — Maquiavel apontou para o manuscrito negligenciado.

— Já falamos sobre isso, Nicolau. Eu não escrevo. Sou pai, marido, vinicultor. Estou muito feliz com isso.

— Muito justo.

Sofia tinha apanhado uma nova garrafa de tinto e a colocou perto deles, com dois cálices e guardanapos limpos e uma cesta de *pandiramerino*.

— Deixarei vocês sozinhos para discutirem literatura — anunciou ela. — Depois que ajudar Andrea a colocar as crianças na cama, sou eu que tenho alguma coisa a escrever.

— Sobre o quê? — perguntou Maquiavel.

— Não importa — respondeu ela. — Só vou esperar para ver o que você acha do vinho. Ele anda se afligindo por causa dele. Acabando várias garrafas.

— Ela vai terminar de escrever bem antes de você ao menos ter começado — zombou Maquiavel.

— Esqueça isso — pediu Ezio. — Prove o vinho. A safra do ano passado. Um desastre.

— Se quer a minha opinião, você a terá.

Deu um gole no vinho que Ezio lhe servira, movimentou-o pela boca, saboreando-o, e engoliu.

— É delicioso — sorriu. — Sangiovese novamente... ou você mudou?

O rosto de Sofia abriu-se em um largo sorriso, ao esfregar o ombro de Ezio.

— Viu? — disse ela.

— Uma mistura — explicou Ezio, contente. — Mas essencialmente meu velho sangiovese. Eu não achava realmente que estivesse tão ruim assim. Minhas uvas são as melhores.

— Claro que são. — Maquiavel deu outro gole demorado. Ezio sorriu, mas Sofia notou que a mão dele foi furtivamente até o peito, para massageá-lo.

— Venha — chamou Ezio. — Ainda há alguma luz no céu. Vou lhe mostrar...

Saíram e caminharam pela passagem que levava ao vinhedo.

— Trebbiano para o branco — mostrou Ezio, abanando a mão para uma fila de parreiras. — Você precisa tomar um pouco, no jantar. Estamos conseguindo *tonno al cartoccio*. Especialidade de Serena.

— Eu adoro o modo como ela cozinha atum — retrucou Maquiavel. Ele olhou em volta. — Você trabalhou bem, Ezio. Leonardo teria ficado orgulhoso ao ver o que você tem cultivado aqui.

— Só porque estou usando as ferramentas que ele me deu — disse Ezio, rindo. — Ele ficaria com inveja. Vendo duas vezes mais vinho do que ele jamais produziu dos seus vinhedos em Porta Vercinella. Ainda assim, ele nunca deveria ter mandado aquele patife do Salai voltar de Amboise para dirigir o lugar. — Então fez uma pausa. — O que você quis dizer com... ele *teria ficado* orgulhoso?

O rosto de Maquiavel ficou sério.

— Recebi uma carta. Na verdade, é dirigida a nós dois, mas o correio leva uma eternidade para chegar aqui em Fiesole. Olhe, Ezio, Leonardo não está muito bem. Ele gostaria de nos ver.

Ezio ergueu os ombros.

— Quando vamos? — perguntou.

Chegaram no fim de abril a Clos Lucé, a mansão perto do castelo em Amboise que o rei Francisco tinha dado a Leonardo como parte do pagamento pelo seu patrocínio. O Loire fluía tranquilamente, as margens de suas águas marrons coroadas de árvores com nova folhagem.

Atravessaram a galope o portão da mansão, seguiram por um caminho ladeado de ciprestes e foram recebidos por um criado. Deixando os cavalos sob os cuidados de um cavalariço, seguiram o criado até a casa. Em um amplo e arejado salão, suas janelas abertas contemplando do alto o parque dos fundos, encontrava-se Leonardo em uma espreguiçadeira, usando uma beca com brocados amarelos, meio encoberto por uma manta de pele de urso. Seus longos cabelo e barba brancos eram esparsos e ele estava calvo no topo da cabeça, mas os olhos ainda brilhavam intensamente, e ele meio que se ergueu para saudá-los.

— Meus caros amigos... estou tão feliz por terem vindo! Etienne! Traga vinho e bolos.

— Você não deve comer bolo. Trarei apenas vinho.

— Escute aqui... quem paga seu salário? Esqueça... não responda isso. O mesmo homem que paga o meu, eu sei! Apenas faça o que lhe mando!

O criado fez uma reverência, saiu e logo voltou com uma travessa, que colocou cerimoniosamente sobre uma mesa lustrosa ali perto, antes de sair novamente. Mas, ao fazê-lo, curvou-se uma vez mais e disse aos convidados de Leonardo:

— Perdoem a desordem. É o nosso jeito.

Maquiavel e Ezio compartilharam um sorriso. A mesa lustrosa e a travessa brilhante eram uma ilha em um revolto mar de caos. Os hábitos de Leonardo não haviam mudado.

— Como vão as coisas, amigo velho? — perguntou Ezio, tomando um lugar perto do artista.

— Não posso me queixar, mas estou interessado em ir embora — respondeu Leonardo, tentando fazer a voz parecer mais forte do que era.

— Como assim? — indagou Ezio, preocupado que o amigo estivesse usando algum eufemismo.

— Não estou falando em morrer — esclareceu Leonardo, irritado. — Estou falando da Inglaterra. O novo rei está muito interessado em desenvolver sua Marinha. Eu gostaria de ir até lá e lhe vender meu submarino. Os venezianos nunca me pagaram, sabe.

— Eles nunca o construíram.

— Mas a questão não é essa!

— Você não tem o suficiente para ocupar sua mente aqui? — perguntou Maquiavel.

Leonardo deu-lhe um olhar ofendido.

— Se você acha que criar um leão mecânico é ocupar minha mente! — vociferou ele. — Essa foi a última encomenda do meu senhor feudal. Eu lhes pergunto... um leão mecânico que anda e ruge e, como ato final, seu peito se abre e revela um cesto de lírios! — Bufou. — Bom demais em si mesmo, suponho, mas exigir uma bugiganga dessas de mim! Eu! O inventor de máquinas voadoras e de tanques!

— E de paraquedas — acrescentou Ezio, baixinho.

— Ele lhe foi conveniente?

— Muito conveniente.

— Ótimo. — Leonardo abanou a mão na direção da travessa. — Sirvam-se. Mas nada para mim. — Sua voz falhou um pouco. — Etienne tem razão... hoje em dia, o máximo que posso colocar no estômago é leite morno.

Ficaram em silêncio. Então Maquiavel falou:

— Você continua pintando?

Leonardo ficou triste.

— Eu gostaria... Mas, de algum modo, perdi a capacidade. Não termino mais as coisas. Mas deixei para Salai a *Gioconda* em meu testamento. Isso poderá ajudá-lo em sua velhice. Creio que Francisco adoraria comprá-la. Mas saibam que eu mesmo não daria dois pences por ela. Não é a minha melhor obra, nem de longe. Prefiro aquela coisa que fiz do querido Salai como João Batista... — Sua voz foi diminuindo, e ele olhou para meia distância, para o nada. — Aquele rapaz querido. Que pena que eu tive de deixá-lo ir. Sinto muita falta dele. Mas, aqui, ele se sentia infeliz. Está melhor cuidando dos vinhedos.

— Atualmente, eu também cultivo parreiras — disse Ezio, baixinho.

— Eu sei! Melhor para você. É muito mais sensato para um homem de sua

idade do que sair por aí decepando cabeças de Templários. — Leonardo fez uma pausa. — Receio que eles sempre estarão conosco, o que quer que façamos. Talvez seja melhor nos curvarmos ao inevitável.

— Nunca diga isso! — berrou Ezio.

— Às vezes, não temos escolha — retrucou Leonardo tristemente.

Houve silêncio novamente, então Maquiavel perguntou:

— Que história é essa de testamento, Leonardo?

Leonardo olhou para ele.

— Ah, Nicolau, de que adianta fingir? Estou morrendo. Foi por isso que pedi que viessem. Nós três passamos por muitas coisas. Eu queria me despedir.

— Pensei que você tivesse planos de visitar o rei Henrique da Inglaterra.

— Ele é um jovem filhote de touro, e eu gostaria de ir — respondeu Leonardo. — Mas não vou. Não posso. Este salão é o último lugar que verei. E as árvores lá fora. Estão cheias de pássaros, sabe, principalmente agora, que é primavera novamente. — Ficou em silêncio por tanto tempo, e sem se mexer, que os amigos se entreolharam alarmados. Mas então Leonardo se agitou. — Eu cochilei? — perguntou. — Não deveria. Não tenho tempo para dormir. Muito em breve, farei muito disso.

Então ele voltou a ficar em silêncio. Adormeceu mais uma vez.

— Nós voltaremos amanhã — disse Ezio suavemente. Ele e Maquiavel se levantaram e seguiram para a porta.

— Voltem amanhã! — A voz de Leonardo os deteve no caminho. — Conversaremos um pouco mais.

Viraram-se, enquanto ele se erguia apoiando-se em um dos cotovelos. A pele de urso caiu de seus joelhos e Maquiavel baixou-se para recolocá-la.

— Obrigado, Nicolau. — Leonardo olhou para eles. — Vou lhes contar um segredo. Toda a minha vida... enquanto pensava que aprendia a viver, eu simplesmente aprendia a morrer.

Estiveram com Leonardo uma semana depois, quando deu seu último suspiro, na madrugada de 2 de maio. Ele, porém, não mais os reconheceu. Já havia partido.

— Já está correndo um boato — disse Maquiavel, quando voltavam tristemente para casa —, de que o rei Francisco aninhou a cabeça de Leonardo em seus

braços, quando ele morreu.

Ezio cuspiu.

— Há pessoas... até mesmo reis... que fazem qualquer coisa por notoriedade — comentou ele.

84

As estações mudaram mais quatro vezes. A pequena Flavia fez 10 anos; Marcello aproximava-se do seu nono aniversário. Ezio nem podia acreditar que atingira a idade de 64. O tempo parecia acelerar implacavelmente quanto menos dele lhe restava, pensou. Mas ele cuidava de suas parreiras e se divertia, e ainda, enquanto Maquiavel e Sofia o pressionavam incessantemente, continuava com suas memórias. Já havia chegado ao capítulo XXIV!

E continuava treinando também, apesar da tosse irritante que nunca o deixara completamente. Havia muito tempo, porém, que entregara a Ariosto suas armas dos Assassinos. Não havia notícias de Roma ou de Constantinopla, nem de Erasmo em Roterdã, para lhe dar qualquer motivo de ansiedade, embora tivesse ocorrido a ruptura na igreja, como ele previra, com o jovem Lutero na vanguarda da Reforma no norte. Novas guerras ameaçavam o mundo novamente. Ezio podia apenas observar e esperar. Velhos hábitos custam a morrer, pensou. E ele se tornara suficientemente um homem do campo para ser capaz de captar o cheiro de uma tempestade.

Era de tarde, e ele olhava de sua varanda para o sul, além de suas parreiras, onde conseguiu distinguir três figuras em um coche, cujo contorno via contra o firmamento. Não as reconheceu, e estavam longe demais para identificar que tipo de pessoas eram, embora notasse que sua incomum proteção de cabeça as caracterizava como estrangeiras. Mas elas não pararam. Imaginou que esperavam chegar a Florença ao anoitecer.

Voltou a entrar em casa e seguiu para o quarto. Seu recanto. Ali, fechou as persianas para ajudá-lo a se concentrar. Uma lâmpada a óleo queimava sobre

uma escrivaninha com papéis espalhados. Sua proeza literária do dia. Sentou-se com relutância, colocou os óculos e leu o que havia escrito, fazendo um pouco de careta. A luta contra os homens-lobo! Como pôde ter fracassado em tornar *isso* interessante?

Foi interrompido por uma batida na porta.

— Sim? — respondeu, em nada descontente por ter sido interrompido.

A porta abriu-se pela metade e Sofia apareceu ali, mas não entrou.

— Vou levar Marcello à cidade — avisou alegremente.

— O quê... Para ver a obra mais recente de Nicolau? — disse Ezio, erguendo a vista de sua leitura e sem prestar muita atenção nela. — Eu não acho que *A mandrágora* seja uma peça adequada para um menino de 8 anos.

— Ezio, a peça de Maquiavel encerrou sua temporada três semanas atrás. Além disso, não vou a Florença, mas a Fiesole.

— Eu perdi a peça? Ele vai ficar furioso.

— Tenho certeza que Nicolau vai entender. Ele sabe que você anda de cabeça para baixo. Nós não vamos demorar. Fique de olho em Flavia, sim? Ela está brincando no jardim.

— Claro. Estou mesmo farto disto aqui. Em vez disso, vou fazer uma poda.

— Devo lhe dizer que é uma pena você desperdiçar uma tarde maravilhosa enfurnado aqui. — Ela deu-lhe um leve olhar de preocupação. — Um pouco de ar fresco lhe faria bem.

— Não sou um inválido!

— Claro que não, *amore*. Eu estava apenas pensando... — Ela fez um gesto na direção das páginas amassadas, espalhadas sobre a escrivaninha. Intencionalmente, Ezio mergulhou a pena e puxou uma folha em branco em sua direção.

— *A presto!* Fique em segurança.

Sofia fechou a porta suavemente. Ezio escreveu algumas palavras e então parou, olhando zangado para a página.

Pousou a pena, tirou os óculos e amassou a página até torná-la uma bola. Em seguida deixou o aposento. Ele precisava *mesmo* de ar fresco.

Foi até seu barracão de ferramentas e apanhou uma tesoura de poda e uma cesta. Então atravessou o jardim na direção da fila de parreiras mais próxima. Olhou

em volta lentamente à procura de Flavia, mas não viu sinal dela. Não ficou indevidamente preocupado. Ela era uma menina ajuizada.

Estava a meio caminho do vinhedo, quando ouviu um ruído repentino vindo dos arbustos mais próximos: Flavia rindo estrepitosamente. Ela o tinha emboscado!

— Flavia, *tesoro*... fique onde eu possa vê-la!

Houve outra risada e o arbusto sacudiu. Então Flavia deu uma bisbilhotada. Ezio sorriu, balançando a cabeça.

Nesse momento, sua atenção foi atraída por alguém na estrada. Ergueu a vista e, bem distante, viu uma figura vestida com um traje estranhamente multicolorido. Mas o sol se encontrava atrás da pessoa e estava luminoso demais para que ele pudesse distingui-la completamente. Ergueu a mão para proteger os olhos, mas, quando olhou novamente, a figura tinha sumido.

Enxugou a testa e atravessou as parreiras.

Um pouco depois, ele estava no meio do vinhedo, podando as uvas trebbiano. Elas realmente não precisavam, mas isso era algo para fazer enquanto sua mente trabalhava duro no problema de contar a história de sua luta, muito tempo atrás, em Roma, com o grupo de fanáticos que se denominavam Filhos de Remo. As parreiras roçavam em seus cotovelos, enquanto trabalhava. Parou para examinar um cacho de uvas, arrancou uma delas, girou-a, espremeu-a e viu que era suculenta. Sorriu e comeu a uva destroçada, limpando os dedos na túnica de linho grosseiro.

Enxugou novamente a testa, satisfeito. Soprou uma brisa, fazendo com que as folhas das videiras farfalhassem. Inspirou fundo, cheirando o ar quente, e fechou os olhos por um momento.

Então sentiu os pelos da nuca formigarem.

Abriu os olhos e seguiu depressa para a beira do vinhedo, olhando na direção da casa. Ali, na estrada junto a ela, avistou Flavia conversando com a pessoa estranhamente multicolorida que vira antes. A figura usava um capuz pontudo.

Apressou-se na direção delas, a tesoura de poda posicionada como uma adaga. O vento ficou mais forte, levando embora seus gritos de alerta. Começou a correr, respirando com dificuldade por causa do esforço. Seu peito doía. Mas não tinha tempo para se preocupar com isso. A figura estava se curvando na direção de sua filha.

— Deixe-a em paz! — berrou, cambaleando.

A figura o ouviu, virou a cabeça, mas a manteve abaixada. Ao mesmo tempo, Flavia pegou alguma coisa, que evidentemente lhe fora oferecida, da mão da figura.

Ezio estava quase perto deles. A figura ficou ereta, a cabeça ainda abaixada. Ezio jogou nela sua tesoura de poda, como se fosse uma faca de arremesso, mas ela caiu logo adiante, ressoando inofensivamente no chão.

Ezio ficou diante deles.

— Flavia! Vá para dentro! — ordenou, mantendo o medo afastado de sua voz.

Flavia olhou-o surpresa.

— Mas, papai... ela é boazinha.

Ezio colocou-se entre a filha e o estranho, e segurou a pessoa pelo colarinho. A cabeça do estranho emergiu, e Ezio viu o rosto de uma jovem chinesa. Ele a soltou, tomado pela surpresa.

A criança ergueu, para ele ver, uma pequena moeda oval com um buraco quadrado no centro. A escrita nela — se aquilo era escrita — parecia estranha. Pictogramas. Um *qián* chinês.

A chinesa permaneceu imóvel, em silêncio. Ezio, ainda tenso, olhou-a com atenção. Ele respirava intensamente, resfolegando, mas sua mente estava afiada como uma navalha.

Então viu que, no pescoço, ela usava um emblema familiar.

O emblema da Irmandade dos Assassinos.

85

Mais tarde, depois que Sofia voltou, os três se sentaram na *villa* e conversaram, enquanto as crianças observavam, curiosas, do topo da escada. Ezio estava sendo o mais hospitaleiro possível com a convidada inesperada, mas continuava inflexível.

— Não sei mais o que dizer, Shao Jun. Lamento.

A chinesa não respondeu, ela não estava zangada, apenas muito calma.

— Eu sinto muito. Mas não posso ajudá-la. Não quero tomar parte nisso.

Shao Jun ergueu os olhos para encontrar os dele.

— Eu quero entender.

— Entender o quê?

— Como liderar. Como reconstruir minha Ordem.

Ele suspirou, agora ligeiramente irritado.

— Não. Para mim, isso acabou. *Finito*. — Fez uma pausa. — Agora, creio que deve ir embora.

— Ezio, pense! — repreendeu-o Sofia — Shao Jun veio de muito longe. — Dirigiu-se à visitante. — Pronunciei seu nome corretamente?

Jun fez que sim.

— Vai ficar para o jantar?

Ezio lançou um olhar feio para a esposa, e virou-se de frente para a lareira.

— *Grah-zie* — agradeceu Jun em um hesitante italiano.

Sofia sorriu.

— Ótimo. E já temos um quarto arrumado. Você é bem-vinda para ficar algumas noites... ou quanto tempo quiser.

Ezio bufou, mas nada disse. Sofia saiu em direção às cozinhas, enquanto ele, lentamente, se virava e observava sua hóspede. Shao Jun estava sentada em silêncio; completamente controlada. Observava o aposento.

— Voltarei antes de escurecer — disse-lhe ele, em um tom mal-humorado.

Saiu enfurecido, lançando ao vento suas boas maneiras. Jun observou-o ir embora com um sutil sorriso nos lábios.

Uma vez lá fora, Ezio refugiou-se em seu vinhedo.

86

Ezio estava no quarto das crianças, observando à luz de vela suas figuras adormecidas. Foi até a janela e a trancou. Sentou-se na beira da cama de Flavia, olhando para ela e para Marcello com um peso no coração. Pareciam tão serenos... tão angelicais.

De repente, o quarto ficou um pouco mais claro, quando Sofia entrou, segurando outra vela. Ele ergueu a vista para ela e sorriu. Ela retribuiu o sorriso e sentou-se no pé da cama de Marcello.

Ezio não disse nada por um momento.

— Você está bem? — perguntou ela, um pouco timidamente.

Ele olhou abaixo novamente para os filhos, perdido em pensamentos.

— Não consigo deixar meu passado para trás — murmurou. Então dirigiu o olhar para a esposa. — Comecei este ato de minha vida tarde demais, Sofia. Eu sabia que não teria tempo de fazer tudo... Mas agora me preocupo por não ter tempo de fazer *alguma coisa*.

Os olhos dela estavam tristes, mas cheios de compreensão.

Ouviram um leve rangido acima e olharam para o teto.

— O que ela está fazendo no telhado? — murmurou Ezio.

— Não ligue para ela — disse Sofia.

Acima deles, Shao Jun estava de pé sobre os altos tijolos vermelhos próximos às chaminés. Adotara uma postura que era algo entre uma posição de ataque Assassino e simplesmente aquela de alguém se descontraindo e se divertindo.

Vasculhava a zona rural iluminada pela lua enquanto o vento noturno assobiava à sua volta.

No dia seguinte, Ezio emergiu mais cedo da *villa*, sob o céu cinzento. Olhou acima para o telhado, mas, embora a janela do quarto estivesse aberta, não havia sinal de Shao Jun.

Ele chamou seu nome, mas não houve resposta. Foi dar ordens a seu capataz, pois a época da *vendange* estava se aproximando, e ele torcia para uma boa safra naquele ano — as uvas certamente prometiam isso, e o clima do verão fora favorável. A *veraison* também tinha sido boa, mas ele queria verificar os níveis de açúcar e de acidez das uvas antes da colheita. Então enviaria o capataz a Fiesole e até mesmo à distante Florença, se preciso, para recrutar mão de obra sazonal. Seria um período atarefado, e era algo pelo qual Ezio ansiava todos os anos — muita atividade física e pouco tempo para pensar em qualquer outra coisa. A chegada de Shao Jun tirara dos trilhos a difícil segurança conquistada que agora desfrutava. Ressentia-se disso. Descobriu-se rezando para que ela tivesse partido antes do amanhecer.

Assim que terminou a reunião com o capataz, sentiu um impulso irresistível de voltar à *villa* para ver se suas preces tinham sido atendidas. De algum modo, duvidava disso, mas não havia ninguém quando ele entrou em casa. Desgostosamente, seguindo um instinto que revirava seu estômago, seguiu para seu recanto.

Parou de repente na porta. Estava aberta. Olhou lá dentro e descobriu a chinesa parada atrás de sua escrivaninha — ainda repleta de anotações e páginas rejeitadas dos dias anteriores — lendo parte do manuscrito terminado.

Ezio ficou vermelho de raiva.

— O que você pensa que está fazendo? Saia!

Ela largou o maço de papéis que estava lendo e olhou-o calmamente.

— O vento... abriu a porta.

— *Fuori!!*

Jun passou por ele e saiu do quarto. Ele foi rapidamente até a escrivaninha e arrastou os papéis para juntá-los, apanhando um que chamou sua atenção e o leu. Então, indiferente, jogou-o de volta para a pilha, e virou-se da escrivaninha para olhar inexpressivamente pela janela. Podia ver Jun ali no pátio, de costas

para ele, aparentemente esperando.

Seus ombros afundaram. Após alguns minutos de hesitação, ele deixou seu recanto e saiu para encontrá-la.

Ela estava sentada em um muro baixo de pedra. Ele se aproximou, tossindo ligeiramente no severo vento de outono.

A chinesa se virou.

— *Duìbùqi*... Desculpe. Foi um erro de minha parte.

— Foi. — Ele fez uma pausa. — Creio que você deveria ir embora.

Ela permaneceu sentada em silêncio por um momento e, então, inesperadamente, citou:

— "Meu nome é Ezio Auditore. Quando eu era jovem, tinha liberdade, mas não a via; tinha tempo, mas não o conhecia; e tinha amor, mas não o sentia. Foram necessários trinta longos anos para eu entender o significado dos três." — Ela fez uma pausa. — Isso é lindo — disse.

Ezio ficou aturdido. Olhou para além de Jun, refletindo. À distância, conseguiam ouvir o tinido das rédeas de um cavalo.

— Eu quero entender, da mesma maneira que você entendeu — prosseguiu Jun —, como fazer para ajudar o meu povo.

Ezio fitou-a com um olhar mais amistoso.

— Fui um Assassino por muito tempo, Jun. E sei que, a qualquer momento, alguém pode vir atrás de mim. Ou de minha família. — Fez uma pausa. — Você entende? É por isso que preciso ser cauteloso.

Ela concordou com a cabeça, e Ezio pôde ver que ela quase sentia pena dele. Olhou em direção ao seu vinhedo.

— Eu deveria estar contratando gente para me ajudar com a *vendange*, mas...

Sua voz morreu. Jun inclinou a cabeça para ouvir.

— Entre. Vamos comer alguma coisa.

Ela deslizou para fora da mureta e o seguiu.

87

O mercado na grande praça a sudoeste da catedral estava movimentado como sempre. Comerciantes, homens de negócio, criados e camponeses se acotovelavam de uma maneira mais ou menos amistosa ao passarem por entre as barracas. Jun ficou debaixo de um dos lados da colunata circundante, observando o alvoroço, enquanto Ezio, ali perto, regateava sob a fria luz solar com um barraqueiro pelo preço de uma cesta de colhedor de uvas. Ela estava extasiada, absorvendo as imagens e os sons de Florença. Jun olhava abertamente para as pessoas do mesmo modo aberto com que as pessoas a olhavam. Ela permanecia imperturbável.

Ezio terminou sua compra, aproximou-se e deu-lhe um tapinha no ombro.

— Terei sorte se isto durar três estações — disse ele. Ela olhou quando ele lhe mostrou o cesto, sem saber o que deveria observar para julgar sua qualidade. Ezio percebeu isso e sorriu.

— Venha — disse. — Quero lhe mostrar uma coisa.

Seguiram pelos aglomerados na direção da Piazza della Signora e, uma vez lá, sentaram-se em um banco perto da *loggia*, observando as pessoas irem e virem, todas com roupas brilhantes, exceto aquelas vestidas com sedas e veludos pretos dispendiosos.

— Quem são eles? — perguntou Jun.

— São os banqueiros — respondeu Ezio. — É um tipo de uniforme, para que possam reconhecer uns aos outros... mas isso tem outra vantagem... nós podemos vê-los se aproximar!

Jun sorriu, incerta.

— Bonita, *no*? — continuou Ezio. — Cheia de vida!

— Sim.

— Mas nem sempre. Metade de minha família foi morta nesta piazza. Executada. Bem aqui. Quarenta e cinco anos atrás. Eu tinha 19 anos. — Ele fechou os olhos momentaneamente com a lembrança, e continuou. — Mas agora, veja isso, tão *piena di vita* que não posso deixar de me sentir contente e satisfeito por tanta dor ter passado. — Olhou-a seriamente. — A vida de um Assassino é dor, Jun. Você sofre e a pune. Você vê isso acontecer... sempre na esperança de poder ajudar que ela desapareça, a tempo. É terrivelmente irônico, eu sei. Mas é assim.

Ficaram sentados em silêncio por algum tempo. Jun parecia atenta. Então Ezio sentiu-a tensa com alguma coisa. Alguma coisa que ela notara na multidão. Um lampejo de certa cor? Um uniforme talvez? Um dos guardas da Signoria? Mas o momento passou, e deixou para lá.

— Muito bem — anunciou, levantando-se. — Está na hora deste velho se arrastar de volta para a *villa*.

Partiram, atravessando a praça e pegando a rua, tão familiar para Ezio, que seguia para leste, logo para norte do Palazzo. Jun não parava de lançar olhares para trás.

A rua a que chegaram estava consideravelmente vazia de gente e, então, ao seguirem, ficaram sozinhos. De repente, Ezio ouviu um ruído que Jun não percebeu. Ele virou a cabeça rapidamente. Deu um salto para trás, levantando seu cesto para proteger Jun, no momento exato — uma adaga arremessada se alojou nele. Praticamente um segundo depois, alguém desferiu em Ezio um violento chute na barriga. Ele cambaleou para trás e caiu contra um muro de pedra. Enquanto isso, Jun havia reagido com a velocidade de um raio. Já se encontrava entre Ezio e seu agressor — outra chinesa, vestida como Jun, mas reduzida a túnica e calça de combate.

As duas mulheres circundaram uma a outra, quase como em um balé, lentamente, então arremeteram uma contra a outra como cobras dando um bote, desferindo cutiladas com os cantos das mãos ou dando chutes tão rápidos que Ezio mal conseguia acompanhar os movimentos. Mas podia ver que Jun estava levando a pior. Ele saltou à frente e atingiu a agressora na cabeça com o cesto, fazendo com que se estatelasse no chão.

Ela permaneceu deitada de bruços, imóvel. Jun avançou.

— Jun! Ela está fingindo!

No mesmo instante, a misteriosa mulher estava novamente de pé, caindo sobre Jun com outra faca erguida. Ambas caíram no chão, rolando na terra, lutando com a ferocidade e a indócil agilidade de felinos, seus membros e corpos movimentando-se tão depressa que se tornavam um borrão. Subitamente, houve um grito. A agressora soltou-se, sua própria faca enfiada no peito, um pouco acima do esterno. Ela cambaleou para o lado por um momento, então caiu para a frente, bateu a cabeça em uma pilastra de sílex e ficou parada. Dessa vez não era fingimento.

Ezio olhou em volta. Ninguém à vista.

Agarrou a mão de Jun.

— Venha — falou por entre dentes trincados.

Ao seguirem de volta para casa no coche de Ezio, Jun começou a explicar. Ezio deu-se conta de que, se tivesse dado chance, ela o teria feito antes. Ele ouviu sombriamente enquanto ela contava sua história.

— Foi desejo do meu Mentor que eu conhecesse você. Deixamos a China juntos, em segredo. Mas fomos seguidos. Eles nos alcançaram em Veneza. Ali, fizeram meu mestre prisioneiro. Ele mandou que eu fugisse, que completasse a nossa missão. Não o vi mais.

— Quem são eles?

— Servos de Zhu Huocong... o imperador Jiajing. Um jovem, pouco mais do que um menino, e não nasceu para governar, mas o destino lhe deu o trono e agora ele nos controla com uma mão cruel e sanguinária. — Fez uma pausa. — Nasci concubina, mas meu Mentor me libertou quando eu era jovem. Voltamos depois, para salvar mais meninas, mas elas tinham sido... — Parou novamente. — O imperador pensava que, se bebesse sua quota mensal de sangue, isso lhe daria vida eterna. — Interrompeu-se, engolindo em seco antes de, com esforço, conseguir de volta o autocontrole, e continuar: — Jiajing é um homem cruel. Mata todos que se opõem a ele, e prefere *ling chi* à decapitação.

— Ling chi?

Jun fez vários movimentos de cortes sobre a palma.

— Processo lento. Muitos milhares de cortes. Então... morte.

O rosto de Ezio endureceu como granito. Ele apressou os cavalos com o chicote.

88

Sofia estava no recanto de Ezio, atiçando um novo fogo, quando ouviu o coche frear ruidosamente diante da casa. Alarmada, levantou-se com rapidez. Um momento depois, Ezio irrompeu na casa, seguido de perto por Shao Jun. Ele correu para as janelas e fechou as persianas, trancando-as. Então virou-se para a esposa.

— Prepare alguma bagagem. Eles estão colocando cavalos descansados no coche. Alguns de nossos homens irão com vocês.

— O quê...?!

— Você precisa ficar com Maquiavel esta noite.

— O que aconteceu?

— Um mal-entendido.

Sofia olhou dele para Jun, que baixou a cabeça, constrangida por ter trazido seus problemas para a porta deles.

— Dê-me um momento — pediu ela.

Pouco depois, ela e as crianças estavam instaladas no coche. Ezio na porta da carruagem. Eles se entreolharam. Ambos querendo dizer alguma coisa, mas nenhuma palavra saía.

Ezio recuou e sinalizou com a cabeça para o cocheiro. Este estalou as rédeas e os cavalos avançaram para a escuridão que se formava.

Ao ganharem mais velocidade, Sofia inclinou-se pela janela e jogou-lhe um beijo. Ele ergueu o braço em despedida e, sem esperar para vê-los sumir de vista,

voltou para a *villa* e fechou e trancou a porta.

89

Ezio e Jun estavam sentados, um defronte ao outro, em bancos de madeira puxados para diante do fogo crepitante. Esperando.

— Quando lutei pela primeira vez com os Bórgia, foi a vingança que me impeliu, e meu primeiro impulso foi mirar na cabeça — dizia-lhe Ezio. — Com o tempo, porém, aprendi que aqueles que inspiram medo têm seguidores mais dedicados do que aqueles que pregam amor. Matar Rodrigo e Cesare não teria significado nada se eu não tivesse sido capaz de substituir o reinado de terror deles por um que contivesse certo grau de fraternidade. — Fez uma pausa no pensamento. — Portanto, passei muitos anos ensinando homens e mulheres a pensar e agir por si mesmos. Primeiro em Roma, e depois entre nossa Irmandade e em Constantinopla.

— Eu anseio por ler seus feitos. Você precisa terminar seu livro.

— O importante a se perceber é isto: o amor une nossa Ordem; o amor às pessoas, às culturas, ao mundo. — Ele ficou novamente em silêncio por um momento. — Lute para preservar o que inspira esperança, e você conquistará de volta seu povo, Shao Jun.

Jun encarou as chamas, pensando, enquanto o grandioso propósito de seu futuro se ampliava em sua imaginação.

— Levará muito, muito tempo — disse baixinho, finalmente.

— Mas, se fizer direito, acontecerá.

Jun inspirou fundo e se aprumou, uma expressão determinada no rosto. Olhou para Ezio e assentiu. Ele estendeu o braço e deu-lhe um tapinha no ombro.

— Vá descansar um pouco — sugeriu.

Ela levantou-se, curvou-se ligeiramente e deixou o aposento.

Ezio virou-se para o fogo, a incandescência ruborizando seu rosto.

* * *

Tarde da noite, perturbado por sons furtivos do lado de fora, Ezio foi até as cozinhas. Bem alto no céu, a luz brilhava através das janelas trancadas. Ele se aproximou dos blocos com facas e puxou várias delas, testando seu equilíbrio. Insatisfeito, colocou-as de volta e procurou ao redor por outra arma. Uma concha de ferro? Não. Uma tábua de picar legumes? Não. Um atiçador, talvez? Sim! Foi até o fogão e retirou um, um metro de comprimento e feito de aço pesado. Testou-o, dando duas ou três estocadas de exercício com ele.

Ficou tenso ao ouvir um ruído acima. Segundos depois, um corpo caindo passou pela janela. Ezio viu Jun pousar agachando-se, então disparou para o meio da noite. Ele seguiu para a porta e a destrancou, abrindo-a violentamente.

Havia um chinês parado ali, posicionado para o ataque, que investiu instantaneamente contra ele com um *dao*. Ezio saltou para trás e bateu a porta no braço do homem, rompendo o rádio e o cúbito. A espada caiu de sua mão, e o chinês gemeu de agonia. Ezio abriu novamente a porta e desceu com força o atiçador na cabeça do homem, rompendo-lhe o crânio. Saltou por cima do cadáver e arremeteu para o lado de fora.

Não demorou a encontrar Jun envolvida em combate com três agressores. Ela estava levando a pior, mas ele chegou a tempo de inverter a tendência, e os servos do imperador Jiajing recuaram na direção do vinhedo. Ali, reagiram. Jun, lutando apenas com punhos e pés, derrubou um dos oponentes quase imediatamente. Ezio cuidou do segundo com o atiçador, enfiando a ponta no rosto do agressor. O terceiro chinês, porém, conseguiu derrubar o atiçador de sua mão, e foi só depois de alcançar rapidamente uma cavilha de madeira, arrancada das parreiras, que conseguiu recuperar sua vantagem, derrubando o homem no chão e então atingindo-o com força na nuca, esmagando as vértebras cervicais.

Estava acabado. Ezio desabou sobre o ligeiro declive entre suas parreiras,

exausto mas ileso. Fez contato visual com Jun e tentou rir, mas sua risada se transformou em uma tosse com chiado.

— Estou parecendo um felino moribundo — disse ele.

— Venha, eu o ajudo.

Ela o ajudou a se pôr de pé e, juntos, retornaram à *villa*.

90

Estavam acordados muito antes do romper do dia. A manhã estava fresca. Alguns insípidos raios de sol encontraram caminho através da névoa.

Shao Jun estava parada na estrada, a bagagem nas costas. Olhando à distância, estava pronta para partir. Parecia perdida em pensamentos, e só se virou quando Ezio se aproximou vindo da *villa*. Sua respiração ainda era difícil e pesada.

Chegou bem perto dela.

— É um longo caminho para casa, *no*?

— Mas há muito o que ver pelo caminho. *Dashi, xièxiè nin*... obrigada, Mentor. — Ela curvou-se ligeiramente.

Ezio carregava algo. Uma pequena caixa antiga. Estendeu-a para ela.

— Tome. Isto pode ser útil algum dia.

Jun apanhou-a e virou-a nas mãos. Fez menção de abri-la, mas Ezio a deteve.

— Não — disse ele. — Somente se você perder seu caminho.

Ela guardou-a. Ezio forçou a vista para além de Jun, observando a estrada. Avistou os estandartes de cavaleiros que se aproximavam.

— Você precisa ir — disse ele.

Jun seguiu seu olhar, assentiu, e partiu em direção aos vinhedos que cresciam do outro lado da estrada. Ezio viu-a seguir rapidamente pelo cume de uma colina próxima.

Os soldados chegaram pouco depois, e Ezio os cumprimentou. Quando olhou novamente na direção de Jun, ela tinha desaparecido.

Poucas semanas depois, feita a colheita e passado o nono aniversário de Marcello, ele estava de volta a seu recanto, tentando escrever. Dessa vez, o seu progresso não fora pequeno. Encarou a última folha em branco à sua frente e, a seguir, concentrado, molhou a pena e rabiscou algumas palavras. Leu-as, e sorriu. Então largou a pena quando uma dor penetrante no peito o pegou desprevenido.

Houve uma batida na porta.

— Sim? — disse, recuperando-se e recolocando a pena em seu suporte no tinteiro.

Sofia entrou no aposento.

— Vou levar as crianças a Fiesole. Voltaremos antes de escurecer.

— Ótimo.

— Amanhã é dia de mercado. Você vai conosco?

— Vou.

— Mesmo?

— Vai ser bom.

Ela fechou a porta ao sair. Ezio permaneceu sentado, pensando por um momento, então, satisfeito, começou a recolher os papéis sobre a escrivaninha, empilhando-os ordenadamente e depois colocando uma fita em volta deles.

91

O dia seguinte estava bonito e fresco. Eles tinham ficado em Florença para o almoço, e agora Sofia dedicava-se a fazer mais algumas compras antes da viagem para casa. Ezio, caminhando pela rua alguns passos atrás da esposa e dos filhos, estremeceu subitamente quando foi tomado por um acesso de tosse. Inclinou-se contra um muro, para se apoiar.

Em um instante, Sofia estava a seu lado.

— Você devia ter ficado em casa.

Ele sorriu para ela.

— Eu estou em casa.

— Sente-se, aqui. — Ela indicou um banco próximo. — Espere por nós. Estaremos bem ali. Só levará um ou dois minutos.

Ele assentiu, observando-a se juntar aos filhos e seguirem um pouco mais adiante pela rua. Ele se pôs à vontade, deixando a dor passar.

Observou as pessoas caminharem de um lado para o outro, indo cuidar dos seus assuntos diários. Sentiu-se contente e apreciou vê-las. Respirou os odores do mercado que prorrompiam à sua volta. Ouviu o som que os mercadores faziam.

— Adoro isto aqui — disse a si mesmo. Casa. Casa finalmente.

Seu devaneio foi interrompido pela voz mal-humorada de um jovem italiano que desabou a seu lado no banco. O rapaz estava falando, aparentemente consigo mesmo. Não olhou para Ezio.

— *Al diavolo!* Detesto esta maldita cidade. Eu gostaria de estar em Roma! Ouvi dizer que as mulheres de lá são... humm... como uva sangiovese madura na parreira, sabe? Não são como aqui. *Firenze!* — Cuspiu no chão.

Ezio olhou para ele.

— Não creio que seu problema seja Florença — observou, angustiado pelo que o rapaz tinha dito.

— Como disse?

Ezio estava para responder, mas a dor voltou a dominá-lo. Ele tremeu e começou a arfar. O rapaz virou-se para ele.

— Calma, velho.

Ele agarrou o pulso de Ezio, enquanto este recuperava o fôlego. Olhando abaixo para a mão que o segurava, Ezio achou o aperto incomumente forte, e havia algo estranho, quase familiar, na expressão do sujeito. Mas provavelmente estava imaginando tudo. Sacudiu a cabeça para clareá-la.

O rapaz olhou atentamente para Ezio e sorriu. Ezio retribuiu o olhar.

— Descanse um pouco, sim?

Ele se levantou e saiu andando. Ezio concordou com atraso ao observá-lo ir embora. Em seguida, inclinou-se novamente, procurando Sofia na multidão que diminuía. Localizou-a em uma barraca, comprando legumes. E ali, a seu lado, estavam Flavia e Marcello, implicando um com o outro, brincando juntos.

Ele fechou os olhos e inspirou fundo várias vezes. A respiração o acalmou. O rapaz tinha razão. Ele precisava de um pouco de descanso...

Sofia estava colocando em uma cesta os legumes que havia comprado, quando algo gelado rastejou para seu coração. Olhou para cima e depois para trás, para onde Ezio estava. Havia algo estranho no modo como ele estava sentado. Confusa, sem querer admitir o que temia para si mesma, pôs a mão na boca e correu para ele, deixando as crianças onde estavam brincando.

Ao se aproximar, diminuiu o passo. Finalmente, sentou-se a seu lado, segurou-lhe a mão, então inclinou-se, pressionando a testa contra o cabelo dele.

Uma ou duas pessoas olharam na direção deles, e depois outras mais, com preocupação, mas, fora isso, a vida na rua seguiu em frente.

92

Muito mais tarde, naquele dia, em casa, e tendo mandado Maquiavel embora, Sofia entrou no recanto. As crianças estavam dormindo. Ela não sabia de que modo o que acontecera havia sido absorvido pelos dois, ainda.

No recanto, o fogo tinha se apagado. Ela acendeu uma vela, foi até a escrivaninha e pegou o maço de papéis impecavelmente empilhados, amarrados com uma fita, que estavam sobre ela. Começou a ler:

> Quando eu era jovem, tinha liberdade, mas não a via; tinha tempo, mas não o conhecia; e tinha amor, mas não o sentia. Muitas décadas se passariam até eu entender o significado dos três. E agora, no crepúsculo de minha vida, esse entendimento passou a ser satisfatório. Amor, liberdade e tempo, outrora bastante à minha disposição, são os combustíveis que me impulsionam para a frente. Amor, mais especificamente, minha querida, por você, nossos filhos, nossos irmãos e irmãs... e pelo vasto e maravilhoso mundo que nos deu vida e nos mantém pensando. Com infinito afeto, minha Sofia, sou eternamente seu.
>
> Ezio Auditore

Lista de personagens

Abbas: inimigo de Altaïr ibn-La'Ahad
Al Mualim: Mentor da Irmandade no século XII
al-Scarab: capitão pirata, flagelo do Mar Branco
Altaïr ibn-La'Ahad: Mentor dos Assassinos
Bartolomeo d'Alviano: amigo de Ezio
Bekir: agente de Larnaca
Capitão Tarik Barleti: Capitão dos guarda-costas janízaros do sultão
Claudia Auditore: irmã de Ezio
Darim: filho de Maria e Altaïr
Dilora: principal agente de Tarik
Dogan: tenente Assassino de Yusuf
Domenico Garofoli: governador de Chipre
Duccio Dovizi: antigo namorado de Claudia
Ezio Auditore da Firenze: o Mentor
Haras: traidor da Irmandade no século XII
Leonardo da Vinci: artista, cientista, escultor, etc., 1452-1519
Ma'Mun: agente marítimo
Manuel Palaiologos: príncipe bizantino, herdeiro do último imperador bizantino, pretenso imperador
Maria Thorpe: esposa inglesa de Altaïr
Nicolau Maquiavel: Assassino, filósofo e escritor, 1469-1527
Piri Reis: almirante e administrador da esquadra de navios mercantes turcos
Príncipe Ahmet Osman: tio do príncipe Suleiman, o filho favorito do sultão

Príncipe Selim Osman: pai do príncipe Suleiman e irmão de Ahmet
Príncipe Suleiman Osman: neto do sultão Bayezid e governador de Kefe
Shahkulu: guarda-costas de Manuel e renegado turcomano
Sofia Sartor: proprietária de livraria
Sultão Bayezid
Yusuf Tazim: Líder dos Assassinos de Istambul

Glossário de termos em italiano, grego, chinês e turco

a presto: até breve
adi herif: porco
al diavolo: ao diabo
affedersiniz: desculpe-me
affedersiniz, efendim: desculpe-me, senhor
akçe: antiga moeda turca
Allah ashkina: se Deus quiser
Allaha ismarladik!: que Deus o abençoe!
aman Allahim: meu Deus!
amore: amor
apistefto: inacreditável
arrocco: roque
aynen oyle: exatamente

ballata: balada
Baraq Allah feeq: Obrigado
bastardo: bastardo
bene: bem
beyfendi: sua excelência
bir sey degil: você é bem-vindo
bistecca alla fiorentina: bife florentino

brutti ma buoni: “feios, mas gostosos”, doce italiano
buffone: idiota
buon giorno: bom dia
buona donna: boa senhora
buona sera: boa noite

canaglia: canalha
carciofini sott'olio: minialcachofras fritas em azeite
castagnaccio: castanha
cazzo: pau
che sucede?: que está havendo?
çok üzüldüm: muito bem

dao: sabre
dashi, xièxiè nin: obrigada, Mentor
dio mio: meu Deus
duìbùqi: sinto muito
duomo: catedral

è incredibile: é incrível
edáxi: ok
efendim: senhor/amo
effendi: mestre
evet: sim

fettunta: pão de alho
finito: acabado
fratello mio: meu irmão
fuori: fora/saia!

Gennaio: janeiro
gerzek: idiota
ghazi: guerreiro sagrado

Giugno: junho
grazie: obrigado
güle güle: muito bom
güzel: excelente

hajj: peregrinação
haydi rastgele: boa sorte
hristé mou: minha nossa!

il diavolo: o diabo
inanilmaz: incrível

janbiyah: adaga árabe, com lâmina larga curvada

kanun: lei
karesi: quadrado
kargasha: confusão
kesinlikle: absolutamente
kofta: cafta
kouráyo: coragem
kyrie: Senhor

La Crociata Segreta: A cruzada secreta
levatrice: parteira
ling chi: morte por mil cortes
lokanta: café/restaurante

maccaroin in brodo: sopa de macarrão
masa'il kher: boa tarde
merhaba: bem-vindo
messer: senhor
mia cara: minha querida
mio bel menestrello: meu belo menestrel

mio principe: meu príncipe
moleche: caranguejo de casca mole
molto curioso: muito curioso

nessun problema: sem problema

pandiramerino: pão de alecrim
panzanella: salada de pão e tomate
pek güzel: bem bonito
pekala: muito bem
perdonate, buon signore: desculpe-me, bom senhor
perfetto: perfeito
piena di vita: cheia de vida
poi kalà: muito bom
prens: príncipe
prego: por favor
presuntuoso: presunçoso
principe: príncipe

qián: moeda

raccolto: colheita
ragazzo: menino/garoto
requiescat in pace: descanse em paz
rixoto de gò: risoto de gobião

sagliginiza!: vejo você em breve!
salsicce di cinghiale: linguiça de javali selvagem
salute a voi, Assassini: saudações, Assassinos
salve: olá
sayin da Vinci bey: Sr. da Vinci, senhor
se solo: quem dera!
serefe!: viva!

sharbat: bebida preparada com frutas ou pétalas de flores
shehzad/shehzadem: príncipe
sì: sim
sì, da molto tempo: sim, há muito tempo
sinav icin iyi sanslar!: boa sorte para você, meu amigo
souk: mercado/bazar
sövalye: cavaleiro
spaghetti allo scoglio: massa com frutos do mar

tesekkür ederim: obrigado(a)
Tesekkür, Mentor. Chok tesekkür ederim!: Obrigado, mentor. Muito obrigado.
tesoro: minha querida
ti distihìa: que miséria
tonno al cartoccio: atum fresco assado em farinha de rosca

un favore: um favor
una tortura: uma tortura

va bene: está bem
vendange: colheita de uvas
veraison: maturação de uvas

Agradecimentos

Agradecimentos especiais a:

Yves Guillemot
Jean Guesdon
Corey May
Darby McDevitt

E também a:

Alain Corre
Laurent Detoc
Sébastien Puel
Geoffroy Sardin
Xavier Guilbert
Tommy François
Cecile Russeil
Christele Jalady
Departamento Jurídico da Ubisoft
Chris Marcus
Etienne Allonier
Maria Loreto
Alex Clarke

Alice Shepherd
Anton Gill
Guillaume Carmona
Clémence Deleuze

Assassin’s Creed:

Wikipédia
• http://pt.wikipedia.org/wiki/Assassin's_Creed:_Revela%C3%A7%C3%B5es

Wikipédia
• http://pt.wikipedia.org/wiki/Assassin's_Creed

Página no Skoob
• http://www.skoob.com.br/livro/290679-assassins-creed

Wikipédia
• http://en.wikipedia.org/wiki/Anton_Gill

Resenha da série
• http://www.youtube.com/watch?v=JAEJjkS7YIc

Entrevista com autor (Inglês)
• http://archives.ubiworkshop.com/2011/06/28/interview-with-oliver-bowden/

20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46